

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FERNANDA CORRÊA GARCIA VILAR

JUVENTUDE EXCITADA: AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E PSÍQUICAS
DECORRENTES DO PERÍODO PANDÊMICO OBSERVADAS EM ESTUDANTES
DOS INSTITUTOS FEDERAIS DO SUL CATARINENSE

CRICIÚMA

2025

FERNANDA CORRÊA GARCIA VILAR

**JUVENTUDE EXCITADA: AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E PSÍQUICAS
DECORRENTES DO PERÍODO PANDÊMICO OBSERVADAS EM ESTUDANTES
DOS INSTITUTOS FEDERAIS DO SUL CATARINENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em
Educação da Universidade do Extremo Sul
Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a
obtenção do título de Doutora em Educação

Orientador: Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller

CRICIÚMA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

V697j Vilar, Fernanda Corrêa Garcia.

Juventude excitada : as implicações sociais e psíquicas decorrentes do período pandêmico observadas em estudantes dos institutos federais do sul catarinense / Fernanda Corrêa Garcia Vilar. - 2025. 195 p. : il.

Tese (Doutorado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2025.

Orientação: Rafael Rodrigo Mueller.

1. Juventude. 2. Dinâmica da sensação. 3. COVID-19, Pandemia de, 2020-. 4. Tecnologia - Aspectos sociais. 5. Tecnologia e juventude. 6. Administração do tempo. I. Título.

CDD 23. ed. 305.235

FERNANDA CORRÊA GARCIA VILAR

**JUVENTUDE EXCITADA: AS IMPLICAÇÕES SOCIAIS E PSÍQUICAS
DECORRENTES DO PERÍODO PANDÊMICO EM ESTUDANTES DOS
INSTITUTOS FEDERAIS DO SUL CATARINENSE**

Esta tese foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Doutora em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, dia 07 de novembro de 2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller (UNESC) – Orientador

Prof. Dr. André Cechinel (Membro – UFSC)

Profª. Dra. Viviane Grimm (Membro – IFC)

Prof. Dr. Alex Sander da Silva (Membro – UNESC)

Profª. Dra. Morgana Bada Caldas (Membro – UNESC)

Fernanda Corrêa Garcia Vilar

Doutoranda

Dedico esta tese à minha família pelo incentivo de sempre aos estudos, desde os meus primeiros passos. E, em especial, minha mãe Maria das Dores Corrêa Garcia por sua resiliência e meu pai Geraldo Fernandes Garcia (*in memoriam*) pela LUTA e o legado que nos deixou.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, pois sem ele esta jornada não seria cumprida. Toda honra e glória ao senhor, que não me deixou desistir, apesar dos dias extremamente difíceis.

Ao meu orientador Dr. Rafael Rodrigo Mueller, por sua humanidade em compreender os meus percalços e momentos difíceis que atravessaram esse percurso formativo do doutorado, que sempre acreditou em meu potencial, apoiou, incentivou e proporcionou grandes oportunidades de conhecimento e aprendizado em suas aulas, orientações e por meio da participação no grupo FORMA. Rafael, você é um grande educador e intelectual, foi um prazer ser sua orientanda.

Aos grupos focais compostos pelos alunos de cursos integrados ao Ensino Médio dos seis *campi*: IFC SANTA ROSA DO SUL, IFC SOMBRIO, IFSC ARARANGUÁ, IFSC CRICIÚMA, IFSC TUBARÃO E IFSC GAROPABA pelos resultados. Foram conversas enriquecedoras que me motivaram enquanto educadora a querer buscar ainda mais ouvir e acolher melhor nossos estudantes. Obrigada a todos os estudantes pela disposição em participar desta pesquisa.

Aos profissionais de reitorias, pró-reitorias, direção, departamentos e coordenações do IFSC e IFC que acolheram a demanda da pesquisa, bem como me acolheram de forma humanizada em todos os seis *campi* em que fui coletar os dados com os alunos. Obrigada pela pronta organização, recepção e mediação da execução da coleta de dados. Um agradecimento especial aos psicólogos educacionais: Cíntia, Andréia, Jussara, Andressa, Carlos Guilherme pelo primeiro contato, intermediação e pelas ótimas trocas de informações a respeito das demandas e perfis dos alunos.

As minhas colegas de doutorado da turma 2021, a qual iniciou em meio à Pandemia e que apesar das interações primordialmente remotas, conseguimos construir uma rede de apoio e laços de amizade.

Aos colegas do grupo de pesquisa FORMA pelas infinitas trocas de conhecimento e de lucidez.

Aos professores do PPGE pelos bons conselhos, instruções e ensinamentos. Alguns foram meus professores no curso de Letras da UNESC há quase 20 anos. Muito bom revê-los.

A banca que aceitou prontamente e auxiliou na qualificação e finalização desta tese. Obrigada por aceitarem conhecer e aprimorar ainda mais minha pesquisa com suas contribuições valiosas.

A coordenação e secretaria do PPGE que sempre estiveram prontas a ajudar com eficiência e disposição.

A UNESC, por estar presente na minha formação desde a graduação e preservar ainda o título de Universidade Comunitária.

A CAPES pela bolsa concedida.

Ao IFSC, pela oportunidade de afastamento para pós-graduação para dedicação ao Doutorado.

Ao meu irmão Antônio, que por muitos momentos segurou as pontas nos momentos mais difíceis de nossas vidas, os quais ocorreram paralelamente a muitas atividades que eu tinha para produzir e entregar. Te amo e torço pelo teu sucesso e felicidade.

Ao meu amor Márcio, pelo carinho, paciência, companheirismo, incentivo e dedicação de sempre. Você foi a melhor coisa que me aconteceu em meio ao turbilhão que foi o doutorado. Te amo e te admiro cada vez mais pelo homem e parceiro de vida que és. Obrigada por ser paz e leveza em todos os momentos até aqui e certamente nos que ainda virão.

Aos meus queridos pais, Maria e Geraldo (*in memoriam*), pelo amor, apoio e incentivo em meus caminhos pessoais, profissionais e acadêmicos; e principalmente pelas orações em momentos difíceis. A eles dedico inteiramente este trabalho. O meu amor por vocês não se constitui apenas neste espaço em que agradeço, mas quero dizer, que muito do que sou, devo a vocês. Pai, sei que estarias orgulhoso de mim neste momento, porque se havia uma coisa que dava muito valor era para os estudos. Sempre nos apoiou na busca de nossos objetivos onde estivéssemos. Mãe, obrigada por ser a rocha firme em toda nossa caminhada. Continuemos juntos, unidos e com fé naquele que nos fortalece.

As minhas amigas mais próximas, algumas mesmo à distância, estiveram presentes em todos os momentos sendo meu apoio e por diversas vezes também foram meu escape, proporcionando momentos de descontração nas horas que eu não conseguia produzir.

“A sensação profunda é viciada num este aí, que certamente satisfaz o sistema nervoso bem-aventurado de uma vez por todas, e que para com o inquietante e sem-fim autocontinuar de sensação para sensação.”

Christoph Türcke

RESUMO

Este estudo está vinculado a linha de pesquisa Formação e Gestão em Processos Educativos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC e propõe evidenciar a categoria de análise juventude excitada como parte da engrenagem que rege as relações de consumo, tomando como pano de fundo a dinâmica da sensação (Türcke, 2010) na era da tecnologia junto ao uso exacerbado de telas que se intensificou após o período pandêmico. O ritmo acelerado da sociedade contemporânea influencia a busca por sensações imediatas e o capitalismo impacta e se beneficia desse contexto. O objetivo geral do estudo foi analisar como as mudanças de ordem social e psicológicas decorrentes do uso excessivo das telas afetam a Educação dos jovens, considerando a experiência dos estudantes dos cursos técnicos integrados da Educação Profissional e Tecnológica do Sul Catarinense, após o período pandêmico e a partir da categoria juventude excitada. Para tanto, são estabelecidos como objetivos específicos: discutir a partir da dinâmica da sensação como as questões relacionadas ao uso da tecnologia repercutem no comportamento psicossocial atual da sociedade; analisar a relação entre os jovens da EPT e a dinâmica da sensação estabelecida por meio do uso da tecnologia a partir da categoria juventude excitada; identificar indícios do uso excessivo de telas e como essas afetam a Educação de jovens estudantes e verificar como os estudantes percebem, interpretam e reagem às mudanças de ordem social e psicológicas decorrentes do uso excessivo das telas, após as vivências no período pandêmico, especialmente em relação à sua formação escolar. O presente estudo parte do problema de pesquisa: Quais mudanças sociais e psicológicas estão sendo observadas nos jovens da Educação Profissional e Tecnológica pós-pandemia que constituem a categoria juventude excitada? Tomando a EPT como *locus* de análise e, mais especificamente, os campi de Institutos Federais do sul catarinense, em termos de procedimento metodológico, o instrumento de coleta de dados utilizado foi o grupo focal (*focus group*) composto por estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio nos referidos *campi*. Para discutir e analisar as falas dos jovens à luz da categoria juventude excitada, utilizou-se a análise de conteúdo de Bardin (2011). As falas dos jovens evidenciam o impacto da pandemia, da tecnologia e do consumo em suas vidas. A pandemia atrasou o aprendizado formal, mas produziu aceleração mental, levando a um aumento do consumo de informações e produtos. Os jovens também compartilham suas experiências com o uso excessivo de telas, a mudança de rotina e o crescimento da ansiedade, destacando a importância de hábitos saudáveis e suporte psicológico, embora a busca por ajuda profissional nem sempre seja a primeira opção. Os resultados serviram para contribuir com a tese de que a Educação dos jovens vem sendo afetada com o uso contínuo das telas, especificamente após os efeitos do período pandêmico, considerando a dinâmica da sensação como conceito central para essa problemática.

Palavras-chave: dinâmica da sensação; aceleração; juventude excitada; tecnologia; Educação Profissional e Tecnológica.

ABSTRACT

This study is linked to the research line "Training and Management in Educational Processes" of the Postgraduate Program in Education at the University of Southern Santa Catarina - UNESC and proposes to highlight the analytical category of "excited youth" as part of the mechanism that governs consumer relations, taking as a backdrop the dynamics of sensation (Türcke, 2010) in the technological age along with the excessive use of screens that intensified after the pandemic period. The accelerated pace of contemporary society influences the search for immediate sensations, and capitalism impacts and benefits from this context. The general objective of the study was to analyze how the social and psychological changes resulting from the excessive use of screens affect the education of young people, considering the experience of students in integrated technical courses in Professional and Technological Education in Southern Santa Catarina, after the pandemic period and based on the category of "excited youth." To this end, the specific objectives are established: to discuss, based on the dynamics of sensation, how issues related to the use of technology impact the current psychosocial behavior of society; This study aims to analyze the relationship between young people in Vocational and Technological Education (VTE) and the dynamics of sensation established through the use of technology, based on the category of "excited youth"; to identify evidence of excessive screen use and how this affects the education of young students; and to verify how students perceive, interpret, and react to the social and psychological changes resulting from excessive screen use after the experiences of the pandemic period, especially in relation to their schooling. The present study stems from the research problem: What social and psychological changes are being observed in young people in Vocational and Technological Education post-pandemic that constitute the category of "excited youth"? Taking VTE as the *locus* of analysis and, more specifically, the campuses of Federal Institutes in southern Santa Catarina, in terms of methodological procedure, the data collection instrument used was the focus group, composed of students from technical courses integrated with high school in the aforementioned campuses. To discuss and analyze the young people's statements in light of the category of "excited youth," Bardin's (2011) content analysis was used. The young people's statements highlight the impact of the pandemic, technology, and consumerism on their lives. The pandemic delayed formal learning but produced mental acceleration, leading to an increase in the consumption of information and products. Young people also share their experiences with excessive screen use, changes in routine, and increased anxiety, emphasizing the importance of healthy habits and psychological support, although seeking professional help is not always the first option. The results contributed to the thesis that the education of young people has been affected by the continuous use of screens, specifically after the effects of the pandemic period, considering the dynamics of sensation as a central concept for this problem.

Keywords: dynamics of sensation; acceleration; excited youth; technology; Professional and Technological Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Fluxograma Educação Profissional e Tecnológica.....	84
--	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de participantes por grupo focal.....	97
Tabela 2 - Padrões e Recorrências nas Falas dos Jovens.....	133

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMREC	Associação dos Municípios da Região Carbonífera
AMUREL	Associação dos Municípios da Região de Laguna
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
CEFET	Centros Federais de Educação Tecnológica
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
CAPE	Comissão de Acompanhamento das Ações de Permanência e Êxito
CONSUP	Conselho Superior
CFP	Conselho Federal de Psicologia
DEPE	Departamento de Pesquisa, Ensino e Extensão
EAD	Educação a distância
EPT	Educação Profissional e Tecnológica
FIC	Formação Inicial e Continuada
IA	Inteligência Artificial
IFC	Instituto Federal Catarinense
IFSC	Instituto Federal de Santa Catarina
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
IP	Instituto de Psicologia
LDB	Leis de Diretrizes e Bases
ODS	Objetivos de desenvolvimento sustentável
OCDE	Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico
OMS	Organização Mundial de Saúde
PDI	Plano de Desenvolvimento Institucional
PISA	Programa Internacional de Avaliação de Estudantes
PPI	Projeto Pedagógico Institucional
PROINFO	Programa Nacional de Informática
PRONATEC	Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego
PIRLS	Estudo Internacional de Progresso em Leitura
SB	Síndrome de Burnout
SENAC	Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SETEC	Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TDAH	Transtorno de Atenção e Hiperatividade
TPL	Transtorno de personalidade limítrofe

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	17
2	O RITMO DE EMISSÃO E ATENÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL.....	27
2.1	ACELERAÇÃO, MODERNIDADE E GESTÃO DO TEMPO.....	27
2.2	SOCIEDADE EXCITADA E GESTÃO DA ATENÇÃO.....	36
2.3	GESTÃO ALGORÍTMICA E BASES MIDIÁTICAS.....	46
3	JUVENTUDE EXCITADA: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.....	54
3.1	UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO.....	54
3.2	JUVENTUDE E A ATUAL BASE MIDIÁTICA.....	58
3.3	JUVENTUDE E TRABALHO.....	71
4	EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E O CONTEXTO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO.....	81
4.1	HISTÓRICO DE OFERTAS DA EPT.....	81
4.2	O CONCEITO DO TRABALHO NO ENSINO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.....	85
4.3	O CONCEITO DE TECNOLOGIA NO ENSINO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA.....	89
5	METODOLOGIA.....	94
5.1	APRESENTAÇÃO DO <i>LOCUS</i> DE ANÁLISE INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA - IFSC.....	98
5.2	APRESENTAÇÃO DO <i>LOCUS</i> DE ANÁLISE INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE - IFC.....	101
6	APRESENTAÇÃO DOS DADOS CONSTRUÍDOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	104
6.1	PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DE CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO SOBRE A ROTINA DE ACESSO E CONSUMO TECNOLÓGICO.....	105
6.2	TRAJETÓRIA PESSOAL E ESCOLAR: O ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA.....	118
6.3	CATEGORIZANDO JUVENTUDE EXCITADA.....	130
6.3.1	Excitação e vício.....	134
6.3.2	Aceleração e imediatismo.....	140
6.3.3	Consumismo e materialismo.....	145

6.3.4	Sufrimento subjetivo e dificuldade de socialização.....	149
6.4	INFERÊNCIAS.....	152
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	160
	REFERÊNCIAS.....	169
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ATIVIDADES COM GRUPO FOCAL....	178
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E	
	ESCLARECIDO/ ANUÊNCIA DE DADOS.....	182
	ANEXO A – E-MAIL CONTEXTUALIZAÇÃO PSICÓLOGOS.....	188
	ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA.....	191
	ANEXO C – PARECER INSTITUCIONAL IFSC E IFC.....	194

1 INTRODUÇÃO

Muito se tem observado recentemente acerca do movimento de fluxo contínuo e volumoso de informações com que a sociedade atual se depara e quanto o cenário econômico e o sistema produtivo alimentam a dinâmica de performance sem interrupção. Ademais, há uma supervalorização da atividade de trabalho em um ritmo constante de funcionamento e também uma incompatibilidade da natureza com as condições de vida estabelecidas dessa maneira. (Crary, 2023) As representações que as marcas estabelecem se tornam quase sagradas, sendo que as pessoas sacrificam tempo e experiências para obter tal bem de consumo ou simplesmente fazer parte de uma rede social.

O planeta não suporta esse ritmo constante de produção e a conseqüente destruição do meio ambiente apresenta seus sinais diante do fluxo ininterrupto de produção imposto pelo capitalismo. A produção capitalista não lida com a satisfação de necessidades, mas com a fabricação de desejos de consumo. Sendo assim, o uso da produtividade não é o foco e sim o consumo mercadológico, o qual não se trata de utilização para melhores condições de vida, pelo contrário, há carência absoluta da população, ao passo que os avanços tecnológicos são crescentes.

Nesse processo de dominação do ser humano com relação à natureza, as relações são cada vez mais abstratas, pois são relações baseadas em consumo. Tal como afirma Crary (2014, p. 19): “Já passou a época em que a acumulação era, acima de tudo, de coisas. Agora nossos corpos e identidades assimilam uma superabundância de serviços, imagens, procedimentos e produtos químicos em nível tóxico e muitas vezes fatal”. Mais do que acumulação de bens, a acumulação de dados alcança níveis estratosféricos e diz respeito não somente a dados pessoais, mas de perfis de consumo baseados em acessos e escolhas dispostos na palma da mão.

O ser humano tem de lidar com os diferentes modos de gestão da atenção, nos quais o referente é o tempo e a incompatibilidade temporal com o fluxo de tempo biológico leva à adequação do corpo físico a uma homogeneização em que parar significa ser improdutivo. “A economia da atenção dissolve a separação entre o pessoal e o profissional, entre entretenimento e informação, desbancados por uma funcionalidade compulsória de comunicação inerente e inescapavelmente 24/7.” (Crary, 2014, p. 85). Há uma grande ênfase no mundo trabalho na capacidade de aprender, submeter-se ao novo, adaptar-se e ser “flexível”. Aceleração e descompasso com o tempo poderiam ser harmonizados pela

mediação da tecnologia, porém o que se verifica é que essa acentua ainda mais a lógica de funcionamento permanente.

A atual crise epocal não é a aceleração, mas a dispersão e a dissociação temporal. Uma discronia temporal faz com que o tempo gire como biruta, sem rumo, transformando-o em mera sequência da atualidade pontual, atomizada. Com isso, o tempo se torna aditivo e esvaziado de toda e qualquer narratividade. (Han, 2017, p. 44)

As relações de modo geral estão cada vez mais abstratas e baseadas em consumo e produtividade. Conforme TÜRCKE (2010, p. 44) “a compulsão à ocupação é especificada em uma compulsão à emissão”. Essa logística de funcionamento do espetáculo, tendo a emissão de si como principal representação totalizante, apresenta um sujeito sem essência, etéreo, sem concretude e desprovido de elementos mínimos que constituem a noção de humanidade, “[...] a essência ontológica de um emissor consiste na separação de seu “aí” em relação ao seu aqui e agora, e na transfiguração de um “aí” etéreo, receptível em todos os lugares de um determinado campo de transmissão, mas em lugar algum palpável” (TÜRCKE, 2010, p. 45).

Não importa a classe social, todos estão submetidos ao espetáculo por meio da tecnologia que emite essa realidade, seja qual for a base midiática envolvida, a produção da condição da existência ou capacidade de sobreviver no mundo está condicionada a esse movimento constante. De acordo com DEBORD (2005), tem-se uma nova ontologia, uma outra condição do ser: você só existe de fato na medida em que há uma certa quantidade de irradiação de si, propaganda social de si, como se a lógica de uma propaganda mergulhasse na própria constituição do indivíduo. Debord chama esse processo no século XX de espetáculo, um conjunto de relações sociais mediatizadas por imagens, as quais estabelecem uma série de relações sociais, não de ideias coletivas, mas a partir do indivíduo, as quais são apropriadas pelo capitalismo.

Tudo que desacelera, que pausa, que exige atenção profunda, gera declínio e desconforto e, portanto, deve se apagar, ou seja, não deixar a negatividade se estabelecer e sair do campo da visibilidade. “O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível” (DEBORD, 2005, p. 12). O espetáculo como categoria estabelece uma crítica a uma falsa vida vivida por uma representação, a qual altera o domínio individual, instituindo a alienação e abstração, visto que o indivíduo está presente, mas não está participando dos eventos, pois ao mesmo tempo em que se trata da vida cotidiana, se estabelece uma cisão a partir de uma visão deturpada acerca da realidade.

Essa constante de funcionamento da sociedade se estende para o século XXI no qual se evidencia uma forma de sociedade da sensação (Türcke, 2010), uma espécie de giro de constituição do sujeito, cujos estímulos são o centro a partir das relações de mercado. O sujeito se molda a partir do fetiche, o qual estabelece uma lógica da dominação: ilusão e prazer através da representação de acesso aos estímulos por meio do mercado/produto. Essa sensação só permanece ao ser estimulada por acentuação, muitas vezes passando pelo vício.

As centenas de estudos sobre depressão e uso de internet apresentam resultados semelhantes. Mesmo o caráter quase viciante associado à pornografia na internet e a games violentos parece conduzir rapidamente a um alastramento da capacidade de reação e à substituição do prazer pela necessidade de repetição. (Crary, 2014, p. 97)

A ideia de paralisia e anestesia coloca o modo de veiculação da informação como mais importante do que o fato, devido à incapacidade de compreender o significado de uma experiência, de modo que o estímulo anda sempre mais rápido do que a reflexão. Esse espetáculo vivido separadamente produz uma totalidade, ou seja, mesmo na passividade o indivíduo espectador, de seu lugar, se sente parte de algo e é essa a sensação que ele possui: passa de espectador para ator quando efetua postagens nas redes sociais.

Quando o público se manifesta ele quer fazer parte do espetáculo e, para essa lógica, “ser é ser percebido.” (Türcke, 2010, p. 39). Temos nas redes sociais atuais a tendência do jornalismo individualizado, no qual tanto o usuário produz estímulos para ser percebido por meio de suas postagens, quanto recebe estímulos para ser percebido através da emissão de opinião ou julgamento nas postagens alheias.

A emissão é associada à própria condição da existência, como por exemplo, empresas e marcas que aparecem mais, tornam-se objeto de desejo por parte do usuário e conseqüentemente os meios tecnológicos mediam essa relação de consumo através dos chamados “algoritmos”. A nova ontologia evidencia que quando você não irradia nada, está desconectado, logo tudo o que não for sensação não existe. “aquilo que não chama a atenção não é notado. E a sensação torna-se uma necessidade vital. É imperioso provocá-la e obtê-la se quiser sentir “aí”, ganhar a vida em sentido literal e figurado.” (Türcke, 2010, p. 77). Não emitir tornou-se a exceção nos dias atuais.

Diante de tal condição em que se encontra a sociedade em pleno século XXI é necessário refletir de que maneira esses fenômenos estão implicando no funcionamento da própria educação, pois a escola pode se atualizar tecnologicamente, mas não reflete sobre como tais tecnologias influenciam na própria configuração do conceito de educação. “De modo coletivo, esses dados sugerem que o movimento atual de digitalização das escolas se

baseia numa lógica mais econômica do que pedagógica.” (Desmurguet, 2021, p. 134). O que se observa é um aumento crescente da informatização das escolas, sendo que isso não reflete em uma melhoria das condições educacionais e nem do desempenho dos estudantes de modo geral.

O processo de aceleração contínua interfere no funcionamento da realidade social por meio da apropriação da capacidade de abstração e pensamento crítico, dificultando assim que a escola efetive seu compromisso em meio a estas transformações ascendentes. De acordo com Desmurguet (2021, p. 124): “Na verdade, embora os estudos não tenham mostrado globalmente nenhuma influência confirmada desse fenômeno sobre o desempenho dos alunos, os dados mais recentes do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) revelam um forte impacto negativo”. As dificuldades de aprendizagem pelo uso excessivo de telas já são uma realidade presente. O relatório do PISA de 2022, divulgado em dezembro de 2023 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), afirma que alunos usuários de smartphones e outros dispositivos digitais de cinco a sete horas por dia tiveram pontuação menor nos testes. (Agência Brasil, 2023).

O neurocientista Miguel Nicolelis, em uma palestra realizada na USP (Universidade de São Paulo) em setembro de 2018, chamou essa transformação no desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens pelo uso da tecnologia de “zumbis digitais” e citou também a Finlândia, onde recentemente esteve e observou que este país está retirando o computador e celular da sala de aula, visto que os alunos estão perdendo as capacidades e habilidades de raciocínio analógico de alta complexidade.

Com o acesso à informação cada vez mais facilitado, embora pareça um caminho sem volta, o que se tem é uma diminuição no ritmo de desenvolvimento intelectual entre crianças e jovens. Uma reportagem publicada por *El Periódico* em 02 de junho de 2023 ressalta que a Suécia paralisou seu plano de digitalização das escolas; o país, o nono no relatório do PIRLS – Estudo Internacional de Progresso em Leitura com melhor compreensão de leitura, alerta para o risco de criar uma geração de “analfabetos funcionais”. Uma era digital na qual somos bombardeados a todo o momento por informação, seja por redes sociais ou por meio jornalístico. Por outro lado, estamos somente reproduzindo informações e não produzindo conhecimento, pois esse se produz com leitura, seja por meio da arte, ciência ou técnica.

Após o advento da pandemia de COVID 19, que teve início em 11 de março de 2020 e foi declarada como encerrada em 5 de maio de 2023 pela Organização Mundial da Saúde (OMS), essas dificuldades se potencializaram ainda mais com a rotina contínua de uso

das telas. Sobre a saúde mental, “pesquisas associaram o elevado tempo de exposição a telas a distúrbios psicológicos entre crianças e jovens [...] destacam-se a depressão, a ansiedade, transtorno de atenção e hiperatividade (TDAH), insônia e problemas comportamentais.” (Mokhtarinia *et al.*, 2022 *apud* Grillo, 2023). Nos sistemas de saúde há relatos de aumento na procura por profissionais relacionados a sintomas psicológicos entre jovens. Uma pesquisa do Instituto de Psicologia (IP) da USP ajudou a quantificar que em abril de 2021, quando as mortes por COVID-19 no Brasil já chegavam a 325 mil, os brasileiros relataram se sentir menos felizes e estavam mais propensos a estados negativos, como estresse e nervosismo, em relação ao ano de 2018. (USP, 2023).

A partir do retorno da rotina escolar após o período pandêmico, surgiram as primeiras análises realizadas por profissionais da Educação de todo o país, evidenciando não somente números de evasão e dificuldades de aprendizagem, bem como alertas quanto a prejuízos da saúde mental e problemas de ordem psíquica decorrentes da dinâmica excepcional ditada pelo período pandêmico.

Por meio de um levantamento de dados a partir de 2021 houve um volume considerável de reportagens e dados que retratam essa realidade sintomática entre jovens e adolescentes. Uma reportagem do portal G1, em abril do mesmo ano, menciona, por exemplo, que em uma escola da rede estadual de Pernambuco, “vinte e seis adolescentes passaram mal com crise de ansiedade, segundo relatos do atendimento de emergência em saúde” (G1, 2022). A pesquisa da Secretaria de Educação de São Paulo e do Instituto Ayrton Senna apontou que dos 642 mil alunos da rede estadual de ensino de São Paulo, 69% relataram sintomas de depressão e ansiedade (Folha de São Paulo, 2022). Em outubro de 2022, no *campus* de Itajaí do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), a sua coordenadoria pedagógica promoveu duas rodas de conversa com os estudantes dos cursos técnicos integrados sobre ansiedade.

Na 11ª Conferência Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, ocorrida na cidade de Florianópolis-SC em abril de 2023, cujas demandas eram 40% de crianças e adolescentes, a principal solicitação foi de que houvesse prioridade em saúde mental, ficando em evidência a demanda urgente por atenção a essa dimensão dessa população e dos profissionais que lidam diretamente com esse público. Um estudo realizado por Santos (2023) da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais mostrou que 72% das crianças avaliadas tiveram o aumento da depressão associado ao uso de telas. A pesquisa também apontou a diminuição do quociente de inteligência (QI) pelo uso exagerado de telas entre as crianças.

É uma problemática que se reflete nas relações familiares e sociais, no desempenho escolar, na saúde física e mental e que também tem sido observada no aumento de casos como ansiedade e depressão nesse grupo etário. De acordo com uma reportagem do Conselho Federal de Psicologia (CFP) de 05 de abril de 2024, um guia prático criado pelo Governo Federal para ser disponibilizado à sociedade está sendo elaborado por um grupo de trabalho que reúne sete ministérios e entidades de referência na área, intitulado como “Guia para Uso Consciente de Telas e Dispositivos Digitais por Crianças e Adolescentes”.

Uma reportagem do portal de notícias DW Brasil relatou sobre os efeitos da pandemia nos jovens, os quais reafirmam que o isolamento social e atividades remotas contribuíram para o sofrimento psíquico entre os jovens, inclusive mostrando relatos dos próprios jovens. A professora-assistente do Departamento de Antropologia da Universidade Comenius (Eslováquia), Darina Falbová, conduziu um estudo sobre os sintomas mais comuns dos *lockdowns* de longo prazo entre adolescentes. “As mudanças no estilo de vida associadas ao confinamento – mais tempo de tela, menos atividade física e distúrbios do sono – também trazem impactos negativos à saúde mental e física.” (DW Brasil, 2025)

A conclusão da professora é que o fechamento de escolas, as restrições de contato e os toques de recolher contribuíram significativamente para o aumento de problemas de saúde mental entre os jovens (DW Brasil, 2025). As principais implicações decorrentes da privação social foram distúrbios do sono, na alimentação, dificuldades cognitivas como concentração, além do aumento dos casos de ansiedade e depressão.

Em relação à EPT, a portaria nº 376 foi responsável por instituir a modalidade de ensino a distância para as instituições integrantes do sistema federal de ensino quanto aos cursos de educação profissional técnica de nível médio (BRASIL, 2020). A rotina de ensino remoto se instaurou para de fato cumprir o calendário acadêmico, apesar de todas as dificuldades que tanto educadores e educandos enfrentaram, seja no acesso, como em relação à interação atípica. E paralelamente a todo processo de adaptação forçada, a vida pessoal apresentou sinais de sofrimento psíquico pela situação de terror que o mundo todo experienciou. Segundo Crestani e Machado (2023), as implicações mais significativas que foram potencializadas com o ensino remoto na EPT foram os impactos na saúde mental e econômico nas famílias; a falta de motivação; a dificuldade de adaptação aos métodos remotos; os problemas técnicos em relação a conectividade; a criação de conteúdo de materiais de ensino dessa modalidade, afetando principalmente cursos práticos e laboratoriais.

Em contatos iniciais da pesquisadora com psicólogos e profissionais que atuam no atendimento pedagógico direto a jovens de cursos técnicos da EPT, para compreender melhor

como esse fenômeno de aceleração com o uso de tecnologias ocorre, foram relatados sintomas de ansiedade, estresse e comportamentos típicos da rotina mais exaustiva e multitarefas imposta pelo período de isolamento social da pandemia e que ocasionaram um aumento considerável de intervenções e atendimentos para orientação e encaminhamentos dessas ocorrências em instituições como o IFSC e IFC, mais especificamente em *campi* do sul catarinense.

Para dar materialidade a essa lógica de reconfiguração de funcionamento da própria EPT e a acentuação do mergulho em dinâmicas individualizadoras que tem causado sofrimento subjetivo, cabe um levantamento mais detalhado para contribuir com **a tese de que a Educação dos jovens vem sendo afetada com o uso contínuo das telas, especificamente após o período pandêmico, considerando a dinâmica da sensação¹ como conceito central para essa problemática.**

Com base nessa abordagem, o presente estudo tem como problema de pesquisa: Quais mudanças sociais e psicológicas estão sendo observadas nos jovens da Educação Profissional e Tecnológica pós-pandemia que constituem a categoria juventude excitada? O presente trabalho insere-se numa perspectiva de analisar criticamente esse conjunto de mudanças entre os jovens, tomando a EPT como *locus* de análise e, mais especificamente, os *campi* de Institutos Federais do sul catarinense. Observar e analisar estas implicações corrobora com o intuito dos Institutos Federais em produzir uma educação não tecnicista e sim emancipatória, humana e integral. Para tanto, torna-se essencial, olhar para as questões humanas presentes nos públicos atendidos pelas referidas instituições de ensino.

A escolha foi feita pelo fato da pesquisadora participar e observar em reuniões da Comissão de Permanência e Êxito com alunos concluintes de cursos do *campus* a que se vincula, demandas advindas de jovens que passaram pelo período pandêmico. Os referidos jovens relataram a necessidade de auxílio psicológico devido a questões oriundas da rotina exaustiva e multitarefa originada no período de isolamento social e também de alunos que desistiram pela questão das aulas serem remotas. Por ter atuado também como pesquisadora na temática permanência e êxito na oportunidade em que realizou o mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica - PROFEPT, está diretamente vinculada à Comissão de

¹ Sensação significa originariamente nada mais do que “percepção”. Hoje, associa-se à sensação tudo o que atrai magneticamente a percepção: o espetacular. Aquilo que não é capaz de chamar a atenção não é percebido. Esse *est percipi* – Ser é ser percebido. Christoph Türcke (2010) reconstrói a história do significado do conceito de sensação e com ela a transformação do mundo moderno numa sociedade excitada, na qual choques audiovisuais são aplicados como injeções e a sensação avança para ser a medida da percepção e da ação. A filosofia da sensação de Türcke é uma contribuição central para a teoria da sociedade atual.

revisão do Plano de Permanência e Êxito do IFSC, bem como a comissão de Acompanhamento das Ações de Permanência e Êxito – CAPE local².

A atuação funcional da pesquisadora se dá no setor de Coordenadoria Pedagógica, o qual possui dentre suas competências previstas no Regimento Interno do IFSC no artigo 24, inciso IX “realizar o atendimento e o acompanhamento dos discentes no que se refere aos aspectos pedagógicos, contribuindo para o acesso e a permanência dos mesmos na escola” (IFSC, 2018, p. 15). Para uma sensibilização de todos os envolvidos no processo educativo a respeito das dificuldades de permanência dos alunos diante de sintomas psicológicos, faz-se necessário uma análise de como estão sendo acolhidos e acompanhados pela instituição diante do aumento de tais sintomas como estresse, ansiedade, depressão, transtornos compulsivos etc.

Sendo a EPT o espaço de análise para o problema de pesquisa, o presente estudo possui como objetivo geral: analisar como as mudanças de ordem social e psicológicas decorrentes do uso excessivo das telas afetam a Educação dos jovens, considerando a experiência dos estudantes dos cursos técnicos integrados da Educação Profissional e Tecnológica do Sul Catarinense, após o período pandêmico e a partir da categoria juventude excitada. Para tanto, estabelecemos como objetivos específicos: 1) discutir a partir da dinâmica da sensação como as questões relacionadas ao uso da tecnologia repercutem no comportamento psicossocial atual da sociedade; 2) analisar a relação entre os jovens da EPT e a dinâmica da sensação estabelecida por meio do uso da tecnologia a partir da categoria juventude excitada; 3) identificar indícios do uso excessivo de telas e como essas afetam a Educação de jovens estudantes; 4) verificar como os estudantes percebem, interpretam e reagem às mudanças de ordem social e psicológicas decorrentes do uso excessivo das telas, após as vivências no período pandêmico, especialmente em relação à sua formação escolar.

O campo empírico da pesquisa são os *campi* do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC e Instituto Federal Catarinense – IFC, presentes nas cidades catarinenses de Garopaba, Tubarão, Criciúma, Araranguá, Sombrio e Santa Rosa do Sul. De acordo com a Resolução Nº 1, de 05 de janeiro de 2021, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional e Tecnológica, no Art. 16º, “A Educação Profissional Técnica de Nível Médio é desenvolvida nas formas integrada, concomitante ou subsequente ao Ensino

² A comissão é designada pela Direção-Geral do *campus*, com a seguinte composição mínima: Diretor-Geral; Dirigente de Ensino e/ou Chefê de Assuntos Estudantis; 1 Coordenador de curso de graduação, no mínimo; 1 Coordenador de curso técnico, no mínimo; 2 Servidores da Coordenadoria Pedagógica, sendo 1 Assistente de Aluno; Coordenador de Pesquisa; Coordenador de Extensão; 1 discente de curso de graduação; 1 discente de curso técnico.

Médio,” (Brasil, 2021). O inciso 2º do mesmo capítulo menciona a respeito das formas integradas e concomitantes ao ensino médio que “devem observar as finalidades do Ensino Médio, suas respectivas Diretrizes Curriculares Nacionais e outras Diretrizes correlatas pelo Conselho Nacional de Educação, em especial os referentes à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como normas complementares dos respectivos sistemas de ensino” (Brasil, 2021).

Quanto à sua abordagem ou natureza, a pesquisa caracteriza-se como sendo qualitativa, logo, não se preocupa com representatividade numérica. Os sujeitos da presente pesquisa são os jovens de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio e optou-se, enquanto instrumento de coleta de dados, pelo grupo focal composto pelos sujeitos dos referidos *campi*. Os roteiros foram testados antecipadamente para eventuais alterações que pudessem ser realizadas anteriormente à realização da mediação com os envolvidos, mediante aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UNESC.

Ao final, analisou-se os dados levando em conta as categorias de análise estabelecidas a partir da realidade pesquisada e do referencial teórico, na qual foram analisadas as implicações da pandemia em relação com as demandas apresentadas pelos estudantes a respeito da rotina e trajetória escolar.

Para o desenvolvimento deste estudo propôs-se a seguinte estrutura: no segundo capítulo são apresentados os resultados de uma pesquisa bibliográfica a partir de autores e referenciais teóricos que embasam e subsidiam os conceitos a respeito do ritmo de emissão e atenção da sociedade atual, os quais são mobilizados no decorrer da análise e que sustentam a categoria de juventude excitada. No capítulo seguinte, dividido em três subitens, analisamos o tema da juventude partindo de sua conceituação até a atual base tecnológica midiática, bem como sua inserção no mundo do trabalho.

No capítulo subsequente é apresentada a Educação Profissional e Tecnológica, sua contextualização e modalidades históricas de oferta de cursos, assim como o conceito de trabalho e tecnologia no ensino da EPT no contexto dos Institutos Federais. No próximo capítulo são detalhados os procedimentos metodológicos selecionados para a presente pesquisa e brevemente antecipados na introdução. No último subitem são apresentados os *campi* selecionados para a pesquisa de campo.

O penúltimo capítulo apresenta os dados construídos por meio das conversas realizadas a partir dos grupos focais compostos por alunos representantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, acompanhado pela análise dos resultados e as inferências decorrentes da análise dos dados empíricos por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011).

Como fechamento do trabalho, seguem as considerações finais acerca da pesquisa, apontando caminhos para ações de intervenção e para outras pesquisas que possam ser desenvolvidas a fim de contribuir com o tema.

2 O RITMO DE EMISSÃO E ATENÇÃO NA SOCIEDADE ATUAL

Nos últimos anos o capitalismo vem exercendo o seu papel controlador da sociedade no que tange ao ritmo crescente das atividades de consumo em níveis preocupantes. Tudo é possível, mas condicionado ao consumo de mercadorias e seus conteúdos. Como afirma TÜRCKE (2010, p. 184) “Não podemos considerar uma coisa como mercadoria sem sentir a necessidade de que ela seja escolhida pelo mercado como uma característica própria dela” A premissa de competição e não cooperação faz com que haja uma naturalização do isolamento e uma certa dissociação de sentido de comunidade. Consequentemente ocorre a limitação nas projeções de futuro dentro de parâmetros opressores e de eliminação de perspectivas plurais.

Como bem se observa, as relações, inclusive as trabalhistas, estão sendo transformadas pela quantidade ascendente de demandas responsáveis pela apreensão do tempo, atenção e espaço de qualidade das pessoas. Uma sociedade mediada e medida por imagens que expõem e emitem sensações efêmeras, as quais determinam um acúmulo de informações em nível preocupante em relação ao que a própria gestão algorítmica pode suportar. É partindo dessa premissa que o presente capítulo tece suas reflexões.

2.1 ACELERAÇÃO, MODERNIDADE E GESTÃO DO TEMPO

O ritmo acelerado vem se constituindo como parte de nossos dias, transmutando as formas de compreensão e até de consciência em relação aos rumos que a própria sociedade está tomando ao seguir essa lógica de aceleração. “O princípio da dinamização e da aceleração parece, assim, ser inerente à cultura da Modernidade desde o princípio, mesmo antes que ela se fizesse perceptível em suas estruturas materiais” (Rosa, 2019, p. 90-01). A dinamização de estruturas temporais já está consolidada e ocupa espaços reais e digitais que moldam todas as camadas sociais.

A aceleração, a modernidade e a gestão do tempo estão intrinsecamente interligadas no contexto contemporâneo. A aceleração refere-se à percepção de que as mudanças sociais, tecnológicas e culturais estão ocorrendo em um ritmo cada vez mais rápido, impactando diretamente a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. Este fenômeno tem raízes na modernidade, período marcado pelo avanço do capitalismo, da industrialização e da racionalização, que transformaram profundamente as estruturas sociais e a experiência humana.

A gestão do tempo tornou-se uma questão central nesse contexto de aceleração e modernidade, uma vez que as demandas por produtividade, eficiência e competitividade impulsionam a necessidade de otimizar o uso do tempo. A pressão por realizar múltiplas tarefas em curtos espaços de tempo, a constante disponibilidade através das tecnologias digitais e a sensação de escassez temporal são aspectos característicos desse cenário contemporâneo.

A partir dessa perspectiva, a reflexão sobre a aceleração, modernidade e a gestão do tempo envolve questões filosóficas, sociológicas e éticas, abrindo espaço para debates sobre qualidade de vida, saúde mental, relações interpessoais e valores humanos em uma sociedade orientada pela eficiência e pela urgência. A compreensão desses fenômenos pode contribuir para repensar modelos de organização social, laboral e individual que promovam um equilíbrio saudável entre produtividade e bem-estar.

Rosa (2019) em sua conceituação e categorização da aceleração social e temporal resgata que ainda nas ideias iluministas, por volta dos anos 1700, a humanidade já construía expectativas em relação aos meios de produção que viriam a se desenvolver e que geraria o que chamamos mais tarde de industrialização. Logo o capitalismo passou de serviço às vontades para a produção de vontades. Essa constante vem sendo projetada desde que os primeiros aparatos tecnológicos surgiram, como a televisão.

A televisão foi apenas o primeiro de toda uma categoria de aparelhos que hoje nos rodeiam e são usados na maioria das vezes segundo poderosos padrões de hábito que envolvem atenção difusa e semiautomatismo. Nesse sentido, eles são parte de estratégias mais amplas de poder, nas quais o objetivo não é o engano em massa, mas antes estados de neutralização e inatividade, nos quais somos destituídos do tempo. (Crary, 2014, p. 97)

Desde a era da industrialização surgiram os primeiros indícios de que o “tempo livre” poderia ser preenchido de maneira prazerosa como assistir a um programa de TV ou simplesmente ir a um *shopping center*. A vida está colonizada pela mercadoria de tal modo que o consumo faz parte das pessoas, de forma “sugestiva”, passa a comandar os seus gostos e seus modos de experienciar a informação ou comunicação. Otimizar o tempo virou sinônimo de produtividade.

Mas nos últimos 50 anos, com o auxílio de aparelhos de som portáteis, telefones celulares *laptop*, ela tem avançado por todo o globo, desenvolvendo novos comportamentos híbridos como, por exemplo, simultaneamente assistir à TV, mandar *e-mails*, acariciar o cachorrinho ou o ser amado, uma virtuosidade própria, para não dizer novas qualidades administrativas, e com isso também novas cargas nervosas - em relação a isso já não resta a menor dúvida.” (Türcke, 2010, p. 44)

Essa exploração realizada pelo capitalismo e forjada pelo consumo faz com que o sujeito acredite que está fazendo parte de um processo natural, global, necessário e inalterável, sendo que sua individualidade já não é mais parte somente de si, mas produto para o mercado, o qual nunca é neutro. “A fronteira que separa ele próprio do que ele compra desaparece: ele cessa a compra de bens como instrumentos para outros fins e, em vez disso, transforma-se nos bens que compra[...]” (Barber, 2009, p. 47). O consumo, que décadas antes era atrelado somente às necessidades básicas, atualmente constitui-se no desejo de ter para se sentir melhor, como se produtos respondessem a anseios emocionais, o qual Freud chamou na década de 1920 de desejos do inconsciente.

Com o surgimento e crescimento da propaganda nos anos 1980 como padrão de comunicação, o efeito mais forte se estabeleceu: o imperativo de não apenas “olhe”, mas também “compre”. O *marketing* é realizado para que o produto quase que implore para que o consumidor o compre. A expertise de criação é quase comparada a um escritor que seduz o seu leitor. O produto da era da ‘gourmetização’ é comparado a uma experiência sensorial, levando o consumidor a pensar estar vivendo a experiência, que no fundo é mais uma face do capitalismo para a produção de mais valia.

O capital-imperialismo age numa perspectiva global e com referências culturais supranacionais, atuando num mundo de mercados de símbolos, coisas e seres humanos cada vez mais ampliados. São explorados, assim, as individualidades, as singularidades, e as particularidades que são associadas, de forma induzidas pelas realidades midiáticas, a novos contornos de homogeneidade sob a égide mágica da globalização. (Silva et al. 2012, p. 21)

O consumo desenfreado e inconsciente exerce ainda mais produção de valor: o capital. Consome-se pelo simples fato de compulsão pelo ato, não para que exista de fato o prazer ou alegria genuína pela aquisição. Muitas pessoas não saem de *shoppings centers* sem alguma sacola, mesmo que não estejam à procura de algo. “A mercadoria x não deve apenas deleitar, mas, ao mesmo tempo, proporcionar um determinado estilo de vida, uma atitude, um pertencimento social. Ela passa, assim, a marcar também seus consumidores.” (Türcke, 2010, p. 54). Com a motivação de que o tempo está se esgotando e que “se vive uma vez”, o ato de consumir pode ser traduzido como a ilusão de não morrer para uma vivência efêmera.

O ideário de se ter, por exemplo, inúmeras opções (e sempre mais) de entretenimento em relação a filmes, séries, redes sociais ou programas de TV remete a falsa sensação de liberdade de escolha, mas que até psicólogos alertam para a limitação humana para o acúmulo mental e foco. Nem sempre um cardápio repleto de opções nos dá a garantia da melhor escolha e sim de mais oportunidades de consumo. Segundo o autor Debord (2005)

há uma imensa acumulação de espetáculos e um domínio crescente da mercadoria. Relações mercantis ainda organizam a sociedade, nas quais imperam a representação e fetichismo, pois os padrões estão sendo postos com formas ou mercadorias priorizadas em detrimento de outras coisas. Essa relativização de querer pertencer traz padrões de consumo que satisfazem o ego de parecer e conseqüentemente ocupar lugares de destaque.

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social levou, na definição de toda a realização humana, a uma evidente degradação do *ser* em *ter*. A fase presente da ocupação total da vida social em busca da acumulação de resultados econômicos conduz a uma busca generalizada do *ter* e do *parecer*, de forma que todo o «*ter*» efetivo perde o seu prestígio imediato e a sua função última. Assim, toda a realidade individual se tornou social e diretamente dependente do poderio social obtido. Somente naquilo que ela *não é*, lhe é permitido aparecer. (Debord, 2005, p. 13)

Essa dinâmica vai modificar a logística de produção de mercadoria para a produção de novas formas de trabalho. Esse processo é ininterrupto e constante e faz com que o capitalismo se perpetue. Menos trabalho concreto, menos valor, portanto, aquilo que move o capitalismo: o lucro e produção de uma sociedade potencialmente individualista, subsidiada pelo informalismo e desemprego crescente. “O imperativo categórico da ética protestante, assim como o do *ethos* capitalista, consiste na obrigação de usar o tempo tão intensivamente quanto possível, eliminar sistematicamente a perda de tempo e o ócio e prestar contas do tempo despendido” (Rosa, 2019, p. 99). Em nome da produtividade e desempenho máximos executa-se inúmeras atividades, principalmente com o intuito de demonstrar mais força e prestígio, inclusive no tempo livre, o qual se constitui como desperdício de propósito, de acordo com inúmeros discursos tipicamente neoliberais.

A diminuição de direitos trabalhistas é um exemplo dessa lógica destrutiva que o capitalismo impõe com o surgimento de formas simplificadas de trabalho, como vemos na ‘uberização’ de serviços, tanto de transporte de pessoas, como de itens básicos. A expansão do setor de serviços e do comércio de bens tornou as relações laborais mais flexíveis, “por outro, o tempo livre é incorporado ao sistema de trabalho de uma maneira jamais vista anteriormente. (Türcke, 2010, p. 264). Há mais individualização do trabalho, as quais pressupõem formas de prestação de serviços que se alteram para a informalidade em diferentes setores, ativando a lógica do empreendedorismo.

A propalada Indústria 4.0, criada na Alemanha, desde 2011, potencializa esse quadro ao inserir no mundo do trabalho as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), ampliando a utilização de ferramentas automatizadas e robotizadas, no plano do maquinário digital. Inteligência artificial, internet das coisas e big data, uso de aplicativos e plataformas digitais são exemplos dessa dinâmica, sobre a qual a

literatura evidencia formas de uberização, terceirização, informalidade e precarização como características do mercado de trabalho vigente, em sua nova morfologia. (Ferreira; Castaman *et al*, 2024, p. 269)

O indivíduo tem a ilusão de ser dono de seu tempo e se sente produtivo por exercer inúmeras atividades em um curto espaço de tempo diariamente. O clássico exemplo atual desse novo conceito é o famoso *influencer* ou produtor de conteúdo, que marcas e estabelecimentos comerciais passaram a pagar e informalmente pelos serviços de divulgação de marcas e produtos de forma ininterrupta. Essas pessoas disputam espaços para se lançar e alcançar o maior número de usuários, no fetichismo de serem referência em desempenho, mas que na verdade servem ao propósito do consumismo desenfreado para geração de mais lucro ao capital.

No modo neoliberal de ser esse novo conceito de atuação profissional pautada na lógica desempenho já é considerado subjetivamente de empreendedor individual, já que o “eu” é projetado para vender a ideia de que realiza sonhos pessoais por meio de seu desempenho profissional para as marcas e produtos que divulga e somado à influência por suas mais diversas ações e hábitos, acarretando a identificação gerada em seus seguidores. “Nesse sentido, o neoliberalismo produz um regime de subjetividade que já não está mais pautado pela lógica da obediência, da docilidade ou da norma, próprias das sociedades industriais modernas, mas, sim, por princípios de engajamento e de autonomia de um sujeito empresarial” (Bentes, 2023, p.52). O estudo da autora coloca o termo *self influencer* como uma proposta de novo conceito, apropriando-se do termo já conhecido por meio de Nikolas Rose (2011).

Há tanto ocorrências de pessoas comuns se tornado influenciadores digitais e que alcançaram a fama se projetando dessa forma no mercado, como há o contrário também ocorrendo: pessoas famosas expondo suas vidas de forma a obter uma conexão mais próxima com seus fãs e naturalmente gerando ainda mais receita e lucro com a promoção de marcas. Não estar “em transmissão”, não irradiar nada, torna-se, aparentemente, cada vez menos tolerável, mesmo que não esteja imediatamente associado à decadência nos negócios ou ao desemprego. (Türcke, 2010, p. 55). Estar desconectado do mundo digital pode causar estranhamento.

Mas a lógica é sempre a mesma: conexão ininterrupta e exposição de variadas ações ou hábitos que geralmente levam ao consumo de bens e serviços. Toda essa projeção de si que influencia gostos e futuros hábitos evidencia também a defesa de bandeiras que o neoliberalismo trouxe como a meritocracia, de quem todos podem alcançar “eu consegui e

você também poderá conseguir”, mas que induz somente à emissão exacerbada de si para um objetivo comum: a captura de tempo e de racionalidade.

Não é difícil encontrar entre os mais jovens, esse desejo de atuar nesse novo conceito profissional, que propõe facilidade e lucro imediato, inclusive entre o público infantil, que impulsionados pelos pais, já se lançam na internet com discursos relacionados com venda de imagem e consumo. Debord (2005) na década de 1960 já mencionava a respeito da “falha da faculdade do encontro” e troca pela “falsa consciência do encontro”, já que há uma ilusão de pertencer ao espetáculo e Crary (2023, p. 137) reforça que “não é difícil enxergar que o complexo internético dá continuidade a acontecimentos que já estavam bem encaminhados nos anos 1960, mas que as redes sociais de hoje executam uma erradicação ainda mais devastadora da comunidade.” O parecer ser é permeado por um ritmo constante de emissões de si, mas que expõe uma erradicação de espaços de interações genuinamente coletivas para se constituir apenas de validações digitais individuais e ilusórias.

A anestesia gerada adquire uma falsa certeza de que o ser humano é parte do espetáculo mercantil, o qual apreende mais do que o tempo e atenção, mas as experiências e a consciência de revolução crítica para agir diante da lógica de determinação de padrões e valores consumistas. É uma ideologia construída para enxergar o capital como uma forma de sobrevivência e única forma possível de ascensão, já que o indivíduo consome a idealização de uma realidade possibilitada, ao obter a materialização de um sonho e ser bem-sucedido. Uma idealização que propõe um afastamento do conhecimento propiciado pela educação formal.

O espetáculo é a ideologia por excelência, porque expõe e manifesta na sua plenitude a essência de qualquer sistema ideológico: o empobrecimento, a submissão e a negação da vida real. O espetáculo é, materialmente, «a expressão da separação e do afastamento entre o homem e o homem». O «novo poderio do embuste» que se concentrou aí tem a sua base nesta produção pela qual «com a massa dos objetos cresce... o novo domínio dos seres estranhos aos quais o homem está submetido». (Debord, 2005, p. 151)

Seres humanos cada vez mais conectados individualmente, já que apesar de a emissão ser constante, a noção de solidariedade para com as relações mais próximas e com o meio em que vivem deixam de se perpetuar, pois o que se percebe é uma preocupação constante em provocar emissões em variadas plataformas e redes sociais e serem produtivos e notáveis para a rede de contatos, mas não para realmente gerar consciência crítica da própria realidade capitalista e desigual.

Há uma sensação de repetição e imobilidade para o tempo espetacular, marcado

pela constante transformação e pela ilusão de vida real, observadas na forma como as pessoas experienciam o tempo na era digital. No tempo cíclico, como nas sociedades tradicionais, os ciclos naturais e rituais estabeleciam uma sensação de continuidade e estabilidade, proporcionando uma vivência concreta do tempo. Debord (2005, p. 114) relata que “Enquanto o tempo cíclico era o tempo da ilusão imóvel, realmente vivido, o tempo espetacular é o tempo da realidade que se transforma, vivido ilusoriamente.”

O tempo espetacular da realidade contemporânea é moldado pela constante mudança e pela ilusão de progresso incessante, no qual as redes sociais e a mídia digital criam uma sensação de constante transformação e novidade, levando as pessoas a vivenciarem o tempo de forma ilusória, em que a realidade se apresenta como um espetáculo em constante mutação. Faz-se necessário compreender como as dinâmicas sociais e tecnológicas influenciam nossa percepção do tempo e da realidade, convidando-nos a questionar as ilusões criadas pelo tempo espetacular e a buscar uma compreensão mais autêntica e significativa da passagem do tempo em nossas vidas.

Todo o tempo consumível da sociedade moderna acaba por vir a ser tratado como matéria-prima de novos produtos diversificados, que se impõem no mercado como empregos do tempo socialmente organizados. «Um produto que já existe sob uma forma que o torna apropriado ao consumo pode, no entanto, tornar-se por sua vez matéria-prima de um outro produto» (O Capital). (Debord, 2005, p. 111-112)

Com a crescente utilização de recursos tecnológicos como os algoritmos e IA para determinar padrões de consumo pelas empresas, o tempo não carece mais de uma narrativa complexa, pois se esvazia de modo a cumprir somente com agendas estatísticas de cliques direcionados à fabricação de lista de desejos e interesses para a venda de produtos ou experiências passageiras para aumentar ainda mais o nível de paralisia diante de telas. “O engajamento 24/7 com telas nos anestesiou tão completamente que perdemos a capacidade sensorial de experimentar a nós mesmos como parte da matriz viva da existência terrestre” (Crary, 2023, p. 161). Essa paralisia que se estabelece impossibilita a reflexão e entendimento acerca de experiências sensoriais reais que deixam de existir e são alteradas para experiências sugeridas artificialmente, como podemos observar em listas virtuais de produtos e bens.

A vivência do que já existe, de fato, não mais importa e sim a experiência que determinado produto proporciona em determinado momento efêmero. A preocupação atual se resume a produzir valor sem observar o que está sendo emitido ou acumulado em suas próprias mentes.

A teoria crítica do espetáculo não é verdadeira senão ao unificar-se à corrente prática da negação na sociedade, e esta negação, o retomar da luta de classe revolucionária, tornar-se-á consciente de si própria ao desenvolver a crítica do espetáculo, que é a teoria das suas condições reais, das condições práticas da opressão atual, e desvenda inversamente o segredo daquilo que ela pode ser. (Debord, 2005, p. 144)

Essa inconsciência naturalizada perpetua uma paralisia em relação ao agir ou reagir de forma crítica aos movimentos de controle social. Debord chama atenção para uma negação inexistente, já que não corresponde à consciência de fato emancipadora de classe, a qual poderia iniciar o processo de revolução para descaracterizar essa anestesia em relação aos processos de dominação. A presença de relógios em ambientes profissionais ou escolares e ausência em estabelecimentos comerciais denota que a passagem temporal tem de ser abreviada em certos espaços para gerar a anestesia em espaços determinados para o consumo. Trata-se de uma conformidade e silenciamento por parte das pessoas em naturalizar e abster-se da realidade que captura o tempo de vida do indivíduo.

Barber (2009, p. 48) afirma que de quase todas as maneiras, “o consumidor em tempo integral, conforme imaginado pelo executivo de *marketing* agressivo, age de maneira ideal regressivamente mais como criança impulsiva do que como um adulto.” Isso significa que um imperativo constante é empregado para que se compre produtos e acima de tudo, ideias. O tempo acelerado e a falência da ideia de futuro faz do viver uma constante extensão do presente com seu modo de extermínio da racionalidade a respeito da realidade vivida. A mensagem instantânea recebida tem de ser respondida imediatamente, como se não houvesse amanhã ou até mesmo seu receptor. A expressão “correr contra o tempo” nunca fez tanto sentido nos dias atuais.

O tempo se configura como se houvesse uma escassez, já que leva o indivíduo a consumir sempre um tempo a mais de si para a vida profissional e em uma velocidade obsessiva, já que “o mercado conscientemente tem o objetivo de obter o firme domínio sobre o tempo e espaço, controlando cada um de nossos momentos e se infiltrado na geografia mais remota e privada de nossa psique” (Barber, 2009, p. 248) por meio da “livre” escolha.

A chamada era *fast food* está presente não somente nos alimentos, mas transmutando-se como *express* ao oferecer diversas possibilidades de forma instantânea: crédito, relacionamentos, leitura, negócio, retorno, velocidade de reprodução, etc. Ao assistir a um vídeo no *Youtube* ou ouvir uma simples música em programas de *streaming*, o tempo é consumido constantemente por anúncios intermitentes, os quais obrigam muitas vezes o usuário a solicitar uma versão paga para diminuir estas inserções, gerando ainda mais lucro para as plataformas.

Ao reconhecer que as práticas de consumo transcendem as esferas pessoais e se estendem ao âmbito coletivo, enfatiza-se a importância de considerar os impactos sociais, econômicos e ambientais do consumismo desenfreado, por meio das reflexões necessárias para enfrentar os desafios gerados pelo consumo excessivo, destacando a responsabilidade compartilhada na promoção de escolhas sustentáveis e na busca por soluções que abordem as ramificações coletivas do comportamento consumista.

Barber (2009) estabelece que o mercado do consumo possui cinco características: é *ubíquo* (está em toda parte); é *onipresente* (está “o tempo todo” e aspira preencher todo o tempo); é *viciante* (cria suas próprias formas de reforço); é *autorreprodutivo* (espalha-se de maneira viral) e é *onilegítimo* (emprega a *autorracionalização* e autojustificação, destruindo as bases morais para resistir a ele). Essa lógica moderna de consumo está gerando uma naturalização em relação ao ritmo veloz e incessante com que as pessoas se deparam com o novo.

A questão é: por que, em uma sociedade de alta aceleração técnica como a atual, há cada vez mais pressão temporal e falta de tempo? “A intensificação do “ritmo de vida” e a falta de tempo da Modernidade surgem não devido à, mas apesar de quase todas as áreas da vida social serem marcadas pelo enorme ganho de tempo resultante da aceleração.” (Rosa, 2019, p.133). Hoje, as relações são constituídas mais na orientação de preenchimento do tempo sempre vazio do que na relação de compromisso, em vista de que as ações perdem o sentido moral em função de uma pressão temporal.

Segundo Rosa (2019) há ainda abordagens exclusivamente físicas, históricas ou técnicas a respeito da passagem temporal e sua influência e categorização na dinamização social das relações constitutivas da categoria aceleração.

Assim como o processo de modernização se mostra, do ponto de vista cultural, como racionalização e, do ponto de vista do desenvolvimento do tipo de personalidade, como individualização, ele pode ser entendido, do ponto de vista da dimensão temporal ou das estruturas de tempo, como aceleração. (Rosa, 2019, p. 121).

Nessa linha de raciocínio e teorização da categoria aceleração, no que se refere às relações temporais, o autor esclarece que teóricos já estabelecem a categoria de análise a respeito da modernidade do ponto de vista social e suas relações com a tecnologização, individualidade e natureza, mas que a aceleração do ponto de vista temporal em sua complexidade é abordada de forma ainda insuficiente no aspecto subjetivo ou a nível sociológico. A tese central do autor coloca que a aceleração é de central importância para cada uma das outras quatro dimensões de desenvolvimento da modernidade como processos

de diferenciação, racionalização, domesticação ou individualização.

Com a percepção de que há sempre uma certa desatualização evidente e em relação às mudanças impostas pela aceleração social observa-se que conhecimentos antigos são desvalorizados, conseqüentemente havendo um distanciamento entre gerações. Tudo é descartável, na mesma proporção que o conhecimento não é mais para vida inteira e se você não se atualizar, fica obsoleto.

Embora a carga horária de trabalho tenha diminuído, a qual historicamente já perpez 14 horas, o tempo disponível diminuiu na mesma proporção devido aos bens disponíveis para consumo. Essa lógica leva a uma alocação temporal: tarefas paralelas, otimização, tecnologia e avanços para fazer em menos tempo, mas consome-se tempo com outras atividades que fazem o tempo disponível desaparecer. Ao mesmo tempo, há um adensamento temporal ou encurtamento, com trabalhos por demanda e prazos. Mesmo que se busque desacelerar em momentos de lazer com a família, as pessoas buscam apressar ou acelerar quem estiver em seu caminho para chegar mais rápido ao destino, como por exemplo, no trânsito.

Com horas relógios retiradas, a separação entre vida pessoal e profissional é cada vez mais inexistente; com o advento do teletrabalho e com o conceito chamado *network*, eventos com atores do contexto profissional no contexto pessoal, denotando assim uma pressão para o desempenho e uma mudança no ritmo de vida. A sociedade contemporânea, marcada pela proliferação de dispositivos digitais, redes sociais, entretenimento instantâneo e demandas multitarefas, cria um ambiente propício para a dispersão da atenção e a dificuldade de concentração. A gestão da atenção envolve a habilidade de selecionar conscientemente o que merece foco e concentração em meio a um mar de estímulos incessantes.

2.2 SOCIEDADE EXCITADA E GESTÃO DA ATENÇÃO

Antigamente era comunicado somente o que era interessante, ao passo que hoje, o interessante é comunicar e para o máximo de pessoas possível. *Res publica*, termo em latim que surgiu em Roma, significa a coisa pública, associada ao que era informado para as pessoas com tempo livre. Hoje esse termo ganhou outra conotação na sociedade atual. Nem tudo merece ser comunicado, mas somente aquilo que diz respeito a todos, que gera “engajamento”. E as notícias que antigamente demoravam para se tornar ultrapassadas, visto que eram poucos e limitado meios de divulgação, hoje bastam alguns segundos de atualização

em uma rede social qualquer para que a mesma notícia não faça mais sentido e não seja mais veiculada, como tempos atrás em um longo espaço de tempo.

Difícil fugir de algo que está disponível 24 horas. Tudo que não causa impacto ou prende a atenção tende a desaparecer com o fluxo contínuo de informações. O termo sensação na era do Renascimento denota a noção de perceber o comum, mas que atualmente se coloca em uma direção ascendente de percepção particular do excepcional que atrai sensação e atenção, ocorrendo uma emissão compulsiva e ilusória de si, que gera experiências momentâneas de prazer e assim capazes de produzir sensações de existência perante o mundo.

Que a partir de 1780 a palavra sensação tenha, para além das fronteiras das línguas nacionais, passado por uma escalada semântica na linguagem corrente centro-europeia e assumido as conotações de assombro, excitação, efervescência, inquietação, e por fim, daquilo mesmo que excita e assombra, é expressão de uma escalada social muito mais abrangente: da passagem da sociedade moderna para uma feira que dura o ano inteiro, onde a propaganda barulhenta e o caráter sensacional foram familiarizados como condição de percepção e de vida. (Türcke, 2010, p. 171)

Essa compulsão por “propagandear” é comparada a busca pela felicidade momentânea e a ilusão que substâncias ilícitas causam em seus usuários. Assim como as drogas evoluíram em potência do ópio para a morfina e heroína, das bebidas fermentadas para as destiladas, a “metralhadora audiovisual” contemporânea disponível 24 horas provocou um aumento de dependência por parte de seus usuários. A leitura atenta de um livro compete com a notificação que surge por meio do dispositivo eletrônico ou o simples fato de ter esse dispositivo próximo, já é o bastante para que a concentração e dedicação sejam ameaçadas.

Crary (2023) ressalta a respeito da substituição da vivência de experiências diretas e autênticas por uma receptividade passiva a estímulos impostos de maneira não consensual. Essa reflexão remete à crescente influência da mídia, da tecnologia e das dinâmicas sociais contemporâneas na forma como as pessoas interagem com o mundo ao seu redor. “Hoje, no entanto, a possibilidade de uma vida comum de experiências diretas foi substituída pela receptividade passiva a fluxos de estímulos que nos são impostos de modo não consensual” (Crary, 2023, p. 145). Um exemplo claro disso é a constante exposição a conteúdos digitais nas redes sociais, nas quais os usuários muitas vezes são bombardeados por informações, opiniões e estímulos visuais de forma massiva e, em muitos casos, sem consentimento explícito.

Além disso, a cultura do entretenimento e do consumo desenfreado também contribui para essa passividade, na qual as experiências diretas e significativas são substituídas pela busca por estímulos externos efêmeros e superficiais. Essa situação levanta

questões importantes sobre a autonomia individual, a qualidade das interações humanas e a necessidade de resgatar experiências autênticas em um contexto cada vez mais dominado por fluxos de estímulos impostos.

Quando esse tipo de distração consegue apreender a atenção, exige maior interatividade e conseqüentemente o usuário conecta-se com o ritmo ininterrupto de estímulos de forma a desconectar-se com a atividade de leitura que estava realizando e “isso é o que chamo de distração concentrada”, afirmou Christoph Türcke em uma entrevista à Folha de São Paulo, em 4 de setembro de 2010. A sensação possui todo um complexo de elementos segundo o autor: “em primeiro lugar, algo subjetivo: a percepção; depois, sua intensificação: percepção daquilo que chama a atenção; em seguida, algo objetivo, aquilo que chama a atenção; e, por fim, a interpenetração e a intensificação recíprocas do subjetivo e do objetivo.” (Türcke, 2010, p. 77) E quem não está conectado (não emite algo) pode falhar ou não existir. É como estar morto, mesmo gozando de saúde.

Longe de ser comparada a distração que conhecemos e que está relacionada ao lazer de forma positiva, essa outra perspectiva de distração se distingue pela cobrança de uma atenção “espetacular e sensacional” que leva à ansiedade por emissão e gera vício. O simples fato de ao acordar, priorizar preferencialmente o ato de checar o celular, embora não haja nenhuma notificação, gera uma ansiedade ou ânsia para conectar-se. Segundo Türcke (2010, p. 267) “isso não anula de modo algum o fato de que os choques audiovisuais, que oferecem relaxamento, apenas continuam, de outra forma, a fazer aquilo que a rotina de trabalho deixa transparecer: a "subsunção real" do tempo livre.” Não se preocupar em mostrar “espetacularmente” o que se vive no presente é um dos desafios atuais da sociedade excitada. Comer uma comida ou visitar um lugar, sem emitir um aviso onde se está tornou-se uma exceção.

Aquilo que não se destaca, não é percebido e tudo que não é percebido, não existe. Geralmente as situações que causam choque ou terror são as que mais deturpam o sensor humano para o espetacular e aumentam mais a excitação pela emissão ou recepção de informações. Toda essa dinâmica tem como pano de fundo uma articulação com o consumo capitalista, especialmente para captar a atenção para o mercado. As palavras *marketing* e *branding* foram incorporadas ao vocabulário de muitas pessoas na busca do tão sucesso ou realização pessoal e profissional.

Essa proporção de acumulação de informações e de emissão exacerbada enuncia tensões e dilemas preocupantes de compulsão, passando pelo vício. “A compulsão à ocupação é especificada em uma compulsão à emissão. Ela transforma-se, entretanto, em uma forma

vital de expressão. Emitir significa tornar-se percebido: ser. Não emitir equivale a não ser”. (Türcke, 2010, p. 44-45). Já existia uma certa compulsão com outros inventos tecnológicos, chamados também de microeletrônicos, inclusive, até a fotografia pode ter auxiliado no modo como se produz a sensação “Ela é o meio que deu o empurrão técnico decisivo para o deslocamento do significado da palavra sensação de percepção absolutamente inespecífica para percepção do que é sensacional e, por fim, para o sensacional em si.” (Türcke, 2010, p. 190).

Por meio dos meios de comunicação de massa e com o advento da internet, os indivíduos sentem uma maior necessidade de emitir, tanto de si, como para emissão de juízo de valor para outrem, assim como visto nas redes sociais e plataformas digitais. A sociedade da sensação estabelece o paradigma, em que ser, é ser percebido. E em tempos de índices volumosos de emissões de si para influenciar pessoas e consumo, quanto mais pessoas perceberem a emissão, mais captação da atenção é gerada e conseqüentemente, mais monetização. “Não ser percebido significa estar de fora, e estar de fora é como estar morto em um corpo vivo.” (Türcke, 2010, p. 59). Em certa medida, o ser humano sente que está sucumbindo perante a rotinas desgastantes para alcançar o sucesso pessoal e profissional e ainda que, cada um à sua maneira, se propõe a chamar atenção para sobreviver ao caos.

Com acesso multiplicado a aparatos tecnológicos e rotinas multitarefa há uma espécie de “pressão comunicativa e sensorial” (Türcke, 2010, p. 33). Nos anos 2000, com a popularização do acesso à internet, nascia uma espécie de fuga da realidade e parecia ser uma opção de “liberdade” possível para escapar do tédio e mal se sabia o que esse universo traria para o futuro. O que se sabe é que o intuito principal nunca foi de liberdade e sim de captura do tempo e atenção, e que outros processos de monetização foram concretizados ao longo dos anos.

Por outro lado, o que se observa é o novo paradigma da sensação trazendo consigo uma captura do próprio ser, visto que ocorre uma compulsão por emissão ilusória e positivista da realidade que o cerca, fazendo com que passe pela validação de terceiros, viabilizando assim uma pressão comunicativa sensorial, que tranquilamente pode ser denominada de sensação ou satisfação por emitir para a percepção de uma representação de si, sem sua essência. “Isto não é apenas um distúrbio de déficit de atenção, mas um distúrbio de déficit de atenção *obrigatório*, definido por uma cultura na qual somos dissuadidos de concentração e continuidade e recompensados por buscar vidas com cortes rápidos de cenas”. (Barber, 2009, p. 120). Trata-se de uma espécie de obsolescência programada para ater-se e entreter a qualquer custo.

Não se sabe ao certo quando o fato de dormir de forma tranquila, sem pensar em mil coisas ao mesmo tempo, deixou de existir. Se isso parece impossível hoje, existe um motivo e tudo começou por volta de 2010, com a origem do *Instagram* e outras redes sociais voltadas à projeção de imagem. Você deita, mas o cérebro não para, mil pensamentos, tarefas, mensagens não respondidas. O corpo exausto e a mente acelerada. E surge a pergunta: Por que parece que nunca se descansa de verdade? Isso não é somente ansiedade.

Por volta de 2018, foi nesse ano que três mudanças silenciosas aconteceram: redes sociais lançaram *stories* interativos, os áudios acelerados e sistemas de *streaming* lançaram o autoplay em episódios. Um estímulo atrás do outro para ficar de fato conectado o tempo todo. Essas mudanças parecem inofensivas, mas um efeito colateral foi notado: o cérebro parou de desligar. E essas alterações remontam as nuances da sociedade excitada: “Sensação quer dizer, então, muito mais o estado produzido de oscilante inquietação e entusiasmo, do cobiçar e do protestar: a efervescência social.” (Türcke, 2010, p. 117). Todas essas mudanças remontam os novos hábitos de uma sociedade que naturaliza o efeito extenuante o qual foi submetida. A sensação reside no fato de querer a atenção instantânea e ilusória de parecer e aparecer sob o alcance do julgamento e validação de outrem.

Neste caso, nuances inteiras do significado da sensação aparecem uma em relação à outra. Uma delas se refere à necessidade de uma sensação palpável, uma vez que se deseja agarrar a globalização ao menos em sua imagem. Esse *est per-cipere* (ser é perceber). Logo em seguida, surge a necessidade da sensação no sentido de que algo se torne perceptível, ou seja, a onipotência encontra seu ponto mais sensível. Esse *est percipi* (ser é ser percebido). Mas o poder só é encontrado quando ele o é de forma espetacular. Em outras palavras: percebe-se apenas o que é sensacional. (Türcke, 2010, p. 310)

Nesse contexto, surgem questões sobre como preservar a capacidade de atenção profunda e reflexão em uma sociedade que valoriza a instantaneidade e a superficialidade. A positividade que se instaura para que as dificuldades e exploração capitalista sejam abstraídas segue fazendo muitas vítimas, que tentam se submeter aos padrões estabelecidos pelo capital e estabelecem metas que geram ainda mais sintomas patológicos e compulsivos.

Visto a partir da perspectiva patológica, o começo do século XXI não é definido como bacteriológico nem viral, mas neuronal. Doenças neuronais como a depressão, transtorno de déficit de atenção com síndrome de hiperatividade (TDAH), Transtorno de personalidade limítrofe (TPL) ou a Síndrome de Burnout (SB) determinam a paisagem patológica do começo do século XXI. Não são infecções, mas infartos, provocados não pela negatividade de algo imunologicamente diverso, mas pelo excesso de positividade. Assim, eles escapam a qualquer técnica imunológica, que tem a função de afastar a negatividade daquilo que é estranho. (Han, 2015, p.45)

Basta uma pesquisa rápida nos principais sites de busca ou plataformas digitais para verificar a principal causa de afastamentos por saúde em todas as esferas profissionais e também educacionais, para se constatar sintomas e patologias direcionadas a uma área em comum: psicológica. Entre 1990 e 2017, o número de novos casos de depressão cresceu mundialmente. (Lembke, 2022, p. 33) e dados do ano de 2022 da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que a depressão e ansiedade aumentaram mais de 25% apenas no primeiro ano da pandemia. O mesmo relatório aponta que quase 10% da população brasileira sofre de ansiedade.

O uso de medicamentos e auxílio psicológico e psiquiátrico estão aumentando em níveis consideráveis e uma importante questão a se fazer é “[...] por que, numa época sem precedentes de prosperidade, liberdade, progresso tecnológico e avanço médico, parecemos estar mais infelizes e com mais dores do que nunca?” (Lembke, 2022, p. 45). De acordo com dados do Conselho Federal de Farmácia (CFF), as vendas de antidepressivos e estabilizadores de humor cresceram 36% no Brasil no período entre 2019 e 2022. Talvez o motivo de estarmos todos tão infelizes seja porque estamos nos esforçando sobremaneira para evitar sermos infelizes. Há uma preocupação relevante em relação ao uso de antidepressivos, os quais podem levar à tolerância, dependência e até mesmo agravar a depressão a longo prazo.

Um exemplo disso pode ser observado em estudos que indicam a ocorrência de disforia tardia, um fenômeno em que o uso prolongado de antidepressivos resulta em sintomas depressivos mais intensos e persistentes. “Dados recentes mostram que até os antidepressivos, previamente considerados como não sendo “formadores de hábito”, podem levar à tolerância e dependência, e possivelmente até piorar a depressão a longo prazo, fenômeno chamado disforia tardia” (Lembke, 2022, p. 117).

Essa compreensão desafia a visão anterior de que os antidepressivos não eram considerados formadores de hábito, destacando a necessidade de uma abordagem cuidadosa e informada no tratamento da depressão. A percepção de que esses medicamentos podem gerar dependência e contribuir para o agravamento dos sintomas depressivos ressalta a importância da monitorização rigorosa por parte dos profissionais de saúde, além de uma avaliação apurada das opções terapêuticas disponíveis.

A base da produção da condição da existência e capacidade de sobreviver no mundo está condicionado a essa lógica de automatização do ser humano de forma a alimentar a produção para o capital. E ao mesmo tempo, há uma humanização das máquinas com o surgimento da IA. A gestão da atenção também está relacionada à saúde mental, ao bem-estar emocional e à qualidade das interações humanas, uma vez que a constante distração pode

impactar negativamente na capacidade de conexão genuína e na formação de pensamentos críticos. Neste contexto de imitação da realidade, não há espaço para o próprio ser. E quando o ser humano resolve voltar-se para si, ele encontra a incapacidade de ser quem é, ao mesmo tempo que o capital remete ao que você pode e deve ser.

É como ir a uma feira ou exposição e apenas “passar” por imagens ou produtos, não os interpretando ou experienciando de fato. Temos o exemplo de exposições interativas replicando ou se baseando em obras originais em formato digital de pintores como Van Gogh. Apesar de estas atividades de fato aproximarem o usuário de uma obra de arte, essa mediação por imagens ‘instagramável’ transforma-se mais na emissão de postar nas redes do que propriamente em apropriação de conteúdo artístico.

Embora o *marketing* atual defenda que cada produto ou conteúdo carrega uma experiência, a busca pela sensação pode ser facilmente comparada com uma nação “zumbi” que apenas passa a emitir os sinais imagéticos sem se importar com o processo ou resultado das emissões produzidas: É um “estar aí sem estar”. Trata-se da ubiquidade, é como estar em vários lugares (redes sociais) ao mesmo tempo, mas sem realmente se conectar de forma profícua com os indivíduos. Sendo assim, é como não se vincular ao mundo a partir de quem você é e sim de uma representação de si. Esse *est percipi* – Ser é ser percebido. (Türcke, 2010). Se você não irradia ao mundo, você está desconectado. Pode estar aí uma das questões mais desafiadoras para a felicidade: não ter que buscar irradiar além do que se é verdadeiramente.

Refletir sobre a ideia de uma sociedade constantemente estimulada, hiperconectada e imersa em um estado de constante agitação e estímulo sensorial, na qual a gestão da atenção pode ser essencial para repensar práticas individuais e coletivas que promovam uma relação mais equilibrada com as tecnologias, os meios de comunicação e as demandas cotidianas, inclusive na Educação. Isso pode incluir estratégias para cultivar momentos de desconexão, promover o silêncio e a contemplação, e resgatar espaços para a reflexão profunda em meio ao frenesi da vida contemporânea.

Rosa (2019) também discorre sobre a influência da dinâmica aceleradora da modernidade na configuração das identidades e autorrelações subjetivas “o fato de que a dinâmica aceleradora moderna modifica não apenas o fazer, mas também o ser (aí), ou seja, as identidades ou as autorrelações subjetivas, uma vez que estas são constituídas por aquelas relações e ações” (p. 293). A aceleração característica da sociedade moderna não afeta apenas as atividades realizadas, mas também a própria essência do ser, ou seja, as identidades e autorrelações subjetivas.

Isso implica que as relações e ações desempenham um papel fundamental na formação e consolidação das identidades individuais, as quais são constantemente moldadas e reconfiguradas pela dinâmica aceleradora da vida moderna. Essa análise destaca a importância de considerar as influências socioculturais e temporais na constituição das identidades pessoais, fornecendo insights relevantes para compreender as transformações identitárias no contexto contemporâneo.

Mas o que se vê atualmente é ao contrário, uma geração de pessoas envolvidas pelo prazer de compartilhar um recorte do que se é para ser percebido pelo maior número de pessoas possíveis e em espaços variáveis. “Nessa economia de dopamina, o que o historiador David Courtwright chamou de “capitalismo límbico”, está conduzindo esta mudança, auxiliada pela tecnologia transformadora que aumentou não apenas o acesso, como também o número, a variedade e a potência das drogas.” (Lembke, 2022, p. 27). Essa compulsão pelo prazer de ser notável está gerando muita instabilidade emocional e psicológica nas relações sociais, inclusive entre os jovens. A (não) aceitação ou (não) validação pode causar impactos negativos. Essa obrigação de seguir padrões ou exemplos de sucesso para ascensão pessoal ou profissional adquire uma forte influência do uso de tecnologia e da necessidade de executar multitarefas, as quais são impostas pelo mercado.

A flexibilização sintetiza o consumo exploratório da força de trabalho. Esse novo contexto de trabalho que se evidencia no mundo todo, cria uma ideia de flexibilidade carregada de conceitos como liberdade, criatividade e inovação. No entanto, os arranjos flexíveis exigem uma variedade de competências diferenciadas do trabalhador que, além de ter a exigência desumana de produção e capacitação, estas serão sempre insuficientes, pois o discurso repete de forma constante que é preciso se reinventar o tempo todo. Na prática, cria-se um contexto de instabilidade profissional e a formação de uma subjetividade treinada para ceder e se adaptar.

Os arranjos flexíveis consomem de forma predatória a força de trabalho exigindo competências diferenciadas. No passado, com o taylorismo/fordismo as competências tinham como base trabalhos definidos e relativamente estáveis. No regime de acumulação flexível, as competências exigidas mudam ao longo da cadeia produtiva segundo estratégias de contratação e subcontratação sob o comando das necessidades do mercado que tem como fim a satisfação do lucro máximo possível. Para Kuenzer e Grabowski (2016), a flexibilização do trabalho no regime de acumulação flexível representa um esgotamento do trabalho, destruindo direitos conquistados pela classe trabalhadora.

São combinações que ora incluem, ora excluem trabalhadores com diferentes qualificações, de modo a constituir corpos coletivos de trabalho dinâmicos, através de uma rede que integra diferentes formas de subcontratação e trabalho temporário, que, ao combinar diferentes estratégias de extração de mais-valia, asseguram a realização da lógica da mercantil. (Grabowski; Kuenzer, 2016, p. 30)

Desse modo, os arranjos flexíveis não podem ser compreendidos de forma simplista pela oposição entre uma elite com formação científico-tecnológica avançada e a massa de trabalhadores desqualificados e explorados, “essa imagem do trabalho flexível coloca os holofotes sobre a figura do servo solitário que vem até a porta da sua casa pronto para ser chofer, faz-tudo ou tarefeiro ao estilo requerido por plataformas [...] Kornbluh, 2025, p. 54). Esses arranjos flexíveis podem incluir em um momento e, excluir, logo a seguir, pois o que determina a entrada na cadeia produtiva não é, necessariamente, a qualificação, mas, a demanda do processo produtivo. Nesse contexto, a capacidade de adaptação importa muito mais do que a qualificação prévia para execução de determinado tipo de trabalho.

Como consequência, o trabalhador tem a sua força de trabalho e a sua vida consumida de forma predatória. “O resultado é uma mentalidade “*work hard, play hard*”, na qual o hiperconsumismo compulsivo torna-se a recompensa no final de um dia de trabalho maçante. (Lembke, 2022, p. 147). Por outro lado, os principais impactos vêm sendo observados, como a apreensão do tempo e atenção, resultados negativos na própria educação, como retrocessos de ordem intelectual. Sem falar dos prejuízos ao meio ambiente com a produção desenfreada de dados necessários para essa engrenagem do mercado digital girar.

Uma sociedade com pessoas preocupadas com o desempenho e que demonstram sinais patológicos ao encarar suas dificuldades de aceitar suas limitações para alcançar resultados cada vez melhores e individuais, conferindo assim uma busca inconsciente e incessante pelo valor mercantil e empresarial para si próprio. É como se cada indivíduo tivesse que criar uma marca a ser colocada em divulgação, mas com a falsa ideia de liberdade, já que o sentido de coletividade é esvaziado em nome dessa liberdade individual.

Com o pensamento cada vez mais individualista e com a diminuição de interações coletivas, o ser humano não consegue perceber essa manipulação constante de informação que o faz perecer diante da necessidade de emissão espetacular sobre si. O sentimento de incapacidade de desempenhar inúmeras atividades e de encarar a si próprio gera sintomas patológicos já conhecidos atualmente. O interessante é que apesar dos inúmeros avanços tecnológicos, há um retrocesso e uma deterioração do senso comum, em que a humanidade em geral não se vê mais sem a companhia de um *smartphone* à sua frente.

Por mais que a tecnologia tenha trazido inúmeras facilidades de conectividade e

otimização, há um emaranhado de situações que convergem para o mesmo ponto de ligação com a máxima aceleração e introspecção do ser humano, de modo a individualizar cada vez mais suas experiências e assim perfazendo uma diminuição na capacidade de reflexão e ação frente a esse ritmo de aceleração. “A capacidade de pular de uma pessoa para outra, seja no e-mail, na mensagem instantânea, no telefone celular, na chamada em espera pode depreciar relacionamentos interpessoais sérios, que exigem, tempo, continuidade de atenção e compromisso” (Barber, 2009, p.120). O contato entre as pessoas está cada vez mais distante e superficial, denotando o afastamento proposital para a máxima individualidade e consequente ausência de reflexão e compartilhamento de ideias.

A lógica de aceleração na contemporaneidade busca constantemente o progresso, crescimento e eficiência, muitas vezes em um ritmo acelerado, é o que Barber (2009, p. 2015) chama de “[...] uma nova ontologia na qual o que é se desloca de sua origem para sua origem simulada na tela”. Com a rapidez das mudanças tecnológicas, na busca por resultados imediatos e na pressão constante para fazer mais em menos tempo, a sociedade atual denota a superfície da dinâmica da sensação, mas há outras formas de absorver funcionalidades do sistema nervoso. De todo modo, a era de dominação digital já se inicia cada vez mais precocemente no cotidiano do ser humano.

Rosa (2019) discorre sobre a conexão interna e ressonância ao mundo como possível chave para contrapor ao ritmo de vida veloz e que as conexões mais genuínas que os espaços de tempo devem proporcionar sejam experienciados de uma forma mais ressonante, sem a pressão por reciprocidade ou desempenho obrigatórios. Essa conexão está presente de forma mais evidente no campo das artes na sua dimensão exploratória e flexível, mas que no campo profissional há também possibilidades de se obter uma profunda conectividade com a atividade que está se executando. O autor ainda discorre a respeito das patologias atuais no trabalho como *burnout* em que estaria relacionado não somente à questão do volume de trabalho despendido na atividade, mas sim ao fato da pressão por não exercer de fato a atividade-fim com maior centralidade.

Na era em que “tempo é dinheiro e que quase tudo pode ser monetizado”, as pessoas confundem ócio criativo ou atividades de lazer com atividade profissional e disparam: “Você faz bem isso, você deveria vender”. A lógica da monetização impera o tempo todo, como se o ócio e lazer não fizesse mais parte do ser humano, embora os profissionais de saúde mental alertam para o fato de ter de desacelerar para realmente obter qualidade e produtividade. E para desacelerar, quase sempre a recomendação é sair do contexto ritmado e

dispor de mais tempo de qualidade em ambientes que proporcionem conexões reais e mais profundas com os processos naturais e espirituais inerentes às relações humanas.

A expressão “sociedade excitada” remete à ideia de uma sociedade constantemente estimulada, hiperconectada e imersa em um estado de constante agitação e estímulo sensorial. Nesse contexto, a gestão da atenção assume um papel crucial, uma vez que a capacidade de direcionar e manter o foco em meio a tantos estímulos torna-se um desafio significativo tanto no contexto pessoal quanto a nível educacional em meio a pressões econômicas.

2.3 GESTÃO ALGORÍTMICA E BASES MIDIÁTICAS

Embora exista o discurso de organismos internacionais que indicam compromisso a respeito da diminuição dos impactos sociais, econômicos e ambientais gerados pelo hiperconsumismo do capitalismo, há por trás o objetivo do mercado global de intervir nos investimentos em algumas áreas e nações, mas contando com a diminuição ou corte de gastos nas áreas que demandam mais investimentos sociais, perpetuando a hegemonia do capitalismo privado sob os aspectos mais coletivos, civis e do bem comum. Portanto, o interesse de mercado é considerado global e intervém na democracia nacional, principalmente dos países em desenvolvimento.

No século XXI, em que tem-se uma suposta liberação em relação a inúmeras restrições e padrões, há um outro tipo de controle no íntimo do indivíduo, de acordo com Han, (2020, p. 9): “ O «eu» como projeto, que acreditava ter se libertado das coerções externas e das restrições impostas por outros, submete-se agora a coações internas, na forma de obrigações de desempenho e otimização.” A propulsão que surge no ser humano é de um dever de produção para ascensão social ou monetária, fruto do ideal neoliberal de ser dono do seu próprio tempo e de suas atitudes para se destacar no mercado competitivo, reverberando assim o individualismo.

O mercado coloca infinitas possibilidades de escolhas individuais e privadas, como por exemplo, quando pais escolhem a melhor educação para os filhos, se distanciando de outras realidades sociais e desiguais que imperam; paralelamente as opções ditas coletivas e originalmente públicas são limitadas e exclusivamente percebidas como “gastos” que são negados aos interesses privados, fortalecendo assim os laços que aproximam o individualismo com um certo narcisismo social degradante.

E conforme Barber (2009, p. 181-182) discorre, “obviamente individualismo e narcisismo não são sinônimos, mas a redução do bem-estar público a uma série de desejos privados de primeira ordem e a trivialização do bem comum como sendo nada além de discretos interesses agregados podem ser pensados como um tipo de regressão”. Quanto maior a busca por interesses privados, maior o distanciamento dos interesses comuns a todos e consequentemente uma menor preocupação com aspectos coletivos inerentes à vivência em sociedade.

Os desafios se estendem também sobre a limitação de técnica e de efeitos colaterais como diminuição de empregos, ética, transparência, privacidade e soluções justas para promoção de uso responsável a fim de não agravar as desigualdades sociais, pois a lógica de mercado capitalista tem seu pior problema que reside na “sua incapacidade de satisfazer as reais necessidades dos pobres e sua tendência a tentar substituir as verdadeiras necessidades dos consumidores nas sociedades desenvolvidas por necessidades falsas e vontades fabricadas”. (Barber, 2009, p. 143). O que se observa é uma sociedade que se submete ao ritmo de produção para satisfazer um mercado que possui a cada momento novas vontades, mas que ao mesmo tempo não consegue produzir soluções para sanar as verdadeiras dificuldades dos mais pobres, os quais são explorados para a engrenagem continuar em movimento.

Todo esse automatismo sem interrupção é chamado pelo autor Crary (2014) de sociedade 24/7, o qual gera uma incapacidade de se perceber inerte em relação aos problemas gerados pelo volume de produção de bens de consumo imediato, tornando o ambiente refém de soluções sustentáveis cada vez mais imperceptíveis ou dificultadas. “24/7 não apenas incita no indivíduo um foco exclusivo em adquirir, ter, ganhar, desejar ardentemente, desperdiçar e menosprezar, mas está entremeadado a mecanismos de controle que tornam supérfluo e impotente o sujeito de suas demandas. “(Crary, 2014, p.41). Toda a promessa de liberdade e otimização enunciada pela tecnologia se concretizou na verdade em uma aceleração dilacerante do tempo e degradação de recursos.

Os danos ambientais gerados em relação a produção e acumulação de dados é simplesmente ignorado, sobressaindo apenas o valor que o mercado adquire. Enquanto isso, a emissão de carbono crescerá 7% em países de alta renda, e 44% no resto do mundo. (Lembke, 2022, p. 34). O hiperconsumo compulsivo é um risco não apenas à nossa vida, mas à vida do planeta. “Os recursos naturais estão diminuindo rapidamente. Economistas estimam que, em 2040, o recurso natural do mundo (terras, florestas, vida aquática e combustíveis) estará 21% menor em países de alta renda e 17% menor em países mais pobres do que hoje” (Lembke,

2022, p. 34). Há inúmeros discursos de diminuição de impactos gerados pelo consumismo, mas ao invés de surgirem tecnologia para sanar estes problemas, vemos a cada dia uma inovação diante dos olhos para que se estabeleça ainda mais a necessidade ilusória.

A gestão algorítmica refere-se à aplicação de algoritmos computacionais para processar, analisar e otimizar operações e decisões em diferentes contextos, incluindo, mas não se limitando ao *marketing* digital, recomendação de conteúdo, personalização de experiências online e previsão de comportamentos. É amplamente utilizada em bases midiáticas, que constituem os sistemas e plataformas responsáveis pela distribuição e veiculação de informações e conteúdos através de meios de comunicação digital.

De acordo com Garcia (2023), a ligação entre essa forma de gestão algorítmica e as bases midiáticas envolve a utilização de algoritmos para gerenciar a seleção, classificação e apresentação de conteúdos aos usuários, com o objetivo de maximizar o engajamento, a retenção e a conversão. Esses algoritmos são frequentemente projetados para analisar dados comportamentais, preferências individuais e interações anteriores, a fim de personalizar a experiência e escolhas do usuário e direcionar o fluxo de informações de acordo com objetivos específicos, como a geração de receita publicitária ou na maioria das vezes, o aumento da permanência na plataforma.

Essa lógica de programação levanta questões éticas, como privacidade do usuário e manipulação da percepção pública. Além disso, há preocupações sobre a formação de bolhas informativas, na qual os algoritmos tendem a reforçar visões preexistentes e limitar a diversidade de perspectivas apresentadas aos usuários. A compreensão da gestão algorítmica em bases midiáticas demanda uma abordagem crítica que considere os impactos sociais, políticos e culturais desse sistema na configuração da esfera pública digital.

Com a quinta revolução das chamadas máquinas de apreensão da realidade e com o acúmulo de dados gerados pela produção de IA, já se iniciam discussões em todo o mundo com relação aos impactos dessa sistemática complexa. Alertas são gerados a respeito dos desafios desta tecnologia para a sustentabilidade. Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) são amplamente discutidos em nível internacional para impulsionar decisões inteligentes e recursos otimizados para a sustentabilidade econômica, social e ambiental.

O acúmulo de dados não é sustentável, como exemplo, o treinamento de um modelo de aprendizagem profunda para IA equivale a 284 toneladas de emissão de gás carbônico. Além disso, todo esse acúmulo de dados é armazenado em super máquinas que consomem muitos recursos para o devido resfriamento. O treinamento/uso dos modelos de IA

consome uma quantidade significativa de água para realizar o resfriamento dos servidores que estão localizados em *data centers*, e necessitam manter as temperaturas controladas para funcionarem de forma segura. (Garcia, 2023)

Há ocorrência de utilização de IA em inúmeras áreas, inclusive na Educação, como é o caso da EAD que utiliza padrões de aprendizagem. A IA foi criada a fim de utilizar inovação e reconhecimento de padrões de comportamento para otimizar resultados, porém já se tem o termo *Red AI* (Garcia, 2023) para referenciar as decisões erradas que induzem comportamentos, como por exemplo, quando recebemos sugestões de filmes ou vídeos ou quando não nos localizamos mais sem o uso de GPS.

O fato de os sistemas de IA cometerem erros (ou seja, erros na perspectiva do utilizador e das pessoas afetadas) deve-se fundamentalmente ao fato de a realidade não poder ser claramente classificada e de os sistemas de IA não poderem compreender o contexto (social e situacional) (razão pela qual os programas de linguagem têm problemas com o sarcasmo e a ironia). (Meyer, 2024, p.2)

Capturar o tempo do usuário torna-se o empenho maior das indústrias tecnológicas e em relação aos modelos de algoritmos, “nota-se o quanto há todo um *design* e uma arquitetura voltados para alimentar algoritmos de plataformas e aplicativos com dados psíquicos e emocionais, de modo a torná-los disponíveis para o cálculo computacional” (Bruno *et al*, 2019, p. 8). O *Youtube*, “ao observar uma queda significativa de vídeos visualizados, a plataforma mudou seu sistema de recomendação, passando a privilegiar a recomendação de vídeos não com grande número de cliques, mas sim aqueles que apresentavam maior tempo de visualização para o direcionamento dos conteúdos” (Bentes, 2022, p. 09). Essa sistemática de apreensão temporal via cliques vem afetando também a percepção.

Referente à onipresença da eletroluminescência, ou seja, a luz emitida por dispositivos eletrônicos, na nossa percepção das cores e na apreciação da realidade física, Crary (2023, p. 158) esclarece que “a ubiquidade da eletroluminescência debilitou nossa capacidade e até mesmo nossa motivação para ver, de modo atento ou mais constante, as cores da realidade física. A habituação ao brilho dos visores digitais tornou nossa percepção das cores indiferente e insensível à fugacidade delicada dos ambientes vivos.” Um exemplo claro desse fenômeno pode ser observado no uso cotidiano de *smartphones*, tablets e computadores, nos quais as pessoas passam grande parte do tempo imersas em telas luminosas, inclusive sem observar o ambiente ao seu redor.

Essa exposição constante à luz artificial pode resultar em hábitos que debilitam a capacidade de perceber e apreciar as cores do ambiente natural. A sensibilidade às nuances e tonalidades sutis das cores vivas pode ser comprometida pela constante exposição ao brilho dos visores digitais, levando a uma percepção indiferente e insensível às delicadezas das cores dos ambientes naturais. Esse fenômeno suscita reflexões sobre a relação entre tecnologia, percepção sensorial e conexão com a natureza, evidenciando como a predominância da luz digital pode impactar nossa experiência estética e sensorial do mundo ao nosso redor.

É possível mensurar em certa medida como a arquitetura desses modelos algoritmos vem sendo modificada com o passar do tempo e não focando somente na quantidade ou conteúdos dos cliques que um usuário pode realizar, mas também a duração de tempo nos conteúdos consumidos, correspondendo em valores absolutos que servirão de base para moldar os modelos futuros para aumentar essa duração de conexão, que é o foco maior da indústria tecnológica.

Em um contexto tecnológico inspirado em técnicas da psicologia behaviorista³ na observação de comportamentos, “um dos principais objetivos das empresas de tecnologia no paradigma da captura é fazer com que o uso de seus serviços não seja apenas um comportamento pontual, mas se torne um hábito” (Bruno *et al*, 2019, p. 14). Esse novo conceito tecno behaviorista se movimenta no sentido de que haja cada vez mais a captura de tempo e atenção do usuário e se torne um hábito autônomo. O autor Türcke (2010, p. 52) corrobora com esta visão ao afirmar que “o surrealismo e o behaviorismo foram apropriados de maneiras muito diferentes e os frutos desse trabalho recaem sobre a propaganda”, isto é, para chamar atenção.

Com base nessa abordagem, outro estudo de Bentes (2022) explica essa dinâmica de captura de comportamentos com o modelo de ganchos, partindo de princípios da psicologia comportamental, desde os primeiros gatilhos para “engancha” o usuário até o hábito automático por meio de recompensas. “Nesse contexto sociotécnico, a formação de hábito é uma etapa estratégica para automatizar o engajamento da atenção, processo que alimenta todo o ciclo de produção do capitalismo de vigilância. (Bentes, 2022, p.4). Ao tornar o hábito autônomo, o sistema de recompensas é variável, já que o usuário pode querer retornar para obter a recompensa original (como um vídeo já assistido) como uma nova recompensa (um vídeo com outras possibilidades de captura da atenção).

³ Criado em 1913 nos Estados Unidos por John B. Watson, o behaviorismo ou a análise comportamental é uma abordagem da psicologia cuja principal característica é tomar como objeto de estudo e intervenção o comportamento.

A pressão da sociedade contemporânea para uma constante hipervigilância, que dificulta a possibilidade de fechar os olhos e desacelerar é comparada aos discursos de poder da sociedade disciplinar tão mencionada por Michel Foucault (1987) e também ressaltada por Han (2017, p. 34): “Fechar os olhos é uma negatividade que não se coaduna bem com a positividade e hiperatividade da sociedade acelerada de hoje. A coerção para a hipervigilância, hoje, impede que fechemos os olhos”. Essa realidade está presente na cultura do trabalho atual, na qual a demanda por produtividade e disponibilidade constante pode levar as pessoas a se sentirem coagidas a permanecerem sempre alerta e atentas, sem espaço para momentos de descanso ou contemplação.

Além disso, a influência das mídias sociais e da tecnologia na vida cotidiana também contribui para essa coerção à hipervigilância. A constante exposição a estímulos visuais e informativos, junto a pressão para estar sempre conectado e atualizado, pode criar um ambiente em que fechar os olhos para descansar, refletir ou simplesmente desconectar-se, torna-se cada vez mais desafiador.

Essa dinâmica ressalta a importância de encontrar um equilíbrio saudável entre a positividade e hiperatividade da sociedade contemporânea e a necessidade humana fundamental de descanso, introspecção e desconectividade. O reconhecimento dessa coerção à hipervigilância pode motivar discussões no âmbito da Educação sobre a importância do autocuidado, da pausa e do estabelecimento de limites saudáveis em um contexto social que valoriza a constante atividade e vigilância.

O sistema algorítmico ou de IA busca lançar os gatilhos para que o hábito seja retroalimentado pelas recompensas. “Depois que os gatilhos desencadeiam a ação, o comportamento deve ser reforçado a fim de formar o hábito de uso daquele serviço através de recompensas.” (Bentes, 2022, p.14). É possível fugir de tantos gatilhos já direcionados por meio de nossos próprios comportamentos?

Na era digital, as pessoas se expõem voluntariamente à vigilância, contribuindo ativamente para a construção de um “panóptico digital” Isso pode ser exemplificado pela forma como as pessoas compartilham abertamente suas vidas e pensamentos nas redes sociais, fornecendo uma quantidade massiva de informações pessoais que são acessíveis a um público amplo e muitas vezes desconhecido. “Ao contrário, as pessoas se expõem livremente ao olho panóptico. Elas colaboram intensamente na edificação do panóptico digital na medida em que se desnudam e se expõem” (Han, 2017, p. 63). Toda exposição gera ainda mais engajamento e apreensão da atenção para a contínua acumulação de dados para o panóptico digital.

A postura de exposição constante nas plataformas digitais, por meio de fotos, vídeos, atualizações de status e outros conteúdos, alimenta esse “olho panóptico” em que indivíduos se tornam vigilantes e vigiados ao mesmo tempo. A colaboração intensa na construção desse panóptico digital levanta questões sobre privacidade, segurança e o impacto psicológico dessa exposição permanente. O fenômeno evidencia a complexidade das relações entre tecnologia, privacidade e autovigilância na sociedade contemporânea.

E o resultado dessa acumulação de dados referente ao comportamento social e emocional está gerando inúmeras respostas da indústria psicológica, inclusive, oferecendo aplicativos e soluções para o bem-estar individual, reforçando ainda mais que apesar de o neoliberalismo propor ao indivíduo, que seja empreendedor de si e livre, as sugestões podem ser condicionadas a responsabilizar o próprio usuário pelo seu bem-estar psicológico e emocional. É o caso dos *PsiApps*, pesquisados no estudo realizado por Bruno *et al* (2021), evidenciando o que Mark Fisher (2016) chama de “privatização do stress”.

Esses aplicativos *PsiApps*, os quais denotam ao usuário autonomia no bem-estar por meio da utilização, não deixam claro o modo de compartilhamento das informações a terceiros e segundo a conclusão do estudo dos autores, “quase a totalidade admitir a coleta de informações pessoais e/ou de atividades do usuário, apenas quatro dos dez *PsiApps* são específicos sobre com quem compartilham os dados [...]” (Bruno *et al*, 2021, p. 45).

Stuart Russell, cientista da computação britânico e referência mundial em IA, afirmou que o objetivo é de maximizar o engajamento, e revelou em sua conferência realizada em 02 de maio de 2024 em São Paulo, que para atingir essa meta, esses algoritmos promovem conteúdos extremos e influenciam o comportamento das pessoas para torná-las mais previsíveis. “Acredito que a IA pode ter benefícios para a humanidade. Mas acho que os sistemas, como estão sendo feitos, são incontrolláveis. E espero que vocês enxerguem que existe outra forma de produzir IA e que permitirá que a humanidade fique no controle” (Russell, 2024). Todos estes sistemas são passíveis de erro e podem moldar comportamentos humanos irreversíveis.

Os gerentes de tráfego pago já coexistem com a acumulação de dados e tornam-se outro conceito de não formalização do acesso à informação. Os algoritmos das redes sociais exercem um poder significativo sobre o conteúdo que as pessoas veem, leem e ouvem. A transparência, responsabilidade e regulação dessas práticas são elementos essenciais para garantir uma relação equilibrada entre tecnologia, informação e sociedade.

O acesso e uso da internet, em vez de reduzir as desigualdades econômicas, pelo contrário, pode acentuá-las. “A alfabetização digital é um eufemismo para comprar, jogar

on-line, maratonar séries e se engajar em outros comportamentos monetizados e viciantes” (Crary, 2023, p. 37). Existem disparidades de acesso à tecnologia e infraestrutura digital entre diferentes grupos sociais e econômicos. Enquanto alguns indivíduos têm a capacidade de utilizar a internet para obter oportunidades educacionais, profissionais e de informação, outros podem se encontrar em situações de exclusão digital devido a limitações financeiras ou estruturais.

A menção à alfabetização digital como um eufemismo para atividades monetizadas e viciantes, como compras online, jogos e maratonas de séries, ressalta como o uso da internet pode ser direcionado para comportamentos que geram lucro para empresas, muitas vezes em detrimento do bem-estar e equilíbrio pessoal dos usuários. Essa dinâmica pode contribuir para o aprofundamento das desigualdades econômicas, à medida que certos grupos são mais suscetíveis a práticas de consumo excessivo e endividamento associadas aos ambientes digitais. A realidade de jogos de apostas é um exemplo de como estes sistemas são criados para captar o tempo e atenção do usuário e conseqüentemente se submetem às amarras monetárias que levam ao endividamento e problemas psicológicos graves.

Essa reflexão levanta questões importantes sobre o papel da internet na perpetuação ou mitigação das desigualdades econômicas, bem como sobre os impactos psicossociais do engajamento em atividades digitais monetizadas e viciantes, inclusive no público juvenil. Adentrando na contextualização de uma juventude permeada por relações históricas e sociais que constituem a sociedade na era do consumo, temos no próximo capítulo a apresentação do conceito juventude excitada.

3 JUVENTUDE EXCITADA: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

O jovem é forjado como sujeito social por meio de interações com o meio do qual faz parte ao longo de sua vida. Essas interações modificam-se e transmutam para um contexto de fluxo de informações mediadas pela ascensão da tecnologia em um contexto extenuante de emissões exacerbadas e de conexões ininterruptas. A adição por objetos como celulares e demais aparelhos eletrônicos com acesso à internet são objetos que prometem liberdade, mas entregam transtornos e limitação intelectual, sensorial, relacional, corporal. O uso de telas está inserido diante de uma dinâmica já de condicionamento pelas relações que se constroem em direção ao consumo.

É pensando na juventude como uma categoria social e histórica e, portanto, incluída nas relações que regem a sociedade capitalista de consumo e de adaptação às demandas da era tecnológica e do mercado de trabalho, que o presente capítulo desenvolve sua abordagem para apresentar a categoria juventude excitada.

3.1 UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO

O conceito de juventude é frequentemente abordado de forma multidimensional, envolvendo aspectos biológicos, psicológicos, sociológicos e culturais. Do ponto de vista biológico, a juventude é caracterizada como o período de transição entre a infância e a idade adulta, marcado por mudanças físicas e hormonais que culminam na maturidade sexual e no desenvolvimento físico. No âmbito psicológico, a juventude é reconhecida como uma fase de busca por identidade, autonomia e estabelecimento de valores pessoais.

Sob uma perspectiva sociológica, a juventude é considerada como um grupo social com características particulares, sujeito a influências culturais, econômicas e políticas que moldam suas experiências e oportunidades. Além disso, a juventude é frequentemente associada à vitalidade, à criatividade e à capacidade de transformação social, sendo reconhecida como um período de descobertas, aprendizado e construção de projeções para a vida adulta. Sendo a juventude uma categoria parte da engrenagem que rege as relações históricas, sociais e econômicas, conseqüentemente está inserida ao contexto de interesses mercantis do capital, sendo também levada ao ritmo de acesso às mais diversas formas de consumo.

Lá onde se instalou o consumo abundante, uma oposição espetacular principal entre a juventude e os adultos vem no primeiro plano dos papéis falaciosos: porque em

nenhum lado existe o adulto, senhor da sua vida, e a juventude, a mudança do que existe, não é de modo nenhum a propriedade destes homens, que são agora jovens, mas a do sistema econômico, o dinamismo do capitalismo. São as *coisas* que reinam e que são jovens; que se deitam fora e se substituem a si próprias.” (Debord, 2005, p.39)

Para que o jovem se estabeleça na sociedade, de modo que exerça seu papel de cidadão crítico e atuante nas dificuldades que surgem no meio em que vive, é necessário que tenha contato com o conhecimento significativo e sejam garantidos níveis mínimos de acesso e permanência na escola. “Muitas vezes, a pobreza os levava a uma inserção precoce no mercado de trabalho, o que os obrigava a conciliar o trabalho e o estudo, fato que interferia na qualidade no envolvimento com a escola, sendo um entre outros vários motivos a gerar uma trajetória escolar irregular.” (Leão *et al*, 2011, p. 1077). A evasão escolar é um dos problemas mais difíceis de se erradicar na educação básica e um dos intensificadores da desigualdade social.

Além disso, sabendo que esse público é construído historicamente e socialmente, possui suas origens e necessidades. Por isso, o período da juventude “[...] pode ser crucial para que ele se desenvolva plenamente como adulto e cidadão, sendo necessários tempos, espaços e relações de qualidade que possibilitem experimentar e desenvolver suas potencialidades.” (Leão *et al*, 2011, p. 1068). O conceito de juventude vem se desenvolvendo conforme os rumos que a própria sociedade estabelece, principalmente em relação à realidade em que os jovens estão inseridos, as quais são as mais diversas.

O termo *teenage* surge ainda no século XIX após ser observado que haveria uma categoria entre criança e adulto (14 a 18 anos) com características próprias de ações e reações, frente a todo o contexto armamentista e militar do período pós-guerra que utiliza também a força humana jovem. Desde esse período o jovem pode estar suscetível a servir a esse tipo de agenda pelo caráter revolucionário que possui, mas que claramente a história coloca muitas vezes como “ameaça”. Segundo Savage (2009, p. 11) “desde o início, *teenage* foi um termo de marketing usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes”.

Ainda de acordo com o mesmo autor, a construção de independência que o jovem almejou e que se estabeleceu nos anos 1900, tanto na Europa como na América, trouxe inúmeros mercados para captar e acompanhar essas mudanças de pensamentos, que já estavam bem demarcadas por meio dos movimentos decorrentes de obras que apresentaram este importante marco na sociedade.

[...] os jovens da Europa e da América adotaram novos símbolos de independência para si. Alguns vinham do então existente mercado juvenil para revistas e livros, enquanto outros eram retirados da mídia de massa em rápida expansão. O novo foco americano na juventude coincidiu com o crescimento da psicologia comercial e da indústria cinematográfica. Os filmes encontraram o seu primeiro mercado entre os adolescentes, que, segundo Stanley Hall, compunham um terço de toda a população americana. O seu entusiasmo fez deles cobaias involuntárias para a emergente sociedade de consumo. (Savage, 2009, p. 131)

O chamado sonho americano foi difundido através das inovações e da cultura de massa que promoveu essa nova forma de consumir, sendo que as telas começaram a colocar a juventude como vitrine e sua inexperiência como atrativo para apresentar esse mundo de sonhos que os adolescentes buscam. “Não era apenas uma cultura, mas um novo jeito de ver o mundo que rapidamente se tornou uma força incontrolável.” (Savage, 2009, p. 131). Um cereal ou refrigerante se tornava parte essencial de um dia a dia mais confortável.

A psicopatologia do inconsciente no cotidiano, já mencionada por Freud neste período, reforçou a noção de que poderia haver psicologia na vida cotidiana, uma mensagem que anunciantes, produtores e compradores se apropriaram para o consumo. Seu sobrinho Edward Bernays difundiu o pensamento freudiano na América, em que a irracionalidade que pairou sobre a sociedade poderia ser dimensionada para consumir produtos e ideias que chegassem a se conectar com o inconsciente e emocional humano. Nasceu nessa época a profissão hoje conhecida como relações públicas.

Com a popularização do cinema, uma década antes da primeira guerra mundial, a cultura de consumir sonhos (produtos) por meio de gastos (dinheiro) no cotidiano foi sendo apresentada como essencial para se ter uma vida mais agradável e segundo Savage (2009, p. 136) “o atrativo era o fato de que os mundos de sonho na tela correspondiam muito de perto à psique do adolescente em desenvolvimento”. A indústria cinematográfica ao povoar o sonho das pessoas, mira no inacabamento humano presente no jovem em desenvolvimento, que possui vontade de crescer e se tornar adulto.

No campo social e político, esse consumo idealista tratava a juventude como “radical” e por isso, era facilmente ludibriada desde os anos 1930 com a ascensão do período armamentista militar, com a promessa de liberdade e de protagonismo, sendo que a maioria não tinha a racionalidade constituída a respeito do que seria democracia. Esses jovens e adolescentes acabavam sendo consumidos por um instinto nacional deturpado ao extremismo, como foi observado na Alemanha nessa época.

Jovens que tiveram sua infância capturada, tanto os meninos para suprirem a necessidade militar, quanto meninas para demandas profissionais que surgiam nas indústrias,

buscavam ações de rebeldia ao adentrar precocemente na vida adulta na ilusão de obter recompensas prometidas pela transmutação adulta. “Em vez de “uma permanente sensação de bem-estar”, eles queriam o “prazer transitório”: excitação, alívio e gratificação instantânea.” (Savage, 2009, p. 443). Entrar no mercado de trabalho também significava para eles essa transmutação, embora fosse uma sensação passageira. Trata-se em certa medida de uma espécie de fetichismo no sentido de consumir um modo de agir para fazer parte de uma forma de vida ideal.

Muitos jovens nos anos 1930 e 1940 se rebelaram e formaram os chamados guetos e grupos para ações tratadas como delinquência juvenil. Nessa época, alguns países da Europa passaram a ter a cultura americana do consumismo como uma possibilidade para o jovem nutrir a ilusão de obter momentos de liberdade via cinema ou as pautas trazidas pela cultura americana. “Tratava-se de uma democracia de consumismo que parecia oferecer todo um conjunto de novas liberdades, ou, pelo menos, uma fuga do sistema estático de classes na Inglaterra.” (Savage, 2009, p. 443)

Não estando aptos ainda a constituir-se politicamente e psicologicamente ativos na sociedade, passaram a participar como peões no jogo de tabuleiro da guerra. “O consumismo oferecia o contrapeso para o tumulto e a rebelião: foi o jeito americano de desviar sem causar danos à energia destruidora dos jovens.” (Savage, 2009, p. 484). Tratava-se de uma ideia imediatista pela busca do prazer, por produtos, ditando a sociedade global, na qual a inclusão social é consumida pelo poder de compra.

Essa sistemática para atingir o público *teenage* também é adotada na era atual com a promessa de liberdade, direção e protagonismo de sua própria vida, que é amplamente difundida pelo consumo, ainda mais em jovens e adolescentes, obtendo assim a captura do tempo, atenção e racionalidade. A busca pelo fácil torna-se um mercado lucrativo atual, pois segundo Barber (2009, p. 113) “Permanecer jovem e ignorante é fácil; não exige nada além de ceder ao princípio do prazer”. Além disso, a sociedade atual enaltece o caminho mais fácil ou imediato como sendo o mais vantajoso para o sucesso, mesmo que esse caminho se distancie da felicidade de fato ou do conhecimento formal.

Assim, há crianças trocando suas possibilidades lúdicas e criativas por telas e jovens perdendo toda vivacidade das interações sociais para o *smartphone*. As guerras históricas que roubaram infâncias e juventudes em prol da carreira militar voltaram travestidas de uma apreensão da atenção, mas que agora captura totalmente a racionalidade. Crianças e adolescentes sempre foram os primeiros a adotar novas tecnologias. Introduziram-se na televisão nos anos 1960 e 1970, e nos computadores nos anos 1990.

O psicólogo social americano Jonathan Haidt (2024) argumenta que as novas tecnologias estão mais “portáteis, personalizadas e engajantes” mesmo para recém-nascidos. “Muitos pais descobriram que um *smartphone* ou um tablet poderia manter uma criança felizmente engajada e quieta por horas. Isso é seguro?”, questiona. “Ninguém sabe, mas como todo mundo estava fazendo, todo mundo presumiu que devia ser 'okay’” (Haidt, 2024, p.11). O que se sabe é que os mais jovens estão sempre como pioneiros na mira da indústria para o acesso a inovações tecnológicas, objetivando o acesso em massa.

3.2 JUVENTUDE E A ATUAL BASE MIDIÁTICA

Na década de 1940, as palavras *teenage* e *teenager* passaram a ser a nova definição de jovem como um mercado de massa identificável e alvo de infinitas marcas e produtos. Atualmente o mercado busca atingir por meio de crianças e jovens também seus pais adultos, tornando-se alvos perfeitos para o consumismo. “Ou seja, torne as crianças mais inteligentes – dê a elas o poder como consumidoras; e torne os adultos mais tolos, tirando deles o poder de cidadãos.” (Barber, 2009, p. 32).

Esse foco mercantilista de fomentar o consumismo precoce das crianças somente reforça a lógica infantil de incutir mais cedo um desejo permanente, que se constituirá em uma influência mais facilitada para captar o cliente posteriormente na vida adulta. “Muitos reformadores e sociólogos dos anos 1920 comentaram a respeito do intenso impacto psicológico do cinema sobre a juventude americana.” (Savage, 2009, p. 249). Essa sistemática se iniciou com as vontades hollywoodianas incutidas pelos filmes, foram reproduzidas pela TV em comerciais e hoje perduram nos anúncios presentes na internet entre vídeos e links. O modo como a juventude tem acesso ao conhecimento obteve uma mudança considerável a partir dos anos 2000 em todo o globo com os programas de inovação tecnológica e com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), inclusive no Brasil, como por exemplo, o Programa Nacional de Informática na Educação (PROINFO), que acelerou a informatização nas instituições de ensino de todo país.

Anteriormente, nossos alunos pesquisavam as informações em extensas enciclopédias e o conhecimento era compartilhado de formas mais manuais. O processo de digitalização nas escolas ocorre sob a pressão internacional do mercado, mas o mais importante a ser ressaltado, é a simplificação de ordem facilitadora com que este processo é divulgado, não cabendo aos educadores refletirem adequadamente sobre as nuances envolvidas.

O que se contesta é a ideia insana segundo a qual “a pedagogia deve se adaptar à ferramenta [digital]”, e não o inverso.[...] Primeiramente, é preciso atestar que aquilo que é aprendido tem um valor geral; isso significa mostrar que as aquisições realizadas se transferem para além das características específicas da ferramenta utilizada (quer dizer, afetam positivamente a performance escolar e/ou o bom desempenho em testes padronizados). Em segundo lugar, é necessário comprovar que o investimento digital oferece um ganho educativo. (Desmurguet, 2021, p. 115)

Hoje a preocupação nas escolas é justamente saber se o conhecimento acessado na rede mundial de computadores ou em *smartphones* está favorecendo a aprendizagem, se está sendo assimilado realmente ou se tornou apenas uma acumulação de dados. Uma pesquisa realizada por Quartiero (2011, p.186) sobre a expansão da Internet, relata que em 1994 o Brasil tinha 60 mil usuários, passou a ter um milhão em 1997, oito milhões em 2001 e em 2010 há um salto para 20 milhões. Já segundo o Levantamento TIC Domicílios de 2022, mais de 92 milhões de brasileiros acessam a internet apenas pelo celular.

A referida pesquisa de 2023 mostrou que 84% das residências no Brasil – em números absolutos, o equivalente a 64 milhões – estão conectadas à rede, um aumento de quatro pontos percentuais na comparação com 2022 (80%). Quase a totalidade (99%) dos usuários de Internet brasileiros com 10 anos ou mais se conectou à rede pelo telefone celular, que segue como o dispositivo mais utilizado para essa finalidade. Em segundo lugar, aparece a televisão (58%), dispositivo cujo uso vem aumentando há uma década. Já a conexão via computador permaneceu estável, com 42%. Uma mudança vertiginosa tanto no número de acessos como nos aparatos acessados e que possui reflexos diretos na educação.

[...]em períodos históricos anteriores havia a possibilidade de postergar decisões ou tomadas de atitudes diante da adesão e o envolvimento com tecnologias, estamos em um momento em que esta opção não está mais em discussão: a resposta parece ser em aderir ou aderir. Nesse sentido, reveste-se de grande importância discutir como as atuais tecnologias digitais podem ser incluídas criticamente nas instituições escolares públicas. (Silva *et al*, 2012, p. 179)

Após a inserção de tecnologias educacionais e com o surgimento dos *smartphones* está sendo observado um fenômeno contrário ao avanço tecnológico. Ao mesmo tempo que jovens podem auxiliar uma pessoa adulta de maior faixa etária a utilizar o celular de forma mais ágil, esses mesmos jovens estão perdendo a habilidade ou não buscam mais utilizar ferramentas no computador como criar pastas, planilhas, ou simplesmente enviar um e-mail (revista Veja, 2024). Estas habilidades específicas são parte da geração que iniciou o uso do computador nos anos 90.

Considerando esse cenário, professores e pais reclamam do comportamento inadequado de uma geração hiperconectada. “A tela, o grande recheio do tempo livre, penetrou profundamente, por meio do computador, no mundo do trabalho; a coordenação de processos inteiros de produção e administração perpassa por ela [...]” (Türcke, 2010, p. 267). Estar próximo de um celular já pode distrair e prejudicar a aprendizagem dos alunos. Há cada vez mais problemas recorrentes sobre este acúmulo extra de dados por parte de jovens e relacionados ao uso exacerbado da tecnologia e em diversos casos, sem os devidos acompanhamentos.

Ademais, um estudo procurou entender o comportamento de mais de três mil crianças de 5 anos. Aquelas que possuíam uma televisão em seu quarto eram quase três vezes mais numerosas entre as que registraram um consumo diário superior a 2 horas. O mesmo ocorre com os videogames. As crianças que tinham um console em seu quarto corriam três vezes mais o risco de apresentar uma utilização diária superior a 30 minutos. Resultados comparáveis foram verificados em indivíduos mais velhos, sejam eles pré-adolescentes ou adolescentes. (Desmurguet, 2021, p. 54).

Não é incomum observar em salas de espera de consultórios, aeroportos e demais locais, em que pais colocam diante de seus filhos aparelhos como *tablets*, *smartphones* para que sejam capturados por jogos, programas ou plataformas de *streams*. “Simplificando, as interações organizadas diante de uma tela são possíveis, porém menos ricas e substanciais que aquelas realizadas sem telas.” (Desmurguet, 2021, p. 67). Obviamente, há conteúdos educativos no mercado, os quais podem favorecer o desenvolvimento da criança ou adolescente com a devida mediação do adulto.

Sobre o uso de telas, o autor é enfático em afirmar que minam os três pilares mais essenciais ao desenvolvimento infantil: o primeiro diz respeito às interações humanas; o segundo é a linguagem e o terceiro ponto refere-se à concentração. Lembke (2022, p. 84) também alerta para o uso moderado da tecnologia para crianças e jovens, as chamadas drogas digitais “os *smartphones*, passaram a se integrar a tantos aspectos da nossa vida, imaginar como moderar seu consumo, para nós mesmos e para nossos filhos, tem se tornado uma questão de urgência”. A médica relata além de casos de pacientes, a dificuldade que foi deixar seus próprios filhos sem o uso do celular enquanto eles viam seus amigos utilizando.

Um estudo alemão voltado para alunos de 10 a 17 anos mostrou que o desempenho obtido em matemática um ano depois do início do ensino decrescia em proporção ao tempo de tela observado no começo do estudo. Desmurguet (2021) defende que

para não comprometer o desenvolvimento intelectual, crianças de até 6 anos não devem ser expostas a telas e após os 6 anos, com a supervisão de um adulto, a exposição deve ser de no máximo 30 minutos a uma hora por dia.

O uso excessivo de telas está associado a menor desempenho acadêmico, problemas de atenção e piora na qualidade do sono, segundo estudo da revista *Jama Pediatrics* (2024). A revista *Frontiers in Psychiatry* publicou já em 2021 um estudo observacional transversal realizado no Reino Unido com 1.043 participantes com idades entre 18 e 30 anos, o qual apontou que 39% dos jovens adultos relataram dependência de *smartphones*, a qual está associada a sono de má qualidade. Outra pesquisa publicada em 2025 na mesma revista, com mais de 45 mil estudantes da Noruega, indica que cada hora adicional de uso de telas foi associada a um aumento de 63% no risco de insônia e a uma redução de 24 minutos no tempo de sono. (BBC, 2025).

Haidt (2024) utiliza uma vasta base de pesquisas para mostrar que a geração Z, aquela nascida após 1995, é a mais ansiosa da história. Mostra, também, que os adultos de outras gerações nunca viram uma queda em sua sanidade mental como a que aconteceu nos últimos 15 anos. Segundo o autor, falta às *big techs* pesquisas sobre o impacto mental de seus produtos em crianças e adolescentes. Falta, também, uma clareza mais ampla de que seus negócios estão “mudando o desenvolvimento humano numa escala quase inimaginável” (Haidt, 2024, p. 11).

O que se sabe é que esse conjunto de empresas detém o mercado tecnológico mundial desde 2020 e possui lucro de mais de 1 trilhão de reais. O autor defende que a proibição de celulares ameniza três dos quatro prejuízos fundamentais da infância baseada no celular: atenção fragmentada, privação social e vício. Além disso, expõe quatro normas indispensáveis para tentar frear ou diminuir os efeitos na saúde mental de crianças e jovens: não utilizar *smartphones* antes do Ensino Fundamental; não acessar redes sociais antes dos 16 anos; proibição do uso de celulares nas escolas; e maior independência infantil com brincadeiras não supervisionadas, preferencialmente com interações sociais. (Haidt, 2024)

A tecnologia possui a capacidade de manter o indivíduo inerte, respondendo apenas aos estímulos interativos que captam a sua atenção e de forma contínua, buscando a ininterrupção como um preceito natural. “A definição genérica de adicção é o consumo contínuo e compulsivo de uma substância ou um comportamento (jogos, videogame, sexo), apesar do mal que fazem para a pessoa e para os outros” (Lembke, 2022, p. 23). Apesar de alertas quanto aos prejuízos para saúde física e mental, amplia-se o problema do consumo

compulsivo desenfreado com que nos deparamos hoje, mesmo quando temos uma vida tranquila.

Uma população diversa de alunos (do ensino fundamental à universidade) foi observada durante uma sessão de trabalho de quinze minutos. Em média, os participantes passaram somente 10 minutos estudando. Apesar da presença inquisidora de um pesquisador, eles não conseguiram ultrapassar 6 minutos de concentração antes de se lançarem esfomeados sobre seus aparelhos eletrônicos. (Desmurguet, 2021, pág. 185). O fato de ter um celular ao lado, mesmo que inerte, para muitas pessoas é perturbador e possibilita a desconcentração para a execução de tarefas simples.

Soma-se a isso, o fato de a própria tecnologia ser adictiva ou viciante por meio de suas luzes vibrantes, interatividade, musicalidade, que capturam a atenção com muita facilidade; seu conteúdo limitado e a promessa de que com uma participação contínua do usuário, haverá recompensas cada vez maiores. É o caso dos vídeos em plataformas com limites de tempo. Apesar de haver um tempo mínimo de execução em cada vídeo, o chamado código algoritmo utilizado, direciona o usuário para executar outros vídeos relacionados e com a mesma duração, não sendo perceptível a continuidade e volume de acessos ininterruptos.

No atual ecossistema rico em dopamina, todos nós nos tornamos prontos para uma gratificação imediata. Queremos comprar alguma coisa, e no dia seguinte ela aparece à nossa porta. Queremos saber alguma coisa, e no segundo seguinte a resposta aparece na nossa tela. Estamos perdendo a habilidade de descobrir coisas, ficando frustrados enquanto buscamos a resposta ou temos que esperar pelas coisas que queremos? (Lembke, 2022, p. 97)

O complexo internético é muito sagaz nesse ponto, ao levar o usuário a pensar que ele pode ser autônomo em termos de acesso, porém jamais haverá neutralidade no quesito de apreensão da atenção, sempre haverá a captura do usuário, visto que toda a estrutura foi pensada pelo mercado para isso. Essa distração com dispositivos pode estar contribuindo para o aumento considerável da ansiedade, já que a estrutura utilizada nas redes é de uma abreviação do tempo e do conteúdo, na qual o usuário passa a adquirir impaciência para conteúdos mais complexos, que envolvam uma maior percepção ou reflexão, como no caso da leitura de textos, de ouvir atentamente uma palestra ou ter uma conversa e simplesmente ouvir o outro com atenção plena.

Conforme Lembke (2022, p. 45): “Todos nós fugimos do sofrimento. Alguns tomam comprimidos. Alguns se estendem no sofá, maratonando Netflix. Outros leem

romances baratos. Fazemos praticamente qualquer coisa para nos distrairmos de nós mesmos”. A tecnologia capta essa necessidade do ser humano de abster-se de si mesmo, já que influencia na distração e até na fantasia de emitir/expor uma vida diferente da realidade vivida para ser percebido ou ganhar *likes*.

A questão da aceitação, validação e aprovação por terceiros está muito presente atualmente na vida das pessoas, principalmente entre os jovens. Em um mundo de influenciadores digitais, personalidades, a comparação há muito tempo deixou de existir entre colegas, vizinhos, agora o sucesso é ditado pela exposição de ser bem-sucedido ou de dispor de experiências, mesmo que efêmeras. “Mesmo em todas as formas de interação humana vale o seguinte: quem não chama atenção constantemente para si, quem não causa uma sensação corre o risco de não ser percebido.” (Türcke, 2010, p. 37). O compartilhamento pessoal de imagens e opiniões é fato normalizado em nosso cotidiano, principalmente com o uso de redes sociais.

Uma reportagem do jornal El País revelou que tirar *selfies* em cenários tão espetaculares quanto arriscados está na mira de epidemiologistas. “É o que demonstra um estudo da Fundação iO, especializada em Medicina Tropical e do Viajante, que revela que, entre janeiro de 2008 e julho de 2021, pelo menos 379 pessoas morreram por este motivo – uma a cada 13 dias, em média” (El País, 2021). A questão de prazeres temporários oriundos de estímulos artificiais que promovem elevação dos índices de dopamina levam a insaciedade e consequente compulsão, como elucidada Türcke (2010, p. 250) ao descrever a sensação absoluta “Este é um mundo de sensação absoluta: o completo, isolado e desesperançoso deleite da felicidade na forma de seu fugaz substituto.”

Ao postar uma *selfie*, por exemplo, o ser humano está emitindo sobre si e esperando uma reação das pessoas positivas (curtida), mas essa aprovação dura algumas horas e o cérebro busca por outras formas de emitir e de se fazer notável. “A mídia social contribuiu para o problema do falso *self* ao tornar muito mais fácil para nós, e até nos incentivando, a seleção de narrativas da nossa vida que estão longe da realidade” (Lembke, p. 167). A vida moderna torna-se um recorte de cenas que traduzem ações momentâneas apresentadas de forma veloz e contínua de modo a evitar esquecimento.

Kornbluh (2025, p. 72) elucidada a respeito das relações mediadas por imagens e na fluidez pela chamada imediatez que se estabelece via tecnologia, pois “quanto mais as imagens recobrem o nosso mundo da vida – quanto mais profusa a hipercirculação, quanto mais reluzente o giro para o vídeo, quanto mais profusa as *selfies* – tanto mais efetivamente o

substrato midiático impulsiona um imenso imaginário”. A mesma autora chama atenção para o fato de que a imediatez está tornando as pessoas narcísicas do ponto de vista psicológico.

O apelo do narcisista à confirmação pelo outro transmite inversamente um esforço de fazer contato com uma zona de alteridade; agora tais esforços são canalizados por tecnologias arquitetadas para curto-circuitar a relação deliberada e produzir um número cada vez maior de imagens e uma circulação cada vez mais rápida. (Kornbluh, 2025, p. 74)

A tecnologia, a qual poderia unir e aproximar as pessoas, está cada dia mais tornando o ser humano solitário e individualista. Uma reportagem do jornal da TV Cultura apresentada na edição 20 de setembro de 2023 chama atenção para o uso da tecnologia por meio dos aplicativos e IA entre os jovens e faz um alerta sobre as transformações no comportamento social, no qual 25% dos jovens brasileiros consideram que uso de aparelhos eletrônicos causam distanciamento físico (VTRENDS/VIVO, 2023). A mesma reportagem aponta que pesquisadores da Universidade de Harvard alertam que a solidão é tão perigosa quanto fumar quinze cigarros por dia.

O primeiro estudo da Comissão sobre Conexão Social da OMS, divulgado em junho de 2025, menciona que a solidão e isolamento afetam pessoas de todas as idades, incluindo um terço dos idosos e um quarto dos adolescentes. “Adolescentes solitários têm 22% mais chances de obter notas mais baixas do que seus pares, enquanto adultos com esse problema enfrentam maiores dificuldades para encontrar ou manter um emprego.” (Istoé, 2025). Os seres humanos se comunicam há milhões de anos por meio de palavras, expressões faciais, linguagem corporal, voz e gestos em interações sociais. Isso se perde quando as pessoas dependem exclusivamente de celulares e redes sociais.

Quando nossa experiência vivida diverge da nossa imagem projetada, estamos propensos a nos sentir descolados e irreais, tão falsos quanto as imagens falsas que criamos. Os psiquiatras chamam essa sensação de desrealização e despersonalização. É uma sensação apavorante, que normalmente contribui para ideias de suicídio. Afinal de contas, se não nos sentimos reais, dar fim à vida parece inconsequente. (Lembke, 2022, p. 167)

A distração com dispositivos pode estar contribuindo para a depressão e a ansiedade. É comum observar reportagens, informativos dos órgãos de saúde preocupados com o elevado número de pessoas, inclusive jovens que já incluem em suas rotinas medicamentos antidepressivos ou para ansiedade. “O uso de antidepressivos, como paroxetina, fluoxetina e citalopram, está crescendo em países de todo o globo e os Estados Unidos encabeçam a lista” (Lembke, 2022, p. 40).

Segundo relatório de 2022 da OMS, em 2019, quase um bilhão de pessoas – incluindo 14% dos adolescentes do mundo – viviam com um transtorno mental. O suicídio foi responsável por mais de uma em cada 100 mortes e 58% dos suicídios ocorreram antes dos 50 anos de idade. A taxa de suicídio de adolescentes cresceu 70% de 2006 a 2019, enquanto a taxa geral de suicídio cresceu 2% ao ano no mesmo período (Kornbluh, 2025). Esse panorama se perpetuou ainda mais com o surgimento da pandemia de COVID 2019, período em que as interações com as telas tiveram um salto. Dentre os reflexos de tal condição, está a infinidade de pessoas que relatam algum tipo de transtorno ou comportamento compulsivo adquirido após experienciar um período tão diverso e exaustivo, com interações totalmente digitais.

A análise de um conjunto de quase 1 milhão de dados divulgados em um estudo recém-publicado na *The Lancet Regional Health* (Cidacs/Fiocruz Bahia, 2024) aponta que a taxa de suicídio entre jovens cresceu 6% ao ano no Brasil entre os anos de 2011 e 2022. Já as taxas de notificações por autolesões na faixa etária de 10 a 24 aumentaram 29% a cada ano nesse mesmo período. O número foi maior que na população em geral, cuja taxa de suicídio teve crescimento médio de 3,7% ao ano e a de autolesão 21% ao ano, neste mesmo período.

Os dados convergem para o período em que surgiram e perpetuaram as redes sociais com foco maior na projeção da imagem, como por exemplo o Instagram. Segundo uma reportagem da edição 18 da Globo News de 2023, nos Estados Unidos, 41 estados entraram na Justiça contra a empresa Meta, que controla as redes Facebook, Instagram e Whatsapp. As autoridades alegam que essas plataformas viciam as crianças e estão contribuindo para uma crise de saúde mental entre os mais jovens. Autoridades afirmaram que a companhia enganou os usuários e usou, de forma consciente, ferramentas de notificações e de rolagem para manter os jovens conectados nas redes sociais. Alegaram que recursos como filtros e curtidas têm impacto negativo na autoestima dos adolescentes.

A posição de cientistas que defendem que, por exemplo, IA pode se tornar uma ferramenta incontrolável se torna justificável em relação ao uso por jovens, os quais estão em desenvolvimento cognitivo e psicológico e são mais vulneráveis a solicitar apoio à IA. Essas ferramentas são treinadas e constantemente devem ser revistas, de modo que se obtenha mais segurança ao expor dados pessoais. O chatGPT teve que rever a partir de setembro de 2025 suas configurações de segurança em relação a adolescentes e jovens depois que os pais do adolescente que se suicidou após o ChatGPT orientá-lo sobre métodos de autoagressão processaram a OpenAI, dona da IA. “Adam Raine, de 16 anos, morreu em 11 de abril de 2025 após conversar por meses sobre suicídio com o ChatGPT, de acordo com a ação judicial

apresentada pelos pais dele no tribunal estadual de São Francisco, nos Estados Unidos.” (Portal G1, 2025).

Uma recente pesquisa liderada por cientistas do laboratório internacional *Sapien Labs* analisou dados de quase 2 milhões de pessoas, evidenciando que quanto mais cedo a criança teve acesso a um *smartphone*, piores são seus indicadores de saúde da mente: “Entre jovens adultos que ganharam um celular aos 5 anos, os sinais de sofrimento psíquico grave — como pensamentos suicidas ou sensação de desconexão com a realidade — são quase o dobro dos que só passaram a usar o aparelho após os 13 anos.” (G1, 2025). Os prejuízos relacionados à saúde mental podem abranger fatores emocionais, cognitivos e sociais.

Alguns países estão tomando medidas imediatas para tentar frear os efeitos negativos do acesso a conteúdos indevidos ou que atrapalham o desenvolvimento cognitivo de crianças e jovens. A Austrália aprovou recentemente uma lei inédita no mundo para proibir redes sociais a menores de 16 anos. (CNN, 2024). No Brasil, o Governo Federal aprovou a lei nº 15.100/2025, que proíbe o uso de celulares por alunos dos ensinos infantil, fundamental e médio. As exceções são as de fins pedagógicos acompanhados por professores ou por estudantes que necessitem de acessibilidade (Brasil, 2025).

O documentário “O Dilema das Redes” (Netflix, 2020) evidenciou esta questão, colocando especialistas em TI e redes, dos quais alguns inclusive eram ex-integrantes da empresa Meta e outras famosas no ramo, alertando para os riscos de exposição por meio da conexão ininterrupta e proposital. O usuário era comparado a um avatar que era retroalimentado pela quantidade de tempo em que ficasse conectado e obviamente servindo ao mercado e gerando lucro, sendo que essa lógica mercantil atua em diversas frentes. “Desde 2004, os dados de consumo do tempo mostram que os homens mais jovens claramente mudaram seu lazer para jogar videogames e outras atividades recreativas em computador”. (Lembke, 2022, p. 99).

Comumente há ações do mercado que já estão sendo tratadas pelo prisma da infantilização, já que apresenta os mesmos artifícios para captar a atenção de crianças no sentido de conduzir o adulto ao efeito hipnótico e cada vez mais infantilizado sobre si. Geralmente, a infância é dividida em estágios como lactente, criança, pré-adolescente, adolescente etc. No entanto, a expressão “segunda infância” pode envolver características ou comportamentos associados à infância.

A segunda infância ou juventude tardia (para muitos eterna) “trata-se de um etos de infância induzida: uma infantilização que está intimamente associada às demandas do capitalismo de consumo numa economia de mercado global.” (Barber, 2009, p. 13). Não

somente os já famosos parques temáticos de diversões são construídos, mas o mercado reproduz globalmente o mundo da fantasia para incutir nos potenciais clientes a consumirem tudo que decorre desse ideário fabricado. Há cidades que estão buscando essa identidade com a fantasia, literalmente sendo fabricadas para o consumo de produtos e conteúdos pelas famílias, e obviamente visando lucros estratosféricos, sendo que já existem várias cidades sobrevivendo dessa cultura no formato “Disney” de ser e lucrar.

O alvo busca tanto adolescentes com inexperiência e abreviando cada vez mais a infância, com a tendência a serem influenciados nos gostos, como também os adultos a serem captados a continuar consumindo em um mercado permanente infantilizado, como por exemplo, o mundo virtual de games. A tendência do jovem de buscar o mais fácil e o mais rápido de consumir, seja qual for o conteúdo ou bem, vai instalando uma cadeia de produção para consumo imediato e ininterrupto e com demandas recorrentes.

Ao passo que gerações anteriores sequer tomaram conhecimento de um aparelho de celular, o que vemos hoje em dia são crianças e adolescentes se referindo a um *smartphone* como sendo parte de seus corpos ou continuação deles, não tendo dimensão do que é viver sem a utilização destes dispositivos e “não se trata, necessariamente, de vestir uniformes ou andar em passos sincronizados, mas sim de estar ligado, em condições de emitir.” (Türcke, 2010, p. 65). O celular virou parte integrante em qualquer ambiente, mesmo que sem uso contínuo, sua ausência gera inquietação por parte do usuário.

Crianças e jovens expostos a algum tipo de tecnologia ou dispositivo, chegam ao ponto de chorar ou esboçar muito desconforto quando tem seu dispositivo confiscado. É uma dinâmica espetacular cobrando atenção ininterrupta “É a partir dessas experiências que se pode reconhecer o terrível poder que as chamadas ideologias podem exercer sobre os jovens. Uma vez cedendo a essas ideologias, eles vêem sem ver e ouvem sem ouvir.” (Savage, 2009, p. 370). O complexo internético já não precisa mais apreender a atenção por meio de tanta propaganda, já que seus usuários sentem a necessidade quase que natural de estarem com o dispositivo ligado à internet para não deixar de receber ou emitir uma notificação.

Nomofobia é o novo termo utilizado para designar o medo irracional de ficar sem o seu celular ou ser impedido de usá-lo por algum motivo, como ausência de conexão à internet ou bateria descarregada. Nomofobia, ou *No Mobile Phone Phobia*, é o medo irracional e excessivo de ficar sem o celular. Essa condição se manifesta como ansiedade, pânico e irritabilidade ao se deparar com a impossibilidade de usar o aparelho. Essa nova condição tem impactos negativos consideráveis nas interações sociais, levando ao isolamento

e à dificuldade em construir relações saudáveis. A preferência pelo mundo virtual em detrimento de encontros presenciais causa isolamento social e fragiliza os laços interpessoais. A Nomofobia dificulta a manutenção de conversas e conexões significativas, pois a atenção é constantemente desviada para o celular.

O aumento do tempo online e a exposição constante às redes sociais contribuem para o *cyberbullying* e a vulnerabilidade a ataques online. A lei 14.811/2024, inclui os crimes de *bullying* e *cyberbullying* no Código Penal, com reclusão de dois anos a quatro anos, além de multa. No mesmo ano, com a legislação sancionada, houve a primeira condenação por *cyberbullying* no país. Foram mais de 121 mil denúncias, uma média de mais de 10 mil por mês, segundo o Colégio Notarial do Brasil (2024). Já a lei 14.132/21 inseriu no Código Penal o art. 147-A, denominado “crime de perseguição” *stalking*. Dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos apontam tendência de alta nos registros de denúncias de crimes sexuais em ambiente virtual.

No primeiro semestre de 2022, mais de 78 mil denúncias foram reportadas na referida ouvidoria. Basta levar o celular a qualquer lugar, estando sozinho ou acompanhado de outras pessoas, que surge uma ânsia por buscar a conectividade por *Wi-Fi* para o chamado “estado de espera”, como uma nova função do corpo humano. Os jovens nestes casos, que não tiveram interações sem o uso de dispositivos móveis, se entediam com maior facilidade em eventos que não dispõem de conectividade digital. Ademais, surpreendem-se com o fato de uma pessoa ler um livro impresso ou fazer qualquer atividade sem a companhia de dispositivos eletrônicos. Por outro lado, se forem questionados sobre o que absorveram do último vídeo ou conteúdo que viram em suas redes sociais, esses mesmos jovens não saberão descrever exatamente o que lembram ou o que apreenderam de relevante.

Ao passo que podem estar conectados, executando cliques em uma barra de rolagem de forma ininterrupta, há somente uma dispersão e distanciamento do mundo real e que denota superficialidade. E quanto ao fato de que essa condição de emissão incessante e ilusória sobre si para outrem pode estar formando gerações futuras sem traços de coletividade e profunda conexão com o humano? Kornbluh (2025, p. 55) coloca esse modo incessante de emissão e mediatização por imagem em relação a fluidez nas relações e ações nas quais a “instantaneização de comunicações e troca acelera a sensação de imediatez não só como rapidez, mas também como plenitude, o instante como presença intensa, um "sempre ligado", sempre disponível, indistinto do tempo desconectado, de folga.” O que se tem em concreto é que a informação relevante sobre esse paradigma de aceleração de emissão por meio do uso

de aparatos tecnológicos urge ocorrer por meio da educação para tentar frear estes sintomas de deterioração no desenvolvimento intelectual das atuais e futuras gerações.

Monitorar quanto tempo passamos consumindo determinada coisa – por exemplo, cronometrar o uso do *smartphone* – é uma maneira de ficar atento e, assim, diminuir o consumo. Quando temos conhecimento de fatos objetivos, como a quantidade de tempo que estamos usando, ficamos menos capazes de negá-los, e assim em melhor situação para agir. No entanto, isso pode ficar muito difícil com muita rapidez. (Lembke, 2022, p. 95)

O entendimento e a reflexão sobre os impactos dessa cultura sensorial são essenciais para promover um equilíbrio saudável entre o mundo digital e as experiências do mundo real. “Vista da perspectiva do adulto, a velocidade tornou-se a forma moderna suprema de vaidade juvenil: tempo mexido, tempo controlado, tempo acelerado, tempo superado” (Barber, 2009, p. 116). Todo mercado tecnológico é pensado para se manter longe da monotonia típica das atividades mais manuais conhecidas e anteriormente exercidas pela população mais adulta, perfazendo na velocidade de interações o alvo direcionado ao público mais jovem.

Uma reportagem da BBC News, em seis de janeiro de 2024 evidenciou que o personagem mais procurado para conversas por jovens em aplicativo de *chatbot* se chama *Psychologist*, que se apresenta como alguém que ajuda nas dificuldades da vida. Mas quem está por trás dele? Muitas pessoas estão buscando essas opções para a saúde mental e médicos e psicólogos relatam o que pode ser uma nova realidade devido a alta demanda de sintomas psíquicos, muitas vezes pelo custo e benefício facilitado por essas tecnologias. Os profissionais alertam também para as interações limitadas e criadas artificialmente por um programa de IA em comparação com as respostas que seriam dadas por um profissional em interação presencial com reflexões e raciocínios tipicamente humanas, ao passo que os modelos de IA atuais buscam padrões e recorrências de respostas ou comportamentos.

A relação entre a lógica de aceleração, o uso excessivo de tecnologia e os problemas psicológicos decorrentes é uma área de crescente preocupação. Segundo dados da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, entre os anos de 2019 e 2022 houve um crescimento de 64% nas taxas de lesões autoprovocadas intencionalmente por crianças e adolescentes, como tentativas de suicídio, por exemplo – números que estariam relacionados ao uso de telas por esse segmento etário.

Uma reportagem de 23 de março de 2023 do jornal O Globo, relata que o Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais no mundo. A pesquisa da Nielsen

encomendada pelo Google, realizada em 2023 para avaliar os hábitos digitais de crianças e adolescentes no Brasil, apontou que os adolescentes (entre 13 e 17 anos) usam a internet por três ou mais horas por dia. A relação intrínseca entre a depressão e a chamada modernidade tardia, ressalta o caráter patológico que essa condição assume no contexto contemporâneo para a crescente incidência, particularmente entre os jovens, como uma manifestação sintomática da complexa dinâmica temporal característica da modernidade tardia.

Assim, a depressão se torna, em terceiro lugar, a patologia da Modernidade Tardia, não apenas por sua ocorrência crescer claramente e, o que parece historicamente novo, acometer cada vez mais jovens, mas ainda mais fortemente pelo fato de parecer incorporar e confirmar aqui, da perspectiva temporal da identidade situacional, a experiência temporal da paralisia frenética em uma forma puramente patológica. (Rosa, 2019, p. 501).

A experiência de paralisia frenética, associada à aceleração e estagnação simultâneas que marcam a atual conjuntura, encontra na depressão um desdobramento patológico, revelando a profunda interação entre as condições socioculturais e as manifestações psicopatológicas. Uma reportagem da Folha de São Paulo de 23 de abril de 2024 (Folhateen, 2024), ouviu jovens do nono ano do ensino fundamental e dos três anos do Ensino Médio para saber o que mais os deixa ansiosos no celular e foram ditas falas como: “Acabo me comparando muito com outras pessoas, como modelos *influencers* etc. Isso me gera uma baixa autoestima” e “Não acho que isso (o celular) faça bem para mim e para outras pessoas”. As falas evidenciam que o desconforto gerado por meio da comparação com a vida de outras pessoas nas redes sociais é o sintoma mais comum entre jovens.

Essas juventudes vivenciam as transformações, fruto e consequência das sociedades capitalistas contemporâneas, em que aqueles com marcadores identitários, em especial os raciais, de classe e gênero e sexualidade, enfrentam as desigualdades sociais, econômicas e educacionais de forma mais profunda e se inserem de maneira restrita nos circuitos de tecnologia, informação e comunicação, ao mesmo tempo que se favorecem, de modo protagonista, das tecnologias como formas de organização coletiva e de aprendizado, superando o apelo da cultura de consumo que induz e estimula sonhos e fantasias irreais e temporários. (Ferreira; Castaman *et al*, 2024, p. 233)

É importante que a sociedade, as instituições e os indivíduos abordem essas questões emergentes entre os jovens de maneira consciente, promovendo um equilíbrio saudável entre o avanço tecnológico e o bem-estar psicológico. A disseminação rápida e globalizada de informações por meio das mídias sociais e demais plataformas digitais têm impacto direto na formação da identidade dos jovens, na percepção do mundo do trabalho e nas expectativas em relação ao futuro.

3.3 JUVENTUDE E TRABALHO

A juventude enfrenta desafios significativos em relação ao trabalho, influenciados por mudanças econômicas, sociais e tecnológicas. A transição para o mercado de trabalho tem sido impactada pela precarização, a automação de tarefas e a instabilidade econômica, o que pode gerar incertezas e ansiedades entre os jovens em relação ao seu futuro profissional. Além disso, a pressão por inserção no mercado de trabalho, aliada às expectativas de sucesso e realização pessoal, pode criar um ambiente desafiador para os jovens. A competição acirrada, a necessidade de adquirir habilidades especializadas e a adaptação a ambientes de trabalho em constante transformação são aspectos que influenciam a vivência dos jovens no contexto laboral.

Uma escola que não observa sua comunidade nas práticas pedagógicas, afasta o jovem da escola, pois ele não vê sentido no ensino que aparentemente está distante da sua realidade. Tal evasão vai perpassar o mundo do trabalho com trabalhadores sem qualificação, muitas vezes pouco críticos e que não conseguem se firmar ou mesmo avançar profissionalmente. O modo de produção capitalista forma indivíduos voltados exclusivamente para o mercado, para a formação de jovens que têm uma visão unilateral dos fatos da vida; seu contexto de formação não engloba características de multidisciplinaridade.

Simões (2010) propõe que a educação profissional seja uma possibilidade do aluno perceber um sentido no que está estudando, através de uma qualificação, adequada ao seu perfil e as demandas sociais, tornando-o parte do sistema produtivo. A identidade profissional é quesito de relevância para que o sujeito executante de determinada atividade perceba sentido no que faz. Além, é claro, do reconhecimento social e do conhecimento investido na atividade. A identificação do sujeito com sua profissão faz com que ele continue a realizar tal atividade, ou, diferente disso, a não identificação leva o indivíduo a traçar novos caminhos que lhe são permitidos dentro de suas qualificações.

A juventude vive a dubiedade entre ingressar no mundo do trabalho ou se qualificar para este. Este impasse faz parte da realidade dos jovens das classes menos favorecidas, que buscam ainda sem ter concluído a educação básica, sua inserção no mundo do trabalho sem a qualificação que lhes garanta um trabalho estável. A elevação do número de vagas para a educação básica e a inserção do jovem pobre à escola não é para ele garantia de permanência nem de prosseguimento de seus estudos, numa perspectiva de elevar sua

condição social e cultural. Trata-se então de uma falsa inclusão, ou seja, de uma inclusão excludente.

No passado, as trajetórias educativas eram bem definidas no sentido de haver uma formação claramente preparando um trabalhador para uso da mão de obra e, outro para o uso do intelecto. Pelo processo de formação, alguns iriam ser operadores e, outros, dirigentes. O sistema de ensino sempre foi direcionado para a classe alta e média alta. No entanto, sob a nova proposta de oferecimento de uma educação geral para todos, é preciso ter certo cuidado ao atribuir tal postura somente aos interesses do capital, pois essa é uma questão antiga de alguns setores da sociedade em prol da população mais pobre, que historicamente ficou excluída do ensino geral, mais conhecido como ensino propedêutico.

O ponto crítico seria entender como essa expansão da educação geral tem se realizado, quais as suas reais intenções, qual a qualidade da sua oferta e, se ela ampliou também as oportunidades de inserção no mundo do trabalho. A classe trabalhadora em nosso país sofre com problemas na estrutura dos serviços de ensino há décadas. Nossa herança cultural escravista favoreceu o desnível educacional entre a classe dominante e a classe dos trabalhadores.

Em nosso país, a situação da classe trabalhadora é muito mais degradante que nas regiões de capitalismo avançado, onde, de uma ou outra maneira, passou-se pelo estado de bem-estar social, o que garantiu aos trabalhadores alguns direitos sociais básicos e a manutenção deles, mesmo em meio à crise atual. (Moura *et al.*, 2015, p. 1071)

Ao defender a educação básica para os trabalhadores e a educação específica para os que exercerão trabalho intelectual, assegura para o capital o conhecimento que permite inovação. Desse modo, a aparente disponibilização de oportunidades educacionais apresenta um caráter desigual e, na maioria das vezes, apenas certificatório. A EPT passa a ser vista como uma possibilidade de romper com a realidade brasileira de grande desemprego, promovendo assim o aumento do número de empregos formais, principalmente entre os jovens. Muitos desses jovens não enxergam sentido em frequentar a escola, uma vez que a partir da observação da experiência de seus pais, não se sentem motivados, pois para eles não existe uma relação entre estudar/estar na escola e melhorar sua condição de vida, por exemplo.

[...] a educação geral, assegurada pelos níveis que compõem a educação básica, tem como finalidade dar acesso aos conhecimentos fundamentais e às competências

cognitivas que permitam a integração à vida social e produtiva em uma organização social com forte perfil científico-tecnológico, um dos pilares a sustentar o capitalismo tardio, na perspectiva do disciplinamento do produtor/consumidor; e por isto a burguesia não só a disponibiliza, mas a defende, para os que vivem do trabalho. (Grabowski; Kuenzer, 2016, p. 27)

Esta infeliz realidade se repete de geração para geração, e assim permanece a baixa qualidade educacional e, conseqüentemente profissional de um grupo, que continuará deste modo enfrentando dificuldades para sua inserção social com cidadão reconhecidamente produtivo. A formação humana envolve uma série de problemáticas, não só no âmbito educacional, mas apresenta diversas nuances no processo de formação do aluno. Ao adentrar no ensino médio, o jovem necessita de uma carga teórica que o oriente para uma formação unilateral. “A questão é complexa, pois a problemática da formação humana não nasce nem se encerra no sistema educacional.” (Moura *et al*, 2015, p. 1059). A formação humana engloba inclusive questões que inserem o aluno em seu meio social, suas rotinas, seu percurso pessoal e experiências.

No ensino médio já não basta dominar os elementos básicos e gerais do conhecimento que resultam e ao mesmo tempo contribuem para o processo de trabalho na sociedade. Trata-se, agora, de explicitar como o conhecimento (objeto específico do processo de ensino), isto é, como a ciência, enquanto latência, se converte em potência material no processo de produção. Tal explicitação deve envolver o domínio não apenas teórico, mas também prático sobre o modo como o saber se articula com o processo produtivo.

A educação do jovem brasileiro não deve ser uma mera etapa, deve passar por uma formação omnilateral, ou seja, que brote em todas as direções pedagógicas possíveis, alicerçando uma formação completa, livre das armadilhas propostas pelo capitalismo exploratório. Assim, também no sistema escolar, o Ensino Médio é considerado entre nós mero elo entre o fundamental e as novas fases da vida, universidade ou mercado. Portanto, é um ensino conceitualmente heterônomo. (Nosella, 2024, p. 05). A escola, enquanto ambiente de aprendizagem institucionalizada pelo Estado, produz e reproduz experiências voltadas para uma determinada classe social. O jovem oriundo de classes sociais mais sensíveis, não consegue visualizar, em um primeiro momento, na escola, o caminho da sua libertação.

No que se refere a emancipação humana, tanto na escola unitária de Gramsci⁴, quanto na escola de formação politécnica de Marx e Engels, não existe espaço para a profissionalização pura. O jovem deve ter uma formação plena. A politécnica, na visão marxista, apresenta-se como um dos caminhos possíveis para a libertação do ser humano frente ao modelo capitalista exploratório. A educação dos jovens e crianças, de todos os gêneros, envolve uma série de quebra de paradigmas, erigidos pela sociedade burguesa, inclusive já na era da industrialização. A inserção do jovem na esfera social, com uma forte formação humanista, consistia em uma das bases da escola unitária gramsciana. Somente a formação tecnicista não comportaria o ideal proposto por Gramsci.

A escola unitária ou de formação humanista [...] ou de cultura geral deveria se propor a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los levado a um certo grau de maturidade e capacidade, à criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa. (Moura *et al.*, 2015, p. 1069)

A educação que promove a leitura de mundo se torna mais humanista no sentido de que deve passar também pelo campo das artes, filosofia, sociologia e da cultura, objetivando uma educação integral do educando. Segundo Nosella (2024, p. 14), o debate para a “unitariedade econômico-cultural, entretanto, é meta longínqua e ainda não corresponde a um projeto político nacional. Em todo caso, para alcançar essa meta, a função estratégica do Ensino Médio é indiscutível”. E o ensino integrado é considerado como “travessia para a educação omnilateral, tecnológica e/ou politécnica, situa-se no ponto mais avançado desta luta em curso.” (Ferreira; Castaman *et al.*, 2024, p. 281). A formação integral, omnilateral ou politécnica vem sofrendo sérios debates do âmbito da academia e da sociedade, numa confluência de interesses políticos e educacionais.

A formação humana e integral dos nossos jovens e adultos sofre do mal do “academicismo”, por alguns setores da sociedade e dos ambientes de formação. Muitos segmentos acadêmicos enxergam a politécnica e a formação humana e integral, como um preparo, uma formação de mão de obra para o mercado de trabalho, para o capital.

⁴ Gramsci é reconhecido, principalmente, pela sua **teoria da hegemonia cultural** que descreve como o Estado usa, nas sociedades ocidentais, as instituições culturais para conservar o poder. A proposta de Gramsci para solucionar a crise é a **escola unitária**, que significa uma escola inicial de formação cultural humanística geral, com o desenvolvimento da capacidade de trabalho manual e intelectual. A formação profissional ou especializada viria posteriormente a esta formação geral.

Assim, ao deixarmos (a academia, outros intelectuais, a maioria da classe trabalhadora e de suas entidades representativas) de disputar politicamente uma concepção de ensino médio politécnico e de ensino médio politécnico integrado à educação profissional (para adolescentes, jovens e adultos) que se possa concretizar como travessia rumo à omnilateralidade, abrimos espaço e estendemos o “tapete vermelho” para que o capital se aproprie de bandeiras históricas do campo socialista e as ressignifique alegremente em favor de seus interesses, com financiamento público e aplausos da população. (Moura *et al.*, 2015, p. 1078)

A ressignificação de conceitos socialistas tem sido empregada de maneira muito ardilosa por parte do capital. Bandeiras como as da politecnia e da escola unitária, são reinterpretadas moldando-as em favor do interesse do capital. Frigotto (2015) refere que há dois conjuntos de categorias filosóficas pedagógicas e politicamente articuladas: formação humana, omnilateral, politécnica ou tecnológica e a escola unitária de Gramsci; estes dois conjuntos se articulam. Ao falar sobre o Ensino Integrado e seus desafios de integralização, defende também a ideia de escola unitária pregada por Gramsci, a qual visa a transformação social e objetiva autonomia e emancipação do sujeito.

O ensino integrado aqui é reconhecido como proposta de educação com inspiração na ideia gramsciana de escola unitária, mas que não se confunde com ela já que seus limites de formação integral estão dados pela sociabilidade capitalista contemporânea. (Frigotto *et al.*, 2015, p. 66)

A formação humana deve romper as barreiras do isolamento acadêmico. O trabalho, o ensino, a educação devem estar interligados neste processo. A politecnia consiste no caminho a ser trilhado para a formação plena do aluno. Também aparecem desafios para materialização desta Educação Integral como problemas de ordem conceitual, operacional, curricular e organizacional das instituições de ensino. Esta visão utilitarista moderna presente nas últimas reformas educacionais, que apresenta itinerários formativos para toda formação do aluno do ensino Médio para atender a demandas de mercado, evidencia uma referência ao mote empresarial dominante no sistema educacional atual.

A proposta em torno da formação humana integral e do ensino médio integrado enfrenta, ainda, a crítica no âmbito da academia, desde as correntes mais conservadoras, que defendem a educação de cunho academicista, inspirada no Iluminismo, no “humanismo liberal”, até os progressistas, que o consideram como uma concessão aos interesses do capital (Moura *et al.*, 2015, p. 1077)

O texto da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) prevê o desenvolvimento de competências “[..] como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.” (Brasil, 2018, p.8). É um projeto de sociedade, de identidade de ser humano próximo do que o mundo do trabalho está exigindo, mais especificamente na perspectiva de adequação à sociedade capitalista.

O impacto do neoliberalismo fez desmorrar aspirações por uma educação centrada no ser humano e no seu desenvolvimento e impôs a hegemonia da educação pragmática utilitarista por meio de políticas imediatistas de formação de sujeitos centrada na rentabilidade econômica. (Evangelista; Seki, 2017, p. 7)

Formar para um mercado que ainda não existe é um processo de abstração e colocar o estudante como responsável por este projeto é no mínimo audacioso. No ensino médio essa relação com o trabalho é ainda mais direta com a aprovação do currículo do novo Ensino Médio. Esta relação de adaptação às demandas profissionais atuais impostas pelo capital e pelas políticas internacionais colocam as reformas educacionais como preponderantes a uma formação flexível nos sistemas educacionais, influenciadas pelo chamado “neoliberalismo escolar”.

Laval (2019, p. 03) ressalta que “[...] as escolas, em particular, só têm sentido dentro do serviço que elas devem prestar às empresas e à economia. O “homem flexível” e o trabalhador autônomo constituem, assim, as referências do novo ideal pedagógico”. Segundo Laval, a crise de legitimidade da escola em tempos de avanço neoliberal, embutido em termos hoje correntes na educação, como “inovação” e “eficiência”, evidencia como o Banco Mundial, a Organização Mundial do Comércio e a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE), entre outros órgãos, pressionam os sistemas de educação nacionais a fazer com que as instituições de ensino e os profissionais que nelas trabalham se moldem às necessidades do capitalismo contemporâneo.

A introdução da lógica de mercado no campo educativo constitui também novas formas de poder gerencial dentro da escola. A BNCC a respeito da preparação para o mundo do trabalho coloca o estudante como precursor desta responsabilidade. A escola apenas lhe trará um cardápio de itinerários formativos a serem, por escolha do estudante, selecionados de acordo com a formação técnica a ser eleita.

Significa, nesse sentido, assegurar-lhes uma formação que, em sintonia com seus percursos e histórias, permita-lhes definir seu projeto de vida, tanto no que diz respeito ao estudo e ao trabalho como também no que concerne às escolhas de estilos de vida saudáveis, sustentáveis e éticos. (Brasil, 2018. p. 463)

A problematização do currículo deve ser propiciada pela formação continuada nas escolas, visto que as realidades escolares são diversas, tanto estruturalmente quanto pedagogicamente. Uma base nacional comum possui um objetivo de nortear a formação e a observância à realidade local é colocada na BNCC em relação aos itinerários formativos.

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional (LDB, Art. 36; ênfases adicionadas). (Brasil, 2018, p. 475)

Já as diretrizes para a EPT (2021), mencionam que o itinerário formação técnica e profissional deve considerar a inclusão de vivências práticas de trabalho, constante de carga horária específica, no setor produtivo ou em ambientes de simulação, estabelecendo parcerias e fazendo uso, quando aplicável, de instrumentos estabelecidos pela legislação sobre aprendizagem profissional.

De modo específico, deve-se buscar reconhecer a necessidade de se articular os projetos de educação profissional a diferentes estratégias de escolarização, de modo a buscar a superação de estratégias fragmentadas e instrumentais de formação. Do mesmo modo, é necessária a definição de estratégias, de formação inicial e continuada articulada à ideia de itinerários formativos. (Araújo; Rodrigues, 2010, p. 61)

Em relação à Educação Profissional e Tecnológica, há necessidade de uma preocupação ainda maior com a efetivação dos itinerários formativos, os quais devem ser articulados com projetos de planejamento, organização da escola, bem como as formações continuadas, para que realmente contemplem a realidade local escolar e para que haja um alinhamento com as finalidades do Novo Ensino Médio.

A BNCC apresenta um rol de finalidades para o Ensino Médio frente diante das demandas tecnológicas, sociais e mudanças no Mundo do Trabalho atuais, bem como perspectivas quanto ao projeto de vida que o jovem deverá construir na escola, sendo responsabilidade desta estimular e garantir por meio dessa construção, uma educação pautada nas chamadas competências socioemocionais. Dentre as referidas finalidades, “estimular atitudes cooperativas e propositivas para o enfrentamento dos desafios da comunidade, do

mundo do trabalho e da sociedade em geral, alicerçadas no conhecimento e na inovação.” (Brasil, 2018, p. 465).

A promoção do espírito empreendedor também é evidenciada como uma forma de preparação para as demandas atuais do mercado de trabalho. “Seus fundamentos teóricos buscam valorizar o protagonismo do estudante, mas apresentam limitações, perpetuando uma estrutura educacional hierarquizada e alienante.” (Ferreira; Castaman *et al*, 2024, p. 32). Além disso, esse caráter empreendedor pode reforçar uma perspectiva tecnicista, na qual o foco principal é a formação de força de trabalho para atender aos interesses do mercado e que denota ainda mais uma sociedade baseada na exploração do trabalho e na desigualdade de classes.

Todas as finalidades apresentadas são colocadas como uma espécie de dever da escola que acolhe a juventude e deve identificar “perspectivas e possibilidades para que construam aspirações e metas de formação e inserção profissional presentes e/ou futuras, e desenvolvam uma postura empreendedora, ética e responsável para transitar no mundo do trabalho e na sociedade em geral” (Brasil, 2018, p. 466). As finalidades evidenciam as competências, habilidades e bases tecnológicas profissionais, com seus propósitos, objetos e características dos processos produtivos, além de indicações para os itinerários formativos.

Ao mencionar a respeito do itinerário formativo Formação Técnica e Profissional, tanto a Resolução MEC Nº 3/ 2018 como a BNCC se referem a uma formação técnica que prepare o jovem para as mudanças no cenário profissional, as novas tecnologias e realidades sociais envoltas na escola e que o estudante necessita se preparar por meio da constituição de um projeto de vida. Ademais, essas escolhas dependem do arranjo produtivo local e da disponibilidade da escola.

A autonomia individual preconizada nos documentos por meio do projeto de vida, corresponde a um direcionamento para um mundo do trabalho ao mesmo tempo ainda não definido, mas que o itinerário formativo deve instrumentalizar. Com relação ao aprofundamento em determinados itinerários formativos a serem eleitos durante a formação, os documentos focalizam na inovação e tecnologias como aliadas tanto para o projeto de vida escolhido, junto a área profissional correspondente, sendo que a flexibilização deve ocorrer para o alinhamento com os arranjos econômicos e demandas de mercado atuais.

Os atuais reformadores empresariais apenas retomam esta filosofia pragmatista do começo do século passado em outros níveis de exigência tecnológica e de controle social e lhe dão aparência de “inovação” – no fundo, trata-se novamente de adaptar a escola às exigências oriundas do mundo do trabalho e, em especial, ao aumento da produtividade de forma a recompor taxas de acumulação de riqueza. (Freitas, 2014,

p.1)

O mercado que requer produtividade e adaptabilidade/flexibilidade por parte do estudante, busca por meio das reformas e atualizações curriculares fazer com que a educação cumpra este papel de culpabilização pelas escolhas, sejam assertivas ou não. Além disso, o trabalho é conceituado nas diretrizes do Novo Ensino Médio (DCNEM, 2018) na sua “[...] perspectiva ontológica de transformação da natureza, ampliada como impulsionador do desenvolvimento cognitivo, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção da sua existência”.

Portanto, o trabalho é a categoria inerente ao currículo, agora diretamente predominante por meio da formação técnica e profissional. “os cursos de qualificação profissional técnica e os cursos técnicos, na forma articulada, integrada com o Ensino Médio ou com este concomitante em instituições e redes de ensino distintas, com projeto pedagógico unificado, terão carga horária que, em conjunto com a da formação geral, garantido-se a carga da BNCC (Brasil, 2018). Ao mesmo tempo que esta unificação requer do jovem um preparo para fazer a escolha de itinerários formativos que sejam mais interessantes para sua realidade, esta orientação deve cuidadosamente realizada, segundo os documentos, pelas escolas.

A formação integral pregada nas atualizações curriculares sugere em certa medida, que é por meio das competências socioemocionais que o educando vai construir ao longo de sua caminhada uma preparação para o mundo do trabalho. No Novo Ensino Médio, a percepção de formação integral é o desenvolvimento intencional dos aspectos físicos, cognitivos e socioemocionais do estudante por meio de processos educativos significativos que promovam a autonomia, o comportamento cidadão e o protagonismo na construção de seu projeto de vida. (Brasil, 2024).

Os questionamentos devem ser otimizados na medida em que as escolhas forem preconizando aprofundamentos em determinadas áreas do conhecimento, levando a um conjunto de comportamentos novamente adaptativos ao mercado, sem levar em consideração a integralização curricular necessária para que a formação seja de fato emancipadora e comum ao jovem. Nesse modo de produção capitalista, o qual forma indivíduos voltados exclusivamente para o mercado, determina na formação de jovens uma visão unilateral dos fatos da vida, em um contexto de formação que não engloba características de multidisciplinaridade.

Como formação humana, o que se busca é garantir ao adolescente, ao jovem e ao adulto trabalhador o direito a uma formação completa para a leitura do mundo e para a atuação como cidadão pertencente a um país, integrado dignamente à sua

sociedade política. Formação que, neste sentido, supõe a compreensão das relações sociais subjacentes a todos os fenômenos. (Ciavatta, 2005, p. 2-3)

Para uma vivência emancipada, que não se submete à exploração do capitalismo, tendo o trabalho como princípio educativo, reforça-se a ideia de que a EPT deve ter uma formação ampla, fugindo da dicotomia histórica marcada pela polarização entre o trabalho manual e intelectual. Contudo, considera-se o trabalho na perspectiva ontológica, uma vez que entende ser necessária a preparação do jovem do ensino médio para uma dimensão maior, ou seja, para o mundo do trabalho e não somente para o mercado de trabalho, ou seja, “o horizonte que deve nortear a organização do ensino médio é o de propiciar aos alunos o domínio dos fundamentos das técnicas diversificadas utilizadas na produção, e não o mero adestramento em técnicas produtivas. Não a formação de técnicos especializados, mas de politécnicos”. (Saviani, 2022, p.4)

Essa é uma concepção radicalmente diferente da que propõe um ensino médio profissionalizante, caso em que a profissionalização é entendida como um adestramento em uma determinada habilidade sem o conhecimento dos fundamentos dessa habilidade e, menos ainda, da articulação dessa habilidade com o conjunto do processo produtivo.

No capítulo a seguir, será apresentada a Educação Profissional e Tecnológica como contexto da pesquisa, mais especificamente dos Institutos Federais, objetivando diagnosticar o projeto educativo emancipatório da Rede Federal de Ensino, acompanhado de seu percurso histórico de ofertas, trazendo uma perspectiva crítica de Educação Profissional e Tecnológica como campo teórico coerente para pressupor uma prática fundada no trabalho como princípio educativo, para que seja uma formação pautada na transformação social e superação da dualidade entre trabalho manual e trabalho intelectual, bem como apresentar as raízes no materialismo histórico-dialético que traduzem uma educação pautada na formação humana integral, principalmente no ensino médio integrado que compõe o *locus* de análise.

4 EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA E O CONTEXTO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO

O desafio de formar cidadãos críticos para atuar no mundo do trabalho e diminuir as desigualdades sociais se torna essencial para que a EPT cumpra sua responsabilidade social de deixar para trás a desvalorização do trabalho enquanto produto. Como ponto de partida, Álvaro Vieira Pinto (1979) conceitua trabalho e tecnologia de forma dialética, evidenciando a consciência de que é necessário haver tecnologia e ciência para o desenvolvimento, mas sem sobrepor o trabalho científico. A tecnologia produzida tem como base um desenvolvimento científico e tecnológico para compreensão do mundo e sua relação por meio do trabalho, o qual está vinculado ao sustento, à existência (vida) do homem como ser social e condicionando à formação humana.

O conceito de trabalho deve ir ao encontro de uma educação omnilateral e não tecnicista. E, no caso da abordagem metodológica da dialética marxista, o princípio educativo do trabalho é fundamental, uma vez que concebe os processos de formação dos homens na perspectiva das bases materiais de produção da existência. Esta concepção é necessária para se começar a discutir a EPT para produzir uma educação emancipatória, humana e integral dos jovens. E sob essa perspectiva, o presente capítulo apresenta a EPT, bem como o contexto dos Institutos Federais de Educação que integram o *locus* de pesquisa.

4.1 HISTÓRICO DE OFERTAS DA EPT

O espaço determinante para que os seres humanos dominem conhecimentos e as práticas necessárias para a produção não é somente a escola, já que o homem sempre produziu sua existência por meio do trabalho. Por meio do trabalho ele adquire conhecimentos, experiências, por isso a escola por muito tempo foi considerada “não essencial”, já que o homem trazia experiências, construía e desconstruía conhecimentos, muito tempo antes da institucionalização da escola. Após tornar-se um espaço institucionalizado, ela passou a ser essencial (luxo) para somente atender aos interesses da classe burguesa. Já para os trabalhadores ela continuava não essencial.

Inicialmente, a formação profissional esteve associada a ofícios e práticas artesanais, sendo transmitida de forma empírica e muitas vezes informal, dentro das comunidades. Na época da Colonização, com as Casas de Fundação e de Moeda e Centros de Aprendizagem de Ofícios Artesanais da Marinha do Brasil, a EPT teve início. No Brasil

Império (1822 a 1889) se originaram as Casas de Educandos Artífices, transformando-se na República (1909) em Escolas de Aprendizes Artífices. Já no período de 1937 a 1991 se constituem os Liceus industriais, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), Agrotécnicas Federais, já abrangendo grande parte das ofertas de que se tem conhecimento hoje.

Com o advento da Revolução Industrial, houve a necessidade de formação de mão de obra para atender às demandas das novas atividades industriais, o que impulsionou o desenvolvimento de escolas técnicas e profissionalizantes. Ao longo do tempo, a EPT passou por transformações significativas, refletindo as mudanças no mundo do trabalho e o avanço da tecnologia. As ofertas educacionais nesse campo ampliaram-se para abranger uma variedade de áreas, desde a formação técnica específica até a capacitação em tecnologias emergentes. A relação estreita com o mundo do trabalho tornou-se uma característica fundamental, com currículos alinhados às demandas e inovações do mercado de trabalho.

A crescente integração da tecnologia nos processos produtivos e na vida cotidiana também influenciou a EPT, exigindo a incorporação de competências digitais e habilidades relacionadas à inovação e ao empreendedorismo. A partir dessa perspectiva, as ofertas educacionais passaram a contemplar não apenas aspectos técnicos, mas também a formação de profissionais capazes de lidar com as transformações constantes, impulsionadas pela tecnologia.

A EPT tem um papel importante para a formação para o mundo do trabalho, sendo ofertada, no Brasil, tanto por instituições públicas, quanto por instituições privadas. Observa-se uma dualidade estrutural em sua origem, visto que é apresentada como um capítulo à parte, paralelo à Educação Básica, sendo que o acréscimo deste capítulo foi efetuado em 2004, por meio do decreto 5.154/04/MEC.

O documento, que regula ainda hoje a EPT, traz a integração do Ensino Médio à Educação Profissional, o que gerou expectativas de superação da dualidade histórica entre formação básica e profissional. Apesar dos avanços, o mesmo decreto manteve a oferta de cursos técnicos concomitantes e subsequentes, isto é, a separação entre formação básica e profissionalização, distanciando-se ainda da perspectiva de uma educação integrada. Segundo a LDB 94/96, em seu artigo 39, já com as atualizações em sua redação:

A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e às dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia. § 1º Os cursos de educação profissional e tecnológica poderão ser organizados por eixos tecnológicos, possibilitando a construção de diferentes itinerários formativos, observadas as normas do respectivo sistema e nível de ensino. § 2º A educação profissional e tecnológica abrangerá os seguintes cursos: I – de formação inicial e continuada ou qualificação profissional; II – de educação profissional técnica de nível médio; III – de educação profissional tecnológica de graduação e pós-graduação. (Brasil, 1996)

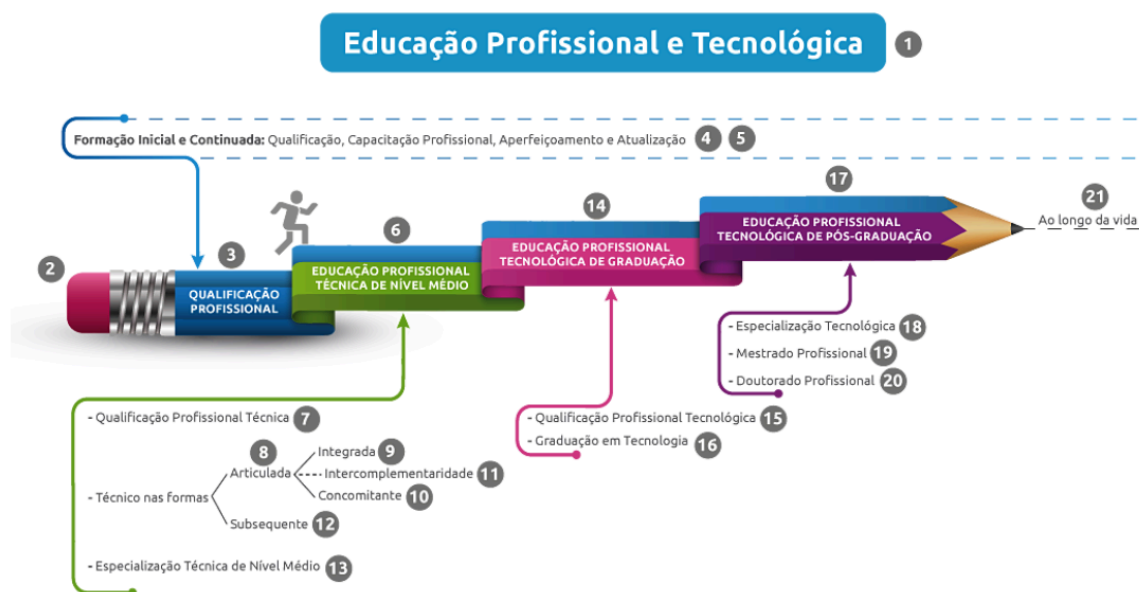
É preciso observar o contexto histórico de implementação da LDB e as alterações que foram feitas nessa lei, ao longo dos anos, considerando as estruturas gerais feitas no sistema educacional. Nos anos 1990, com a influência de políticas neoliberais, foi aprovada a LDB, a qual regulamentou o Ensino Médio como a etapa final da Educação Básica, separando-o de forma obrigatória do ensino técnico.

A Educação Profissional passou por uma nova reforma com o Decreto 2.208/97/MEC, apresentando o ensino técnico como um complemento do Ensino Médio, permitindo apenas a sua articulação com a educação profissional. Assim, o Decreto 2.208/97 colocou a Educação Profissional como um sistema paralelo, ressaltando a dualidade estrutural. Embora haja na EPT a oferta de cursos técnicos de nível médio, bem como cursos de formação inicial e continuada integrante da Educação Básica, ainda há essa dificuldade de enquadramento na estrutura da Educação Brasileira, visto que há uma gama diversificada de ofertas, modalidades e níveis.

Mesmo com essas ressalvas, faz-se importante destacar que a expansão da rede federal em território nacional, de modo especial a partir do ano 2008, com a Lei nº 11.892, de criação dos Institutos Federais contribuiu para universalização do Ensino Médio, abrangendo regiões mais remotas. A expansão da rede federal constitui-se em um dos maiores avanços para a educação no Brasil. Regiões desfavorecidas tiveram a oportunidade de receberem diversos curso de qualificação, na modalidade presencial, EAD, cursos técnicos integrados, subsequentes, espaços para formação de jovens e adultos, programas que atendem grupos em vulnerabilidade social, como o PRONATEC – Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego – são alguns dos exemplos dos benefícios educacionais na implantação destes *campi* em território nacional.

O fluxograma abaixo ilustra a verticalização de ofertas que a EPT promove, de modo a abranger uma heterogeneidade de públicos e cursos.

Figura 1 – Fluxogramas ofertas Educação Profissional e Tecnológica



Fonte: Portal MEC

Já a Lei nº 13.415/2017 incluiu o itinerário formativo “Formação Técnica e Profissional” e as Diretrizes para o Ensino Médio (2018) e em 2021 foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica. Os cursos técnicos que já são desenvolvidos nas formas integrada, concomitante ou subsequente ao Ensino Médio, terão que observar também as diretrizes para o Ensino Médio:

§ 2º Os cursos desenvolvidos nas formas dos incisos I e III deste artigo, além dos objetivos da Educação Profissional e Tecnológica, devem observar as finalidades do Ensino Médio, suas respectivas Diretrizes Curriculares Nacionais e outras Diretrizes correlatas definidas pelo Conselho Nacional de Educação, em especial os referentes à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), bem como normas complementares dos respectivos sistemas de ensino. (MEC, 2021)

Os públicos atendidos pela EPT são diversificados, visto que há alunos que estão no Ensino Médio e buscam uma formação em outro turno, há também o trabalhador já formado no Ensino Médio que busca uma formação técnica ou superior no turno diverso de sua jornada de trabalho, dentre outros perfis, como pessoas que não estão trabalhando, mas buscam se qualificar para uma possível vaga, pessoas que estão afastadas do banco escolar há bastante tempo. Sendo assim, tem-se nas diversas formas de ofertas a heterogeneidade de públicos.

A EPT representa a superação da formação profissional, direcionando-se para a aplicação de técnicas produtivas para assumir uma visão mais ampla de educação para o trabalho com base científica, cultural e tecnológica, alinhada às mudanças dos sistemas produtivos e sociais. Compreende, por um lado, demandas sociais da população, por formação e elevação dos níveis de escolaridade para adquirirem as devidas condições de empregabilidade e, por outro, as demandas capitalistas que exigem qualificação da mão de obra, objetivando o aumento da produtividade e lucro.

A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, institucionalizada pela lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, é organizada por um conjunto de instituições de educação profissional, distribuídas por todos os estados brasileiros e na capital do país, oferecendo desde cursos de qualificação profissional até pós-graduação *stricto sensu*, com o objetivo de democratizar o acesso e ofertar formação profissional para a inserção no mundo do trabalho de jovens e adultos brasileiros. Para entender melhor esse contexto, a seção a seguir apresenta os desdobramentos históricos e econômicos em relação ao conceito de trabalho que temos hoje no ensino dos Institutos Federais.

4.2 O CONCEITO DO TRABALHO NO ENSINO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

Com as relações de produção do trabalho e fase de evolução histórica das forças produtivas estabelecidas pelo capital, a escola tornou-se essencial à sociabilidade humana e intensificou-se o seu caráter classista. O trabalho intelectual e o trabalho manual sempre se colocaram como dois oponentes em relação ao modo de produção de conhecimento. E essa distinção acaba sendo o viés do sistema de produção capitalista, pois sempre haverá a classe produtora de mais valia e uma classe de dirigentes que visam o lucro.

O trabalho em si na sociedade atual é encarado como algo doloroso, forçado e muitas vezes ligado a conceitos vinculados ao sofrimento – uma análise epistemológica do trabalho e do labor em si revela um aspecto negativo vinculado ao ato de trabalhar em si. Albornoz (2017) relata que em várias culturas a palavra trabalho e seus sinônimos têm diferentes significados e significações:

Em quase todas as línguas da cultura europeia, trabalhar tem mais de uma significação. O grego tem uma palavra para fabricação e outra para esforço, oposto a ócio; por outro lado, também apresenta pena, que é próxima da fadiga. O latim distingue entre terebre, a ação de labor, e operare, o verbo que corresponde a opus, obra. Em francês, é possível reconhecer pelo menos a diferença entre travailler e ouvrier ou oeuvrer, sobrando ainda o conteúdo de tâche, tarefa. Assim também lavorare e operare em italiano; e trabajar e obrar em espanhol. No inglês, salta aos

olhos a distinção entre labour e work, como no alemão, entre Arbeit e Werk. Work, como Werk, contém a ativa criação da obra, que está também em Schaffen, criar, enquanto em labour e Arbeit se acentuam os conteúdos de esforço e cansaço. Em português, apesar de haver labor e trabalho, é possível achar na mesma palavra trabalho ambas as significações: a de realizar uma obra que te expresse, que dê reconhecimento social e permaneça além da tua vida; e a de esforço rotineiro e repetitivo, sem liberdade, de resultado consumível e incômodo inevitável. (Albornoz, 2017, p.9)

Se a existência humana não é garantida pela natureza, mas tem que ser produzida pelos próprios homens, ela é produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele precisa aprender a produzir sua própria existência, aprende a trabalhar, trabalhando. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem.

A concepção de Lukács (1978) sobre a ontologia do ser social, que resgata e amplia o conceito em Marx, compreende o trabalho como atividade ontológica, estruturante do ser social, como um valor indispensável à vida humana. Este conceito proporciona e evidencia a relação com a natureza, ampliada como impulsionador do desenvolvimento cognitivo, como realização inerente ao ser humano e como mediação no processo de produção da sua existência.

A essência do trabalho consiste precisamente em ir além dessa fixação dos seres vivos na competição biológica com seu mundo ambiente. O momento essencialmente separatório é constituído não pela fabricação de produtos, mas pelo papel da consciência, a qual, precisamente aqui, deixa de ser mero epifenômeno da reprodução biológica: o produto, diz Marx, é um resultado que no início do processo existia "já na representação do trabalhador", isto é, de modo ideal. (Lukács, 1978, p. 5)

O trabalho é como um princípio de cidadania, no sentido de participação legítima nos benefícios da riqueza social, que se distingue das formas históricas e alienantes, de exploração do trabalhador, presentes na produção capitalista. Caracterizar o ato do trabalho como algo desconfortável advém também da própria concepção da formação dos povos; nas terras brasileiras, o elemento negro foi o responsável pelo exercício do ato de trabalhar; a mão de obra escrava foi usada em profusão nos mais diferentes períodos de nossa história.

Assim, o ato de trabalhar ficou atrelado a um determinado segmento populacional, a parte escravizada, sendo que exercer o trabalho, realizar o labor, estava atrelado a escravidão; o trabalho em si estava impregnado no elemento escravo, o trabalho era realizado pelos escravos e não pela classe dominante branca (escravocrata).

Neste contexto histórico que dominou nossa história por quase três séculos, houve a propagação de um ideal que ficou arraigado nos corações e mentes de determinados estratos sociais: o trabalho braçal era pertencente a uma determinada classe, a classe desprivilegiada; o trabalho intelectual, o dito trabalho limpo, era reservado a classe branca, ao estrato social mais elevado da população, aos bacharéis e seus descendentes. Neste sentido:

Assim, se nas sociedades primitivas, caracterizadas pelo modo coletivo de produção da existência humana, a educação consistia numa ação espontânea, não diferenciada das outras formas de ação desenvolvidas pelo homem, coincidindo inteiramente com o processo de trabalho que era comum a todos os membros da comunidade, com a divisão dos homens em classes a educação também resulta dividida; diferencia-se, em consequência, a educação destinada à classe dominante daquela a que tem acesso à classe dominada. E é aí que se localiza a origem da *escola*.
(Saviani, 2007, p.155)

Com a criação das primeiras escolas de artífices, projetadas e detalhadas para os desfavorecidos da sorte, houve uma pequena mudança deste paradigma social: embora endereçada para as classes menos favorecidas (os pobres da sociedade), o ensino de profissões tais como: alfaiataria, padaria e panificação, marcenaria e serralheria fornecia determinada dignidade aos esquecidos sociais daquele período.

Quebrar um tabu imposto pela sociedade e sedimentado pela história de um país como o Brasil, em que o trabalho de índole manual é inferiorizado em relação ao dito trabalho intelectualizado, é uma tarefa extremamente difícil. O ato de trabalhar em si caracteriza e se sistematiza em uma série de aprendizagens para os homens: o trabalho produz conhecimentos de ordem prática e teórica, sendo que os docentes, sempre que possível, devem integrar a teoria posta na sala de aula com a realidade do mercado de trabalho. Neste contexto:

Essa maior interação com a sociedade, que inclui o mundo do trabalho, mas não se restringe a ele, não poderá significar submissão ao mercado, mas, sim, deverá resultar em contribuições voltadas para a ampliação de oportunidades educativas de boa qualidade e na consequente melhoria das condições de participação social, política e cultural e de acesso a atividades laborais complexas, assim como as outras formas de geração de ocupação e renda das classes trabalhadoras, ou seja, contribuir para que os egressos da EPT possam exercer plenamente a cidadania autônoma de forma competente e ética (Moura, 2008, p.37)

Assim, a integração do mundo do trabalho com o ensino na EPT promove uma maior oportunidade de distribuição de renda para as classes oriundas de um estrato social mais humilde. O conceito de trabalho poderá ser visualizado não como uma forma de tortura ou de dor, mas como um caminho de lucidez e sobretudo de aprendizagem. A EPT deve propor a superação da dualidade histórica entre ensino e trabalho.

De qualquer modo, um projeto democrático de educação profissional deve pressupor um posicionamento diante da histórica dualidade da educação profissional brasileira, sendo necessária uma nova postura frente aos saberes, às práticas de ensinar e de aprender, aos procedimentos de organização curricular, aos procedimentos de avaliação, às estratégias de gestão e à organização dos tempos e espaços orientados pelas necessidades de ampliação, sem fim, das diferentes capacidades humanas, inclusive as de trabalho, de modo a promover a autonomia frente aos processos de trabalho e o projeto de uma sociedade democrática. (Araújo; Rodrigues, 2010, p. 61)

Como se observa, o ensino possui compromisso social e necessita estar articulado em suas dimensões curricular, política e pedagógica para que o processo de ensino-aprendizagem seja significativo. Moura (2008) também ressalta a importância da Educação Profissional Tecnológica com relação à formação dos alunos para atuarem socialmente e profissionalmente de forma responsável e buscando contribuir com as necessidades coletivas da classe trabalhadora:

É por isso que existe mais um grande desafio, talvez o mais importante. Ele diz respeito à responsabilidade social do campo da educação profissional com os sujeitos formados em todas as suas ofertas educativas e com a sociedade em geral. Refere-se, assim, ao poder da EPT de contribuir com o aumento da capacidade de (re)inserção social, laboral e política dos seus formandos; com a extensão de ofertas que contribuam à formação integral dos coletivos que procuram a escola pública de EPT para que esses sujeitos possam atuar, de forma competente e ética, como agentes de mudanças orientadas à satisfação das necessidades coletivas, notadamente as das classes trabalhadoras (Moura, 2000; Freire, 1986; 2000a e b; 2001 *apud* Moura, 2008, p. 29)

Cada política educacional tem uma intencionalidade e na Educação Profissional e Tecnológica esta relação se coloca como preponderante para a formação do pensamento crítico do aluno frente às imposições que o sistema econômico e político apresenta para adequação do mundo do trabalho. Para que ocorra uma formação responsável e cidadã ao aluno, as práticas pedagógicas devem se propor a obter unidade entre teoria e prática como interdependentes entre si:

Sob a ótica da unidade, a distinção entre teoria e prática se dá no seio de uma unidade indissolúvel, em uma relação de autonomia e dependência de um termo em frente ao outro. Na visão de unidade a teoria nega a prática imediata para revelá-la como práxis social, a prática nega a teoria como um saber autônomo, como puro movimento de ideias. Teoria e prática são tidas como dois elementos indissolúveis da “práxis”, definida como atividade teórico-prática. A separação entre teoria e prática, portanto, é só analítica.” (Araujo, 2008, p. 57)

Araujo e Frigotto (2015), ao abordarem sobre o Ensino Integrado e seus desafios de integralização como problemas de ordem conceitual, operacional curricular e organizacional das instituições de ensino, defendem também a ideia de escola unitária,

visando à transformação social, isto é, autonomia e emancipação do sujeito. Esse modelo de escola unitária requer uma organização efetiva no sistema educacional para que a práxis ocorra, unificando de forma utilitária o par teoria e prática no fazer docente.

A relação entre produção (trabalho) e formação (educação) é ontológica, isso significa que no que se refere ao capitalismo especificamente, é necessário compreender quais as características específicas desse modo de produção e como essas implicam sobre a formação. O conceito ontológico de trabalho no ensino da EPT engloba a compreensão da atividade laboral como um eixo central na formação dos estudantes, permeando não apenas a aquisição de habilidades técnicas, mas também o desenvolvimento de competências socioemocionais, éticas e críticas.

Nesse contexto, o trabalho é concebido não apenas como uma dimensão prática e aplicada do aprendizado, mas como um elemento que integra teoria e prática, permitindo aos estudantes a vivência de situações reais e desafiadoras do mundo do trabalho. A abordagem do trabalho no ensino da EPT busca promover a articulação entre os saberes acadêmicos e as demandas reais do mercado laboral, preparando os estudantes para atuarem de forma autônoma, reflexiva e inovadora em suas futuras trajetórias profissionais.

A contextualização de Ferreira; Castaman *et al*, (2024, p. 410) apresenta duas propostas educativas oriundas das concepções acerca do trabalho. A proposta liberal demanda educação unilateral, técnico-profissionalizante, específica a uma atividade produtiva, submetida às demandas do capital e restrita às funções instrumentais relacionadas à competitividade e ao mérito. Já a materialista histórico-dialética, assume o trabalho como princípio educativo, trazendo a educação omnilateral (integral, unitária, politécnica), comprometida com a emancipação humana e com a superação do metabolismo social produtor de mercadorias. Esta última deve pressupor a educação dos jovens estudantes dos Institutos Federais de Educação.

4.3 O CONCEITO DE TECNOLOGIA NO ENSINO DOS INSTITUTOS FEDERAIS DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

O conceito genérico de tecnologia diz respeito a uma atividade social organizada e planejada para a prática, por meio de conhecimentos e informações para a produção de bens e serviços. O que entendemos por tecnologia hoje se mescla com os modos distintos de inovação para a produção em geral. Para Baumgarten e Holzmann (2011, p. 392) “na sociedade capitalista, a tecnologia caracteriza-se por ser um tipo específico de conhecimento,

com propriedades que o tornam apto a, uma vez aplicado ao capital, imprimir determinado ritmo à valorização.” Essa geração de valor ocorre com o argumento de que a formação de capital humano com base tecnológica é necessária para o desenvolvimento econômico e social.

O ensino da EPT abrange a utilização de recursos e ferramentas tecnológicas para potencializar o processo de ensino e aprendizagem, bem como para preparar os estudantes para os desafios do mundo do trabalho contemporâneo. O trabalho pedagógico, portanto, “precisa considerar a tecnologia em seu sentido ontológico, de base materialista histórica, amalgamada à totalidade, se afastando do reducionismo idealista que a tem como sinônimo de aparatos digitais ou de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC)” (Ferreira; Castaman *et al*, 2024, p. 406). A integração da tecnologia no contexto educacional visa não apenas à familiarização com dispositivos e *softwares*, mas também à formação de indivíduos capazes de compreender, avaliar criticamente e utilizar as tecnologias de forma ética, responsável e eficaz em diferentes contextos profissionais.

Para Pinto (2005, p. 219), a tecnologia é “a teoria, a ciência, o estudo, a discussão da técnica, abrangidas nesta última noção as artes, as habilidades do fazer, as profissões e, generalizadamente, os modos de produzir alguma coisa”. Seguindo essa lógica, um curso técnico, por exemplo, necessita também ofertar ao estudante uma noção básica para compreender e agir no mundo, sendo do trabalho, da cidadania, do lazer, da política, da economia, da cultura, da tecnologia, da ciência, das artes etc.

Para haver uma formação humana integral de forma a abarcar inclusive o desenvolvimento humano, social, político, econômico e tecnológico, encerrando com a dualidade entre ensino geral e específico para qualificar a formação profissional e tecnológica, torna-se emergente a garantia do acesso dessa lógica unitária desde a Educação Básica. Em outras palavras, educação integral, o ensino médio integrado, a formação integrada implicam o tratamento articulado das questões da educação profissional com a formação geral, incluindo aspectos humanos que acompanham o aluno no processo formativo

Na perspectiva marxista, o trabalho como princípio educativo, no qual entende-se o processo de produção do conhecimento a partir da ação humana sobre a realidade, não separando trabalho e educação, mas considerando sempre suas relações em seus fundamentos ontológicos e históricos. Para tanto, Saviani (2007) defende uma educação integrada e politécnica, preparando os sujeitos/trabalhadores para uma vivência emancipada, que não se submete à exploração do capitalismo. O conceito de politecnia por Saviani (2007) implica não

somente a utilização de diferentes técnicas na produção, mas também o domínio dos fundamentos científicos destas.

Politecnicidade significa, aqui, especialização como domínio dos fundamentos científicos das diferentes técnicas utilizadas na produção moderna. Nessa perspectiva, a educação de nível médio tratará de concentrar-se nas modalidades fundamentais que dão base à multiplicidade de processos e técnicas de produção existentes. (Saviani, 2007, p.161)

A politecnicidade ou instrução politécnica é considerada parte da formação integral do aluno. A educação humana integral apresenta três dimensões para a educação da classe trabalhadora adquirir emancipação e autonomia. Nesta visão, a formação humana aconteceria para a superação da hegemonia burguesa por meio da politecnicidade, pois com a industrialização, surgem também trabalhadores com maior versatilidade, necessitando do trabalhador uma formação capaz de se adaptar a este novo modelo tecnológico. “Assim, é pela formação politécnica que se daria a formação intelectual, física e tecnológica, o que sugere que o conceito de politecnicidade pode abarcar a ideia de formação humana integral.” (Moura *et al*, 2015, p. 2061).

Assim, é a união entre instrução intelectual e trabalho produtivo, isto é, são os fundamentos científicos das múltiplas técnicas que caracterizam a produção moderna. No Brasil todos os movimentos que caracterizaram as reformas educacionais, especialmente na EPT, são impulsionados também pelo contexto do mundo do trabalho.

Ao que tudo indica, recuperou leque de tradições propositivas para a educação profissional na perspectiva dos trabalhadores buscando superar a desigualdade educativa observada historicamente: a dimensão da educação integral e da formação unilateral de Owen e de Marx, da perspectiva politécnica, científico-tecnológica de Krupskaja e do princípio educativo de Gramsci. (Cattani; Ribeiro, 2011, p. 206)

Não somente formar técnicos, saber somente a técnica, mas de saber os fundamentos científicos dessa técnica em um contexto de formação integral. A educação humana é um processo complexo e amplo que envolve o conhecimento científico e tecnológico e as dimensões sociais, psíquicas, físicas e éticas, as quais devem ser observadas ao longo de toda formação do estudante, principalmente no caso de jovens que ainda estão em fase de desenvolvimento cognitivo e mental. Aí que surge a formação geral, que é de certa forma o que propunha Gramsci. A escola unitária de Gramsci teria uma visão mais abrangente do que a formação politécnica de Marx. Para Gramsci, o elemento de formação humana teria

um peso considerável na construção e formação do indivíduo, oferecendo-lhe um senso de iniciativa e criatividade.

A politecnicidade e a formação integrada na educação profissional e tecnológica representam abordagens educacionais que visam proporcionar aos estudantes uma formação abrangente, que integra conhecimentos teóricos e práticos em diferentes áreas. Os cursos técnicos que adotam a abordagem da politecnicidade, oferecem uma formação que vai além da especialização em uma única área, abrangendo múltiplas competências e habilidades.

Essa perspectiva integrada permite que os estudantes desenvolvam uma compreensão ampla das conexões entre diferentes áreas do conhecimento, preparando-os para enfrentar desafios complexos no mercado de trabalho. Por exemplo, um curso de engenharia que incorpora aspectos de gestão, sustentabilidade e inovação tecnológica promove uma formação integrada que capacita os alunos a lidar com questões multidisciplinares e a contribuir de forma mais ampla para o desenvolvimento de soluções inovadoras.

Ademais, a politecnicidade e a formação integrada na educação profissional e tecnológica favorecem a inserção dos estudantes no mundo do trabalho, fornecendo-lhes habilidades práticas e conhecimentos alinhados com as demandas atuais do mercado. Programas que combinam aprendizado técnico com competências empreendedoras e colaborativas preparam os alunos para atuarem de forma eficaz em ambientes profissionais dinâmicos e interdisciplinares. Dessa forma, a adoção da politecnicidade e da formação integrada na educação profissional e tecnológica oferece oportunidades únicas para os estudantes se tornarem profissionais versáteis e aptos a enfrentar os desafios complexos do contexto profissional.

Sintetizando, com o conceito de Ferreira; Castaman *et al*, 2024, p.115), um projeto educacional ancorado na concepção de politecnicidade “abarca a pluralidade de saberes necessária ao domínio e compreensão do Trabalho.” A multiplicidade de conhecimentos teórico-práticos presentes nas bases científicas contemporâneas, necessárias à formação integral do ser humano e a sua atuação na construção do mundo corresponde à integração entre ensino geral e profissional, entre trabalho manual e intelectual. Havendo assim o desenvolvimento das dimensões intelectual, física, técnica, a formação científica, cultural, estética, tecnológica e a indissociabilidade do ensino em relação ao trabalho produtivo.

É pensando nestas dimensões que compõem uma educação humana, integral e politécnica, e portanto, sendo um projeto de educação que está voltado à dinâmica social para formar cidadãos, compete-nos analisar criticamente de forma empírica como sujeitos que fazem parte do público atendido pela EPT dos Institutos Federais compreendem e se

relacionam com o cotidiano de uma sociedade do consumo desenfreado nas suas mais diversas nuances e como estas instituições podem se valer destas descobertas para promover uma educação para o mundo do trabalho, que leve em conta todas as dimensões humanas envolvidas neste processo formativo.

No próximo capítulo, que corresponde aos procedimentos metodológicos quanto à abordagem da pesquisa e ao tratamento de dados e *locus* de análise, será detalhado nosso objeto de estudo por meio de grupo focal, composto por jovens do Ensino Médio Integrado dos *campi* que compõem a Rede Federal de Ensino do sul catarinense.

5 METODOLOGIA

Com o objetivo de analisar como as mudanças de ordem social e psicológicas decorrentes do uso excessivo das telas afetam a Educação dos jovens, considerando a experiência dos estudantes dos cursos técnicos integrados da Educação Profissional e Tecnológica do Sul Catarinense, após o período pandêmico e a partir da categoria juventude excitada; esta tese elege a sociologia das superfícies (Kracauer, 2009) enquanto forma de compreensão da atualidade, partindo do pressuposto de conexão entre o cenário histórico-social na operação de redes de construção da realidade que entrelaçam os fios entre a experiência – e a visão sociológica. A sociologia das superfícies como forma de análise da atualidade, “ adquire sua pertinência nesse sentido: o profundo “esconde-se” nas entranhas mais banais da sociedade contemporânea, de modo que cada superfície possuiria uma espécie de referência ao sistema econômico.” (Santos, 2014, p. 236).

Tratar de ocorrências no tempo e espaço social, bem como mudanças de comportamento do jovem da EPT, sua constituição como sujeito social perante o panorama atual de submissão às demandas do capital de apreensão da atenção, emissão, experiências efêmeras com a tecnologia e respectivas consequências de ordem psicológica, se insere no contexto da sociologia das pequenas manifestações cotidianas. Como levantamento bibliográfico para contextualização da temática da proposta de pesquisa foram utilizadas reportagens, dissertações e teses do período de 2021 a 2025, das principais bases de dados científicas e acadêmicas.

Observar na voz dos estudantes seus relatos acerca das experiências sociais e suas percepções em relação com o que viveram no período pandêmico, requer atenção para que as manifestações possam evidenciar os anseios perante as nuances que moldam a sociedade atual.

Observar as superfícies da vida social requer atentar para a “inconsciência” dos fenômenos, para além das “tendências do tempo”. Nesse processo, o autor destaca especialmente as alterações dos elementos cognitivos que ocorrem concomitantemente ao processo histórico de alteração dos dados do mundo objetivo e de desenvolvimento tecnológico, mas não se limita a observar tais fenômenos simplesmente acompanhando seu desenrolar histórico. Para Kracauer, esses processos encerram uma alteração na forma como os indivíduos se confrontam com a realidade e expressam esse contato vital. (Santos, 2014, p. 240)

O procedimento metodológico de coleta de dados constitui-se pelo grupo focal como um recurso para compreender o processo de construção das percepções, atitudes e representações sociais de grupos humanos (Veiga e Gondim, 2001). Diferenciando de outras

técnicas, como a entrevista, por exemplo, possibilita a condução menos diretiva por parte do pesquisador e maior integração entre os participantes, especificamente quando se trata de extrair falas entre jovens a partir de experiências ou vivências cotidianas.

O grupo focal utilizado na pesquisa foi composto por estudantes de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, sendo contatados por setores que realizam atendimento a estes estudantes nos *campi* do IFSC e IFC que fazem parte da região sul catarinense, perfazendo as cidades de Garopaba, Tubarão, Criciúma, Araranguá, Sombrio e Santa Rosa do Sul. A mediação das conversas coletivas foi feita pela pesquisadora e todo o agendamento com os alunos ouvidos foi realizado por um (a) servidor (a) responsável pelos setores de Coordenadoria Pedagógica/Núcleo pedagógico ou departamento de Assistência Estudantil, os quais incluem a assistência psicossocial aos estudantes em suas atribuições previstas nas referidas atuações.

Dos seis *campi* pesquisados, cinco possuem o profissional psicólogo educacional. Apenas o *campus* Tubarão não possui o referido código de vaga. Inicialmente, as conversas preliminares a respeito de demandas de atendimento psicossocial dos estudantes, e os contatos iniciais foram estabelecidos por meio destes profissionais psicólogos, após formalização nas instâncias institucionais para a aplicação da pesquisa com os alunos.

Gatti (2005, p. 61) ressalta “a possibilidade trazida por um grupo focal, para além dos objetivos da pesquisa propriamente dita, de propiciar que os participantes, pela interação, elaborem melhor suas ideias, exponham-se às opiniões dos outros e avaliem suas crenças e experiências pessoais, com ganhos substantivos em perspectiva”. Trabalhar com grupo focal em pesquisas de ordem social oportuniza um levantamento mais detalhado por meio das discussões e interações propiciadas por esse método de coleta de dados. Ouvir as vozes dos participantes e suas experiências enriquecem a investigação e objeto de estudo, buscando confrontar teoria com o compartilhamento de ideias e sensações envolvidas.

As interações no grupo e a diversidade que emerge levam a que as pessoas argumentem, expliquem sua ideia e forma de pensar. A atenção às trocas e aos encaminhamentos, para esclarecer raciocínios e pontos de vista, dão ao pesquisador a oportunidade de não trabalhar com presunções pessoais, assumindo que já sabe o significado de cada ponto de vista. Esse significado precisa ser buscado nos próprios sentidos que o participante do grupo construiu, pelo tipo de sustentação ou explanação que faz de seus pontos de vista. (Gatti, 2005, p. 40)

Utilizou-se de modo prioritário, a técnica de grupo focal e, de modo complementar, conversas presenciais e contextualizações solicitadas via e-mail aos psicólogos

educacionais dos *campi* a respeito das demandas resumidas de ordem social e comportamental dos jovens atendidos antes e depois da pandemia. Há ausência de apoio psicológico em um dos *campi* para atender às demandas psicossociais dos estudantes. Essa ausência no campus Tubarão pode afetar o tipo e a extensão do apoio disponível aos alunos nesse *campus* específico, potencialmente influenciando as experiências e necessidades relatadas pelos estudantes ouvidos. A opção pela utilização do grupo focal como técnica de coleta dos dados deu-se pelo fato desse grupo favorecer, pela troca entre eles, a discussão de experiências diversas, permitindo a emergência na interação grupal de valores básicos que subsidiam as opiniões.

A pesquisa trabalhou com estudantes de 1º a 3º anos do Ensino Médio Integrado com idade variando entre 15 e 18 anos e nível socioeconômico-cultural homogêneo (médio). Foram contactados até quatro representantes das turmas de Ensino Médio Integrado em cada *campus*. A atividade foi realizada com seis grupos, compostos por estudantes provenientes de diferentes cursos, tendo cada grupo, cinco a oito componentes, seguindo critérios de homogeneidade: jovens representantes de turmas na mesma faixa etária, ambos os sexos, em contextos escolares semelhantes e pertinência ao objetivo da pesquisa.

As sessões foram gravadas entre os meses de janeiro e março de 2025 nas dependências dos seis *campi*, no período destinado ao almoço dos estudantes. O tempo de cada conversa em grupo estava previsto para no máximo uma hora, de modo a não avançar no período das aulas previstas após o almoço e variaram entre 39 e 55 minutos. As conversas aconteceram em espaços diversos, como sala de aula ou sala de estudos. A pesquisa adotou uma abordagem com convites realizados por meio de servidores dos setores que realizam atendimento aos alunos e flexibilidade no agendamento das datas com maior concentração de presença dos alunos no período integral. O convite foi feito por meio de duas formas de comunicação (pessoal e grupos de Whatsapp), nas quais o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice B) foi fundamental para assegurar a autonomia e a voluntariedade dos participantes.

O roteiro de atividades (apêndice A) foi testado antecipadamente para eventuais alterações que poderiam ser realizadas anteriormente à realização das gravações das mediações com os envolvidos e avaliadas pelo comitê de ética da UNESC. Após, foram contactados os estudantes para agendamento das mediações, objetivando alcançar um quantitativo de seis grupos com, pelo menos, um representante de cada turma de cursos técnicos integrados dos seis *campi*, perfazendo uma amostra total de 41 participantes.

Há algumas limitações nas escolhas metodológicas a serem mencionadas, como por exemplo a especificidade e homogeneidade do público estudado, visto que grupos focais com estudantes de outra rede poderiam gerar outros resultados e também a dificuldade para identificar as nuances individuais nos grupos focais devido a dinâmica do grupo. A tabela a seguir está quantificado o número de participantes de cada grupo focal⁵ que corresponde a cada um dos seis *campi*.

Tabela 1 – número de participantes por grupo focal

IFC SANTA ROSA	08
IFC SOMBRIO	08
IFSC ARARANGUÁ	06
IFSC CRICIÚMA	07
IFSC TUBARÃO	07
IFSC GAROPABA	05

O roteiro aplicado com os participantes está dividido em dois momentos: no primeiro busca-se entender o cotidiano do jovem da EPT, tomando como ponto de partida uma dinâmica de jogo de palavras relacionadas com a temática da pesquisa (juventude, tecnologia, rotina, consumo, aceleração, saúde mental, telas) para um estímulo inicial de interações e motivação para falas dos alunos. Já na segunda parte, optou-se por meio de uma linha do tempo, como início da vida escolar, início do uso de tecnologias, período pandêmico, com as respectivas experiências e interações atuais do público jovem da EPT com suas rotinas e acesso à tecnologia.

Ao final, após realizadas as transcrições das sessões, a análise dos dados foi feita por meio da análise de conteúdo de Bardin (2011), seguindo-se uma perspectiva analítico-descritiva com três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a inferência e a interpretação. O objetivo final da Análise de Conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e/ou recepção das mensagens. Isso significa ir além dos significados imediatos para desvendar um sentido oculto, que geralmente é simbólico e polissêmico. A inferência permite deduzir dados de natureza psicológica, sociológica, histórica ou econômica.

As transcrições serviram de base para as análises, a partir da discussão sobre a posição de teóricos e pesquisadores quanto à questão e ao contexto psicológico e social atual, sendo que a pesquisa tomou como premissa que todos os jovens representantes de turmas a

⁵ Optou-se na apresentação e análise de dados por não identificar as falas dos estudantes por *campus* e sim por grupo focal (1 a 6)

serem ouvidos tivessem experiências comuns com o período pandêmico, bem como situações geradas pelo contexto exacerbado pelo fluxo de informações e comunicação por meio das telas.

A análise dos dados foi agrupada considerando referencial teórico com abordagem nos seguintes temas: consumo e aceleração na era tecnológica; a saúde mental e o uso exacerbado de telas; e trajetória escolar: o antes e depois da pandemia. Os temas refletem e expressam a tese de que a Educação dos jovens vem sendo afetada com o uso contínuo das telas, especificamente após os efeitos da pandemia de COVID 2019, considerando a dinâmica da sensação como conceito central para essa problemática.

Buscando conhecer melhor o contexto de atuação e realidade estrutural das instituições de Ensino onde foram coletados os dados empíricos da pesquisa, nas duas seções a seguir são apresentados os seis *campi* que integram o sul catarinense, sendo quatro integrantes do Instituto Federal de Santa Catarina – IFSC e dois do Instituto Federal Catarinense – IFC.

5.1 APRESENTAÇÃO DO *LOCUS* DE ANÁLISE INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

O Instituto Federal Santa Catarina (IFSC) é uma instituição pública de ensino profissional, científico e tecnológico que tem a missão de promover a inclusão, difundir conhecimento e formar cidadãos aptos a atuarem no mercado de trabalho, contribuindo assim para o desenvolvimento socioeconômico e cultural da nossa região.

A origem da instituição remonta ao ano de 1909, quando foi fundada a Escola de Aprendizes Artífices de Santa Catarina. Ao longo das décadas, a instituição teve vários nomes diferentes, decorrentes do processo de transformação e modernização, sendo chamada de Liceu Industrial, Escola Industrial, Escola Industrial Federal, Escola Técnica Federal até Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), denominação anterior à sua transformação em Instituto Federal de Santa Catarina no ano de 2008.

Em 2006, como parte do plano de expansão da rede federal de educação profissional e tecnológica, o CEFET-SC implantou três novas unidades de ensino, em Florianópolis, Chapecó e Joinville. A implantação do *campus* Criciúma se deu na segunda etapa de expansão do IFSC, a partir de 2009. Atualmente, o IFSC conta com 23 *campus* espalhados por todas as regiões do Estado.

O *campus* Criciúma é fruto das lutas das comunidades e dos movimentos sociais da região carbonífera pela expansão da oferta de educação profissionalizante pública, gratuita e de qualidade. O processo de instalação do *campus* iniciou com a realização de Audiência Pública em março de 2008, na qual foram apontados pela comunidade alguns cursos de interesse para a região. Um ano depois, em março de 2009, foram iniciadas as obras de construção do prédio e da infraestrutura do *campus* no bairro Vila Rica.

A obra foi entregue em agosto de 2010 e em outubro de 2010 foi inaugurado o primeiro curso do *campus*: FIC em instalações elétricas prediais e pedreiro em alvenaria e revestimentos. O *campus* foi inaugurado solenemente em 29 de novembro de 2010, data na qual se comemora o aniversário do *campus* Criciúma. A primeira formatura ocorreu no dia 23 de dezembro de 2010, dos formandos do curso FIC de pedreiro e eletricitista. As primeiras turmas de ensino médio integrado iniciaram em 2012.

Atualmente, o *campus* Criciúma do IFSC oferece os cursos técnicos de Edificações, Mecatrônica e Química, integrados ao Ensino Médio; os cursos técnicos de Eletrotécnica e Edificações, subsequentes ao Ensino Médio; o curso técnico em Meio Ambiente, concomitante ao Ensino Médio; e os cursos superiores de Licenciatura em Química, Engenharia Civil e Engenharia Mecatrônica, além de diversos cursos de qualificação profissional oferecidos em parceria com prefeituras, entidades e universidades.

O *campus* Araranguá está localizado no bairro Cidade Alta (Avenida XV de Novembro, 61). Oferece cursos de qualificação profissional, idiomas, técnicos, graduação e Educação de Jovens e Adultos (EJA) nas áreas de Eletromecânica, Têxtil, Moda, Vestuário, Física e Formação de Professores. Também é polo de oferta de cursos de pós-graduação a distância. Assim, o *campus* Araranguá oferece cursos gratuitos e de qualidade, atendendo às demandas por formação profissional do arranjo produtivo local dos municípios do Extremo Sul Catarinense.

O *campus* Garopaba do IFSC foi criado em 2010, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento da região do Litoral Centro-sul, que compreende os municípios de Garopaba, Imbituba, Paulo Lopes, Imaruí, Laguna e Pescaria Brava. Com cerca de 120 mil habitantes, a região tem um rico patrimônio natural, histórico e cultural, com praias exuberantes, complexos lagunares e montanhas que atraem milhares de visitantes anualmente.

A economia da região é marcada pelo setor de comércio e serviços, com destaque para lazer e turismo, um cenário propício para o desenvolvimento sustentável e a inovação. Desde a oferta dos primeiros cursos de qualificação profissional (formação inicial e continuada) a decisão sobre os itinerários formativos é realizada em conjunto com os arranjos

produtivos locais. Em julho de 2010 foram realizados debates com entidades locais e pesquisa com os meios de hospedagem de Imbituba e Garopaba, cujos resultados subsidiaram a definição do perfil profissional a ser formado pelos cursos ofertados.

Em uma audiência pública, que contou com a participação de aproximadamente 500 pessoas, foi possível verificar que entre os cursos técnicos mais mencionados estavam os técnicos em cozinha, eventos, hospedagem, serviços de restaurante e bar, edificações, enfermagem, informática, meio ambiente, eletrônica e modelagem e vestuário.

Em junho de 2012, as atividades pedagógicas e administrativas passaram a ser desenvolvidas em sede provisória, no bairro Campo D'Una. Em 2015 houve a inauguração da nova sede na rua Maria Aparecida Barbosa, que conta com laboratórios, salas de aula, espaços administrativos e de convivência. Em 2016, o *campus* Garopaba inaugurou o Centro Multiúso, um espaço que servirá como sede de eventos e outras atividades.

O *campus* Tubarão, em 2014 passou a atuar oficialmente na sede, localizada na Rua Deputado Olices Pedra de Caldas, 480, Dehon e foi inaugurado oficialmente em 26 de junho de 2015. A oferta de cursos contempla os três eixos de atuação do *campus*: Informação de Comunicação, Gestão e Negócios e Controle de Processos Industriais. Assim, o *campus* Tubarão oferece cursos gratuitos e de qualidade, atendendo às demandas por formação profissional do arranjo produtivo local da Associação dos Municípios da Região de Laguna (Amurel).

O *campus* possui atualmente dois blocos para atendimento e está com o terceiro bloco em fase de construção para ofertas de cursos nos três turnos. O bloco um possui um total de 1.200 (mil e duzentos) metros quadrados de área construída. Já o bloco dois possui área de 590 metros quadrados. A estrutura física total está dividida da seguinte maneira: uma biblioteca, duas salas de aula, nove laboratórios relacionados às áreas de ofertas e um espaço de convivência.

Além das áreas para uso comum da comunidade escolar, o *campus* possui sete áreas administrativas, com salas para Coordenadoria Pedagógica, Coordenadores de Curso, o DEPE (Departamento de Pesquisa, Ensino e Extensão), secretaria acadêmica e registro acadêmico, direção-geral, Departamento de Administração, coordenadoria de gestão de pessoas, videoconferência, almoxarifado/patrimônio, Tecnologia da Informação, copa e banheiros com e sem acessibilidade.

Os cursos estão distribuídos em cursos FIC (Formação Inicial e Continuada) nas modalidades presenciais e EAD (Educação a distância); cursos de Formação de Formadores nas modalidades presencial e EAD; cursos técnicos regulares em Informática, Administração,

Automação Industrial, Logística e Eletrotécnica; curso superior de Tecnologia Regular em Análise e Desenvolvimento de Sistemas; curso de Licenciatura em Matemática na modalidade EAD; Curso de Pós-graduação em Gestão Escolar.

5.2 APRESENTAÇÃO DO *LOCUS* DE ANÁLISE INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC

O Instituto Federal Catarinense *campus Santa Rosa do Sul* localiza-se no município de mesmo nome, sendo integrante da microrregião do Extremo Sul de Santa Catarina. Composta por quinze municípios, a região é constituída pela Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (Amesc).

O município de Santa Rosa do Sul foi desmembrado do município de Sombrio em 4 de janeiro de 1989. O município já foi chamado de Morro das Mortes, Três Alfredos, Santa Rosa e, por último, Santa Rosa do Sul. Morro das Mortes porque, em 1732, dois imigrantes foram assassinados em um morro da região. Já Três Alfredos se deve ao fato de que, anos mais tarde, chegaram à localidade Alfredo Emerim, Alfredo Teixeira da Rosa e Alfredo José dos Santos.

Em 1932, com a chegada dos imigrantes açorianos e italianos, o vigário sugeriu a mudança do nome para Santa Rosa, hoje Santa Rosa do Sul. O Município, com 9.792 habitantes e área de 150 quilômetros quadrados (IBGE 2022), está situado a uma latitude de 29°08'10"S, uma longitude de 49°42'00"W de Greenwich e a uma altitude média de 7,5 metros em relação ao nível do mar, embora tenha morros de até 30 metros de altura.

As seguintes localidades formam o município de Santa Rosa do Sul: Vila Bitencourt, Novo Horizonte, Lageado, Linha Tamandaré, Peroba, Pontão, Sanga D'Areia, Forquilha do Cedro, Bela Vista, Vila São Cristóvão, Jaguarari, Glorinha e Vila Nova, bairro onde fica localizado o *campus*. De economia essencialmente agrícola, Santa Rosa do Sul tem sua estrutura fundiária composta por pequenas propriedades familiares, com destaque para a produção de arroz, banana, fumo, mandioca e milho. Nesse contexto, o *campus* foi concebido com o objetivo de dar apoio à comunidade de Vila Nova, assentamento de pequenos agricultores ali instituídos, principalmente na área de irrigação e drenagem.

Para compreender a criação de uma instituição federal de ensino e a localização em Vila Nova, a Superintendência do Desenvolvimento da Região Sul (SUDESUL), autarquia federal criada em 1967, vinculada ao Ministério do Interior, teve como finalidade planejar e

promover a execução do desenvolvimento da Região Sul, coordenando e controlando a ação federal nesta região.

A construção de uma escola era outro plano que fazia parte do grande projeto e ela funcionaria como suporte técnico de toda a estrutura que estava sendo erguida. Ela foi concebida, em princípio, para oferecer o curso técnico agrícola com o currículo voltado fortemente para a área de drenagem e irrigação.

Assim, a chamada Escola à época foi concebida, primeiramente, com o objetivo de atuar como uma Unidade de Ensino Descentralizada da Escola Técnica Federal de Santa Catarina, localizada em Florianópolis. A Instituição foi inaugurada em 5 de abril de 1993, passando a ser denominada Escola Agrotécnica Federal de Sombrio por meio da Lei nº 8.670, de 30 de junho de 1993. Foi transformada em Autarquia Federal, com a mesma denominação de Escola Agrotécnica Federal de Sombrio, em 16 de novembro de 1993, por meio da Lei nº 8.731. Em 28 de março de 1994 entrou em funcionamento.

A Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, a transformou no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense *campus* Sombrio. Anos mais tarde, a Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008, transformou a então Escola Agrotécnica em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense *campus* Sombrio. Em junho de 2014, por meio da Portaria nº 505, de 10 de junho de 2014, do Ministério da Educação, o *campus* Sombrio passou a se chamar *campus* Santa Rosa do Sul; e a cidade de Sombrio passou a ter um *campus* avançado.

O *campus* Santa Rosa do Sul, desde o início das suas atividades como escola agrotécnica federal, ofereceu o ensino médio aos alunos e, também, cursos técnicos. Começou oferecendo o Curso Técnico em Agropecuária, carro-chefe da Instituição, mantido até hoje. Além do ensino regular, o *campus* oferece cursos básicos e desenvolve projetos de pesquisa, inovação, extensão e ensino com a efetiva participação de estudantes da Instituição.

A Instituição iniciou sua atuação junto à comunidade regional e hoje possui abertura para estar presente em diversos eventos de tomadas de decisão, em diversas áreas e situações, na sua área de abrangência. O grande objetivo da lei nº 11.892 é “estimular e apoiar processos educativos que levam à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional”.

O *campus* Santa Rosa do Sul é conhecido pela excelência no ensino agropecuário, já tendo lançado no mercado de trabalho mais de 2700 técnicos e técnicas em agropecuária em três décadas de história, além de dezenas de engenheiras e engenheiros agrônomos, contribuindo para o fortalecimento do setor e o desenvolvimento socioeconômico da região.

Possui uma área total de 204 hectares e estrutura com mais de 23 mil m² de área construída, incluindo 16 laboratórios e uma escola fazenda com ambientes de ensino e aprendizagem.

Os cursos ofertados são gratuitos e a Instituição ainda dispõe de moradia para 240 estudantes, além de um programa de assistência estudantil voltado ao acesso e aproveitamento pleno da formação acadêmica de alunos e alunas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, por meio da concessão de auxílios. Os cursos atualmente autorizados para serem ofertados pelo *campus*, que possuem um universo com mais de 1.000 estudantes matriculados, são: Curso Técnico Agropecuária Integrado ao Ensino Médio; Curso de Engenharia Agrônômica; Curso de Bacharelado em Zootecnia; Curso de Educação de Jovens e Adultos articulada à formação técnica/qualificação profissional em Agricultura Familiar (EJA-EPT); Curso Técnico Agropecuária Subsequente ao Ensino Médio; Curso de Especialização em Produção Vegetal; Curso de Especialização em Produção Animal.

Também em meados de 2008, com a necessidade de expandir as ações, efetivamente para o Município de Sombrio, que desponta como polo microrregional, foi criada a unidade descentralizada urbana, denominada inicialmente Núcleo Avançado de Sombrio, posteriormente **Unidade Urbana de Sombrio** e partir da expansão da Rede Federal, através da Portaria 505/2014 do Ministério da Educação passa a ser denominado *campus* Avançado de Sombrio (Portaria/MEC 1.074/2014).

O movimento de criação deste *campus* busca apresentar soluções técnicas para os arranjos produtivos locais, proporcionando o acesso e gerando novas tecnologias a partir da formação do jovem que cursa o ensino médio integrado ao curso técnico de informática e fomentando as carreiras de nível superior com cursos de Tecnólogo em Gestão de Redes de Computadores, Tecnólogo em Gestão de Turismo e Licenciatura em Matemática. Além dos cursos regulares, também são ofertados cursos nas modalidades de Formação Inicial e Continuada – FIC e desenvolvidas atividades de pesquisa e extensão ligadas a projetos concebidos pelo corpo de servidores da instituição.

Após a contextualização da etapa metodológica que permeia a pesquisa, bem como seu *locus* de análise, passaremos a conhecer e discutir no próximo capítulo a respeito de nossos dados empíricos coletados por meio das vozes dos estudantes, compondo suas visões e relatos contundentes em relação ao que as teorias e estudos científicos, bem como reportagens apontam sobre a sociedade da era tecnológica pós-pandêmica, juntamente com suas experiências pessoais e percepções acerca da temática.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS CONSTRUÍDOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

A seguir são apresentados os dados coletados por meio de atividade com grupo focal composto por jovens de cursos técnicos integrados ao Ensino Médio dos *campi* dos Institutos Federais de Educação do sul catarinense. Os jovens foram ouvidos no período de janeiro a março de 2025. Cada grupo representa um dos seis *campi*, sendo composto de 6 a 10 representantes de turma, com idades entre 15 e 18 anos. As conversas coletivas ocorreram na própria estrutura dos *campi* e durante parte do período de intervalo do almoço dos alunos, de modo a não prejudicar a programação das aulas. As vozes apresentam percepções a respeito das transformações na juventude contemporânea, sendo que os tópicos centrais giram em torno da saúde mental, aceleração social e educacional, uso de tecnologias, telas e os efeitos da pandemia.

A discussão entre os jovens, mediada pela pesquisadora, evidencia uma forte autopercepção crítica sobre os impactos da tecnologia, pandemia e cultura de consumo na sua formação e cotidiano. Os participantes articulam experiências pessoais e coletivas, revelando reflexões maduras sobre saúde mental, uso excessivo de telas, o ritmo acelerado da vida e a lógica consumista da juventude atual. As contribuições dos jovens a respeito da temática serviram como base para a discussão acerca da dinâmica de acesso às telas, junto à dinâmica de consumo e interações, os quais se intensificaram no pós-pandemia até os dias atuais.

A Análise de Conteúdo de Bardin (2011) oferece um conjunto de técnicas para interpretar as falas dos jovens, indo além da descrição. A fase de pré-análise com a leitura flutuante dos depoimentos permitiu que intuições e hipóteses iniciais pudessem emergir, como a de que a pandemia e o avanço tecnológico acentuaram tendências já presentes na juventude, como o imediatismo e a busca por aprovação social através do consumo e da exposição; o uso excessivo de telas durante a pandemia exacerbou a ansiedade e a busca por gratificação instantânea (dopamina) entre os jovens. Esta fase já sugeriu a presença de características do que convencionamos identificar como juventude excitada, como a sobrecarga e a aceleração.

Na Exploração do Material com a categorização e codificação, a técnica principal aplicável foi a análise categorial ou análise temática. Isso envolve o desmembramento do

texto em unidades e a classificação em categorias segundo reagrupamentos analógicos. As categorias elencadas são: Excitação e Vício, Aceleração e Imediatismo, Consumismo e Materialismo, e Sofrimento subjetivo e Dificuldade de Socialização, as quais permitiram organizar os dados brutos e identificar as unidades de sentido. A recorrência das palavras e temas nas falas dos jovens “aceleração”, “ansiedade”, “celular”, “telas”, “consumo”, “vício”, “dependência” é um indicador chave. Ademais, as palavras “celular”, “vício”, “dependência” e “ansiedade” não estavam dispostas na atividade inicial proposta aos alunos e também são unidades de registro evidentes que expressam as características para a categorização de juventude excitada.

Bardin (2011) explica que as recorrências podem ser uma reação direta a um estímulo ou um preenchimento compulsivo do tempo de fala por bloqueio, além de sinalizar a importância de um tema para o locutor, como por exemplo, a repetição do tema "aceleração" em diferentes contextos como rotina, trajetória pessoal e escolar e consumo de telas. A análise também se constitui nas coocorrências, que examinam as relações entre os elementos do texto, nesse caso, as coocorrências entre “telas” e “ansiedade”, ou “pandemia” e “atraso no ensino” e “aceleração” para entender as associações que os próprios jovens estabelecem.

A finalidade da análise de conteúdo de Bardin (2011) é a inferência: a partir da descrição objetiva e sistemática dos conteúdos manifestados (as falas dos jovens), se pode regressar às causas, ou até descer aos efeitos das características das comunicações, ir além do que é explicitamente dito e desvendar o “escondido, o latente, o não-aparente”, ou seja, os significados secundários como mitos, símbolos e valores que se movem sob o sentido primário. As falas dos jovens, coletadas nos grupos focais, revelam uma série de experiências e percepções que se alinham diretamente para a categorização de juventude excitada.

6.1 PERCEPÇÕES DOS ALUNOS DE CURSOS TÉCNICOS INTEGRADOS AO ENSINO MÉDIO SOBRE A ROTINA DE ACESSO E CONSUMO TECNOLÓGICO

Podemos chamar de mutação civilizacional tecnológica o modo como historicamente o mundo digital nos conecta cotidianamente, o qual promete autonomia, mas

somente nos torna usuários de uma rede que foi produzida com fins estritamente comerciais e econômicos. Depois que as empresas se reinventaram durante a pandemia para produzir e estimular o consumo remotamente, a todo momento, mesmo que buscando o lazer com uma música ou vídeo, somos bombardeados por propagandas de conteúdos dos mais diversos. É como se estivéssemos em modo de espera para que uma palavra ou busca lance uma oportunidade de consumo. Conforme um dos jovens ouvidos: *“Agora, com a internet, eu tô comendo, tô descansando e, mesmo assim, consumindo. Eu tô em casa e consumindo, não necessariamente no ambiente físico. Então, isso alavanca muito essa questão do consumo desenfreado das pessoas, na questão comercial” (grupo focal 1).*

O controle e produção de conteúdos influenciam nas relações políticas, econômicas, sociais e psíquicas, alterando as percepções de pertencimento social e coletivo das relações de trabalho, por exemplo, com o aumento da informalidade. O empreendedor de si coloca-se como um esvaziamento ou enfraquecimento da classe trabalhadora, que foi por tantos anos responsável por inúmeras aquisições e revoluções necessárias para a produção da existência e do conhecimento científico e técnico. O consumo não é apenas material, mas informacional e simbólico.

Mais do que consumir e vender produtos, as pessoas estão buscando replicar modos de vida e de experiências que estão expostos na internet. “Para o vendedor tanto faz se a coisa oferecida realmente garante o prazer que sua superfície promete.” (Türcke, 2010, p.190). Esse aumento expressivo de projeção econômica está intimamente ligado com a expressão e mediação por imagens propiciadas pelas redes sociais, as quais na pandemia tiveram um alcance histórico e que se perpetuaram como canal de vendas e ofertas, de modo que não temos mais uma barra de rolagem sem anúncios intermitentes. Um estímulo constante para consumir a qualquer custo.

O consumo de telas e conteúdos digitais segundo os jovens está relacionado à alienação do mundo real. Um dos relatos destaca que esse consumo pode fechar os jovens para o que está ao redor, criando uma espécie de confinamento: *“A gente ficar consumindo aquilo direto, acaba que a gente não percebe o que tem lá fora” (grupo focal 4).* Outra fala

amplia a ideia de consumo para além das telas, envolvendo livros, jogos, comida e critica a falta de racionalidade nas escolhas: *“Acho que o consumo tem que ser feito muito racionalmente, para saber o que tu está consumindo e por que tu está consumindo.”* (grupo focal 4)

No caso dos jovens ouvidos, eles percebem menos capacidade de reflexão a respeito do que irão consumir, algo que o autor Savage (2009, p. 11) menciona que “desde o início, *teenage* foi um termo de marketing usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes” ao relacionar com o surgimento do termo *teenage* no século XIX. Desta forma, esse consumo é descrito como viciante de acordo com o depoimento a seguir: *“Eu acho que o consumo tá excessivo em todos os sentidos, não somente em comprar blusinhas na Hein, mas consumo de drogas, consumo de telas. Tipo a gente acaba como é um vício de comprar pela internet também tem o vício das telas. E isso prova que tudo se interliga.”* (grupo focal 2). Os jovens estabelecem uma excessividade na mesma direção para o consumo de bens, informação e de drogas, demonstrando a seriedade com que o consumo deve ser tratado e racionalizado.

O consumo está atrelado diretamente a esse novo modo de ver e agir, tornando as escolhas previamente ditadas por um algoritmo ou opinião alheia. Além disso, as opiniões são reflexos do consumo de ideias, percepções e modos de vida de pessoas que não estão no convívio pessoal, muitas vezes são apenas “empreendedores de si” buscando um lugar ao sol na venda de produtos e experiências. A discussão sobre consumo revela uma crítica contundente ao materialismo e à pressão estética nas redes sociais, o que revela um esvaziamento de sentido para dar lugar ao poder da persuasão.

O desejo de mostrar para os outros (parecer) surge como motivador principal do consumo: *“Hoje em dia é muita resenha, muito Jack Daniels, é querer um carro rebaixado cheio de som. Compram blusinha na Shein, gastam mil reais só pra esbanjar. Não pensam no que é lógico, no que vai dar futuro pra eles.”* (grupo focal 2). Além do consumo de bens, os alunos relacionam essa lógica a outras formas de excesso e identificam a ausência de pensamento crítico como raiz do problema, visto que sua personalidade está se constituindo enquanto sujeito social.

[...] celular, por exemplo? Acho que também o consumo excessivo, às vezes, de informação desnecessária. [...]Porque, querido, a gente, como adolescente, a nossa vida é muito curta, a gente também está em época de ter várias experiências com tudo. Então, lá, tem pessoas que levam pra gente pra alterar os caminhos, oferecem coisas pra gente, e a gente fica sempre nessa euforia de consumir, consumir, consumir, consumir, tudo, tudo, tudo, tudo, porque a gente é adolescente, a gente tem que ver, não fica nessa 'loucurada', e acaba que não dá uma avisada no freio, sabe? (grupo focal 4)

Nas vozes dos estudantes, fica evidente que apesar do consumo inconsciente desse novo modo de vida, apresentam uma consciência e vontade de serem ouvidos em relação a suas percepções, anseios e dificuldades. Na busca incessante de se constituírem membros da sociedade e se autoafirmarem no curto espaço de tempo até a fase adulta, faz com que experimentem e vivenciam o consumo de experiências e atitudes compiladas. Na busca por informação e no anseio de conhecimento, acabam caindo no gosto das grandes marcas ou empresas de tecnologias que entregam a cultura do que mais vende: a idealização do sucesso e da vida perfeita replicada.

A gente consome muitas coisas e de diferentes aspectos. A gente consome opiniões dos outros, a gente consome o que a gente vê na internet. A gente consome, enfim, a gente consome de tudo, né? E como que essas coisas nos afetam? E como que elas batem no nosso interior, assim? Tipo, que tipo de coisa é bom a gente consumir? Que tipo de coisa não é bom a gente consumir? Eu acho que está muito entrelaçado com os nossos valores, com o nosso caráter. (grupo focal 5)

Essa visão revela uma consciência crítica sobre o tipo de conteúdo e influência que molda o comportamento e os valores dos jovens, relacionando consumo com a identidade. Geralmente se pensa na inobservância do jovem perante o mundo que os cerca, mas as vozes apontam para que as instituições, tanto escolares como familiares, ou até mesmo governamentais, acolham estas demandas com maior atenção e orientação. São jovens em constante aprendizado e tendo uma visão atual de mundo que constantemente é atravessada por mudanças tecnológicas e de estilos de vida de forma articulada e, nesse sentido, o excesso de estímulos promove confusão mental e prejudica a capacidade de síntese, reflexão e aprofundamento.

A tecnologia é compreendida a partir de dualidades: salvadora na pandemia (EAD e TIC), mas também vilã pela alienação, disseminação de *fake news* e redução do esforço

cognitivo “o conhecimento está na nossa mão [...] antes tinha que ir na biblioteca.” (grupo focal 01). O avanço tecnológico é percebido como inevitável, mas os jovens demonstram preocupação com o impacto disso na autonomia intelectual, visto que não há mais grandes esforços para a construção do pensamento e nas relações, um temor real sobre a desumanização do futuro “Minha madrasta fala que a gente é a primeira geração com *QI* menor que os pais. (grupo focal 01).

São jovens que defendem o uso consciente da tecnologia, sendo que ela também nos aproxima de realidades antes impossíveis, mas que tem consciência dos avanços com a IA e há também o uso inadequado para direcionar a conteúdos suspeitos, como a ocorrência de *fake news*. “Tem o benefício malefício, né, que muita gente tá usando menos a cabeça com a IA. E com a tecnologia, teve muito mais a disseminação de *fake news*, né, foi muito mais fácil. (grupo focal 6). Essas falas indicam uma crítica ao uso passivo da tecnologia, marcada também pelo aumento de *fake news* e pelo isolamento digital que dificulta ainda mais a capacidade de reflexão e criticidade.

Há ainda um receio constante sobre o futuro da tecnologia, expresso com ironia e preocupação: “Vai acontecer igual *Matrix*. As mudanças climáticas vão acabar com a gente antes da tecnologia. Muita gente pensa em não ter filhos por causa das mudanças climáticas.” (grupo focal 6). Uma tensão é sentida nos depoimentos pelos rumos que a própria sociedade toma em relação com o consumo de bens e de recursos naturais. Sobre a gestão algorítmica e consumo é mencionado a respeito dos objetivos capitalistas em obter lucro a qualquer custo.

Eles querem lucro, independente de como. Isso acaba também prejudicando a natureza, né? Tem um consumo muito grande e acaba afetando a saúde do planeta.” [...] Essa vida útil pra gente cada vez comprar mais, comprar o mais caro, o melhor. Tem uma opção mais viável em todas as coisas, tipo o plástico hoje em dia poderia ser inutilizado, mas é muito mais caro o processo. A questão da reciclagem também acaba ficando muito caro pra eles, aí compensa só produzir mais. (grupo focal 6)

O ritmo automático de consumo de itens e informação traz consigo uma sociedade paralisada no sentido de questionar sobre soluções mais sustentáveis para que se diminua a produção de materiais que degradam o meio ambiente. Contudo, o que se observa são

demandas ainda maiores para sustentar a produção em escalas estratosféricas para venda de produtos. Os jovens também percebem esse movimento contrário e não sustentável para a produção de mais lucro próprio do sistema capitalista que se retroalimenta deste modelo produtivo.

Sobre a máxima de estar a todo momento conectado, com estímulos visuais se sobressaindo e que causam um bombardeio de informações e tarefas a serem realizadas ao mesmo tempo, é perceptível uma aceleração e imediatismo para realizar mais rápido e se ver livre de atividades. *“Eu acho que pelo celular, o pensamento rápido, hoje em dia pelo menos. Por acaso se eu mando uma mensagem pra alguém, não dá segundos chegou já nela. Isso já te causa um pouco de ansiedade também.”* (grupo focal 1). Uma juventude hiperestimulada o tempo todo pelo uso de aparatos tecnológicos e que se vê obrigada a acompanhar e entrar no ritmo frenético de respostas imediatas para manter a cadeia de conexão ininterrupta.

Há um sentimento coletivo de que o tempo passou a ser vivido de forma mais rápida e ansiosa, tal como Rosa (2019, p. 43) descreve como sendo a “transformação das estruturas temporais na modernidade”. A pandemia consolidou um modo de vida acelerado em que a lógica do “agora” se sobrepõe ao tempo natural. A tentativa de adiantar a vida causa frustração, ansiedade e desatenção aos pequenos momentos cotidianos que, embora não essenciais, fazem grande diferença: *“[...] a gente quer construir tudo em 30 segundos, como tá no TikTok e Instagram.”* (grupo focal 1). Atividades mais densas que requerem atenção plena competem com pequenas doses de dopamina gerada por meio destas plataformas tipicamente interativas.

A metáfora do “bolo que não assa” representa esse embate entre o tempo real e o tempo do desejo: *“eu começo a brigar com uma coisa que é o tempo natural das coisas.”* (grupo focal 1). Isso evidencia uma mudança no processamento da atenção plena do indivíduo. O consumo fragmentado de conteúdo promove impaciência cognitiva, interferindo até na forma de assistir às aulas, segundo os alunos ouvidos: *“Eu vejo o professor falando na aula e quero botar ele em 2x.”* (grupo focal 3). Esse comentário revela como o ritmo imposto

pelos algoritmos se internalizou, afetando até mesmo a relação com o tempo da fala humana e do processo de ensino e aprendizagem.

E sobre aceleração também, eu acho que o uso do celular tá muito ligado a isso. Eu também me incluo. E tipo assim, áudio, duas vezes, tipo, tudo assim vai em vídeo, tipo, em duas vezes. A gente vai vendo que a gente não vai tendo mais paciência pra ver um vídeo, um áudio, de um filme. Então, é bem raro quem gosta de ver filme, ler livro. Sim, verdade. Isso é muito fácil de perceber, porque tipo assim, com o celular, por exemplo, o consumo de outras atividades, atividades não virtuais, ficou muito menor. (grupo focal 5)

A hiperestimulação digital causa uma falsa ideia de produtividade, que na verdade colabora para uma supervalorização de ações que propiciam pequenas doses de dopamina para fugir de atividades mais profícuas, como a leitura de um livro ou assistir a um filme. Essas atividades estão sendo deixadas de lado para dar lugar a curtas ações (ou cliques) que deixam o poder de concentração mais prejudicado para demandas de foco nos estudos, por exemplo.

Eu acho que o meu foco é exatamente em uma coisa que é fazer tudo ao mesmo tempo. Tipo, a gente não consegue assistir um filme sem estar fazendo outra coisa ao mesmo tempo. A gente é, tipo, entediada, a gente quer estar toda hora estimulado. E parece que aquilo não foca na atenção. Eu acho que também a gente tem muito problema de atenção. Afeta bastante nos nossos estudos e tudo. (grupo focal 5)

O consumo ininterrupto de conteúdos desafia o cérebro a desacelerar em meio a tantos estímulos. Tudo que é mais lento ou que precisa de mais tempo e concentração se torna mais difícil de ser assimilado ou executado. A juventude é mais imediatista e já não sabe mais viver as experiências com mais calma, até conversas muito longas se tornam maçantes. Essa rotina tem levado inúmeros jovens ao vício e problemas como ansiedade devido às dificuldades de desconectar-se ou diminuir o ritmo de resposta imediata aos estímulos, que são sensações mediadas por imagens (Türcke, 2010).

Tu sempre tem que ter acelerando aquilo ali, porque teu cérebro não consegue. Ele sempre quer passar o tempo mais rápido com as coisas que tu assiste. E é tipo um vício, né? Gera uma dependência. Eu, por exemplo, percebo que eu tenho essa coisa, eu não consigo ver um vídeo longo por muito tempo, dá uma ansiedade, dá uma agonia, parece que tu precisa acelerar, fazer outra coisa ao mesmo tempo. Então acho que isso pós pandemia tem piorado muito, porque os adolescentes, principalmente, são cada vez mais conectados. (grupo focal 2)

Um fluxo ininterrupto de sensações baseadas em imagens que causam apatia e em certa medida, incapacidade de gerir tarefas mais elaboradas a serem executadas, pelo simples fato de que tudo que o aparelho notifica é mais urgente e parece que “algo falta. Algo que não é em si mesmo corpóreo, mas que dota o corpo de um “aí”: sua irradiação.” (Türcke, 2010, p. 47). A ânsia por estar imerso a todo o momento no que está acontecendo gera uma ação natural de estar com o aparelho tecnológico debaixo dos olhos, gerando a sensação de perda caso esteja desconectado digitalmente. A nomofobia é uma realidade e afeta a saúde mental de muitos jovens, cujo temor de estar desconectado gera sintomas patológicos e físicos. A ausência de concentração nos estudos e rotinas aceleradas que afetam o sono já são mencionadas pelos jovens, assim como o que Crary (2014) já afirmou em sua obra *24/7*.

Está surgindo uma nova subjetividade produzida pelo universo digital, a qual é narcisista ao ponto que você somente existe se você é visto. Aquilo que Turke (2010) já evidenciava atualmente está ainda mais marcado no mundo digital. Ser visto é a primeira marca do narcisismo, mas que depende do olhar do outro, no caso das relações atuais impostas pelas redes sociais. E esta dependência da aprovação e validação ininterrupta sobre si pelo outro está causando depressão. O fato de mostrar ao mundo através de uma postagem sobre o que está fazendo no momento, causa uma ânsia por credibilidade ou aceitação.

O uso de dispositivos como celulares e videogames aparece como algo naturalizado e precoce entre os jovens. O celular é, em muitos casos, introduzido não apenas por lazer, mas por necessidades familiares e de comunicação, como exposto nesta fala: “[...] com sete anos eu comecei a viajar sozinha de ônibus pra Floripa pra ir visitar meu pai, aí minha mãe precisava de algum tipo de comunicação [...], aí eu ganhei meu primeiro celular.” (grupo focal 6). Aquilo que era inicialmente para comunicação parte para outras camadas de acesso e ditando toda uma rotina de conexão incessante.

A tela também surge como espaço de vício e substituição do convívio presencial e do brincar: “A minha primeira tela foi um videogame [...] em vez de brincar na rua com o meu cachorro, ficava o dia inteiro jogando. Todo mundo [...] quando ganhou o celular ficou viciado ali nos videozinhos, ou comunicação.” (grupo focal 6). Certamente este é o maior

desafio entre pais: estabelecer limites e promover reflexão acerca do acesso precoce a telas, bem como a captura de tempo na vida presencial dos filhos.

A percepção de comparação com a vida idealizada pelos outros, acessível por meio das redes sociais, é vista como um gatilho de ansiedade e insegurança. *“E o pior disso é quando tu, tipo, tu tem um dia ruim, aí tu entra no Instagram e aí tu vê o vídeo de uma pessoa que acordou às cinco da manhã, saiu pra correr, estudou nove horas por dia e tu não fez nada, aí tu se sente pior ainda.”* (grupo focal 3). Nota-se que os jovens internalizam a pressão por desempenho e aparência, sentindo-se afetados psicologicamente pela constante exposição digital. O cuidado com a saúde mental aparece como uma necessidade urgente, mas também como um desafio diante da realidade atual. A internet virou território para a prática de preconceito e ódio que podem levar a casos de *cyberbullying*.

[..] foi sério assim, foi bullying e cyberbullying e aí quando eu chegava em casa pra mim não ficar pensando nisso eu ia pro celular, isso me ajudou no recreio também acho que se eu não tivesse o celular no passado eu teria surtado porque teve um dia que eu esqueci e aí eu fiquei com crise de ansiedade o recreio, porque eu não tinha o que fazer eu não tinha amigos, essas pessoas falaram mal de mim pro resto da escola inteira inventaram coisas que não eram verdades aí eu fiquei sozinha e o celular me ajudou nesse quesito assim. (grupo focal 6)

Essa narrativa é de uma jovem autista que destaca também as barreiras da neurodiversidade na integração social e a dor emocional decorrente de mal-entendidos e da incapacidade de manter laços sociais, inferindo uma necessidade de maior empatia e educação social sobre diferentes formas de comunicação. Nas falas dos jovens aparecem também o caso do *cyberbullying* praticado em momentos como da pandemia, que foram evidenciados a partir da vulnerabilidade das pessoas. *“Fazer bullying na internet, enfim, roubo, essas coisas. Tipo, as pessoas sempre se aproveitaram da vulnerabilidade dos outros para praticar golpes e, enfim, coisas ruins.”* (grupo focal 5). Esse excesso de comparações presente no cotidiano dos jovens está adoecendo e prejudicando o desenvolvimento cognitivo e psicossocial, fazendo com que vivenciamos uma epidemia de casos de depressão e ansiedade, dentre outros acometimentos.

E eu acho que a internet influenciou muito nisso, né? As pessoas se comparam muito com o mundo virtual, sendo que não é aquilo que é o real. Eu concordo. Porque antigamente era só galera ali do teu grupinho, tu tinha só esse acesso. Hoje a gente

tem acesso a todo mundo de fora. A gente já se comparou com uma pessoa que está lá nos Estados Unidos, na Espanha, em outro estado, em outra cidade. (grupo focal 5)

Essa dinâmica comparativa afeta o ânimo para realizar atividades e a rotina para concentrar-se nas tarefas que exigem maior foco. A rotina de um aluno do Ensino Médio Integrado demanda bastante comprometimento com os estudos e com o tempo a ser despendido para tal, já que vivem uma rotina de aulas em período integral, de ensino propedêutico e ensino técnico. Os jovens relatam que o tempo para lazer e interações sociais está competindo com o uso do celular, visto que a maioria dos conteúdos são acessados na palma da mão desde que surgiram os *smartphones*.

A sobreposição de rotinas escolares exigentes com o uso contínuo de telas afeta diretamente a capacidade de organização dos jovens. O celular, ao mesmo tempo ferramenta e distração, interfere nas metas e gera frustração: *“A gente fica tanto no celular, procrastinando, a gente não consegue seguir a nossa rotina. Aparece uma notificação, aparece alguma coisa, eu já me distraio. Eu saio da minha rotina, aí depois eu fico me culpando.” (grupo focal 5)*. O sentimento de que a saúde mental e bem-estar está prejudicado está presente na fala dos grupos ouvidos:

[...] eu penso que, tipo assim, aqui no IFSC, que é muito, tipo assim, eu acho que danificam a minha saúde mental, realmente. Porque envolve a questão das telas, da rotina, do consumo, de tudo. Porque daí acontece que tu não tem tempo pra fazer outras coisas que tu tem vontade. Tu tem que se concentrar muito nos estudos. E às vezes acontece que, tipo assim, no celular, por exemplo, eu estudo pelo celular, eu estudo pelo computador. Aí aparece uma notificação, aparece alguma coisa, eu já me distraio. Eu saio da minha rotina, aí depois eu fico culpado por não ter conseguido concluir o que eu queria. E aí, tipo, é um ciclo muito complexo. Como é que eu vou ter uma saúde mental boa, estável? Como é que eu vou dividir o meu tempo com os meus amigos, sair, fazer as coisas que eu quero e ter uma rotina saudável? É muito difícil conciliar todas as coisas. (grupo focal 5)

Esse trecho sintetiza um sentimento de sufocamento que parece comum a essa geração. Propõe, mesmo que indiretamente, uma urgência em ressignificar o tempo, o uso da tecnologia e os modos de viver a juventude. Este sentimento é comum a todos que vivem a contemporaneidade, inclusive os professores em suas práticas e sistemática de atividades e a Educação, em todas as suas modalidades, precisa compreender este fenômeno para intervir neste processo. A ansiedade aparece como consequência direta do excesso de telas, de

informações e de cobranças escolares: “*A quantidade de tela, a quantidade de informação, o consumo muito grande [...] acaba colaborando com a ansiedade.*” (grupo focal 4).

Além disso, os jovens refletem sobre a pressão do ensino técnico e a sensação de estarem correndo contra o tempo sem saber exatamente o porquê: “*Vai fazendo sem um propósito, sem um real sentido, e isso vai desgastando a pessoa.*” (grupo focal 4). Há ainda uma percepção de que a vida está acelerada e que a escola não tem acompanhado suficientemente essa transformação: “*A ansiedade está sendo cada vez mais aumentada por essa vida rápida que está acontecendo. Sinto falta da escola nesse quesito, de ela projetar, falando um pouco mais sobre isso com a gente.*” (grupo focal 4). Fica clara a urgência de acolhimento e preparação do estudante que inicia seu percurso formativo na EPT. Um direcionamento mais humanizado objetivando clareza mental e pertencimento com a Instituição de ensino para uma melhor permanência.

Em alguns *campi* há alunos alojados em tempo integral, sendo que essa realidade é ainda mais extenuante. Os alunos relatam a respeito da ansiedade que ocorre com notícias externas e que o apoio e interação de colegas de alojamento faz toda diferença. Portanto, o acompanhamento psicossocial é necessário assim como a escuta. No relato abaixo, houve queixas de que debates e conversas como esta que estava sendo realizada por meio da pesquisa, poderiam ser mais recorrentes, pois muitas vezes com a figura do psicólogo eles têm um distanciamento maior. Nesse sentido, é preciso que a instituição busque estreitar relações para que o acompanhamento de tais situações seja de fato efetuado. Um dado importante, é que dos seis *campi* pesquisados, apenas um não possui profissional psicólogo educacional para atendimento das demandas dos alunos.

Eu acho que. Tipo a gente como é alojado, a gente fica a semana toda, a semana inteira. Aí semana passada o meu vô tinha botado que tinha quebrado a perna. Aí eu fiquei naquela ansiedade, queria saber o que ia acontecer então tava no hospital ainda. Aí acho o que me aliviou um pouco foi poder falar com as gurias, poder contar pra elas, desabafar pra quem sabe eu liberar e ver que não é um caso tão grave. Assim mais acho que um pouco a notícia causa ansiedade na gente. (grupo focal 2)

Os relatos apontam também que esta fuga vai ao encontro do celular, que para muitos é um refúgio particular para momentos difíceis, como o do luto. “*[...] não faz nem um*

mês. Eu chego em casa eu me “enforno” no celular, [...] chego na minha cidade vou mostrar pra todo mundo que eu cheguei da escola, e já me bate um aperto no peito, um aperto no peito.” (grupo focal 2). Apesar das mudanças de humor e de diferentes jeitos de ser, o jovem busca amparo, seja na família ou na escola com os colegas.

Os estudantes reconhecem que as telas têm valor como entretenimento e ferramenta educativa, mas também denunciam seu uso excessivo como um risco à produtividade e ao bem-estar. Uma das falas mais marcantes destaca como o tempo “some” diante das telas: *“Pega só uns três segundos, fica lá o dia inteiro e esquece de fazer as coisas.” (grupo focal 4).* Apesar disso, os jovens apontam que a responsabilidade sobre esse uso deve ser pessoal, baseada no autocontrole, e não apenas em imposições externas: *“Acho que se tem um controle, a pessoa em si, acho que não é um controle dos outros, é mais uma noção de cada um.” (grupo focal 4).* Esse comentário reforça, que mais do que proibir o uso, uma educação digital se faz necessária para chegar-se a uma consciência crítica a respeito do uso da tecnologia.

A tecnologia é percebida como indispensável no ambiente escolar — especialmente nos Institutos Federais —, o que impede sua exclusão completa, já que alguns cursos possuem seus currículos baseados neste acesso tecnológico. Assim, discute-se a importância de regular o tempo de uso, sem reprimir totalmente o acesso: *“A gente tem que não cortar diretamente a tecnologia dos alunos, mas sim regularizar o período de tempo.” (grupo focal 4).* O celular aparece como símbolo da transformação do cotidiano e das relações sociais, nas quais os jovens reconhecem que sua geração cresceu com o aumento do acesso à tecnologia e que isso trouxe benefícios práticos, mas também prejuízos emocionais e sociais. *“A juventude hoje está perdida praticamente no uso do celular. “Eu acho que a gente foi perdendo um pouco da essência.” (grupo focal 2).* As telas foram apontadas como ferramenta ambígua — úteis para aprendizagem, mas também fontes de distração e sobrecarga mental.

Os relatos mostram uma nostalgia precoce por uma infância com mais contato humano e menos tela, contrastando com a nova geração: *“Meu irmão tem cinco anos e já tem um celular. Eu com cinco anos nem sabia o que era um celular. Elas se viciaram também, não*

conseguem mais se desprender daquilo.” grupo focal 2) Há também uma preocupação com a naturalização do vício e a ausência de limites claros. Este cenário reafirma as preocupações a despeito dos prejuízos percebidos a longo prazo na vida pessoal e escolar das gerações posteriores.

Os jovens que possuem irmãos mais novos ou quando observam crianças em suas famílias, relatam que este movimento vicioso de acesso às telas está iniciando muito mais cedo do que a infância que tiveram. Alguns jovens chamam atenção inclusive ao fato de que os pais, por não terem tempo pela rotina cansativa de trabalho para interagir, ou mesmo brincar, expõem crianças muito novas ao consumo de telas: *“daí eu assim é a nova geração? Mas daqui um tempo o bebê já vai nascer e já vai tá com o celular na cara.”(grupo focal 2).* Além das dificuldades cognitivas ou de interações sociais, diminuem a capacidade de criatividade e de brincar fora das telas, como já relatava Haidt (2024) em que as crianças estão perdendo a capacidade de serem crianças e de brincarem como crianças.

As falas apontam para uma percepção crítica do excesso de telas, especialmente entre crianças, mas também com efeitos evidentes entre os próprios adolescentes: *“Eu não vou falar que eu não sou uma pessoa viciada em tela. Eu sou sim. Mas eu vejo que as crianças estão muito nesse mundo, né? Só de tela.” (grupo focal 5).* Essa crítica se estende ao desenvolvimento infantil, à perda da criatividade e ao impacto no aprendizado, como mostra outro trecho: *“Elas estão deixando de viver a vida delas, ser uma criança, pra simplesmente ficar no celular o dia inteiro.” (grupo focal 5).* A aparente constatação de que gerações posteriores a dos jovens ouvidos podem estar condenadas à apatia e conseqüente atraso mental está colocando os jovens diante da reflexão iminente acerca dos efeitos nocivos nas suas próprias realidades.

Eu também acho que ela falou que quando as crianças usam celular demais, eu acho que elas têm, tipo, um atraso na mente. Não sei o que acontece, mas dá pra perceber. Se você for comparar uma criança que não usa tanto como a criança que... É, até nós mesmos, né? A gente desenvolve a ansiedade e tudo mais. Tem tudo misturado por trás. Algo mais? (mediadora). Acho que a cognição também, elas deixam de trabalhar a criatividade pra ficar só naquilo que dá, tipo, dopamina o tempo todo. (grupo focal 5)

O que se percebe é que crianças e adolescentes que usam mais telas são mais agitados e muitas vezes, se irritam com mais facilidade, especialmente quando a tecnologia é retirada pelos responsáveis, fato que se compara a necessidades vitais a alguma substância e “[...]ocorrem casos de sintomas de abstinência vitais, como se os envolvidos fossem pacientes dos quais se retirasse o soro” (Türcke, 2010 p. 46). O fato de estarem longe do celular gera medo e abstinência e esse efeito dopamina – em que pequenas doses de recompensas levam o usuário a continuar conectados até por horas – segundo Lembke (2022) já é viciante ao ponto de ser comparado ao consumo de qualquer outra droga.

Eu sinto que após a pandemia as rotinas foram ficando cada vez mais intensas e a gente foi passando cada vez menos no nosso bem-estar, sabe? Muitas vezes a gente fica até tarde fazendo um trabalho ou coisa do tipo e tem, no mínimo, umas três, quatro horas de sono e chega outro dia do colégio e a gente tá acabado e tentando manter essa rotina intensa, enfim. (grupo focal 3)

O cérebro nunca entra em descanso real porque está treinado a esperar estímulos o tempo todo e à noite ele continua funcionando como se ainda tivesse notificações chegando, mesmo que seu celular esteja longe de você. Isso não é insônia e sim hiperestimulação noturna e nos jovens essa situação é mais recorrente, visto que já iniciaram o acesso à tecnologia muito mais cedo. A sensação de que o dia está pequeno demais para tantos estímulos digitais está presente nos discursos dos jovens e estes efeitos foram se intensificando depois do período pandêmico.

6.2 TRAJETÓRIA PESSOAL E ESCOLAR: O ANTES E DEPOIS DA PANDEMIA

Não é difícil encontrar pessoas que enfrentaram o período pandêmico de restrições e isolamento social e que não relatam episódios de medo e ansiedade com relação ao que acometia a saúde naquele período. Como aporte complementar e anteriormente às conversas coletivas com os grupos focais ouvidos foram realizados contatos iniciais com os psicólogos educacionais dos seis *campi* e dois psicólogos apresentaram relatos de suas observações acerca das demandas trazidas pelos jovens atendidos. No *campus* IFSC Araranguá, por exemplo, o relato da psicóloga educacional evidenciou que naquele período a maior queixa

era a de sensação de desrealização, sono desregulado, dificuldade na organização e muitos quadros de desajustes nas relações interpessoais.

Após a pandemia e retorno ao ensino presencial foi percebido aumento considerável nas queixas de dificuldade de atenção, concentração, sentimentos de tristeza, quadros de ansiedade e desmotivação. Atualmente, a psicóloga percebe que dificuldades nas relações interpessoais têm voltado, principalmente no que envolve habilidades sociais em fazer amigos, de estabelecer uma relação mais íntima com o outro (namoros), dificuldade em se expressar e sentimento de “cancelamento” pelos pares. Além disso, muitos quadros de ansiedade, alguns com pânico ou queixas somáticas no corpo como síncope, muita disforia, sentimentos de inutilidade, apatia, e até quadros mais de cunho clínico como a síndrome vasovagal, por exemplo.

Já no *campus* Garopaba, o psicólogo educacional apontou muita dificuldade de adaptação dos ingressantes de 2021, estudantes do gênero feminino tiveram mais crises de ansiedade e diagnósticos de depressão. A grande maioria das queixas dos estudantes eram relacionadas a dificuldades nos conteúdos (defasagem na aprendizagem), dificuldades no relacionamento familiar, dificuldades nas relações interpessoais com os colegas de turma, dificuldades com os prazos de entrega e, em especial e majoritariamente, dificuldade em permanecer em sala de aula. Havia muitas saídas de sala e os alunos se sentiam confortáveis em ficar na sala dos assistentes de alunos, fato que foi alvo de reclamações frequentes dos docentes em conselhos de classe; o que era ponderado pelos servidores da Coordenadoria Pedagógica, remetendo à situação de retorno da pandemia e dificuldades com adaptação e retorno à rotina de atividades.

A rotina incessante de estímulos digitais produzia mais inseguranças e aceleração nas pessoas, sendo que na educação é notável os prejuízos na aprendizagem e – muito além da aprendizagem – na interação social entre crianças e jovens. *“Porque foi um momento bem impactante. Eu acho que a pandemia afetou muito a gente no sentido de a gente não saber mais socializar. Tipo, estar em sociedade, ir para a escola, estudar, mudou tudo.”* (grupo focal 5). Os jovens de hoje na época da pandemia eram ainda crianças no Ensino Fundamental e tiveram seus momentos de brincar e socializar com outras crianças via isolamento e pela inserção compulsória de telas na rotina familiar e escolar.

A desigualdade social junto à não equiparação entre realidades escolares produziu um aprendizado desigual perante os estudantes brasileiros: *“Só quem tinha mais condição teve as melhores aulas.”* (grupo focal 6). Muitos tiveram que se adaptar ao ensino remoto sem ter os recursos necessários, como computadores, o que levou a dificuldades de aprendizagem, reprovações e junto a um sentimento de perda: *“perdi um grande ano, tipo, um ano que era pra eu estar aprendendo a fazer um monte de coisa, eu perdi, deixando de lado”* (grupo focal 4). O sentimento de perda de vida é muito visível nas falas, tanto em relação à aprendizagem como no bem-estar.

O próprio professor não estava preparado para lidar com uma realidade tão diversa e desafiadora para despertar o interesse dos estudantes: *“foi assim pra grande maioria, porque era um experimento, era algo novo, era algo que a gente não tinha passado antes, e a gente lidou da melhor forma que conseguiu.”* (grupo focal 1). Os alunos reconhecem que era difícil manter uma rotina normal de estudos e se sentirem motivados a acompanhar as aulas remotas. Alguns por não terem os aparatos necessários, ou também por recusarem aquele modo novo de ensino.

Com relação aos hábitos de acesso às telas, os estudantes mencionam que antes da pandemia, pela pouca idade, nem acessavam celular, brincavam e interagiam mais na rua com os amigos e vizinhos, mas que quando a pandemia chegou esse uso foi obrigatório para acompanharem as aulas, pois muitos nem possuíam computador em casa. Junto a esse acesso, entraram em contato com outros conteúdos como jogos, redes sociais, grupos etc.: *“alguém aqui deve conhecer uma coisa chamada RPG⁶. [...] É uma coisinha um pouco duvidosa, que acaba um pouquinho com a sua saúde mental.”* (grupo focal 1). Esse consumo exacerbado se intensificou no período pandêmico e continuou aumentando atualmente. A falta de acompanhamento psicológico, mesmo quando necessário, foi outro agravante.

Eu estava muito mal naquela época. Só que eu não conseguia acompanhamento psicológico. Enfim, fui melhorando sozinha. Mas o celular também. Eu acho que eu

⁶ RPG, ou Role-Playing Game, constitui-se geralmente por um narrador chamado mestre, que descreve o mundo, os eventos e controla os personagens não-jogadores, enquanto os jogadores reagem e tomam decisões com base nas ações de seus personagens. O RPG pode ser jogado de forma presencial, online ou em videogames, utilizando regras, um cenário de ambientação e, em muitos casos, dados para determinar o sucesso das ações.

era muito menos ansiosa antes da pandemia. Eu ficava mais com a minha família, pegava menos o celular.

As dificuldades de interações sociais trazidas pelo isolamento social fizeram com que o uso de telas se tornasse ainda mais recorrente por parte dos jovens, se tornando um meio de fuga ou uma falsa ilusão de melhora na saúde mental. Mas essa ilusão se apresenta nas próprias falas, quando afirmam que antes da pandemia, naturalmente com menos uso do celular, o jovem se sentia menos ansioso. Esse vício, porém, não cessou com o fim do isolamento.

Mesmo após o retorno das aulas presenciais muitos jovens mantiveram o hábito de estar constantemente conectados, afetando sua atenção e desempenho: *“Eu mexia a manhã toda no celular, não prestava atenção numa aula. Só que eu sempre tirei nota boa, porque [...] eu gravava as coisas.”* (grupo focal 3). Houve a intensificação do uso de celulares e redes sociais, descritos como viciantes e prejudiciais: *“Foi onde eu mais fiquei viciado (...) surgiram os aplicativos agora de vídeos curtos que vai viciando a gente. Tinha que desinstalar tudo pra voltar a focar.”* (grupo focal 4). Esses relatos reforçam o fato de que terem um dispositivo e sua posse os torna dependente de emitir e que apenas a desconexão pode interromper a distração causada.

O celular, inicialmente um escape do tédio e do isolamento, torna-se uma armadilha de procrastinação e alienação, com impactos diretos na concentração, foco escolar e saúde mental. O símbolo de um consumo automatizado, no qual a presença digital se sobrepõe à experiência vivida: *“Fora o esporte, tudo tava, sabe, decaindo [...] eu fiquei uma pessoa muito ansiosa.”* (grupo focal 3). Com a aceleração e o isolamento vieram transtornos emocionais, sentimento de inadequação e medo do futuro: *“Eu fico muito acelerado. Eu tenho que construir algo da minha vida. A gente acaba perdendo pequenos detalhes das coisas.”* (grupo focal 1). Muitos relatam perda de propósito, excesso de cobrança e uma sensação constante de que estão atrasados na vida, especialmente por causa das exigências educacionais e sociais, como o vestibular.

Essa normalização do acesso precoce e intenso às telas aponta para uma cultura de consumo digital muito presente e não mediada que se intensificou na pandemia, gerando

hábitos que perduram no presente. Os adolescentes apontam que antes da pandemia, *“a galera da nossa idade não tinha tanta maturidade pra pensar nas coisas mais à frente”* (grupo focal 5). No entanto, com o isolamento e a exposição intensa à realidade dos outros nas redes sociais, houve um despertar abrupto para questões de insegurança, comparação e sofrimento: *“A gente teve muito acesso à vida de outras pessoas... isso afetou muito a nossa saúde mental.”* (grupo focal 6) A fala evidencia o peso das redes na construção de uma autoimagem fragilizada.

Além disso, a perda de familiares e o luto coletivo acentuaram os quadros de depressão e ansiedade. A falta de socialização, mencionada repetidamente, é percebida como raiz de uma juventude mais introspectiva, ansiosa e desconectada fisicamente. Uma das vozes sintetiza bem essa perspectiva: *“Se é algo que é ruim mentalmente, tu não consegue desenvolver as coisas ao seu redor.”* (grupo focal 6). Os jovens relatam um impacto direto da pandemia na saúde mental evidenciado pelo isolamento, perda de entes queridos e uma exposição excessiva às redes sociais. Há relatos acerca da pandemia como fator preponderante para um ritmo mais acelerado nas rotinas diárias.

Ah sobre a aceleração acho que como já foi falado a pandemia influenciou muito porque antes a gente tinha uma rotina totalmente diferente do que passou a ser e depois da pandemia a gente teve que fazer tudo às pressas vamos dizer assim. Principalmente relacionado ao curso, prejudicou bastante. _ Acho que na verdade prejudicou não somente o nosso ensino mas também a nossa mente acelerou muito porque a gente tava num negócio e tava preocupado com o que tava acontecendo lá fora e a gente de modo geral a gente passou por processo de ‘aceleramento’ uma preocupação querendo ou não a gente não tinha muitas notícias. (grupo focal 2)

A juventude é definida por esses jovens como uma geração moldada pela pandemia, pela hiperconexão e pela solidão. A socialização presencial perdeu espaço para o convívio digital, o que, para eles, representa uma perda afetiva e cultural: *“A gente prefere ficar no celular do que jogar bola na rua. O sedentarismo aumentou bastante.”* (grupo focal 6). Esse acesso irrestrito alimenta expectativas e frustrações, além de modificar comportamentos sociais: *“A geração dos nossos pais conhecia a cidade. A gente conhece o mundo. (grupo focal 6).* O excesso de informação causa desconexão com a própria realidade e ausência de sentimento de pertencimento com a comunidade.

A adaptação da juventude à tecnologia é vista como um experimento social, pois as gerações anteriores não tinham essa vivência. Ainda que reconheçam ganhos (como a diminuição de preconceitos), os jovens lamentam o isolamento social e mostram nostalgia por formas mais simples e presenciais de convivência: *“Tem uma diferença gigantesca da nossa juventude de hoje [...] por não poder sair de casa.”* (grupo focal 1). Há um reconhecimento de que os vínculos interpessoais estão sendo substituídos por interações digitais mais superficiais.

Consequentemente a pandemia trouxe muito mais que uma rotina de aulas remotas, trouxe desconexão com a vida real e acesso a conteúdos inadequados e interação com pessoas externas à sua realidade ou comunidade. Em todos os grupos focais ouvidos há relatos de déficit na aprendizagem no decorrer dos anos em que estudaram via ensino remoto, além das dificuldades psicossociais: *“Ficar em casa o tempo inteiro não é bom... particularmente não consegui aprender quase nada... eu tive que correr muito atrás.”* (grupo focal 3). Esse depoimento demonstra como o ensino remoto gerou defasagens cognitivas e emocionais.

A culpa internalizada "será que o problema sou eu?" é um sintoma claro da ansiedade por desempenho que afeta jovens pressionados a manter produtividade mesmo em um cenário de crise. O sentimento de culpa associado ao uso do celular, revela uma autoimagem marcada por cobrança e frustração: *“Agora quando eu pego o celular, tipo, pra ficar assim, eu me sinto muito culpada.”* (grupo focal 4). Esse sentimento reflete a tensão entre lazer digital e produtividade escolar, além de indicar um possível efeito psicológico duradouro da pandemia: a dificuldade de se desligar sem culpa.

Eu era uma pessoa ansiosa, só que não era algo que me afetava muito. Quando voltou às aulas, eu vi que começou a afetar demais. Crise de pânico. Eu começava a chorar na aula. Porque eu não conseguia ficar... Começava a me dar uma coisa muito ruim. Não gosto nem de lembrar. E eu marquei uma consulta com a psiquiatra. Pra conseguir tomar o remédio. E também comecei a ter acompanhamento com a psicóloga. (grupo focal 5)

Um dos temas mais recorrentes nas falas é o impacto emocional do isolamento e do uso excessivo de tecnologia. Vários estudantes relataram episódios de ansiedade, depressão e busca por apoio psicológico: *“Tive que procurar ajuda médica, porque me afetou,*

eu virei uma pessoa muito ansiosa [...] eu também fiquei um pouco com depressão.” (grupo focal 3) Entretanto, há também uma resistência ou dificuldade em acessar tratamentos convencionais, como a psicoterapia: *“Psicóloga, eu odiei [...] até hoje eu não procurei. A única coisa que eu faço é tomar remédio pra ansiedade.” (grupo focal 3)*. Outros encontraram refúgio em atividades físicas, como esportes, academia e dança, destacando a importância de práticas corporais para o equilíbrio emocional: *“A dança foi o meu refúgio dessa época, porque eu dançava o dia inteiro [...] foi o que me ajudou muito.” (grupo focal 3)*.

Sobre o acompanhamento psicológico pós-pandemia, em todos os grupos ouvidos há ocorrência de relatos que após o período pandêmico tiveram que buscar ajuda: *“Tanto que depois de um tempo eu tive que procurar ajuda psicológica. Foi bem mal. Eu acho que a pandemia impactou muito a minha vida.” (grupo focal 5)*. Há relatos também de como o período de exceção afetou o humor: *“E isso me afetou e me afeta até hoje, né? Porque, enfim, eu continuo uma pessoa estressada. Eu ainda sinto que eu tenho bastante resquícios dessa época que era mais, como eu posso dizer?” (grupo focal 5)*. Nesse caso, fica evidente nos relatos uma grande proporção de sofrimento subjetivo causado pelo período de exceção e que está presente no comportamento dos jovens, influenciando suas relações interpessoais.

Outro ponto abordado foi a banalização dos sofrimentos psíquicos: *“As pessoas começaram a tratar algumas coisas mentais como algo banal, sem muitas vezes ir num psicólogo... acaba afetando quem realmente tem o diagnóstico.” (grupo focal 3)*. Essa crítica mostra uma consciência da diferença entre autoafirmações de sofrimento e diagnósticos clínicos, e como o uso superficial desses termos pode esvaziar debates sérios sobre saúde mental.

A saúde mental é tratada como um problema crescente e complexo, que precisa sair do âmbito clínico e entrar nos espaços coletivos: *“Precisa começar a não ser tratado somente por psicólogos. Poderia ser trazido pra dentro da sala de aula como uma conversa em grupo.” (grupo focal 2)*. Há uma percepção de que os estados emocionais dos colegas muitas vezes são invisíveis, e que a escola poderia mediar isso com mais escuta e acolhimento: *“Muitas vezes a gente tá assim cabisbaixo não somente por momentos aqui, mas por coisas*

que a gente também pode tá trazendo de fora.” (grupo focal 2). Quando os jovens falam sobre a saúde mental, o tema surge com seriedade e empatia, demonstrando que o tema carece de mais debate e reflexão por parte principalmente da comunidade escolar.

Apesar da pouca idade que tinham na época da pandemia, mencionam o quanto esse período impactou a forma de sentir e de se relacionar com os amigos e que perderam oportunidades de interações, já que atualmente estão em uma fase com mais responsabilidades com o Ensino Médio, no qual esses momentos são mais esporádicos.

[...] aula online, daí só ficar em casa. Acho que isso gerou muita ansiedade em todo mundo. Em mim, principalmente. Porque, né, eu estou falando o que eu sei, mas o resto. E porque eu gosto muito de sair, de ver pessoas, de conversar com gente nova. E ficar ali dentro de casa, só com a minha família, me dava assim... Nossa, não gostava. (grupo focal 5)

A pandemia também é lembrada como um momento de desorganização pedagógica e ausência de aprendizagem significativa: *“A escola não ensinava nada. Só mandava colar uns “PDFzinho”. Ela fingia que dava aula e a gente fingia que estudava” (grupo focal 2).* Um ponto de consenso entre os jovens é a percepção de que pouco ou nada foi aprendido nas aulas remotas. Muitos dormiam nas aulas, não se sentiam motivados e esse período é descrito como um vazio escolar. *“As pessoas dormiam na aula. Tipo, não adiantava muita coisa. É como se a gente não tivesse estudado. Acho que ninguém aprendeu online. A gente perdeu tudo aquilo.” (grupo focal 5).* Há um forte sentimento de tempo perdido e de aceleração precoce da vida escolar e social nos depoimentos.

Vários estudantes relataram uma transição abrupta entre fases da vida, como passar da infância para a adolescência sem a mediação gradual da escola. *“Foi muito diferente do sexto para o oitavo... eu não sabia como estudar. Essa fase da pandemia saiu ali da minha infância... Foi o período mais importante para a formação da minha personalidade.” (grupo focal 5).* A necessidade de fazer tudo às pressas durante a pandemia é destacada, especialmente no âmbito escolar, reafirmando uma dificuldade em obter rotinas de estudos ou de retornar a rotinas anteriormente preestabelecidas.

A aceleração também é percebida como uma pressão para retomar a normalidade sem ter se recuperado plenamente do trauma vivido, o que gera dificuldades de adaptação até

hoje. A ideia de aceleração é ambígua: enquanto no aspecto educacional os jovens relatam um atraso severo, no plano social e psicológico observam um amadurecimento forçado e precoce. *“Não teve muita aceleração do aprendizado... foi um tempo bem complicado. A gente viu a vida de muitas pessoas que não eram da nossa faixa etária [...] teve essa aceleração mental.”* (grupo focal 1). Os relatos remontam a ideia de que a convivência forçada durante o período de isolamento com as realidades tanto familiar como de terceiros influenciou no comportamento e desenvolvimento pessoal.

A contradição entre atraso escolar e aceleração subjetiva revela a complexidade do período pandêmico. Há uma menção em um grupo focal sobre como a pandemia impactou diretamente o desenvolvimento do jovem enquanto criança: *“Eu perdi muito a parte dessa minha infância com a pandemia, porque não tinha como sair pra brincar.”* (grupo focal 4). Essa fala é uma crítica sensível à substituição do brincar livre pelo entretenimento digital, que embora preencha o tempo, não substitui as experiências formativas da infância, fato que é mencionado pelo autor Haidt (2024) a respeito do efeito das telas na diminuição do lúdico.

Os adolescentes sentem que perderam etapas importantes da infância/juventude, sendo empurrados para uma maturidade emocional sem a devida preparação. A sensação de estar sempre atrasado e de ter que correr para “chegar lá” está muito presente: *“A cabeça exige que a gente tenha mais responsabilidades mais cedo... como se com 25 anos, se eu não tiver formada, eu não sou nada na vida.”* (grupo focal 3) Essa aceleração gera uma pressão temporal intensa associada à idealização de sucesso precoce, como se a juventude devesse ser um período já concluído antes mesmo de começar.

Esse atraso coexistiu com uma aceleração subjetiva: o acesso irrestrito à internet e às redes sociais fez com que jovens entrassem em contato com experiências e estilos de vida que ultrapassam sua faixa etária. Isso gerou uma sensação de querer amadurecer mais rápido: *“Teve essa vontade de ter a vida das pessoas que são mais velhas.”* (grupo focal 6). Assim, o tempo vivido na pandemia originou algo contraditório: houve um atraso nas experiências tradicionais da juventude (escola, amizades, eventos), mas também uma aceleração do desejo, da informação, da exposição ou emissão ao mundo.

Ao entrar no IF, os alunos se deparam com a exigência de maior autonomia, condição que entra em conflito com a passividade e o descompromisso herdados do período pandêmico: *“Aqui no IFSC é muito: se tu quer aprender, é contigo. Eu deixei de fazer muita coisa (...) fui levando, por causa que o conteúdo, o celular, é tão acessível.”* (grupo focal 4). Esse choque entre a cultura da autonomia e os hábitos pandêmicos de passividade gera angústia, frustração e sensação de perda de tempo: *“Senti que eu perdi um grande ano.”* (grupo focal 4). O sentimento de perda que afeta as relações e o modo de experienciar novas etapas educacionais é comum nos relatos.

Após o retorno das aulas presenciais, muitos jovens sentiram que o tempo “correu” e foram obrigados a se adaptar rapidamente, muitas vezes abrindo mão do lazer e do convívio social: *“Agora no terceiro [ano] eu tô muito focada em passar no vestibular [...] Eu não fico mais no Instagram porque minha prioridade é outra agora.”* (grupo focal 3). Essa aceleração intensificou a sensação de esgotamento e cobrança pessoal, muitas vezes internalizada: *“No meu primeiro ano eu tava muito, muito, muito obcecada em prestar nota boa, e eu acabei não focando no resto [...] eu podia ter aproveitado mais.”* (grupo focal 3). A pressão por desempenho recai sobre o jovem de modo a dificultar a vivência pessoal de experiências tipicamente juvenis que possibilitam bem-estar.

A crítica à sobrecarga no ensino técnico também é evidente. Jovens relatam dificuldade em conciliar estudos, vestibular e outras demandas da vida cotidiana, o que acentua o cansaço e o estresse: *“A gente tá tendo muito trabalho logo nas primeiras semanas de aula, que eu queria focar mais no estudo pro vestibular.”* (grupo focal 5). Os estudantes sentem que tiveram um enorme prejuízo em relação ao fim do Ensino Fundamental, sendo esse base para o Ensino Médio, e veem esta questão como se fosse uma seqüela daquele período. Os motivos são os mais variados: dificuldades de acesso, dificuldades da escola conseguir se adequar às restrições, desinteresse pelas aulas remotas, dificuldades de concentração, etc.

Tá sendo muito bom assim, mas agora sabe assim, acho que a gente tá cansado, tá batendo assim um desânimo. Acho que a gente depois da pandemia, a gente ficou com uma preguiça de estudar. E daí também atrapalhou bastante o meu ensino sabe na pandemia. Que também lá na escola onde eu estudava eles não pegavam muito .

Dai é onde que atrapalhou muito mais ainda . Fui aprender a dividir aqui, pra ter noção! É isso. (grupo focal 2)

Os estudantes compartilham que antes da pandemia tinham um ritmo intenso de estudo, mas que foi interrompido abruptamente: *“Antes da pandemia, eu sempre estudei muito (...) e depois eu desacelerei num nível que eu parei.”* (grupo focal 4). Esse “parar” não é apenas físico, mas envolve uma ruptura no engajamento com a escola e com o próprio desejo de aprender, o que os próprios psicólogos das instituições já mencionaram anteriormente à coleta de dados e que gerou dificuldade em retomar o ritmo pós-pandemia: *“Eu sofri muito com isso, a pegar o ritmo novamente.”* (grupo focal 4). Há aqui uma crítica implícita ao sistema educacional que, ao não exigir durante a pandemia, contribuiu para essa estagnação.

Apesar das dificuldades, há também indícios de uma virada de consciência nos relatos: *“Foi uma das melhores coisas que eu fiz”* (ao decidir estudar novamente). *Agora que eu tô tomando consciência disso (...) tá aceitável.”* (grupo focal 4). Essas falas revelam resiliência e capacidade de retomada por parte dos jovens, mesmo considerando que sejam processos lentos e subjetivos. A pandemia transformou drasticamente as rotinas dos jovens, trazendo desafios e algumas adaptações.

A rotina *“antes da pandemia era uma coisa, depois da pandemia foi outra”* (grupo focal 6). Os estudantes enfatizaram também que a transição entre Ensino Fundamental e Médio não ocorreu de modo gradual, o que fez, por exemplo, um aluno passar do sexto ano com adaptação prejudicada para o retorno do ensino presencial no oitavo, sem uma transição adequada para uma rotina de estudos mais complexa. Ademais, os estudantes relatam uma aceleração da rotina com o passar dos anos, como um resquício da rotina exaustiva provocada pela pandemia. *“A gente está tão acelerado, tão preso numa rotina. Enfim, várias coisas que a gente esquece. A gente só está vivendo as consequências. E a gente está levando elas. Mas a gente não pára para pensar que isso foi uma pandemia.”* (grupo focal 5). Os jovens enfrentam um período de transição com expectativas e pressões significativas, adaptando-se às rotinas e sentindo os efeitos inconscientemente.

Fica evidente que a conexão ininterrupta potencializada pela pandemia vem afetando a forma de raciocinar e de reagir a estímulos. Essa máxima de estar conectado

respondendo e reagindo a todo o momento sem desligar o celular é constante no dia a dia. Apesar de serem jovens que cresceram já utilizando a tecnologia, dividem opiniões quanto a necessidade desta dinâmica frenética. Ao mesmo tempo que veem a tecnologia como inerente para facilitar o cotidiano e a interação, seus efeitos são sentidos na aprendizagem.

Acredito que tem aumentado muito pós-pandemia, a gente está muito mais conectado, e o consumo com informações gerais pode, não sei, bagunçar uma pouca cabeça, pode acelerar tudo, porque é muita informação a todo momento, com o uso do telefone, enfim. Eu acho que isso tem dificultado a questão dos estudos, por exemplo, tem que lançar muitas informações, é difícil a gente raciocinar, interligar tudo, então eu acredito que mais ou menos isso. (grupo focal 3)

A realidade de ter jovens mais ansiosos e com dificuldade concentração já é considerada como uma espécie de epidemia, fato que reforça a singularidade do momento histórico constituído por uma juventude tipicamente excitada: *“A juventude de hoje [...] sofre com esse acúmulo de informação, com esse milhão de coisas que a gente vê a todo momento.” (grupo focal 4)*. O vício e o sentimento de aceleração por meio do celular é inerente a maioria das vozes e discursos dos jovens ouvidos *“[...]sempre que eu fazia todas as atividades, e daí eu fiquei acelerada desde lá, quando eu vim pra cá, eu ainda estava no ritmo assim, então acabou que não mudou muita coisa, só que agora, eu uso muito mais o celular[...] (grupo focal 4)*.

São nuances que evidenciam como a saúde mental dos jovens vem sofrendo alterações desde a pandemia. A aceleração referenciada pelos jovens acima demonstra que em situações graves como a que culminou o período de exceção e de isolamento social, devido ao consumo de notícias e demandas o tempo todo por meio tecnológico e meio jornalístico os jovens observam uma aceleração tanto em atividades como na parte mental, ocasionada pela ansiedade ou preocupação e sentem que perdura ainda mais na rotina atual do curso.

O período de isolamento intensificou o uso de telas e contribuiu para uma percepção de vida apressada e ansiosa: *“Depois da pandemia a gente teve que fazer tudo às pressas. A mente acelerou muito porque a gente tava preocupado com o que acontecia lá fora.” (grupo focal 2)*. A ideia de que a aceleração da informação gera ansiedade aparece várias vezes: *“Hoje em dia, se tu manda uma mensagem, já causa ansiedade se não*

respondem logo.” (grupo focal 2). Apesar das dificuldades, alguns jovens relatam um retorno ao convívio familiar e à valorização de rituais simples, como tomar café da manhã com a mãe. “Ultimamente eu tô tomando mais café com a minha mãe, conversando mais com ela.” (grupo focal 1). Isso representa um desejo de desacelerar e recuperar vínculos afetivos antes ofuscados pela rotina tecnológica e escolar.

A aceleração do tempo, ao mesmo tempo em que desorganizou a rotina e fragmentou laços, também parece ter aberto espaço para a descoberta de práticas mais introspectivas e significativas — como a música e a culinária — ainda que de forma forçada pela ausência de alternativas. Os reflexos de uma pandemia dessa natureza podem ressoar por muito tempo ainda, visto que os momentos para reflexão e tratamento destas questões são quase que abreviados pela necessidade de aceleração da retomada e continuidade no ensino, trazendo ainda mais dificuldades de superação.

A pandemia intensificou quadros de ansiedade entre os jovens e houve menções explícitas ao uso de medicação e acompanhamento psicológico. Outros relataram não terem desenvolvido depressão, mas vivenciaram medos profundos, como o temor da perda de familiares. Tais relatos revelam como a pandemia intensificou questões emocionais e como os jovens buscaram ou não apoio profissional, o que também reflete sobre a presença (ou ausência) de políticas de cuidados psicológicos acessíveis.

Estas impressões iniciais, considerando a análise de conteúdo de Bardin (2011), servem como base para um aprofundamento dos dados coletados, no qual cada um desses temas pode ser explorado mais sistematicamente, buscando a frequência de termos, a identificação de categorias e a inferência de significados latentes, além de outras realidades como estados emocionais, valores e motivações que se manifestam através do discurso dos jovens.

6.3 CATEGORIZANDO JUVENTUDE EXCITADA

A leitura flutuante é a primeira etapa e atividade na Análise de Conteúdo, conforme Bardin (2011). Nela, o objetivo é estabelecer um primeiro contato com o material a ser analisado, permitindo que impressões e orientações iniciais surjam. É uma fase

exploratória, na qual a leitura se torna gradualmente mais precisa em função de hipóteses que emergem e da projeção de teorias pertinentes.

Trata-se de uma técnica de ruptura com a intuição fácil, que obriga a um tempo de latência entre as primeiras impressões e as interpretações definitivas. Realizando essa leitura flutuante das falas dos jovens, surgem as seguintes impressões e temas predominantes: Saúde Mental e a Pandemia como ponto de mutação, que permite emergir as primeiras impressões e formular hipóteses sobre a juventude excitada, como a correlação entre o uso excessivo de tecnologia e o aumento da ansiedade e do imediatismo. Para discutir e analisar as falas dos jovens à luz da categoria em questão, conforme a análise de Bardin, é essencial retornar ao conceito de juventude excitada e, em seguida, aplicar as ferramentas metodológicas de Bardin à riqueza dos depoimentos.

Juventude excitada é uma construção que se insere na dinâmica de uma sociedade de consumo e adaptação às demandas da era tecnológica e do mercado de trabalho do século XXI. “Essa juventude é um alvo para o mercado, refletindo seu poder de consumo, pelo caráter revolucionário que possui, mas que claramente a história coloca muitas vezes como “ameaça”, segundo Savage (2009, p. 11). A juventude, como categoria social e histórica, está profundamente ligada aos interesses mercantis do capital, sendo impulsionada a um ritmo acelerado de consumo.

Essa excitação, já mencionada por Türcke (2010) se manifesta na busca por prazer transitório, excitação, alívio e gratificação instantânea, muitas vezes como uma forma de rebeldia ou transmutação precoce para a vida adulta, na ilusão de obter recompensas (efeito dopamina). O uso excessivo de telas é um componente central dessa dinâmica, resultando em limitações intelectuais, sensoriais, interacionais e corporais. Trata-se de uma sistemática para capturar a atenção, o tempo e a racionalidade dos jovens, com a promessa de liberdade e protagonismo, amplamente difundida pelo consumo e pela busca pelo caminho mais fácil.

Com base na metodologia de análise de conteúdo de Bardin (2011), é possível identificar padrões e recorrências nas falas dos jovens que apontam para as características da categoria de análise juventude excitada. As unidades de registro são compostas de palavras, frases ou temas que expressam as características da juventude excitada nas falas dos grupos

focais ouvidos. Por exemplo, as palavras “aceleração”, “ansiedade”, “celular”, “telas”, “consumo”, “vício”, “dependência” são unidades de registro evidentes.

A unidade de contexto trata-se da fala completa de cada jovem sobre um determinado tema proposto na atividade realizada para a escuta (saúde mental, aceleração, telas, consumo, rotina etc.), para entender o sentido completo do que foi dito. Os padrões e recorrências nas falas dos jovens, observados nas fontes, podem ser quantificados e exemplificados da seguinte forma:

Tabela 2 – Padrões e Recorrências nas Falas dos Jovens

Termo/Tema Específico	Número de ocorrências
“Aceleração” (incluindo formas relacionadas como “acelerado/a/os/as”, “acelerando”)	25
“Tela(s)” (incluindo “tela” e “telas” especificamente)	47
“Ansiedade” (incluindo formas relacionadas como “ansioso/a/os/as”)	37
Ideia de “comparação” em relação às redes sociais/outras pessoas	4
“Pressão” para se formar (incluindo “cobranças” e “foco em passar”)	6
“Vício” e “Dependência” do celular/tela	12
Ligação explícita entre “Aceleração” e “uso do celular/telas/tecnologia”	8
Ligação explícita entre “Telas” e “Ansiedade”	6

O termo aceleração e suas variações são frequentemente mencionados para descrever a percepção dos jovens sobre a vida moderna. Por exemplo, um jovem de 14 anos inicialmente associou “aceleração” à falta de progresso no aprendizado durante a pandemia, destacando que “não teve muita aceleração do aprendizado”. No entanto, outros jovens expandiram o conceito para incluir uma aceleração nas questões adolescentes e uma aceleração mental impulsionada pelo acesso à internet e à vida de outras pessoas por meio das redes. Há um sentimento de que tudo precisa ser agora, levando a uma geração muito acelerada. A aceleração é percebida pela necessidade de acelerar vídeos para assistir e na dificuldade de se concentrar em conteúdos mais longos.

O uso de telas é um tema central nas discussões, amplamente percebido como um fenômeno comum na vida dos jovens, especialmente após a pandemia. É apontado o excesso de tecnologia e de telas, com preocupações de que crianças e jovens estejam deixando de

viver para simplesmente ficar no celular o dia inteiro. Há uma forte dependência, com a sensação de que o celular é parte de seus corpos ou continuação deles, sendo que, paradoxalmente, a recente proibição de celulares nas escolas é vista como muito positiva para melhorar o foco e a socialização.

A ansiedade é descrita como um problema generalizado e muito comum hoje em dia entre os jovens. Ela é frequentemente associada à saúde mental e aos desafios da vida escolar e social. As cobranças e o desejo de estar adiantado na vida escolar também contribuem para a ansiedade. Há uma percepção de que a ansiedade é normalizada, embora seja um problema sério e que a falta de rotina e o excesso de tempo no celular também podem contribuir para tal condição.

A comparação social, especialmente através das redes sociais, é explicitamente mencionada como um fator que afeta negativamente a saúde mental dos jovens, principalmente por promoverem a comparação constante da própria vida com a vida de outros, gerando insegurança, desgaste e baixa autoestima. A pressão ou cobranças sobre os jovens para alcançarem marcos na vida rapidamente, como ingressar na faculdade e ter uma carreira definida pode ser autoimposta, como o foco em passar no vestibular e a crença de que é preciso ter certas conquistas para ser alguém na vida.

Os jovens reconhecem abertamente o vício e a dependência em relação ao uso do celular e das telas. Um participante de 15 anos afirmou ter desenvolvido um vício no celular na infância. O consumo de vídeos curtos nas redes sociais é explicitamente ligado à dopamina liberada e à geração de um vício e dependência. As falas dos jovens estabelecem uma conexão direta entre a aceleração e o uso intensivo de tecnologias e celulares. É notável que o uso do celular está muito ligado à aceleração. A estrutura de conteúdo nas redes sociais, com vídeos curtos a partir de 15 segundos, leva o cérebro a querer acelerar tudo, até mesmo a fala dos professores durante uma aula. O aumento da tecnologia e das redes sociais é visto como um acelerador para as pessoas, as quais aceleram cada vez mais as fases da vida.

A própria sociedade moderna é descrita como um paradigma de aceleração de emissão por meio do uso de aparatos tecnológicos e a relação entre tela e ansiedade é

explicitamente mencionada. O consumo excessivo das telas é listado como algo que piorou a saúde mental. A distração com dispositivos contribui para o aumento considerável da ansiedade, pois a estrutura das redes sociais, com seu conteúdo abreviado, gera impaciência para conteúdos mais complexos. A ansiedade é também associada diretamente ao celular e à incapacidade de largar o aparelho, o que leva a um ciclo de ficar cada vez mais ansioso (nomofobia).

A frequência de termos e temas específicos como aceleração, tela(s) e ansiedade é um indicador de suma importância. A repetição da ideia de comparação em relação às redes sociais e a pressão para se formar rapidamente ou ter mais responsabilidades demonstra a recorrência desses padrões. A reiteração de certas ideias, como o vício e dependência do celular, indica uma tensão psicológica por parte dos jovens e uma ligação explícita entre aceleração e uso do celular, e entre telas e ansiedade são exemplos de coocorrência (Bardin, 2011)

Essas associações revelam como os jovens percebem esses fenômenos como interligados em suas vidas. A interpretação realizada, utilizando as ferramentas da análise de conteúdo – como forma de dar rigor e profundidade às observações dos padrões e recorrências nas falas dos jovens –, aponta para como a juventude excitada é reflexo das pressões contemporâneas, de modo que são elencadas quatro categorias a partir do agrupamento de parte das vozes que reafirmam o conceito de juventude excitada nas próximas subseções.

6.3.1 Excitação e vício

O uso de telas é um tema central entre os grupos ouvidos, com percepções sobre seus aspectos positivos e negativos e de como a pandemia intensificou sua presença na vida dos jovens. A sistemática que TÜRCKE (2010) já mencionava como uma compulsão a emissão sob condições microeletrônicas e mercadológicas adquire nova roupagem atualmente com o acesso irrestrito a mídias sociais na palma da mão “Não se trata, necessariamente, de vestir uniformes ou andar em passos sincronizados, mas sim de estar “ligado”, em condições de emitir (TÜRCKE, 2010, p. 65) As telas se tornaram *"muito comum na vida de todos os jovens"*

(grupo focal 6). Essa presença é vista como porta de entrada para inúmeros vícios virtuais como jogos, conteúdos impróprios e até para pedofilia.

A máxima de estar conectado a todo momento e imóvel se consolida cada vez mais cedo entre as gerações que estão surgindo, sendo que os jovens alertam para essa mudança de comportamento entre as crianças muito novas: *“parece que eles já nascem mexendo com o celular, que é o vício já desde a barriga da mãe”* (grupo focal 5). Há uma preocupação com o acesso cada vez mais cedo, tal como um participante menciona sobre o caso de seu primo de três anos com um *“iPhone de última geração”* (grupo focal 6); outro jovem observa: *“meu irmão por exemplo, ele tem 5 anos e já tem um celular então ele fica o dia inteiro no celular. Eu com 5 anos nem sabia o que era um celular”* (grupo focal 2). Apesar de nascerem com a tecnologia, a geração ouvida expõe que certos usos eram mais limitados e que agora estão plenamente liberados para crianças em comparação com a idade correlacionada.

O uso excessivo de telas é associado a um vício inerente e que captura tempo e as possibilidades de aprendizagens por meio de atividades mais lúdicas e culturais. Vídeos curtos e vibrantes, desenvolvidos esteticamente para prender a atenção das crianças e estimulando a dopamina se tornam um problema pedagógico. Há uma preocupação de que crianças com muito acesso às telas demorem *“muito mais tempo a desenvolver do que crianças antigamente”* (grupo focal 6). As telas serviram como forma de distração e diversão especialmente durante a pandemia em que não havia outra forma de interação ou informação.

A internet e redes sociais bombardeiam os usuários com muita informação o tempo inteiro, influenciando-os a seguir um ritmo e a *“consumir, consumir, consumir, consumir, tudo, tudo, tudo”* (grupo focal 1). Nota-se nesta fala as repetições de forma incisiva nas palavras “consumir” e “tudo” para dar voz a uma tensão ou pressão característica da “excitação”, fazendo com que sejam pressionados a todo momento e mesmo que involuntariamente a consumir algo ou emitir ao entrar em uma rede ou site. A pressão por emitir, estar conectado e conseqüentemente assumir uma posição de consumidor leva a uma rotina incessante de estímulos pulsantes diante dos olhos.

As telas substituem outras atividades como ler, ouvir rádio, ou interações sociais. A dependência da tela é tão grande, que se observa que o celular substitui relógios, rádios, livros, e até bancos, tornando as pessoas mais vulneráveis e dependentes de cliques: *"ele tira o relógio, o rádio, o livro, as interações, foi tudo substituído por uma tela pequenininha" (grupo focal 1)*. O discurso do jovem reafirma uma percepção de que a tela do celular tira opções de interações genuinamente reais, deixando-os reféns da tela e presos fisicamente a elas. Não é por acaso que o simples fato (mesmo que momentâneo) de sentir o celular perdido pode afetar a tranquilidade, parecendo que o corpo perdeu uma parte de si. Essa condição produz conexões superficiais e reproduz uma dinâmica que impõe ritmos e estilos de vida padronizados.

Plataformas como TikTok e Instagram estabelecem o que seria um padrão aceitável pela sociedade e isso leva à comparação e à perda da individualidade: *"não existe ninguém mais sem personalidade, todo mundo do mesmo jeito por causa da internet" (grupo focal 1)*. A fala do jovem expõe uma problemática cada vez mais recorrente na sociedade consumista em ditar regras ou perfis moldados para agradar ao mercado da beleza, do sucesso, da influência etc. O jovem se sente moldado a padrões preestabelecidos para se adequar ao ritmo que a sociedade do consumo cobra. Esse consumo de ideias e padrões requer cada vez mais captura da atenção e tempo para a busca de informação e exposição às telas.

A percepção dos jovens sobre o mecanismo de vício digital é bastante clara, associando diretamente o formato dos conteúdos à liberação de neurotransmissores e à dificuldade de se desvincular do dispositivo, *"o vício também, a dopamina liberada quando você vê vários vídeos curtos acaba gerando um vício" (Grupo focal 6)*. Esta fala ilustra como o *design* das plataformas (como TikTok e Instagram) se baseia na psicologia behaviorista para criar hábitos autônomos. Os vídeos curtos e vibrantes atuam como estímulos constantes, promovendo uma compulsão que se manifesta como vício. O jovem não apenas identifica o vício, mas compreende o mecanismo fisiológico presente, tornando a luta contra a dependência uma questão de autocontrole químico, e não apenas de força de vontade.

Alguns pais impõem limite de horas diárias no uso de telas, mas os jovens eventualmente buscam formas de burlar esse controle e se viciam ainda mais. A recente proibição do governo federal brasileiro no uso de celulares em sala de aula é vista como uma ajuda para diminuir o tempo de tela e há diferentes visões sobre o futuro do uso da tecnologia. Alguns acreditam que o uso do celular diminuirá na vida adulta devido às responsabilidades, enquanto outros alertam que, “*sem uma atitude e um horário para poder mexer no celular*” (grupo focal 2), o vício persistirá. Por outro lado, o mesmo grupo apontou a necessidade de aulas de informática mais atualizadas para preparar os jovens para o mercado de trabalho na era digital.

O uso de telas se insere em uma dinâmica de condicionamento de relações que se constroem no e pelo consumo, associado à busca por gratificação instantânea e prazer transitório, em oposição a um bem-estar duradouro, algo que Türcke (2010) menciona como a sensação mediada por imagens. A proibição do celular na escola, embora criticada por alguns, é vista como benéfica pelos próprios estudantes para a socialização interativa, os quais também admitem que as telas prejudicam o desempenho escolar.

O discurso dos jovens reflete a dependência e o fascínio pela tecnologia, mas também seus efeitos nocivos, como a perda de sua essência e o isolamento social. Essa dependência já reconhecida por Türcke (2010) como a forma de intuição da sensação “agora se vê obrigada à confissão de que é vício do particular em vias de se tornar geral, de que caminha do estado de dependência de determinadas substâncias que viciam para se tornar uma existência básica global.” (p. 293) A aceleração mental devido ao acesso à internet e à vida de outras pessoas corrobora com a ideia de uma juventude bombardeada por estímulos e comparações incessantes, buscando uma vida diferente ou de maior faixa etária, o que se alinha com a busca pelo fácil e a gratificação instantânea mediada por imagens que definem a juventude excitada.

Outro ponto crucial é a comparação social exacerbada pela onipresença da internet, um componente central da excitação consumista: “*As pessoas se comparem muito com o mundo virtual, sendo que não é aquilo que é o real*”. (Grupo focal 5). O mundo virtual,

frequentemente filtrado e construído para exibir apenas o ilusório, leva à comparação com padrões inatingíveis. Essa percepção da irrealidade do conteúdo consumido, conforme apontado pelo jovem, é essencial, pois o consumo de imagens ideais mina a autoestima e a identidade, reforçando a necessidade de parecer em detrimento de ser.

Além disso, o vício em telas é visto como um fator que anula a essência juvenil, substituindo a interação genuína pelo confinamento digital: *“Eu acho que a gente foi perdendo um pouco da essência. Essa juventude. A gente foi ficando um pouco preso nessa questão do celular e acabou perdendo as vezes o convívio social das pessoas.”* (grupo focal 2). Essa constatação ressoa com a análise de que o discurso dos jovens reflete a dependência tecnológica e o isolamento social. O celular, inicialmente um refúgio ou ferramenta, torna-se uma prisão que impede a vivência de interações sociais diretas, essenciais para o desenvolvimento da juventude.

A categoria excitação e vício estabelece uma relação direta com a Sociedade Excitada de Türcke (2010), na qual o ato de comunicar transcende o que é interessante e se torna uma compulsão por emitir para o máximo de pessoas. Essa dinâmica é crucial para a compreensão do vício nas telas, um tema central entre os jovens ouvidos. A noção de que não emitir equivale a não ser (Türcke, 2010, p. 44-45) é vivida pelos jovens na prática digital, sendo que a emissão se transforma em uma forma vital de expressão.

Essa compulsão está ligada ao que Crary (2023) descreve como a substituição de experiências diretas e autênticas pela receptividade passiva a fluxos de estímulos que nos são impostos de modo não consensual. Os jovens percebem essa substituição de forma aguda, notando que o celular tira funcionalidades essenciais da vida, como o relógio, o rádio, o livro e, principalmente, as interações quando o jovem (grupo focal 1) afirma que *“ele tira o relógio, o rádio, o livro, as interações, foi tudo substituído por uma tela pequenininha”*, evidenciando a dominação total do dispositivo em suas vidas.

Ademais, a categoria reflete a lógica do espetáculo que Debord (2005) já mencionava a degradação do ser em ter e parecer, e o consumo se torna parte integrante das pessoas, comandando seus gostos. A pressão por padrões de beleza, sucesso e influência

ditados pelo mercado leva à perda da individualidade, o jovem (grupo focal 1) lamenta que “*não existe ninguém mais sem personalidade, todo mundo do mesmo jeito por causa da internet*”. A pressão por emitir e se parecer com o padrão imposto pelo mercado torna uma condição aceitável e coexistente na rotina mediada pela imagem projetada.

A relação com a Gestão Algorítmica é percebida na arquitetura dos conteúdos. Os vídeos curtos e vibrantes, que estimulam a dopamina, são exemplos de como a tecnologia se inspira na psicologia behaviorista para fazer com que o uso dos serviços se torne um hábito autônomo (Bruno et al, 2019). O jovem é constantemente pressionado a “*consumir, consumir, consumir, consumir, tudo, tudo, tudo*” (grupo focal 1), refletindo a lógica do mercado que aspira preencher todo o tempo e que é viciante (Barber, 2009).

As novas tecnologias atuam como ferramentas poderosas de captura de atenção e as percepções dos alunos confirmam que a base midiática transformou o celular em um apêndice essencial, gerando uma dependência que se assemelha ao vício. A visão de Türcke (2010) sobre a compulsão à emissão é vivenciada pelos jovens na pressão incessante para consumir e se expor: “*A gente fica consumindo aquilo direto, acaba que a gente não percebe o que tem lá fora*”(grupo focal 4). O vício digital, agora denominado Nomofobia, está ligado à busca por gratificação imediata (Lembke, 2022), um traço que remonta à busca por “prazer transitório” já observada por Savage (2009) na juventude do pós-guerra. Os alunos percebem o efeito dopaminérgico dos conteúdos curtos, que são desenvolvidos esteticamente para prender a atenção.

A captura de atenção atinge a própria estrutura cognitiva, resultando em fragmentação da atenção e perda de habilidades mais complexas. A perda de foco em atividades não virtuais é notória: “*A gente não consegue assistir um filme sem estar fazendo outra coisa ao mesmo tempo. A gente é, tipo, entediada, a gente quer estar toda hora estimulado*” (grupo focal 5). Além disso, a onipresença da tela substitui experiências e artefatos culturais. Os jovens percebem o risco de o conhecimento se tornar apenas acumulação de dados, sem valor geral ou reflexão (Desmurguet, 2021). A descrição pelos

jovens de uma juventude perdida e moldada pelas telas, principalmente pelo celular, reflete a limitação sensorial, relacional e o condicionamento pela busca de consumo e atenção e “pode-se resumi-lo numa palavra, quando se tem presente o quanto ela é rica em nuances: vício.” (Türcke, 2010, p. 232)

A falta de clareza sobre o mundo e a suscetibilidade a influências externas são sintomas de um sofrimento psíquico ocasionando uma dificuldade em construir uma identidade sólida em um ambiente de sobrecarga informacional e estímulos superficiais (mediação por imagens). A alta frequência de menções a telas e ansiedade (resultados da análise temática e de coocorrências) permite inferir que o ambiente digital é um fator causal primário para o estado de “excitação” e mal-estar na juventude.

6.3.2. Aceleração e Imediatismo

A percepção temporal de aceleração do ritmo de vida e o impacto na saúde mental são preocupações significativas entre os jovens ouvidos. A sensação de estar acelerado e buscar tudo de forma rápida e eficaz está custando a paz e o silêncio característico de um ritmo mental reflexivo do ser humano. A quantidade de tela, a quantidade de informação, o consumo massivo e até a expectativa de respostas imediatas em mensagens de texto também gera ansiedade: “*não dá segundos chegou já nela. Isso já te causa um pouco de ansiedade também [...] mas meu deus, não vai me responder nunca?*” (grupo focal 2). Os usuários normalizam o fato de estarem a todo momento verificando novas notificações em seus dispositivos.

No caso dos jovens ouvidos, a rotina escolar, com múltiplas provas e trabalhos, é uma fonte de estresse e ansiedade; um currículo que abrange além de conteúdos propedêuticos e técnicos, habilidades que o mercado impõe para um profissional adaptável e flexível, conforme afirmam Kuenzer e Grabowski (2016). Um aluno relata: “*eu tinha mais três trabalhos pra fazer no dia, só que eu não podia fazer... eu tinha vindo a minha coisa na cabeça e a cabeça, a ansiedade era algo ali*” (grupo 4). A dificuldade em desacelerar e a sensação de estar sempre ansiosos e acelerados são comuns nos grupos ouvidos.

Os jovens sentem a aceleração em termos de tempo subjetivo, no qual a vida passa mais rápido e as tarefas se acumulam, esvaziando o tempo presente: *“Parece muito tipo que quando eu era menor, o dia era muito maior, e hoje em dia tem tanta coisa pra fazer”*. (grupo focal 4). Essa percepção subjetiva confirma a tese de Rosa (2019) sobre a aceleração social e a escassez temporal. O excesso de demandas (estudo, trabalho, vida social e telas) cria uma rotina intensa, na qual o tempo se comprime, forçando o indivíduo a ser multitarefa e esvaziando o tempo para a reflexão ou o descanso.

A necessidade de velocidade é imposta até mesmo na cognição e no consumo de conteúdo: *“Tu sempre tem que ter acelerando aquilo ali, porque teu cérebro não consegue. Ele sempre quer passar o tempo mais rápido com as coisas que tu assiste”*. (grupo focal 3). Isso demonstra como o imediatismo das plataformas (vídeos curtos) fragmenta a atenção e altera o ritmo de processamento de informações. A paciência para atividades não virtuais (como ler um livro ou assistir a um filme longo) diminui drasticamente, levando os jovens a acelerar o conteúdo (como colocar um vídeo em 2x).

Adicionalmente, a pressão para atingir marcos de vida precocemente gera uma ansiedade profunda: *“Tipo, a pessoa, tipo, a uma idade. Ai, com 18 anos eu tenho que ter treinado média na faculdade, ter um carro, tipo assim, daí isso aumenta muito mais a aceleração”*. (grupo focal 3). Essa citação destaca a coerção social para o desempenho e o sucesso, ditados por um mercado consumista. A sensação de estar atrasado se torna um fardo psicológico, impulsionado pela comparação com o futuro idealizado.

A pandemia intensificou problemas de saúde mental e muitos relatam quadros muito sérios de ansiedade e até um relato de depressão e transtorno alimentar; *“eu desenvolvi transtorno alimentar também, foi bem complicado essa parte da pandemia”* (grupo focal 6). A falta de notícias e a incerteza durante a pandemia levaram milhares de pessoas a se apropriarem de uma dinâmica constante de interações, fazendo que a disponibilidade fosse requerida a todo momento por meio de veículos informativos e redes. Segundo os estudantes as pessoas não conseguiam refletir e se concentrar *“se acelerando, se precipitando, tomando algumas decisões erradas”* (grupo focal 2). Nos acostumamos a deixar nosso tempo à mercê

da conexão, da resposta imediata, da busca na internet da informação no momento de uma conversa, adicionando o campo digital para o campo presencial.

A aceleração e a impaciência com os processos naturais são evidentes e soluções de impasses e respostas imediatas em um aplicativo de mensagens instantâneas fazem parte da rotina diária. Deseja-se que os problemas passem de uma vez e que o amanhã chegue logo, em vez de focar na solução e no processo, levando à perda de detalhes e oportunidades. Embora alguns busquem ajuda psicológica, outros evitam, acreditando que devem resolver sozinhos ou normalizar a situação. Atividades como cozinhar, estar com animais em meio a natureza, ler, fazer crochê, caminhar, ouvir música e praticar esportes são elencadas como fuga desses momentos e para relaxar, de acordo com os jovens ouvidos.

A recorrência do tema aceleração é notável, com os grupos afirmando coletivamente que todos os jovens hoje em dia estão muito acelerados e que se percebem como uma geração imediatista, a qual acredita que tudo precisa ser agora e resolvido. A rotina é descrita como muito pesada e acelerada, dificultando a conciliação entre estudos, atividades extras e tempo para dormir. Um dos sintomas identificados é o hábito de acelerar conteúdos (como áudios e vídeos em velocidade 2x), indicando um vício e dependência da velocidade e da gratificação rápida. Um estudante de 17 anos menciona que o professor falando “*normal, parece que tá lento*” (*grupo focal 3*). Essa prevalência em acelerar conteúdos de áudio e vídeo é descrita como um vício e dependência de uma sistemática já normalizada e incessante de estímulos que comprometem a atenção plena.

Verifica-se uma pressão autoimposta e social para atingir marcos de vida rapidamente (faculdade, carro, formação) em idades específicas, gerando ansiedade e a sensação de estar atrasado. Uma dinâmica de comparação com realidades que o próprio mercado consumista impõe como espelho para milhares de jovens seguirem e se sentirem aptos para obterem o tão almejado sucesso. Essa pressão na visão dos jovens leva a escolhas apressadas, como escolher a profissão errada, apenas porque não dá tempo, entre aspas, de fazer outra coisa. Um participante de 17 anos reflete que “*tu não tá atrasada pra tua vida. Preciso, tipo, parar um ano, respirar, e depois de fazer a faculdade, porque uma pessoa da*

tua idade tem mais que tu, talvez tu vai conseguir isso no teu futuro, não agora” (grupo focal 3). A comparação gera ainda mais pressão psicológica para atender aos anseios ditados por um mercado que requer desempenho e disponibilidade para situações adaptáveis.

Uma imersão no futuro que ainda não chegou faz o jovem querer acelerar etapas, condicionadas à perda de bem-estar e tempo livre, já que as atividades requeridas direcionam o tempo para ações ou consumo de conteúdos pensados para capturar o tempo presente do indivíduo, causando a sensação de que tudo deve ser visto, acessado ou executado ao mesmo tempo e “se torna aditivo e esvaziado de toda e qualquer narratividade” (Han, 2017, p. 44). Essa aceleração se manifesta tanto no ritmo de vida exigido com estudos intensos propostos pelos cursos técnicos e a pressão para decidir o futuro precocemente, quanto na própria percepção de amadurecimento em querer ser mais velho.

O discurso utilitarista está presente até na visão da sociedade sobre a educação, um direcionamento para que crianças e jovens não vejam o conhecimento sociológico ou filosófico como formador do pensamento e sim como não atrelado ao utilitarismo rentável imediato. Quando uma criança ou jovem questiona, o porquê de estudar um determinado conteúdo ou linha de pensamento e no que ele poderá ser útil em seu cotidiano, na verdade ela está reproduzindo o que a sociedade capitalista requer do cidadão: se destituir de qualquer capacidade reflexiva sobre o nível de conhecimento que o ser humano historicamente se apropriou para que hoje possamos lutar por nossos direitos e questionar a respeito da sociedade que queremos e assim se submeter ao mercado adaptável.

A categoria aceleração e imediatismo confirma a tese de Rosa (2019) sobre a aceleração social e temporal como um princípio inerente à Modernidade e impulsionada pelo capitalismo. Essa aceleração subjetiva leva à sensação de escassez temporal também descrita como imediatez pela autora Kornbluh (2025), o qual “não é uma disposição interna das mídias, que atinge uma concretude cada vez maior na era digital, mas uma configuração exterior do sistema de circulação efetuada pelas mídias digitais, tendo o modo de produção como causa.” (Kornbluh, 2025, p. 62).

A otimização do tempo e a urgência são internalizadas a ponto de alterarem a percepção sensorial dos jovens. O hábito de acelerar áudios e vídeos (2x) é um sintoma dessa dependência da velocidade como muito bem mencionou o estudante que o professor falando “*normal, parece que tá lento*” (grupo focal 3). Isso demonstra como o corpo e a mente dos jovens se adaptaram ao ritmo frenético da sociedade, na qual a “distração concentrada” (Türcke, 2010) e o “distúrbio de déficit de atenção obrigatório” (Barber, 2009) são a norma.

O imediatismo imposto pela aceleração se traduz em ansiedade, como a necessidade de resposta instantânea em mensagens de texto “*não dá segundos chegou já nela. Isso já te causa um pouco de ansiedade também*” (grupo focal 2). Essa patologia está ligada à sociedade do cansaço relatada por Han (2015), o qual classifica as doenças neuronais do século XXI, como depressão e burnout (SB), bem como infartos provocados não pela negatividade, mas pelo excesso de positividade e coerção de desempenho.

A pressão para ser produtivo e ter um “eu” como projeto submetido a coações internas de otimização e desempenho (Han, 2020) leva os jovens a se sentirem atrasados e a fazerem escolhas apressadas, como a de profissão, “*porque não dá tempo, entre aspas, de fazer outra coisa*” (grupo focal 3). A imersão incessante no futuro e a tentativa de acelerar etapas levam à perda da narratividade (Han, 2017), ou seja, o tempo presente é esvaziado, capturado para o consumo de conteúdos ou tarefas que prometem maximizar o desempenho.

A percepção de aceleração do ritmo de vida e temporal (Rosa, 2019) é central nos depoimentos. Os jovens são compelidos a otimizar o tempo, levando ao vício da velocidade. Um sintoma claro é o hábito de acelerar conteúdos, indicando que a mente se adaptou ao ritmo algorítmico. A pressão por resultados imediatos e por antecipar o futuro é evidente, refletindo a dinâmica do dinamismo do capitalismo (Debord, 2005). A juventude se sente pressionada a concluir o “projeto de vida” antes da hora, gerando a angústia: “*como se com 25 anos, se eu não tiver formada, eu não sou nada na vida*” (grupo focal 3).

O sofrimento subjetivo (ansiedade, depressão, transtorno alimentar) é uma manifestação da pressão por desempenho e da coerção à hipervigilância. A comparação

incessante com a vida idealizada dos *influencers* contribui para a baixa autoestima. O jovem relata que “*eu fico me culpando*” (*grupo focal 5*) por se distrair, internalizando a exigência de ser um “sujeito empresarial” que deve gerenciar seu tempo e produtividade.

A percepção de uma vida rápida e a necessidade de dar conta de tudo com a pressão por resultados imediatos são centrais para a juventude excitada. A aceleração não é apenas de aprendizado, mas uma aceleração mental impulsionada pela conectividade com a vida de outras pessoas e pela necessidade de estar sempre à frente, alimentando a ansiedade e uma ânsia por um desempenho que é requerido incessantemente.

6.3.3 Consumismo e Materialismo

Tudo o que se consome hoje parece igual para todos, os mesmos filtros, os mesmos destinos, os mesmos produtos, os mesmos gestos. É como se a cultura tivesse sido pasteurizada para agradar e assim se tornar estéril. A estética algorítmica se infiltrou em quase tudo, na estrutura e estética de cafés e bares, na decoração das casas, na moda, nos corpos, na comida. Tudo parece parte de um mesmo projeto: o de consumir a mesma ideia ou produto. Já não é tão fácil saber se algo é real ou somente uma versão digitalmente desejável e essa sistemática está sendo percebida como extenuante pelos entrevistados.

Barber (2009) estabelece que o mercado do consumo possui cinco características: é *ubíquo* (está em toda parte); é *onipresente* (está “o tempo todo” e aspira preencher todo o tempo); é *viciante* (cria suas próprias formas de reforço); é *autorreprodutivo* (espalha-se de maneira viral) e é *onilegítimo* (emprega a autorracionalização e autojustificação, destruindo as bases morais para resistir a ele). Os jovens expressam uma percepção aguda de viverem em uma sociedade que os incentiva constantemente a consumir: “*sempre estar consumindo mais, mais e mais*” (*grupo focal 6*). Essa fala incisiva retrata em certa medida as características elencadas do mercado de consumo e um cansaço por parte dos jovens em se ver diante dessa engrenagem que não para de girar.

A propaganda é coexistente em cada imagem da TV ou clique na tela e como afirma Türcke (2010, p. 24), já é comumente percebida “exatamente como para “sensação!”, a propaganda de produtos torna-se a propaganda pura e simples; como a percepção do sensacional se torna a percepção pura e simples.” Quando a internet chegou, havia domínio dos chamados hipertextos, eram os links que estavam dispostos em textos ou reportagens para chamar atenção para adentrar em conteúdos relacionados. O que vemos hoje é uma

exacerbação de anúncios que saltam aos olhos do usuário para o consumo e inibem o consumo consciente de informação.

A influência da internet e das redes sociais no consumo é um ponto central nos relatos, nos quais as experiências de terem conversas informais sobre um produto (ex: tênis, utensílios de cozinha) e, ao abrir o celular, serem bombardeados por anúncios relacionados a esses itens, sendo que um participante descreve: *“a gente fala uma coisa, a gente vai abrir o celular, e aquela coisa aparece pra gente, assim, é muito louco”* (grupo focal 6). O algoritmo passou a ditar o desejo com apenas um clique ou curtida em determinado conteúdo, captando inclusive as interações de conversas e comentários nas redes. Esta experiência ilustra a onipresença da propaganda na sociedade mediada pela tecnologia.

A conversa casual se transforma em dados monetizáveis, demonstrando a captura algorítmica de comportamentos para maximizar a receita publicitária e o engajamento. O consumo torna-se inevitável. O materialismo se manifesta na priorização da aparência em detrimento da racionalidade financeira, alinhando-se à lógica do espetáculo e do parecer: *“Às vezes preferem comprar coisas só pra mostrar pros outros. Aí acaba enfrentando os problemas por exemplo financeiro também... Hoje em dia tem muito isso justamente porque pensam em comprar coisa bonita e às vezes não pensam no que é lógico”*.(grupo focal 2). O consumo excessivo de blusinhas, Jack Daniels e carros rebaixados, exemplifica como a inclusão social e o prazer transitório são consumidos através do poder de compra e da exibição, muitas vezes levando a problemas financeiros e à falta de um pensamento crítico sobre o que realmente importa.

A pandemia acelerou essa tendência, forçando as empresas a se reinventarem e migrarem seus anúncios e vendas para o *online* e assim permaneceram. A facilidade de comprar algo na palma da mão e “por tudo no carrinho do celular” em vez de ir a uma loja física, intensificou o consumo. Há uma consciência de que o consumo é muitas vezes excessivo e desnecessário, especialmente na moda, pois os jovens tendem a acumular muitas peças de roupa, joias e acessórios, mesmo que usem apenas algumas regularmente. O querer parecer é a nova onda e causa acúmulo não somente de bens, mas também de seguidores que se influenciam com estas emissões e exposições de si.

A lógica do consumo visa o lucro, o que se reflete na obsolescência programada de tendências e produtos eletrônicos (*gadgets*) – “*os próprios eletrônicos, assim, são feitos pra durar uma determinada quantia de tempo*” (grupo focal 6) – incentivando a compra constante. A reciclagem, seguindo esta abordagem, é percebida como muito cara pelo mercado, pois o progresso requer pressa para produzir mais: “*aí compensa só produzir mais*” (grupo focal 6). A necessidade de um consumo mais racional e responsável é enfatizada nos discursos jovens: “*o consumo tem que ser feito muito racionalmente para saber por que o que tu está consumindo e por que tu está consumindo*” (grupo focal 4). O alerta para um consumo consciente ecoa as vozes dos estudantes, que demonstram uma insatisfação por estarem imersos nesta problemática.

O vício em comprar pela internet é diretamente ligado ao vício em telas, mostrando a interconexão do comportamento de consumo na era digital. O comportamento de consumo descrito pelos jovens é um pilar da juventude excitada, fruto das relações mediadas por imagem, “principalmente na era do capitalismo estético, um impulso imagético frenético: ele despedaça, preferencialmente, a tela para captar aquilo que ela finge dar, mas não concede.” (Türcke, 2010, p. 294) A busca por prazer transitório e a inclusão social consumida pelo poder de compra se manifestam na priorização de bens materiais e na exibição social (emissão contínua), muitas vezes sem racionalidade ou planejamento.

O parecer assume destaque ou conforme discursos consumistas pregam, que para gerar credibilidade é preciso ter/usar tal produto e “quem não faz propaganda não comunica; é como uma emissora que não emite: praticamente, não está *aí*.” (Türcke, 2010, p. 37). Esta visão materialista presente nos discursos aprofunda a ideia de irracionalidade nas escolhas e que incidem diretamente na condição humana de existência em nosso planeta, visto que afetam a capacidade de reflexão para promoção da coletividade.

A categoria consumismo e materialismo exemplifica a máxima de que o capitalismo passou de serviço às vontades para a produção de vontades. A vida dos jovens é colonizada pela mercadoria, e o mercado se impõe com suas cinco características, sendo ubíquo, onipresente, viciante, *autorreprodutivo* e *onilegítimo* (Barber, 2009). A percepção

juvenil de que é necessário “*sempre estar consumindo mais, mais e mais*” (grupo focal 6) manifesta o cansaço diante dessa engrenagem *autorreprodutiva*. A gestão algorítmica é o motor contemporâneo dessa produção de vontades.

Os jovens percebem o monitoramento de dados em tempo real, relatando que, após falarem sobre um produto, o celular exhibe anúncios relacionados. Isso ilustra como os algoritmos são projetados para analisar dados comportamentais e direcionar o fluxo de informações para maximizar a receita publicitária e a permanência na plataforma (Garcia, 2023). A lógica do lucro e do consumo desenfreado está atrelada à obsolescência programada, percebida pelos jovens nos próprios eletrônicos, que são “*feitos pra durar uma determinada quantia de tempo*” (grupo focal 6), perpetuando o ciclo de compra constante.

No entanto, há um vislumbre de consciência crítica. A necessidade de um consumo racional surge como uma reflexão que confronta a irracionalidade imposta pela excitação consumista e a busca pelo “parecer”, um elemento central do espetáculo, no qual o sucesso é mediado pela aquisição e exibição de bens materiais. O consumo é o motor da inserção juvenil na sociedade e os jovens estão no alvo de interesses mercantis do capital. A lógica algorítmica garante que o consumo seja constante, influenciando o desejo através do monitoramento. O consumo não é apenas de bens, mas de estilos de vida, reforçando o “parecer”. A comparação e a busca por um perfil social ditado pelas plataformas levam à uniformização de padrões de consumo.

No âmbito educacional, o neoliberalismo impôs a hegemonia da educação pragmática utilitarista, que visa formar o homem flexível e o trabalhador multitarefa (Laval, 2019). A BNCC, ao enfatizar o “projeto de vida”, coloca o estudante como responsável por sua própria trajetória profissional e emocional. Eles questionam o utilitarismo do conhecimento e sofrem com a sobrecarga de um currículo que exige responsabilidade máxima, gerando a culpa e o cansaço: “*a gente tá cansado, tá batendo assim um desânimo*” (grupo focal 2). Os alunos do Ensino Médio Integrado sentem essa cobrança de serem multidisciplinares e voltados para o mercado. A promoção do espírito empreendedor visa adequar o jovem às demandas do capitalismo tardio (Grabowski; Kuenzer, 2016), priorizando

a adaptação ao mercado em detrimento da formação omnilateral e da emancipação humana (Gramsci, Marx, Saviani).

6.3.4 Sofrimento subjetivo e dificuldade de socialização

As interações sociais e o desenvolvimento da personalidade são temas recorrentes, especialmente em relação ao impacto das telas e da pandemia. Alguns jovens, especialmente na infância e pré-adolescência, relatam ter muitas personalidades e buscam “*encaixar na personalidade de alguém, pro pessoal começar a gostar de mim*” (grupo 1). A pandemia, paradoxalmente, proporcionou momentos de autoconhecimento, mas agravou a dificuldade de socialização para alguns, que se tornaram mais reclusos e usaram o celular como vício e substituto para a interação pessoal, que era tão necessária nessa faixa etária. Os jovens não buscam interações somente nas redes sociais, mas também com apoio até da IA.

A busca por uma personalidade própria durante a pandemia pode ser um ponto de contraste ou de reflexão sobre a resiliência individual frente a esse condicionamento de sofrimento subjetivo. Alguns buscaram referências ou criaram para si suas identidades para tentarem fugir das situações de medo e incertezas. Uma jovem autista descreve que pode ser interpretada como grosseria ou deboche, por ser direta, levando a perda de amizades (grupo focal 6). Ela descreve o celular como refúgio contra o *cyberbullying*, mas, paradoxalmente, a dependência da tela levou à perda da essência e ao isolamento social: “*eu sentindo cada vez mais dificuldade de conversar e socializar com pessoas diferentes*”.

Nesse sentido, a pandemia intensificou problemas de saúde mental, com relatos de tristeza, estresse e depressão diretamente associados ao isolamento e ao uso de celulares. : “*Eu ficava o dia inteiro com o celular, era preocupante... agora eu olho pra trás e vejo como isso era ruim pra mim.*” (grupo focal 3). As redes sociais são apontadas como grande influência na saúde mental, gerando comparação com a vida de outras pessoas, o que os afetou muito: “*Eu acho que a pandemia afetou muito a gente. No sentido de a gente não saber mais socializar. Tipo, estar em sociedade*”. (grupo focal 5). A volta à rotina escolar presencial após o isolamento foi descrita como terrível ou desesperadora, pois os jovens se desacostumaram com a convivência.

Essa dificuldade de socialização é uma consequência direta do isolamento e do refúgio nas telas, reforçando a perda do entusiasmo gerado por interações genuinamente reais. O sofrimento subjetivo também se manifesta na autonegação da necessidade de auxílio psicológico, refletindo a pressão para serem autossuficientes “*eu tive e ainda até tenho, só que não vou procurar ajuda porque eu falo não, pô, você tem que me curar sozinho, né, eu sou o cara, aí no final eu vi que eu não conseguia, aí é complicado, daí eu fui procurar ajuda no esporte*”. (grupo focal 1). Este relato expõe a privatização do estresse e a coerção ao desempenho que impõe aos jovens a responsabilidade de gerir seu próprio sofrimento. A busca por refúgios (esporte, academia) torna-se a maneira de burlar a ansiedade, mas não necessariamente resolver o problema.

A comparação social gerada pelo acesso à vida de outras pessoas nas redes sociais é um fator significativo para a baixa autoestima e ansiedade. Naquele momento, obtiveram acesso a inúmeras realidades por meio das telas por se constituírem na única forma de interação possível. A falta de socialização tornou-se um tema recorrente, com jovens preferindo o celular a interações presenciais, com muitas dificuldades de se relacionar até mesmo com os próprios familiares. A partir dessa perspectiva, o jovem percebe que além dele, milhares de outros jovens e até mesmo crianças estão perdendo o entusiasmo gerado por meio de interações genuinamente reais. O sentimento de que estamos perdendo a capacidade de socializar é perceptível nas falas:

[...] e eu sinto que hoje em dia as crianças ficam cada vez mais nas delas, a gente não veja mais aquela animação euforia infantil, sabe? Eu sinto que isso com o passar dos anos comigo também foi um pouco complicado, conforme eu ia aumentando meu consumo de telas, eu sentindo cada vez mais dificuldade de conversar e socializar com pessoas diferentes, sabe? (grupo focal 3)

Estes jovens sentem um sofrimento agudo por estarem perdendo oportunidades de socializar, embora saibam que as telas contribuem para o problema. Este sofrimento está presente na maioria das vezes, mas que parece ser sufocado pela crescente obrigação de executar ações que inviabilizam a desconexão. Sentem-se sobrecarregados e exaustos com a rotina, o que afeta sua saúde mental e motivação para interagir coletivamente, afetando ainda mais o seu bem-estar.

Rosa (2019) discorre sobre a conexão interna e ressonância ao mundo como possível chave para contrapor ao ritmo de vida veloz e que as conexões mais genuínas que os espaços de tempo devem proporcionar sejam experienciados de uma forma mais ressonante, sem a pressão por reciprocidade ou desempenho obrigatórios. Alguns jovens relatam que a prática de esportes e ações como ler, cozinhar, desenhar ou estar em contato com a natureza os fazem driblar os sentimentos de tristeza ou ansiedade.

A escola é vista como um local que deve possibilitar mais apoio psicológico, sendo a ansiedade um tema que deve ser melhor debatido no entorno da comunidade escolar. O debate com essa temática proposta aos grupos foi recebido de forma bem positiva e requerida como exemplo, para se ter mais momentos relacionados com todos os alunos. O que Han (2015) analisa como sociedade do cansaço está gerando um sofrimento subjetivo ainda mais complexo na juventude atual, tendo o isolamento como uma de suas consequências mais diretas.

Por fim, há uma demanda por maior apoio da instituição escolar para lidar com essas questões, reconhecendo que o sofrimento subjetivo é coletivo e necessita de debate: *“Eu queria dizer que eu sinto falta da escola nesse quesito, de ela projetar, falando um pouco mais sobre isso com a gente, conversando, seja por palestra mesmo, eu acho isso bem interessante, esse assunto tem que ser bem mais debatido”*. (grupo focal 4). Esta fala sugere que os alunos percebem a ansiedade como um problema comum e sentem a necessidade de que a escola, além de exigir desempenho acadêmico, ofereça espaços de ressonância e apoio psicológico, em vez de apenas focar no currículo utilitarista.

As falas evidenciam a pressão e a sobrecarga emocionais geradas pela cultura digital e de comparação, que busca a gratificação imediata e a validação social. e “não é o prazer da velocidade, como o sentido pelos paraquedistas ou pilotos de corrida, que faz com que o ritmo das imagens seja acelerado, mas estar assolado pelo medo de cair no abismo de não ser notado. (Türcke, 2010, p. 67). A vida rápida e a exposição constante a informações e imagens de sucesso alheio (o esbanjar e querer mostrar aos outros) contribuem para a

aceleração mental e a ansiedade, que são sintomas dos sofrimentos subjetivos característicos da juventude excitada.

Esta categoria revela as consequências psicossociais da vida acelerada e hiperconectada. O sofrimento dos jovens, que inclui ansiedade, depressão e transtorno alimentar, é um sintoma da paisagem patológica neuronal do século XXI (Han, 2015). A dificuldade de socialização é agravada pela preferência pelo celular, o que reflete a depreciação de relacionamentos interpessoais sérios, que exigem continuidade de atenção e compromisso (Barber, 2009).

Os jovens relatam a perda da animação e euforia infantil e o aumento da dificuldade de conversar e socializar com pessoas diferentes (grupo focal 3). Isso ilustra o esvaziamento de espaços de interações genuinamente coletivas, substituídas por validações digitais individuais e ilusórias (Debord, 2005; Crary, 2023). A pressão social e a comparação nas redes sociais (o espetáculo) minam a autoestima e a identidade, levando os jovens a buscar “*encaixar na personalidade de alguém*” (grupo 1). Essa fragilidade identitária é um produto da aceleração que modifica as identidades ou as autorrelações subjetivas (Rosa, 2019).

Finalmente, a categoria expõe a coerção à hipervigilância, que impede a possibilidade de fechar os olhos para o descanso e a introspecção (Han, 2017). A exaustão da rotina e a busca por soluções imediatas para o bem-estar reforçam o que Fisher (2016) chama de privatização do estresse. O fato de jovens buscarem apoio emocional até mesmo na IA, demonstra o nível de isolamento e a complexidade dos riscos gerados por sistemas incontroláveis que buscam maximizar o engajamento (Russell, 2024). A alfabetização digital, neste contexto, torna-se um eufemismo para comportamentos monetizados e viciantes (Crary, 2023), aprofundando o controle digital na subjetividade juvenil.

6.4 INFERÊNCIAS

Há um consenso generalizado de que a pandemia de COVID-19 foi um marco negativo para a saúde mental dos jovens ouvidos. A falta de socialização e o isolamento em

casa levaram ao desenvolvimento ou agravamento de problemas como depressão e ansiedade. Além do luto coletivo, também há menções ao falecimento de familiares devido à doença, fato que os impactou emocionalmente. Considerando esse cenário, a importância de cuidar da saúde mental é enfatizada, pois sua deterioração impede o desenvolvimento de atividades e interações. Estes discursos revelam uma vulnerabilidade psicológica generalizada entre os jovens, acentuada por um evento global que transmuta o modo de agir e interagir em sociedade.

A pandemia não apenas causou problemas diretos, mas originou uma cascata de outras questões psicológicas. A percepção de que “*a galera da nossa idade não tinha tanta maturidade pra pensar nas coisas mais à frente*” antes da pandemia pode inferir uma perda de inocência ou uma aceleração forçada do amadurecimento psicológico devido à crise. As redes sociais são citadas como forte influência na saúde mental, gerando comparação constante da própria vida com a dos outros e causando insegurança e perda de identidade. A ênfase na comparação mostra uma pressão social recorrente para a conformidade e a autoapresentação idealizada. Isso pode levar a sentimentos de inadequação e baixa autoestima, alimentando o ciclo de ansiedade e depressão, já mencionados.

Os jovens se identificam nas falas como uma geração imediatista que quer tudo agora e tudo ao mesmo tempo, com pressão para amadurecer e tomar decisões sobre o futuro (como cursos técnicos) precocemente, na qual em sua maioria, por motivação dos pais. A rotina é percebida como bem pesada diante de tantas atividades escolares e a aceleração identificada pelos jovens aponta para um valor cultural de produtividade e rapidez que se traduz em alta pressão e ansiedade, assim como Crary (2014) descreve o ritmo 24/7.

O desejo de ser mais velho ou a dificuldade em lidar com a rotina pesada induz a uma percepção de perda da juventude e da leveza associada a ela, substituídas por responsabilidades adultas antes do tempo. A aceleração não é apenas um comportamento, mas uma condição psicológica imposta pelas expectativas sociais e educacionais em contextos neoliberais de desempenho. O ritmo de desenvolvimento de ações ditadas por aparatos tecnológicos requer a habilidade de memorização instantânea e momentânea que se sobrepõe

à capacidade reflexiva da própria ação, o que Türcke (2010) chamou de distração concentrada “[...] a própria maquinaria da sensação se difunde em incontáveis estímulos sensoriais, ao mesmo tempo em que ela, em sua dinâmica, uniformiza de forma rasante. E o estado de coisas da distração concentrada também pertence a isso.” (p. 306)

Atualmente, as pessoas têm mais tempo livre do que em séculos passados, mas a diferença está na qualidade desse tempo. Apesar de o relógio marcar 24 horas para todos, a forma como cada um vive esse tempo é atravessada por privilégios, desigualdades e responsabilidades. É o caso dos estudantes, além dos que também têm que trabalhar para sustentar a casa, bem como grande parte das mulheres, que enfrentam jornadas de trabalho dupla, quando não triplas, tendo que cuidar do lar e da família. Nem todos têm o privilégio de poder reservar algumas horas do dia para descomprimir e descansar. Outro fator relevante na percepção do tempo são as redes sociais que nos expõem a constantes comparações com a vida e o tempo alheio, com tantos vídeos de rotinas perfeitas editadas que criam expectativas irreais de produtividade.

A tecnologia é vista como essencial para comunicação e aprendizado à distância e acesso ao conhecimento dos cursos, incluindo IA. No entanto, surgem preocupações com a diminuição do raciocínio, disseminação de *fake news*, e perda de criatividade e imaginação. Os aspectos negativos em relação à tecnologia revelam um medo presente de desumanização ou perda de controle sobre as capacidades cognitivas e a própria realidade. As referências a distopias trazem uma ansiedade coletiva sobre o futuro da humanidade e a ética do avanço tecnológico.

A inteligência é uma propriedade dos organismos biológicos que em certa medida não pode ser reproduzida por máquinas, mas agora se intitula como artificial. O que se sabe é que esses mecanismos não derivam de um processo de seleção natural nem artificial, porque precisa de milhões de pessoas trabalhando para mantê-la funcionando. O uso abusivo de telas e agentes de inteligência artificial estão alterando as propriedades cognitivas do ser humano, inclusive na capacidade de percepção de difusão de informações incorretas, pois as

ferramentas de IA são treinadas em dados não confiáveis da internet, podem cometer erros até inventar dados inexistentes.

A dependência do celular é destacada, com o aparelho substituindo múltiplos objetos e tornando as pessoas mais vulneráveis e aprisionadas. A onipresença desse *gadget* reflete uma adaptação profunda e potencialmente arriscada a um modo de vida mediado pela tela, com implicações para a autonomia e a segurança individual. A percepção de um consumo excessivo, impulsionado pelo desejo de ostentar e para os outros, o que muitas vezes gera problemas financeiros, é evidenciada, bem como o consumo de informações desnecessárias via telas. O consumismo excessivo expõe um valor social de *status* e validação externa, cuja posse de bens e a exibição nas redes sociais são motivadores primários. A ostentação e emissão contínua (Türcke, 2010) gera uma ansiedade inerente sobre a imagem social e uma busca por aceitação através de bens materiais.

O consumo de informações desnecessárias pode indicar uma dificuldade em filtrar e priorizar estímulos digitais, refletindo uma possível sobrecarga cognitiva ou uma busca por constante estimulação ou emissão. A hesitação em ter filhos devido a preocupações climáticas revela um profundo pessimismo ambiental e uma responsabilidade geracional face a um futuro incerto. A incerteza sobre o futuro da tecnologia gera uma ansiedade sobre a adaptabilidade humana e a natureza da sociedade futura em um mundo tecnologicamente avançado. A incerteza se estabelece sobre o futuro e em relação a adaptação do uso da tecnologia na vida adulta, indicando que esses jovens se sensibilizam e demonstram preocupações de ordem coletiva. Ademais, é interessante observar a ausência de usos mais qualificados e potentes da tecnologia na fala dos estudantes, visto que reproduzem um certo pessimismo e não vislumbram usos mais potentes, inclusive em suas rotinas acadêmicas.

O discurso dos jovens revela um panorama marcado por ansiedade e pressão impulsionadas pela aceleração social e o imediatismo tecnológico que, embora ofereça novas possibilidades, também gera profundos medos e desafios. Os jovens buscam ativamente estratégias para lidar com essas novas realidades, que se manifestam via estados emocionais complexos, valores de desempenho e validação externa, além de motivações de

autopreservação e busca por sentido em um mundo em rápida transformação. *Hobbies* como ler, desenhar, praticar esportes e passar tempo com animais são meios para relaxar e lidar com a ansiedade. O recurso a *hobbies* indica uma necessidade de autorregulação emocional e busca por bem-estar em detrimento do estresse e da ansiedade predominante.

Os jovens ouvidos demonstram uma consciência sobre os desafios da sociedade contemporânea, especialmente o impacto do consumo e das telas em suas vidas e saúde mental. Embora a pandemia tenha agravado muitos desses problemas, também estimulou o autoconhecimento e a busca por hábitos mais saudáveis, como apontam alguns dos jovens. A necessidade de um equilíbrio entre o mundo digital e as interações reais, bem como a importância de desenvolver resiliência e autoconsciência, são temas emergentes neste cenário.

Em relação à categoria juventude excitada, observa-se que as falas dos jovens, embora por vezes pareçam queixas individuais, consistem em uma consequência das condições sociais, tecnológicas e econômicas que moldam a vida desses jovens e que é fruto de uma pressão sistemática imposta pelo capitalismo e pelo desenvolvimento tecnológico. A busca pela gratificação imediata, a dificuldade de desconectar-se das telas e a constante comparação social inferem uma fragilidade emocional e uma identidade em construção moldada por valores materialistas e pela velocidade do mundo digital.

A coocorrência entre redes sociais e comparação, ansiedade, pandemia e distanciamento social revelam as estruturas implícitas do discurso, mostrando como os elementos constituintes da juventude excitada se interligam na experiência dos jovens. A ansiedade e a depressão reportadas podem ser inferidas como consequências patológicas dessa paralisia frenética. A ansiedade, o imediatismo e o consumo excessivo são sintomas de uma geração imersa em um ambiente que promete liberdade e protagonismo através do consumo e da tecnologia, mas que na prática, pode gerar frustração, isolamento e problemas de saúde mental.

Ao observar o consumo excessivo e a busca por autoafirmação visual, infere-se que a juventude excitada é impulsionada por uma lógica infantil de incutir mais cedo um desejo permanente e uma sensação de desrealização e despersonalização quando a experiência

vivida diverge da imagem projetada. A exaltação do progresso e da juventude se manifesta na pressão que os jovens sentem para serem bem-sucedidos e protagonistas, levando a necessidade de atender a essas expectativas, mesmo que de forma superficial e imediatista.

As vozes revelam uma profunda reflexão sobre os efeitos da pandemia em suas rotinas, hábitos de consumo digital, saúde mental e percepção do tempo. As falas evidenciam como a pandemia intensificou o uso de telas, desencadeando transformações comportamentais e emocionais que persistem até hoje. Os relatos expõem com clareza o efeito cumulativo da pandemia na subjetividade juvenil. O uso intensivo de telas, inicialmente uma resposta ao isolamento, tornou-se um hábito consolidado. A saúde mental foi fortemente afetada, em parte pela hiperconectividade e também pela solidão e incertezas.

O debate lançado pelos grupos focais de jovens ouvidos revela um panorama preocupante e, ao mesmo tempo, lúcido sobre os efeitos sociais e subjetivos da pandemia na educação desse público junto ao uso excessivo de telas. Este cenário é intensificado pela exposição às telas e pela dinâmica de condicionamento ao consumo. Embora a ansiedade possa ser percebida individualmente como um estresse decorrente de múltiplas tarefas ou da falta de tempo para realizá-las, a análise aprofundada revela que ela se entrelaça com as demandas e pressões de uma sociedade que exige constante atenção e sucesso, ditado pela exposição, mesmo que efêmera.

Os jovens demonstram consciência crítica sobre os excessos tecnológicos, a precariedade da saúde mental, o peso das expectativas e a artificialidade dos padrões acelerados de vida. As instituições de ensino precisam trabalhar de forma mais acolhedora e mais frequente para se aproximar e se apropriar dessa realidade que está, segundo os jovens, dificultando a vivência individual e coletiva, para em conjunto com a família desenvolver possibilidades de atenuar tal sofrimento psíquico. Há, contudo, pouca orientação institucional ou pedagógica capaz de lidar com esses temas na escola. O desafio, portanto, não é apenas escutar esses relatos, mas construir práticas que desaceleram, acolhem e estabelecem vínculos significativos com o tempo, com os outros e consigo mesmo.

Nesse contexto, a Educação emerge como um campo de tensões significativas diante da necessidade de atender a uma formação humana e integral e possibilitar ações reflexivas acerca desta realidade e que compreenda os desafios presentes no contexto escolar, o qual vem sendo afetada com o uso contínuo das telas, especificamente após os efeitos da pandemia. Somado a esse panorama se tem os interesses do capital imbricados na sistemática de ensino. É necessário discutir sobre os usos da tecnologia, suas limitações, riscos e potencialidades e estruturar o apoio psicológico nas instituições e melhor integração das discussões sobre saúde mental nas escolas, que promovam o pensamento crítico e emancipatório.

As recentes políticas educacionais como a BNCC e o Novo Ensino Médio são criticadas por instrumentalizar a formação do trabalhador multitarefa e de subjetividades flexíveis, adaptadas a um mercado de trabalho também flexibilizado. A ênfase na construção de um projeto de vida e no desenvolvimento de competências socioemocionais recai sobre o estudante a responsabilidade por sua inserção profissional e social, perpetuando uma falsa inclusão. Essa visão utilitarista centrada na rentabilidade econômica, reinterpreta conceitos socialistas como a politecnia, a escola unitária e o materialismo histórico-dialético tão difundido por Karl Marx e Friedrich Engels, que defendem que a história é moldada pelas condições materiais e econômicas, e que as transformações ocorrem através do conflito entre forças sociais antagônicas. Portanto, para que aconteça esta revolução, é necessário que haja consciência social e portanto, a escola deve propiciar este espaço de reflexão para resistência às relações em favor do capital.

Em suma, a aplicação da análise de conteúdo de Bardin permitiu uma abordagem sistemática e rigorosa das falas dos jovens. Ao combinar técnicas temáticas, relacionais e de enunciação, a pesquisa vai além do conteúdo manifesto ao indicar as condições de produção dessas falas e, assim, evidenciar e aprofundar a compreensão e manifestação da categoria juventude excitada como um fenômeno complexo, resultante da interação entre os indivíduos e as pressões da sociedade contemporânea. As atitudes dos jovens em relação aos temas, bem como o tom das falas sobre o uso de telas como favorável pela conveniência do EAD e

desfavorável a respeito dos prejuízos à socialização e vício, permitem quantificar a carga avaliativa das mensagens, revelando além da dualidade entre ser favorável ou desfavorável ao uso e consumo, também criticidade em relação aos aspectos concernentes à juventude excitada.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese se dedicou a analisar as mudanças psicossociais em curso que ocorrem na Educação de estudantes jovens em relação ao uso exacerbado de telas, o qual se intensificou especificamente após os efeitos da pandemia. A complexa conexão entre a aceleração social, modernidade, gestão do tempo e da atenção no contexto contemporâneo digital de uso de telas, demonstra como o ritmo acelerado se constitui como uma lógica inerente à cultura da modernidade, moldando todas as camadas sociais e faixas etárias, especialmente em crianças e adolescentes, especialmente após os efeitos do período pandêmico. A pesquisa confirmou que este fenômeno temporal não é meramente técnico ou histórico, mas de crucial importância sociológica e subjetiva, impactando a forma como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos.

Dentre os objetivos específicos que nortearam o estudo, o primeiro buscou discutir a partir da dinâmica da sensação como as questões relacionadas ao uso da tecnologia repercutem no comportamento psicossocial atual da sociedade, sendo que um dos achados centrais reside na contradição acerca da aceleração; embora os avanços técnicos gerem enorme ganho de tempo, a sociedade se depara com uma crescente pressão e escassez temporal. O tempo é continuamente consumido e otimizado sob o imperativo de produtividade, eficiência e competitividade, fazendo com que a expressão “correr contra o tempo” nunca tenha feito tanto sentido.

A lógica da aceleração está profundamente relacionada com o avanço do capitalismo, que transpõe sua função de servir vontades para a produção de vontades, colonizando a vida pelo fetichismo da mercadoria. A sociedade contemporânea se apresenta como um espetáculo, no qual as relações mercantis organizam a vida, resultando na degradação do ser em ter e parecer. O consumo desenfreado, que antes se atrelava às necessidades básicas, hoje se constitui no desejo de ter para satisfazer anseios emocionais e ilusórios.

Neste panorama, as individualidades e singularidades são exploradas e associadas a contornos de homogeneidade sob a égide da globalização e do capital. A lógica neoliberal

projeta o “eu” como um sujeito empresarial, livre, mas submetido a coações internas de desempenho e otimização. Isso se manifesta nas novas morfologias de trabalho, como a ‘uberização’ e a informalidade, na qual os arranjos flexíveis consomem a força de trabalho de forma predatória, exigindo competências sempre insuficientes e gerando instabilidade e mais informalidade.

A aceleração constante e a pressão por desempenho culminam na caracterização da Sociedade Excitada, um ambiente superconectado e imerso em agitação sensorial. Nesta cultura, o ser é ser percebido (*est percipi*), impulsionando uma compulsão à emissão ilusória de si, conforme afirma Türcke (2010). As interações genuínas são depreciadas em favor da capacidade de pular entre estímulos, resultando na substituição de experiências diretas e autênticas pela receptividade passiva a fluxos de estímulos impostos de modo não consensual.

A tese destacou que a gestão da atenção, essencial em uma sociedade de estímulos incessantes, torna-se um desafio patológico. O começo do século XXI é marcado por doenças neuronais, como depressão, TDAH e Síndrome de *Burnout*, provocadas pelo excesso de positividade e pela pressão constante por desempenho. O aumento das vendas de antidepressivos e a preocupação com fenômenos como a disforia tardia evidenciam o custo psicológico de tentar evitar a infelicidade, obtendo-se uma positividade excessiva. A gestão algorítmica nas bases midiáticas serve como principal ferramenta de captura do tempo e da atenção do usuário. Algoritmos utilizam dados comportamentais para personalizar experiências e direcionar fluxos de informação, maximizando o engajamento e a permanência na plataforma. Por meio de um conceito técnico behaviorista e do modelo de ganchos (recompensas variáveis), o uso de serviços tecnológicos é transformado em um hábito autônomo, alimentando o capitalismo de vigilância.

A coerção para a hipervigilância impede o desligamento e a reflexão. Os usuários colaboram intensamente na construção do panóptico digital, expondo-se livremente. Este sistema, que visa maximizar o engajamento e tornar as pessoas mais previsíveis, levanta sérias preocupações éticas sobre a manipulação da percepção. Além disso, a gestão algorítmica e o hiperconsumo desenfreado, que o sistema 24/7 incita, são insustentáveis, gerando graves

danos ambientais (ex: emissão de carbono e consumo de água no treinamento de IA). Em vez de reduzir desigualdades econômicas, o uso da internet tende a acentuá-las, direcionando a alfabetização digital para comportamentos monetizados e viciantes.

A conclusão da tese reitera que a inconsciência naturalizada perpetua uma paralisia em relação ao agir ou reagir criticamente aos movimentos de controle social, que se intensificaram ainda mais após a pandemia. O tempo espetacular, marcado pela ilusão de transformação incessante, deve ser enfrentado pela busca de uma vivência mais autêntica e significativa do tempo.

É fundamental repensar os modelos de organização social, laboral e individual, buscando um equilíbrio saudável entre produtividade e bem-estar. As reflexões sobre a aceleração abrem espaço para debates sobre qualidade de vida, saúde mental e valores humanos. O caminho para contrapor o ritmo de vida veloz passa pela busca de uma conexão interna e ressonância ao mundo, resgatando espaços para a reflexão profunda, o silêncio e a contemplação.

A crítica do espetáculo, conforme sugerido por Debord (2005), só se torna verdadeira ao unificar-se a uma corrente prática de negação. A capacidade de resistência exige, portanto, a promoção de uma consciência crítica capaz de desvendar os segredos das condições reais da opressão atual, permitindo que o indivíduo deixe de ser uma mera representação de si e reencontre a capacidade de ser quem é, afastando-se da obrigatoriedade de irradiar para o mundo além de sua verdade. A humanidade precisa urgentemente reverter a tendência de ser destituída do tempo e da capacidade sensorial de experimentar a matriz viva da existência terrestre.

O segundo objetivo específico da tese que se constituiu em analisar a relação entre os jovens da EPT e a dinâmica da sensação estabelecida por meio do uso da tecnologia a partir da categoria juventude excitada, ressalta que a juventude contemporânea é a principal afetada pelas dinâmicas do capitalismo acelerado e da gestão algorítmica, manifestando um profundo sofrimento subjetivo e uma crise na formação da identidade. As falas dos alunos não são meros ecos dos fenômenos sociológicos, mas sim a prova viva da paralisia frenética em

que a sociedade se encontra e que foi acentuada pelos efeitos da pandemia. O conceito de aceleração social e temporal perpassa todas as categorias de percepção dos alunos. A modernidade, marcada pelo capitalismo e pela racionalização, transformou a experiência humana, fazendo da gestão do tempo uma questão central. Os jovens internalizam essa lógica de urgência a tal ponto que seu ritmo mental é alterado, como no relato de que o professor falando normal, parece que está lento. A aceleração não trouxe mais tempo livre, pelo contrário, o tempo é consumido por atividades que o fazem desaparecer.

A juventude é pressionada a antecipar marcos de vida, sentindo que não há tempo, o que evidencia a coação de desempenho imposta pelo neoliberalismo. Essa busca por sucesso imediato e a sensação de estar atrasado geram ansiedade e a paralisia frenética, um estado em que se está constantemente ocupado, mas sem avanço significativo ou reflexão. O uso de telas e a necessidade de resposta imediata em mensagens, reforçam o diagnóstico de que o mercado busca o domínio firme sobre o tempo e o espaço, infiltrando-se na psique humana. A Sociedade Excitada é o ambiente no qual o jovem é forçado a emitir para existir. Os alunos percebem o uso de telas como um vício irrestrito, uma dependência comparável ao consumo de drogas digitais.

O terceiro objetivo específico colocado no estudo foi de identificar indícios do uso excessivo de telas e como essas afetam a Educação de jovens estudantes e foi vislumbrado na medida em que os estudantes demonstram que a presença do celular na palma da mão se inicia cada vez mais cedo, com relatos de crianças que já nascem mexendo com o celular, confirmando a precocidade da dominação digital. O celular não é apenas um dispositivo, mas um substituto de experiências autênticas e um veículo para o espetáculo, ilustrando a substituição da vivência direta pela receptividade passiva a fluxos de estímulos.

A pressão para se adequar a padrões estéticos e comportamentais gerados nas redes resulta na perda de individualidade. Essa dinâmica de exposição voluntária contribui para a construção do panóptico digital. A gestão algorítmica atua em conjunto com o neoliberalismo educacional. Os algoritmos, desenhados para maximizar o engajamento e a

receita publicitária, influenciam diretamente o comportamento de consumo, como na percepção dos alunos de que conversas informais levam a anúncios direcionados.

As análises realizadas, articulando as experiências individuais, as complexas dinâmicas da juventude em uma sociedade de consumo e as políticas educacionais demonstraram que a ansiedade, um fenômeno tão pessoal e por vezes ligado com mecanismos individuais como atividades de lazer ou a busca por ajuda, manifesta-se de forma acentuada na geração Z, tornando-a a mais ansiosa da história. A análise das percepções dos alunos corrobora que a juventude está inserida em uma mutação civilizacional tecnológica, na qual as pressões da aceleração capitalista e da gestão algorítmica se unem à fragilidade da identidade em desenvolvimento, resultando em uma geração que se sente simultaneamente hiperconectada e profundamente isolada, lutando contra o vício e a ansiedade em um sistema que exige desempenho ininterrupto.

O quarto e último objetivo específico foi verificar como os estudantes percebem, interpretam e reagem às mudanças de ordem social e psicológicas decorrentes do uso excessivo das telas, após as vivências no período pandêmico, especialmente em relação à sua formação escolar. Para além de dados teóricos, os dados empíricos revelam na voz dos estudantes que a dificuldade de socialização, acentuada pela pandemia, levou muitos jovens ao isolamento e à preferência pelo celular, gerando a depreciação de relacionamentos sérios. A vulnerabilidade psicológica é tamanha que a busca por apoio transcende o humano, alcançando a IA. As percepções dos alunos constituem um apelo urgente para que a educação e a sociedade promovam a formação omnilateral, que resgate o conhecimento crítico e as conexões humanas em meio ao frenesi digital, garantindo que o tempo, a atenção e a identidade juvenil não sejam integralmente consumidos pelos interesses do capital.

A ansiedade na juventude contemporânea é um sintoma complexo e derivado das condições de produção impostas por uma sociedade mercantilizada e digitalizada. As políticas educacionais, em vez de atenuar essa pressão, muitas vezes a reforçam, moldando o sujeito para a adaptação neoliberal e o consumo. Reafirma-se a necessidade de uma educação que

integre o trabalho como princípio educativo, superando a dualidade entre trabalho manual e intelectual, em oposição à mera formação de mão de obra para o capital.

Trazer as vozes dos jovens da EPT, particularmente aqueles em cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, demonstraram-se cruciais para a pesquisa, pois fornecem uma perspectiva empírica e subjetiva vital sobre os temas de aceleração, gestão algorítmica e a sociedade excitada. Suas vozes transformam constructos teóricos em realidades vividas, revelando as profundas consequências da modernidade acelerada em sua formação pessoal e acadêmica. A importância de ouvir estes jovens reside em quatro pilares centrais, extraídos de suas percepções e relatos. O primeiro seria o da consciência crítica e evidência empírica da aceleração social. Os estudantes da EPT não são meros receptores passivos da aceleração social e a percebem e a criticam de forma contundente. Os jovens verbalizam a sensação de que o tempo é escasso. Essa percepção é intensificada pelo ritmo ininterrupto e obsessivo da conexão para emissão de si.

O segundo pilar é o custo subjetivo da Sociedade Excitada e constituição de uma Juventude Excitada. Os relatos dos jovens fornecem a dimensão humana e patológica dos fenômenos estudados, ligando diretamente a hiperconexão e a pressão por desempenho às novas paisagens patológicas do século XXI que expõem uma vulnerabilidade psicossocial. As falas detalham a complexa relação entre o uso do celular e o aumento da ansiedade, depressão e crises de pânico, especialmente intensificadas pelo isolamento da pandemia. Eles reconhecem que a exposição às vidas perfeitas nas redes sociais acentua a comparação e a insegurança.

Os estudantes da EPT, com rotinas de estudo integrais e demandas técnicas demonstram a internalização da lógica neoliberal do sujeito empresarial e do *self influencer*. Sentem-se culpados e frustrados quando não conseguem manter a rotina ou quando procrastinam devido ao celular, revelando a pressão por desempenho máximo, mesmo no tempo livre. O consumo fragmentado de conteúdo digital e a multitarefa geram um distúrbio de déficit de atenção obrigatório, afetando o foco nos estudos. Eles também lamentam a perda

da essência da juventude e a dificuldade em socializar pós-pandemia, evidenciando o enfraquecimento dos laços interpessoais em favor da conexão digital.

O terceiro pilar é o contexto específico da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), que exige disciplina e autonomia, expõe o conflito entre o sistema educacional e os hábitos de vida acelerados. A rotina exigente da EPT é diretamente desafiada pela distração constante do celular. Eles articulam a dificuldade de conciliar estudos, vestibular e lazer, o que os leva a um ciclo complexo de culpa e desânimo. Os estudantes trazem evidências de sequelas de como a pandemia funcionou como um acelerador forçado e desorganizador, na medida em que houve um atraso no aprendizado, mas, paradoxalmente, uma aceleração mental e subjetiva, forçando-os a amadurecer mais cedo.

O sistema educacional, influenciado pela lógica de mercado, exige a formação do homem flexível e do trabalhador multitarefa. O currículo (BNCC) foca no projeto de vida, impondo a autonomia e a responsabilidade pelo sucesso ao próprio estudante. O jovem internaliza a cobrança de ser um sujeito empresarial, culpando-se pela procrastinação e pela distração. O sofrimento subjetivo dos alunos, que inclui ansiedade, depressão e até transtornos alimentares, corrobora o diagnóstico de que o século XXI é marcado por doenças neuronais causadas pelo excesso de positividade e desempenho. A comparação constante nas redes sociais, destrói a autoestima e acentua a crise mental, transformando a depressão na patologia da Modernidade Tardia.

O quarto pilar diz respeito à necessidade urgente de acolhimento e orientação por parte da Educação; ao expressarem suas dificuldades, os jovens indicam a necessidade de que as instituições (especialmente a escola, no caso dos IF) atuem como mediadoras nas demandas de escuta institucional. Os estudantes explicitam a carência de espaços de diálogo e reflexão, sugerindo que a saúde mental não deve ser tratada apenas no âmbito clínico (psicólogos), mas trazida para o debate em grupo na sala de aula. Os grupos focais, enquanto metodologia de pesquisa, já se mostraram um espaço de alívio e desabafo entre os jovens.

As conclusões da tese, embasadas na escuta dos jovens da EPT, enfatizam que a aceleração moderna e a gestão algorítmica no contexto digital não são apenas

macro-fenômenos, são experiências vividas que desorganizam o tempo e a atenção, prejudicam a saúde mental e forçam uma maturidade precoce; reforçando a tese central colocada nesta pesquisa de que a Educação dos jovens vem sendo afetada com o uso contínuo das telas, especificamente após os efeitos do período pandêmico, considerando a dinâmica da sensação como conceito central para essa problemática. Seus relatos fornecem o subsídio necessário para que as discussões geradas sobre a gestão do tempo e a sociedade de desempenho transcendam a teoria e apontem para intervenções práticas e políticas públicas de acolhimento aos jovens, como estruturar o apoio psicológico nas instituições e melhorar a integração das discussões sobre saúde mental nas escolas por meio de projetos, para que promovam o pensamento crítico e emancipatório.

As possibilidades de ampliação da pesquisa, inclusive com novos recortes temporais e em outros níveis de formação podem ser consideradas, visto que as mudanças estão em curso e a problemática apresentada está presente em outras faixas etárias e outras abordagens podem ressurgir, principalmente com novas legislações a respeito do uso de telas no cotidiano escolar e a respeito de novas alterações de funcionamento de plataformas digitais.

A contribuição da pesquisa para o campo da Educação se insere no caráter reflexivo de uma formação humana e integral que leve em consideração todos os aspectos humanos que compõem a trajetória formativa dos estudantes. O estudo tem seu impacto social no que se refere a compreender a relação entre os sujeitos e o contexto histórico-social atravessado pelo avanço tecnológico de uma sociedade em rede, cada vez mais intrincada pelas diferentes manifestações do neoliberalismo (econômico, político, cultural), que entrelaçam os fios da experiência humana. Considera-se refletir sobre o que foi vivenciado no período pandêmico, principalmente, às consequências no período pós-pandêmico, dentre eles a intensificação no uso de telas entre crianças e jovens

A EPT torna-se um *locus* privilegiado para compreender a problemática, considerando a luta para materialização a concepção de educação crítica e progressista que norteia a educação na rede federal de educação profissional e tecnológica brasileira, sendo

necessário um olhar e a escuta qualificada, na tentativa de romper com práticas tecnicistas e burocratizantes, que em certa medida contribuem para a aceleração do consumo tecnológico, por meio de visões acríicas das tecnologias. A discussão sobre os usos da tecnologia, suas limitações, riscos e potencialidades se torna necessária e deve ser contínua como subsídio reflexivo para o processo formativo dos estudantes na EPT, expandindo-se para outras modalidades de ensino.

REFERÊNCIAS

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. Brasiliense, 2017.

BRASIL. Congresso Nacional. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**.

Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf?sequence=1 & gt Acesso em: 25 ago. 2020.

AMORIN, Lucas. **Proíba *smartphone* para seus filhos: psicólogo faz chamado à vida real contra onda de ansiedade**. Exame: E insight. 05 maio 2024. Disponível em:

<https://exame.com/insight/proiba-smartphone-para-seus-filhos-psicologo-faz-o-chamado-a-vida-real-contra-onda-de-ansiedade/p> Acesso em: 08 abril 2024.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; FRIGOTTO, Gaudêncio. **Práticas pedagógicas e ensino integrado**. Revista Educação em Questão, v. 52, n. 38, p. 61–80, 2015. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/viewFile/7956/5723> Acesso em: 08 abril 2024.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima. **Formação de docentes para a educação profissional e tecnológica: por uma pedagogia integradora da educação profissional**. Trabalho & Educação – vol.17, nº 2 – Maio / ago 2008.

ARAUJO, Ronaldo Marcos de Lima; RODRIGUES, Doriedson do Socorro **Referências sobre práticas formativas em educação profissional: o velho travestido de novo frente ao efetivamente novo**. Boletim Técnico do SENAC, Rio de Janeiro, SENAC, ano 36, n. 2, mai./ago. 2010

BARBER, Benjamin R. **Consumido**. tradução Bruno Casotti. - Rio de Janeiro: Record, 2009. 236 p.

Bardin, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENTES, Anna. Selfie influencer: Um novo modelo de subjetividade neoliberal nas práticas da comunicação digital. **Revista Dispositiva**, v. 12, n. 22, p. 45 - 67 - jul/dez (2023)

Disponível em: <https://doi.org/10.5752/P.2237-9967.2023v12n22p45-67> Acesso em: 01 abril 2024

Bentes, Anna. (2022). O modelo do gancho e a formação de hábitos: tecnobehaviorismo, capitalismo de vigilância e economia da atenção. **Anuario Electrónico de Estudios en Comunicación Social “Disertaciones”**, 15(2), 1-19. Disponível em:

<http://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/disertaciones/a.11342> Acesso em: 01 abril 2024

Biblioteca Virtual em Saúde **OMS divulga Informe Mundial de Saúde Mental: transformar a saúde mental para todos**. 17 jun 2023 Disponível em:

<https://bvsm.sau.gov.br/oms-divulga-informe-mundial-de-saude-mental-transformar-a-saude-mental-para-todos/> Acesso em: 08 abril 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília, 2018 Disponível em: https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/51281622 Acesso em: 01 ago. 2021

BRASIL. **Lei nº 15.100/2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.** 13 jan. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm Acesso em: 31 jan. 2025.

BRASIL. **Resolução CNE/CP nº 1, DE 5 DE JANEIRO DE 2021. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica.** Disponível em: normativasconselhos.mec.gov.br/normativa/pdf/CNE_RES_CNECPN12021.pdf Acesso em: 04 dez 2023.

BRASIL. **Lei Nº 14.945, DE 31 de julho de 2024: altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a fim de definir diretrizes para o ensino médio.** Brasília, 2024. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2024/lei/l14945.htm Acesso em: 01 ago. 2024

BRASIL. **Lei nº 15.100, de 13 de janeiro de 2025. Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino de educação básica.** Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/l15100.htm Acesso em: 09 de mar. 2025.

BRASIL/MEC. **Documento orientador para a superação da evasão e retenção na rede federal de educação profissional, científica e tecnológica.** Disponível em: <http://www.ifto.edu.br/ifto/reitoria/pro-reitorias/proen/diretorias/assuntos-estudantis/permanencia-e-exito/tcu-e-setec/documento-orientador-para-a-superacao-da-evasao-e-retencao-na-rede-federal-de-educacao-profissional-cientifica-e-tecnologica/view> Acesso em: 22 de set. de 2020.

Bruno, Fernanda Glória. Bentes, Anna Carolina Franco. & Faltay, Paulo. (2019). Economia psíquica dos algoritmos e laboratório de plataforma: mercado, ciência e modulação do comportamento. **Revista FAMECOS, 26(3), e33095.** Disponível em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2019.3.33095> Acesso em: 01 abril 2024

Bruno, Fernanda Glória *et al.* Tudo por conta própria: autonomia individual e mediação técnica em aplicativos de autocuidado psicológico. **Revista Eletrônica De Comunicação, Informação & Inovação Em Saúde, 15(1).** Disponível em: <https://doi.org/10.29397/reciis.v15i1.2205> Acesso em: 01 abril 2024

CARVALHO, Leticia. **Taxa de abandono escolar no ensino médio na rede pública mais que dobra em 2021, aponta INEP.** Portal G1. 19 maio. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/05/19/taxa-de-abandono-escolar-no-ensino-medio-na-rede-publica-mais-que-dobra-em-2021-aponta-inep.ghtml> Acesso em: 04 maio 2023.

CIAVATTA, Maria. **A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade.** Trabalho Necessário, v.3, n.3, 2005. Disponível em: http://www.uff.br/trabalhonecessario/images/TN_03/TN3_CIAVATTA.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022

Conselho Federal de Psicologia. **Crianças e adolescentes: CFP participa da elaboração de guia com orientações sobre o uso consciente de telas** 09 abril. 2024 Disponível em: <https://site.cfp.org.br/criancas-e-adolescentes-cfp-participa-da-elaboracao-de-guia-com-orientacoes-sobre-o-uso-consciente-de-telas/> Acesso em: 08 abril 2024.

CRARY, Jonathan. **24/7 Capitalismo tardio e os fins do sono.** Tradução de Joaquim Toledo Jr. São Paulo, Brasil: Cosac Naify, 2014, 112p.

CRARY, Jonathan. **Terra arrasada. Além da era digital rumo a um mundo pós-capitalista.** Trad. de Humberto do Amaral. São Paulo: UBU Editora, 2023, p. 13-77.

CRESTANI, Carlos Eduardo; MACHADO, Márcio Bender. Aprendizagem baseada em projetos na educação profissional e tecnológica como proposta ao ensino remoto forçado. **Revista Brasileira de Educação, [s.1.], v. 28, e280048, 2023.** DOI: 10.1590/S1413-24782023280048. Acesso em: 23 mar. 2025.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo.** Lisboa. edições antipáticas, 2005, 157 p.

DESMURGUET, Michel. **Fábrica de Cretinos Digitais: O perigo das telas para nossas crianças.** Trad. Mauro Pinheiro - 1 ed. Reimp. São Paulo: Vestígio, 2021.

Dicionário de trabalho e tecnologia. Antonio David Cattani e Lorena Holzmann (Org.),Porto Alegre, Zouk, 2011, 494 p.

DOS SANTOS, Wanderson Barbosa. A estética do momento: sociologia das pequenas manifestações cotidianas. **Revista Contraponto, [S. l.], v. 9, n. 1, 2022.** Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/contraponto/article/view/120268> Acesso em: 01 out 2023.

EVANGELISTA, Olinda; SEKI, Allan Kenji. **Formação de professores no Brasil: leituras a contrapelo.** Araraquara: Junqueira & Marin, 2017.

FERREIRA, Liliana Soares; Ana Sara CASTAMAN *et al* (org.) **Glossário sobre Trabalho Pedagógico na Educação Profissional e Tecnológica.** Curitiba: CRV, 2024. 446 p.

FOLHA DE SÃO PAULO. **São Paulo: Grupo Folha, Tela lança choques sensuais assim como injeções de heroína [Edição 04 de setembro de 2010]-. Diário.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq0409201022.htm> . Acesso em: 17 nov 2023.

FOLHA DE SÃO PAULO. **São Paulo: Grupo Folha, De 642 mil, 69% dos alunos da rede estadual de ensino relatam sintomas de depressão e ansiedade. [Edição abril. 2022.]-.** **Diário.** Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2022/04/69-dos-alunos-da-rede-estadual-de-sp-relatam-sintomas-de-depressao-e-ansiedade.shtml> Acesso: em 04 maio 2023. Acesso em 28 fev. 2021

FREITAS, Luiz Carlos. Os reformadores empresariais da educação e a disputa pelo controle do processo pedagógico na escola. *Educ.Soc.*, Campinas, v. 35, n°. 129, p. 1085-1114, out.-dez., 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/es/v35n129/0101-7330-es-35-129-01085.pdf> Acesso em: 27 de out. de 2023.

FREUND, Alexander. DW Brasil. **Como os lockdowns afetaram a saúde mental dos adolescentes.** 11 mar. 2025 Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/covid-19-como-os-lockdowns-afetaram-a-sa%C3%BAde-mental-dos-jovens/a-71877093> Acesso em: 11 mar. 2025.

GARCIA, Merisandra Côrtes de Mattos. **I Seminário Internacional APHELEIA AMÉRICA DO SUL/ UNESC. Inteligência artificial, educação e sustentabilidade.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=c2qtmPxNAR0> Acesso em: 27 de out. de 2023.

GATTI, Bernardete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais humanas.** Brasília: Liber Livro. Editora, 2005. 77 p. (Série Pesquisa em Educação; 10) ISBN 85-98843-11-3

GRABOWSKI, Gabriel; KUENZER, Acácia Zeneida. A produção do conhecimento no campo da Educação Profissional no regime de acumulação flexível. **Holos**, v. 6, p. 22– 32, 2016. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/4983>. 1 Acesso em: 01 jun 2021

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa.** UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf> Acesso em: 01 jun 2021.

Güell, Oriol, jornal El País. **Mortes por ‘selfies’ entram na mira dos epidemiologistas.** [edição 26 oct. 2021] - Disponível em: <https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-10-26/mortes-por-fies-entram-na-mira-dos-epidemiologistas.html> Acesso em: 28 nov 2023.

GRILLO, Giulia Pillar. **Impacto do uso excessivo de multtelas no comportamento e saúde mental de crianças e adolescentes.** *Brazilian Journal of Health Review*, ISSN: 2595-6825, 2023. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BJHR/article/download/58634/42657> Acesso em 31 julho 2023.

Haidt, Jonathan. **The Anxious Generation: How the Great Rewiring of Childhood Is Causing an Epidemic of Mental Illness**, Edição Inglês

Han, Byung-Chul. **Agonia do eros** / Byung-Chul Han ; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço** / Byung-Chul Han ; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência** / Byung-Chul Han ; tradução de Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder**. Tradução: Maurício Liesen. Belo Horizonte: Âyné, 2020.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade paliativa : a dor hoje** / Byung-Chul Han; tradução Lucas Machado. – 1. ed. – Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2021.

ICB - USP. **Neurociências como instrumento de transformação social - Prof. Dr. Miguel Nicolelis**. 27 set. 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TMVg4UHziqM> Acesso em: 08 maio 2023.

IFC. Portal oficial IFC. Disponível em: <https://ifc.edu.br/> Acesso em: 28 nov 2023.

IFSC. **Regimento Interno IFSC. Resolução CONSUP N° 14, DE 07 DE MAIO DE 2018**. Versão disponível em: <https://regimentos.ifsc.edu.br> Acesso em: 08 maio 2023.

IFSC, Portal oficial IFSC. Comunicação do Câmpus Itajaí. **Coordenadoria pedagógica promove roda de conversa sobre ansiedade**. Acesso em: 07 out. 2022. Disponível em: https://www.ifsc.edu.br/conteudo-aberto/-/asset_publisher/1UWKZAKiOauK/content/id/13437907 Acesso em: 04 maio 2023.

JORNAL DA USP. **Pesquisa mede impacto da pandemia no bem-estar dos brasileiros**. [Edição 30 jan. 2023]. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/pesquisa-mede-impacto-da-pandemia-no-bem-estar-dos-brasileiros/> Acesso em: 12 nov 2024.

JORNAL TV CULTURA [Edição 20 set. 2023]. Disponível em: https://www.youtube.com/live/jDspUcQkzOw?si=OTzi6Fb5_D3pCx-l Acesso em: 28 nov 2023.

KORNBLUH, Anna. Imediatez. São Paulo: Boitempo, 2025, 270 p.

KRACAUER, Siegfried, **O ornamento da massa: ensaios**. Tradução de Carlos Eduardo Jordão Machado e Marlene Holzhausen. São Paulo, Cosac Naify, 2009, 380 p.

LAVAL, Christian. **A escola não é uma empresa**. Tradução de Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2019. p. 07-26.

LEÃO, Geraldo; DAYRELL, Juarez Tarcísio, DOS REIS, Juliana Batista. Juventude, projetos de vida e ensino médio. Educ. Soc., Campinas, v. 32, n. 117, p. 1067-1084, out.-dez. 2011 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 21 set 2023

LEMBKE, Anna. **Nação dopamina : por que o excesso de prazer está nos deixando infelizes e o que podemos fazer para mudar**. tradução Elisa Nazarian. — 1. ed. — São Paulo : Vestígio, 2022. Versão em PDF

LUKÁCS, György. **As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem.**

2009. Disponível em:

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/bases_ontologicas_pensamento_atividade_homem_lukacs.pdf Acesso em: 27 de out. de 2023.

MCMAHON, Liv. BBC. **Usar celular antes de dormir piora qualidade do sono, diz estudo.** 2 de abril de 2025 Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c9qwllcxx7zo.amp> Acesso em: 27 junho 2025.

MARCUSE, Herbert. **Do Pensamento Negativo para o Positivo: racionalidade tecnológica e a lógica da dominação.** In: O Homem Unidimensional: estudos da ideologia da sociedade industrial avançada. Tradução: Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: ZAHAR, 1973. p.142-162.

Disponível em: <https://grupocriticaedialetica.files.wordpress.com/2018/05/marcuses.pdf>

Acesso em: 04 maio 2023.

MEYER, Thomas **A inteligência artificial como mito e fetiche.** Tradução de Boaventura Antunes. 28 de maio de 2024. Disponível em:

http://www.obeco-online.org/thomas_meyer28.htm Acesso em: 04 julho 2024

MONTEIRO, Duda. **Os jovens não sabem mais usar computador: Professores e pais reclamam de comportamento 'antiquado' da nova geração.** 20 fev. 2024 Disponível em:

<https://veja.abril.com.br/coluna/virou-viral/os-jovens-nao-sabem-mais-usar-computador>

Acesso em: 08 abril 2024.

MOURA, Dante Henrique. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica.** Revista Brasileira de Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, n. 1, p. 23-38, 2008.

MOURA, Dante Henrique; LIMA FILHO, Domingos Leite; SILVA, Mônica Ribeiro. **Politecnicidade e formação integrada: confrontos conceituais, projetos políticos e contradições históricas da educação brasileira.** Revista Brasileira de Educação, v. 20, n. 63, p. 1057 – 1080, 2015

NOSELLA, Paolo. (2024). Ensino Médio: Pauta para debate. **Revista Trabalho Necessário**, 2024, p. 01-17. Disponível em:

<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/62439> Acesso em: 04 set 2024.

CETIC. **Pesquisa TIC Domicílios 2023.** Comitê Gestor da Internet no Brasil

Disponível em: <https://cetic.br/pt/pesquisa/domicilios/indicadores/> Acesso em: 28 nov 2023.

PEPINO, Vitor. **Pesquisa, Redes Sociais, saúde mental, Tecnologia, tempo de tela, UFMG.** 25 de outubro de 2023. Disponível em:

<https://www.medicina.ufmg.br/uso-excessivo-de-telas-esta-associado-a-saude-mental-de-diferentes-geracoes/> Acesso em: 01 mar 2025.

PIMENTEL, Carolina. Agência Brasil. **Uso excessivo de dispositivo digital afeta desempenho de alunos.** 05 dez. 2023. Brasília. Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-12/pisa-uso-excessivo-de-dispositivo-digital-afeta-desempenho-de-alunos> Acesso em: 05 mar. 2025

PORTAL DE OLHO NA ILHA. **Crianças e adolescentes pedem que saúde mental seja prioridade em conferência.** 19 maio. 2022. Disponível em:

<https://www.deolhonailha.com.br/florianopolis/noticias/criancas-e-adolescentes-pedem-que-saude-mental-seja-prioridade-em-conferencia-na-capital> Acesso em 08 maio 2023

PORTAL G1, Redação. **Crianças com celular antes dos 13 anos têm mais risco de depressão e baixa autoestima, aponta estudo.** Portal G1. 25 de julho de 2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/saude/saude-mental/noticia/2025/07/25/criancas-com-celular-antes-dos-13-anos-tem-mais-risco-de-depressao-e-baixa-autoestima-aponta-estudo.ghtml> Acesso em: 31 julho 2025.

PORTAL G1. **Vinte e seis alunos de escola estadual passam mal e Samu diz que eles tiveram 'crise de ansiedade'** 08 abril. 2022. Disponível

em:<https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/pe/paranambuco/noticia/2022/04/08/vinte-e-seis-alunos-de-escola-estadual-passam-mal-e-samu-diz-que-eles-tiveram-crise-de-ansiedade.ghtml> Acesso em: 04 maio 2023.

PORTAL G1. Paraná. Muito além do ensino. **O Perigo das Telas para Crianças e Adolescentes.** 14 nov. 2024. Disponível em:

<https://g1.globo.com/pr/parana/especial-publicitario/educacao-adventista/educacao-adventista/noticia/2024/11/14/o-perigo-das-telas-para-criancas-e-adolescentes.ghtml> Acesso em: 09 mar. 2025.

PORTAL G1. **ChatGPT terá recurso de proteção de adolescentes após ser acusado de contribuir com suicídio de jovem nos EUA** 02 set. 2025. Disponível em:

<https://g1.globo.com/google/amp/tecnologia/noticia/2025/09/02/chatgpt-tera-recurso-de-protecao-de-adolescentes-apos-ser-acusado-de-contribuir-com-suicidio-de-jovem-nos-eua.ghtml> Acesso em: 25 set. 2025.

Portal oficial IFSC. Disponível em: <https://www.ifsc.edu.br/> Acesso em: 28 nov 2023.

Portal oficial IFC. Disponível em: <https://ifc.edu.br/> Acesso em: 28 nov 2023.

PORTAL MEC. **Cursos da EPT.** Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cursos-da-ept> Acesso em: 04 maio 2023.

PRESSE, France. Portal G1. **Mais de 40 estados nos EUA processam Meta por prejudicar saúde de menores.** 24 de out. de 2023. Disponível em:

<https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/10/24/mais-de-40-estados-nos-eua-processam-meta-por-prejudicar-a-saude-de-menores.ghtml> Acesso em: 05 junho 2024

QUARTIERO, Elisa Maria; SILVA, Mariléia Maria da; EVANGELISTA, Olinda, Evangelista (org.) **Jovens, Trabalho e Educação - A Conexão Subalterna de Formação para o Capital.** Campinas: Mercado das Letras, 2012.

ROSA, Hartmut. **Aceleração: a transformação das estruturas temporais na Modernidade.** - São. Paulo: Editora Unesp, 2019.

SAVAGE, Jon. **A criação da juventude: como o conceito de teenage revolucionou o século XX**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-165, Apr. 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782007000100012&lng=en&nrm=iso Acesso em: 11 fev.. 2021. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>

SAVIANI, Dermeval. Em defesa do projeto de formação humana integral para a classe trabalhadora. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**, [S.l.], v. 1, n. 22, p. E13666, mar. 2022. ISSN 2447-1801.

SANTOS, Patrícia da Silva. **Siegfried Kracauer: sociologia e superfícies**. Escritos até 1933. 2014. Tese (Doutorado em Sociologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/T.8.2014.tde-14012015-181721. Acesso em: 01 out. 2023.

Santos, Renata Maria Silva. **As associações entre tempo de tela e saúde mental no ciclo vital**. Tese de doutorado, UFMG, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/items/2edd333d-cddd-433f-a218-b3452edf3ae8> Acesso em: 05 junho 2024

SEBASTIÃO, Mariana. 20 de fevereiro de 2024. Portal Cidacs/Fiocruz Bahia . **Estudo aponta que taxas de suicídio e autolesões aumentam no Brasil** 11 de abril de 2025. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/2024/02/estudo-aponta-que-taxas-de-suicidio-e-autolesoes-aumentam-no-brasil>

SILVA, Monica Ribeiro da SILVA; PELISSARI Lucas Barbosa; STEIMBACH, Allan Andrei. Juventude, escola e trabalho: permanência e abandono na educação profissional técnica de nível médio. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 39, n. 2, p. 403-417, abr./jun. 2013 Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/NchnDPckKPb5bfdYKGH5T8x/?format=pdf> Acesso em: 21 set 2023

SIMÕES, Carlos Artexes. **Educação técnica e escolarização de jovens trabalhadores**. In.: MOLL, Jaqueline (org.). Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SOARES, Júlio Ribeiro; BOCK, Ana Mercês Bahia; MARQUES, Eliana de Sousa Alencar. O impacto da pandemia de COVID-19 na educação: desafios e perspectivas. **Revista Educação Santa Maria**. v. 48. 2023. ISSN: 1984-6444 | <http://dx.doi.org/10.5902/19846S44485155> Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao> Acesso em: 14 nov 2024..

SOHN, Sei Yon, KRASNOFF, Lauren, REES, Philippa *et al.* The Association Between Smartphone Addiction and Sleep: A UK Cross-Sectional Study of Young Adults. **Frontiers in Psychiatry**. 01 March 2021. Sec. Sleep Disorders. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.629407> Acesso em 26 junho 2025.

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada – filosofia da sensação**. Trad. Antonio Zuin (et al.). Campinas: Ed. Da Unicamp, 2010,

323p.

TIDY, Joe, BBC News. **No divã com IA: os jovens que fazem terapia com bots de inteligência artificial.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TBRgcpnIPZ0>
Acesso em: 05 junho 2024

TUDO CELULAR. **Crianças estão mais autônomas e presentes na internet, mostra pesquisa do Google.** 17 de agosto de 2023. Disponível em:
<https://www.tudocelular.com/seguranca/noticias/n210275/pesquisa-google-mduanca-habitos-digitais-criancas.html> Acesso em: 05 mar. 2025

UNISINOS. **Suécia paralisa seu plano de digitalização das escolas.** 02 jun. 2023.
Disponível em:
<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/629278-suecia-paralisa-seu-plano-de-digitalizacao-das-escolas> Acesso em: 31 julho 2023

VEIGA, Luciana. GONDIM, Sônia Maria Guedes . **A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político.** Opinião Pública. 2, 2001. P. 1-15.

VELOSO, Ana Clara. **Brasil é o terceiro país que mais consome redes sociais.** O Globo: Tecnologia, 26 mar. 2023. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2023/03/brasil-e-o-terceiro-pais-que-mais-consome-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 31 ago. 2023.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

PINTO, Álvaro, Vieira. O trabalho e a transformação das condições da existência (capítulo XV). In. VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: Problemas filosóficos da pesquisa científica.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. p.323-354

PINTO, Álvaro, Vieira. **O conceito de tecnologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, v. 1.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. **Pensamento e Linguagem.** São Paulo, Martins Fontes, 1987.

WELLE, Deutschei. 30 de junho de 2025. **OMS: Uma em cada seis pessoas no mundo sofre de solidão.** Isto é dinheiro. 30 de junho de 2025. Disponível em:
<https://istoedinheiro.com.br/oms-uma-em-cada-seis-pessoas-no-mundo-sofre-de-solidao>
Acesso em: 07 julho. 2025.

WHITEMANDA, Hilary, CNN News. **Austrália aprova lei inédita no mundo para proibir redes sociais a menores de 16.** 28 nov. 2024. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/australia-aprova-lei-inedita-no-mundo-para-proibir-redes-sociais-a-menores-de-16/> Acesso em: 31 dez 2024

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ATIVIDADES COM GRUPO FOCAL



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PROACAD
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Reconhecido pela CAPES
Renovação do Reconhecimento: Portaria MEC nº 656, de 22.05.2017– D.O.U. de 23.05.2017

ROTEIRO DE ATIVIDADES COM GRUPO FOCAL

Este instrumento de coleta de dados faz parte do projeto de pesquisa “Juventude excitada: as implicações sociais e psíquicas decorrentes do período pandêmico em estudantes de cursos técnicos integrados dos Institutos Federais do sul catarinense”. Conforme expresso no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, a identificação dos sujeitos envolvidos na pesquisa será preservada, não havendo, em nenhum momento e para nenhum fim, a divulgação dos nomes dos participantes ou a vinculação dos seus nomes com as informações fornecidas por eles. Este roteiro está dividido em três momentos. No primeiro, tomando como ponto de partida uma dinâmica de jogo de palavras (juventude, rotina, tecnologia, consumo, aceleração, saúde mental, telas) para um estímulo inicial de interações e falas dos alunos a respeito da temática da pesquisa. Já na segunda parte, espera-se identificar por meio de uma linha do tempo momentos como início da vida escolar, início do uso de tecnologias, período pandêmico e interações atuais do público jovem da EPT em relação com o uso de telas. Caso se sinta constrangido (a) com alguma pergunta ou não queira responder, você poderá interromper ou desistir da atividade a qualquer momento.

Primeira parte: Jogo de palavras para que cada aluno fale sobre o tema que retirou (juventude, tecnologia, rotina, consumo, aceleração, saúde mental, telas)

Segunda parte: desenhar uma linha do tempo no quadro e fazer o alunos refletirem e falarem sobre os pontos (momentos) marcados

PONTO 1- ano de início da vida escolar (Ensino Fundamental até o período pandêmico: principais rotinas e como era o uso de telas)

PONTO 2- período pandêmico de 2020-2021 principais rotinas, uso de telas durante o período

PONTO 3- ano de início do Ensino Médio até o presente momento e principais, rotinas e uso de telas

Após as marcações, cada participante ou dupla compartilha como se sentiu e as percepções em relação a esses momentos.

Perguntas de mediação para a linha do tempo:

PONTO 1 Com qual idade vocês tiveram o primeiro contato com telas?

Quais telas e o que mudou na rotina? Qual frequência utilizavam, como era o uso?

PONTO 2

Quais foram os maiores desafios que vocês enfrentaram durante a pandemia?

Vocês sentiram falta de interagir pessoalmente com amigos e familiares durante esse período? Como lidaram com isso?

Vocês encontraram novas maneiras de se divertir ou relaxar durante a pandemia? Quais foram elas?

Como vocês se sentiram em relação à escola online, interações pessoais ou ao ensino remoto? Foi fácil ou difícil para vocês? Falem de modo geral sobre essas interações com telas.

Vocês tiveram algum medo ou preocupação específica em relação à saúde durante a pandemia? Tiveram algum sentimento mais específico?

Terceira parte: rotinas e interações pós-pandemia do público jovem da EPT

PONTO 3

Quais mudanças observadas por vocês após o período pandêmico na rotina e com relação ao uso de telas hoje? Como vocês percebem este uso atualmente? Quantidade de horas?

Vocês já sentiram ansiedade ou tristeza? Falem sobre os momentos que trazem essa sensação? E o que fazem para diminuir esse sintoma?

Vocês já precisaram procurar algum auxílio profissional para questões psicológicas aqui ou fora do IF? Que frequência? Como foi este auxílio?

Vocês têm algum hobby ou atividade que os faça se sentirem melhor quando estão tristes ou preocupados?

Com relação ao uso de tecnologia, como vocês enxergam o futuro?

Obrigada pela participação!

**APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/
ANUÊNCIA DE DADOS**



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PROACAD
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Reconhecido pela CAPES
Renovação do Reconhecimento: Portaria MEC nº 656, de 22.05.2017– D.O.U. de 23.05.2017

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ ANUÊNCIA DE DADOS

Prezado aluno (a),

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Juventude excitada: as implicações sociais e psíquicas decorrentes do período pandêmico em estudantes de cursos técnicos integrados dos Institutos Federais do sul catarinense”, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Corrêa Garcia, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller, junto ao curso de Doutorado - Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação - PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Esta é uma pesquisa que tem como objetivo investigar as mudanças de ordem social e psicológicas observadas em estudantes dos cursos técnicos da Educação Profissional e Tecnológica do Sul Catarinense, após o período pandêmico a partir da categoria juventude excitada. Ainda, pretende-se com este trabalho: discutir a partir da dinâmica da sensação como as questões relacionadas ao uso da tecnologia repercutem no comportamento psicossocial atual da sociedade; analisar a relação entre os jovens da EPT e a dinâmica da sensação estabelecida por meio do uso da tecnologia a partir da categoria juventude excitada; identificar indícios do uso excessivo de telas e como essas afetam os estudantes e; verificar quais as ações estão sendo realizadas para acolher essas demandas sociais e psíquicas entre os jovens da EPT.

Este projeto foi submetido e aprovado por um comitê de ética em pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo do parecer sob nº 7.106.671

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido nas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. A pesquisadora compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza as resoluções citadas.

Ao participar deste estudo, você consentirá com a realização de uma atividade mediada a ser gravada em áudio pela pesquisadora. Estão previstos em torno de trinta minutos para a atividade. Você tem a liberdade de se recusar a participar, limitar suas respostas ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que

possamos obter melhores resultados na pesquisa. Caso a pesquisa venha causar algum prejuízo de ordem de constrangimento, serão colocados à disposição todos os esclarecimentos possíveis, e caso necessário serão realizados encaminhamentos para a rede de apoio do município como Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS, Secretaria da Saúde, os quais contam com apoio psicológico gratuito. A legislação vigente, prevê se acaso o participante achar-se no direito de receber por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa relacionados à quebra de sigilo. A pesquisadora se compromete a prestar todos os esclarecimentos cabíveis neste caso, bem como ressarcimento perante a lei.

Você não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Entretanto, esperamos que, futuramente, os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Fernanda Corrêa Garcia, pelo telefone pessoal 48 988151154, telefone institucional (48) 33019105 ou com o orientador, Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller, pelo telefone (48) 3431-2594

Contato telefônico e e-mail do programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação - PPGE: (48) 3431-2594 e e-mail: ppge@unesc.net Este Termo será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo uma via para o participante e outra para o pesquisador.

Criciúma, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do (a) Participante/Entrevistado(a)

Assinatura do (a) Pesquisador(a)
CPF: 04897733979

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário - C.P. 3167 | CEP: 88806-000
Criciúma / Santa Catarina
Secretaria: Bloco "Q" sala 15 | (48) 3431-2594
ppge@unesc.net www.ppge.unesc.net



UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA - PROACAD
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Reconhecido pela CAPES
Renovação do Reconhecimento: Portaria MEC nº 656, de 22.05.2017– D.O.U. de 23.05.2017

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO/ ANUÊNCIA DE DADOS

Prezado
Responsável,

Você está sendo convidado (a) a autorizar a participação de seu filho (a) na pesquisa a participar da pesquisa “Juventude excitada: as implicações sociais e psíquicas decorrentes do período pandêmico em estudantes de cursos técnicos integrados dos Institutos Federais do sul catarinense”, desenvolvida pela pesquisadora Fernanda Corrêa Garcia, sob orientação do Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller, junto ao curso de Doutorado - Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação - PPGE da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Esta é uma pesquisa que tem como objetivo investigar as mudanças de ordem social e psicológicas observadas em estudantes dos cursos técnicos da Educação Profissional e Tecnológica do Sul Catarinense, após o período pandêmico a partir da categoria juventude excitada. Ainda, pretende-se com este trabalho: discutir a partir da dinâmica da sensação como as questões relacionadas ao uso da tecnologia repercutem no comportamento psicossocial atual da sociedade; analisar a relação entre os jovens da EPT e a dinâmica da sensação estabelecida por meio do uso da tecnologia a partir da categoria juventude excitada; identificar indícios do uso excessivo de telas e como essas afetam os estudantes e; verificar quais as ações estão sendo realizadas para acolher essas demandas sociais e psíquicas entre os jovens da EPT.

Este projeto foi submetido e aprovado por um comitê de ética em pesquisa, por meio da Plataforma Brasil, conforme protocolo do parecer sob nº 7.106.671

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais de nenhuma ordem e os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos, conforme estabelecido nas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde que trata dos princípios éticos e da proteção aos participantes de pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Todas as informações coletadas nesta investigação são estritamente confidenciais. A pesquisadora compromete-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza as resoluções citadas.

Ao autorizar seu filho a participar deste estudo, você consentirá, você consentirá com a realização de uma atividade mediada a ser gravada em áudio pela pesquisadora. Estão previstos em torno de trinta minutos para a atividade. Você tem a liberdade de se recusar a

participar, limitar suas respostas ou desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. No entanto, solicitamos sua colaboração para que possamos obter melhores resultados na pesquisa. Caso a pesquisa venha causar algum prejuízo de ordem de constrangimento, serão colocados à disposição todos os esclarecimentos possíveis, e caso necessário serão realizados encaminhamentos para a rede de apoio do município como Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS, Secretaria da Saúde, os quais contam com apoio psicológico gratuito. A legislação vigente, prevê se acaso o participante achar-se no direito de receber por compensação de danos materiais ou morais decorrentes da pesquisa relacionados à quebra de sigilo. A pesquisadora se compromete a prestar todos os esclarecimentos cabíveis neste caso, bem como ressarcimento perante a lei.

O (A) aluno (a) não terá nenhum tipo de despesa para participar deste estudo, bem como não receberá nenhum tipo de pagamento por sua participação. Entretanto, esperamos que, futuramente, os resultados deste estudo sejam usados em benefício de outras pessoas. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para a participação nesta pesquisa.

Agradecemos a sua autorização e colocamo-nos à disposição para esclarecimentos adicionais. Sempre que necessário, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Fernanda Corrêa Garcia, pelo telefone pessoal 48 988151154, telefone institucional (48) 33019105 ou com o orientador, Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller, pelo telefone (48) 3431-2594

Contato telefônico e e-mail do programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Educação - PPGE: (48) 3431-2594 e e-mail: ppge@unesc.net Este Termo será elaborado em duas vias, de igual teor, sendo uma via para o participante e outra para o pesquisador.

Criciúma, _____ de _____ de 2025.

Assinatura do responsável legal pelo (a) aluno (a)/Entrevistado(a)

Assinatura do (a) Pesquisador(a)
CPF: 04897733979

Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Av. Universitária, 1105 - Bairro Universitário - C.P. 3167 | CEP: 88806-000
Criciúma / Santa Catarina
Secretaria: Bloco "Q" sala 15 | (48) 3431-2594
ppge@unesc.net www.ppge.unesc.net

ANEXO A – E-MAIL CONTEXTUALIZAÇÃO PSICÓLOGOS



Fernanda Corrêa Garcia <fe.correa.garcia@gmail.com>

Fwd: Contextualização demandas psicólogos educacionais dos IF

2 mensagens

Fernanda Correa Garcia <fernanda.garcia@ifsc.edu.br>
Para: <fe.correa.garcia@gmail.com>

dom., 28 de set., 22:25

Fernanda Corrêa Garcia
Técnica em Assuntos Educacionais
Coordenadoria Pedagógica
IFSC - câmpus Tubarão
(48) 33019105

----- Mensagem encaminhada -----

De: **Carlos Guilherme Cristelli Soares** <carlos.guilherme@ifsc.edu.br>

Data: qua., 2 de abr. de 2025 às 12:47

Assunto: Re: Contextualização demandas psicólogos educacionais dos IF

Para: Fernanda Correa Garcia <fernanda.garcia@ifsc.edu.br>

Olá, Fernanda.

No período pandêmico, eu estava em dois outros institutos federais, entre 2020 e agosto de 2021 pertencia ao quadro do IFMG e entre agosto de 2021 a janeiro de 2022 eu era servidor efetivo do IFSP.

Cheguei no campus Garopaba em março de 2022, então eu não tinha uma linha de base específica do campus para dizer como era antes e durante a pandemia, já que cheguei ao campus junto ao retorno presencial das aulas. Na época, tínhamos 6 turmas em funcionamento dos cursos integrados. O meu trabalho, em geral, é muito junto aos estudantes, mostrando-me disponível nos horários dos intervalos, conversando com os grupos de alunos sobre assuntos cotidianos para que se sintam mais confortáveis para me procurarem quando necessitarem. Como é um campus pequeno, também faço questão de saber o nome de todos os discentes do integrado. No entanto, essa forma de atuação ficou muito dificultada, pois metade dos rostos estavam tampados pelo uso das máscaras, o que dificultava a interação e a memorização dos rostos das pessoas. Apesar disso, percebi muita dificuldade de adaptação de ingressantes de 2021, foram as estudantes que mais tiveram crises de ansiedade e diagnósticos de depressão. O uso do artigo "as" foi intencional, uma vez que somente um menino teve dificuldades dessa ordem. As grandes queixas eram relacionadas a dificuldades nos conteúdos (defasagem de aprendizagem), dificuldades no relacionamento familiar, dificuldades nas relações interpessoais com os colegas de turma, dificuldades com os prazos de entrega e, especial e majoritariamente, dificuldade em permanecer em sala de aula. Havia muitas saídas de sala e os alunos se sentiam confortáveis em ficar na sala dos assistentes de alunos, tanto que isso foi alvo de reclamações frequentes dos docentes em conselhos de classe, que era ponderada pelos servidores da coordenadoria pedagógica relembrando sobre a situação de retorno da pandemia.

Nos anos de 2023 e 2024, percebeu-se uma redução significativa dessa saída de sala em busca de acolhimento na Coordenadoria Pedagógica. Particularmente, consegui voltar à minha forma de atuação de maior proximidade com os estudantes e as demandas relativas à ansiedade ficaram em um nível semelhante ao anterior à pandemia. Um dado que pude observar é que na medida que os anos vão passando, os ingressantes falam menos sobre os impactos da pandemia em sua aprendizagem, sendo assim, estudantes que entraram em 2023 falaram mais dos impactos da pandemia na defasagem de aprendizagem do que os estudantes que ingressaram em 2024.

Acho que é isso que tenho a contribuir, se precisar de algo, estou à disposição.

Atenciosamente,

Em ter., 1 de abr. de 2025 às 18:00, Fernanda Correa Garcia <fernanda.garcia@ifsc.edu.br> escreveu:

Bom dia pessoal,

Conforme falei com vocês, meu orientador de pesquisa pensou ser melhor acrescentarmos na contextualização da pesquisa o relato resumido de um panorama ou digamos, um parecer de vocês de como foi as demandas de atendimento ou atividades no período pandêmico e como está atualmente com os alunos do integrado. Se tiver quantitativo (se puderem dizer), melhor... como foi naquele período e como está hoje. Se há demandas tanto de atendimentos ou atividades em relação à ansiedade ou outras demandas psicossociais, na época e atualmente.

Se por ventura estiver há pouco tempo no câmpus, pode dar um retorno somente das percepções de vocês atualmente.

Aguardo o retorno e agradeço pelo apoio e atenção de todos.

Fernanda Corrêa Garcia
Técnica em Assuntos Educacionais
Coordenadoria Pedagógica
IFSC - câmpus Tubarão
(48) 33019105

[Texto das mensagens anteriores oculto]

Fernanda Correa Garcia <fernanda.garcia@ifsc.edu.br>
Para: <fe.correa.garcia@gmail.com>

dom., 28 de set., 22:26

Fernanda Corrêa Garcia
Técnica em Assuntos Educacionais
Coordenadoria Pedagógica
IFSC - câmpus Tubarão
(48) 33019105

----- Mensagem encaminhada -----

De: **Jussara Ramos da Silva** <jussara.ramos@ifsc.edu.br>
Data: ter., 1 de abr. de 2025 às 14:48
Assunto: Re: Contextualização demandas psicólogos educacionais dos IF
Para: Fernanda Correa Garcia <fernanda.garcia@ifsc.edu.br>

Boa tarde, Fernanda!

No período da pandemia eu estava chegando ao IFSC e, como era atendimento remoto, continuei acompanhando o IFAL também, logo executei muitos atendimentos, pois era a demanda de dois Institutos e dois Campi. Neste período a maior queixa era a de sensação de desrealização, sono desregulado, dificuldade na organização e muitos quadros de desajustes nas relações interpessoais. Após a pandemia, e retorno ao presencial, foi percebido aumento considerável nas queixas de dificuldade na atenção, concentração, sentimentos de tristeza, quadros de ansiedade e desmotivação. Atualmente, percebe-se que dificuldades nas relações interpessoais têm voltado, principalmente no que envolve habilidades sociais (dificuldade em se enturmar, dificuldade em fazer amigos ou estabelecer uma relação mais íntima com o outro (namoros), dificuldade em se expressar, sentimento de cancelamento pelos pares); além de muitos quadros de ansiedade (alguns com pânico ou queixas somáticas no corpo - como síncope, por exemplo), muita disforia, sentimentos de inutilidade, apatia, e até quadros mais de cunho clínico mesmo (como a síndrome vasovagal, por exemplo).
Atenciosamente,

Em ter., 1 de abr. de 2025 às 10:56, Fernanda Correa Garcia <fernanda.garcia@ifsc.edu.br> escreveu:

Bom dia pessoal,

Conforme falei com vocês, meu orientador de pesquisa pensou ser melhor acrescentarmos na contextualização da pesquisa o relato resumido de um

ANEXO B – PARECER COMITÊ DE ÉTICA

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC



Continuação do Parecer: 7.106.671

de Saúde e, após a finalização dos procedimentos de pesquisa, apresentar obrigatoriamente o relatório final.

A partir desse momento o CEP passa a ser corresponsável, em termos éticos, do seu projeto de pesquisa – vide artigo X.3.9. da Resolução 466 de 12/12/2012.

Fique atento(a) para as suas obrigações junto a este CEP ao longo da realização da sua pesquisa. Tenha em mente a Resolução CNS 466 de 12/12/2012, a Norma Operacional CNS 001/2013 e o Capítulo III da Resolução CNS 251/1997.

Lembre-se que:

1. No prazo máximo de 6 meses, a contar da emissão deste parecer consubstanciado, deverá ser enviado um relatório parcial a este CEP (via NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil) referindo em que fase do projeto a pesquisa se encontra. Um novo relatório parcial deverá ser enviado a cada 6 meses, até que seja enviado o relatório final.
2. Qualquer alteração que ocorra no decorrer da execução do seu projeto e que não tenha sido prevista deve ser imediatamente comunicada ao CEP por meio de EMENDA, na Plataforma Brasil. O não cumprimento desta determinação acarretará na suspensão ética do seu projeto.
3. Ao final da pesquisa deverá ser encaminhado o relatório final por meio de NOTIFICAÇÃO, na Plataforma Brasil.

Deverá ser anexado comprovação de publicização dos resultados

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2395911.pdf	04/09/2024 14:27:23		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	termo.pdf	04/09/2024 14:26:39	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito

Endereço: Avenida Universitária, 1.105 Bloco R1, sala 109, primeiro andar
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606 **E-mail:** cep@unesc.net

UNIVERSIDADE DO EXTREMO
SUL CATARINENSE - UNESC



Continuação do Parecer: 7.106.671

Justificativa de Ausência	termo.pdf	04/09/2024 14:26:39	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	garopaba.pdf	28/08/2024 14:46:48	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	IFSC.pdf	21/08/2024 18:14:58	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	santarosa.pdf	21/08/2024 17:58:55	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	criciuma.pdf	21/08/2024 17:58:18	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	ararangua.pdf	21/08/2024 17:57:56	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	Sombrio.pdf	12/08/2024 18:45:01	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	tubarao.pdf	12/08/2024 18:44:35	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Declaração de concordância	IFC.pdf	09/08/2024 14:38:57	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Folha de Rosto	folha.pdf	08/08/2024 18:42:13	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.pdf	07/08/2024 20:10:06	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Outros	roteiro.pdf	07/08/2024 18:42:18	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	07/08/2024 18:15:15	FERNANDA CORREA GARCIA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CRICIUMA, 27 de Setembro de 2024

Assinado por:
Marco Antônio da Silva
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida Universitária, 1.105 Bloco R1, sala 109, primeiro andar
Bairro: Universitário **CEP:** 88.806-000
UF: SC **Município:** CRICIUMA
Telefone: (48)3431-2606 **E-mail:** cep@unesc.net

ANEXO C – PARECER INSTITUCIONAL IFSC E IFC

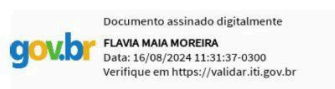


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que tenho conhecimento da pesquisa intitulada “JUVENTUDE EXCITADA: AS IMPLICAÇÕES PSÍQUICAS DECORRENTES DO PERÍODO PANDÊMICO EM ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS DA EPT DO SUL CATARINENSE”, sob a responsabilidade de FERNANDA CORRÊA GARCIA . Diante da análise da proposta de pesquisa, realizada pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, autorizo a sua execução. Esta autorização não exime, contudo, a responsabilidade do pesquisador em atender à Resolução CNS 466/12, de 12/12/2012, e à Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016 e complementares.

Flavia Maia Moreira
Pró-Reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação
Portaria do(a) Reitor(a) N° 2496, de 25 de agosto de 2021



Florianópolis, 16 de agosto de 2024



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL CATARINENSE
ASSESSORIA DA PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO, PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**

TERMO DE ANUÊNCIA Nº 102 / 2024 - ASSPROEP/REI (11.01.18.00.64)

Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO

Blumenau-SC, 08 de agosto de 2024.

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que tenho conhecimento da pesquisa intitulada "JUVENTUDE EXCITADA: AS IMPLICAÇÕES PSÍQUICAS DECORRENTES DO PERÍODO PANDÊMICO EM ESTUDANTES DE CURSOS TÉCNICOS DA EPT DO SUL CATARINENSE", sob a responsabilidade de FERNANDA CORREA GARCIA, com orientação do Prof. Dr. Rafael Rodrigo Mueller.

O projeto objetiva investigar as mudanças de ordem social e psicológicas observadas em estudantes dos cursos técnicos da Educação Profissional e Tecnológica do Sul Catarinense, após o período pandêmico a partir da categoria juventude excitada.

Diante da análise da proposta de pesquisa, realizada pela Pró-Reitoria de Extensão, Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação, autorizamos a execução deste projeto no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense, IFC.

Esta autorização não exige, contudo, a responsabilidade do pesquisador em atender à Resolução CNS 466/12, de 12/12/2012, e à Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016 e complementares.

(Assinado digitalmente em 08/08/2024 12:25)

CLEDER ALEXANDRE SOMENSI
PRO-REITOR(A) - TITULAR
PROEPP/REI (11.01.18.00.52)
Matrícula: 1836822

(Assinado digitalmente em 09/08/2024 10:09)

RUDINEI KOCK EXTERCKOTER
REITOR - TITULAR

Processo Associado: 23348.000950/2024-94

Visualize o documento original em <https://sig.ifc.edu.br/public/documentos/index.jsp> informando seu número: **102**, ano: **2024**, tipo: **TERMO DE ANUÊNCIA**, data de emissão: **08/08/2024** e o código de verificação: **9ba8ecd85e**